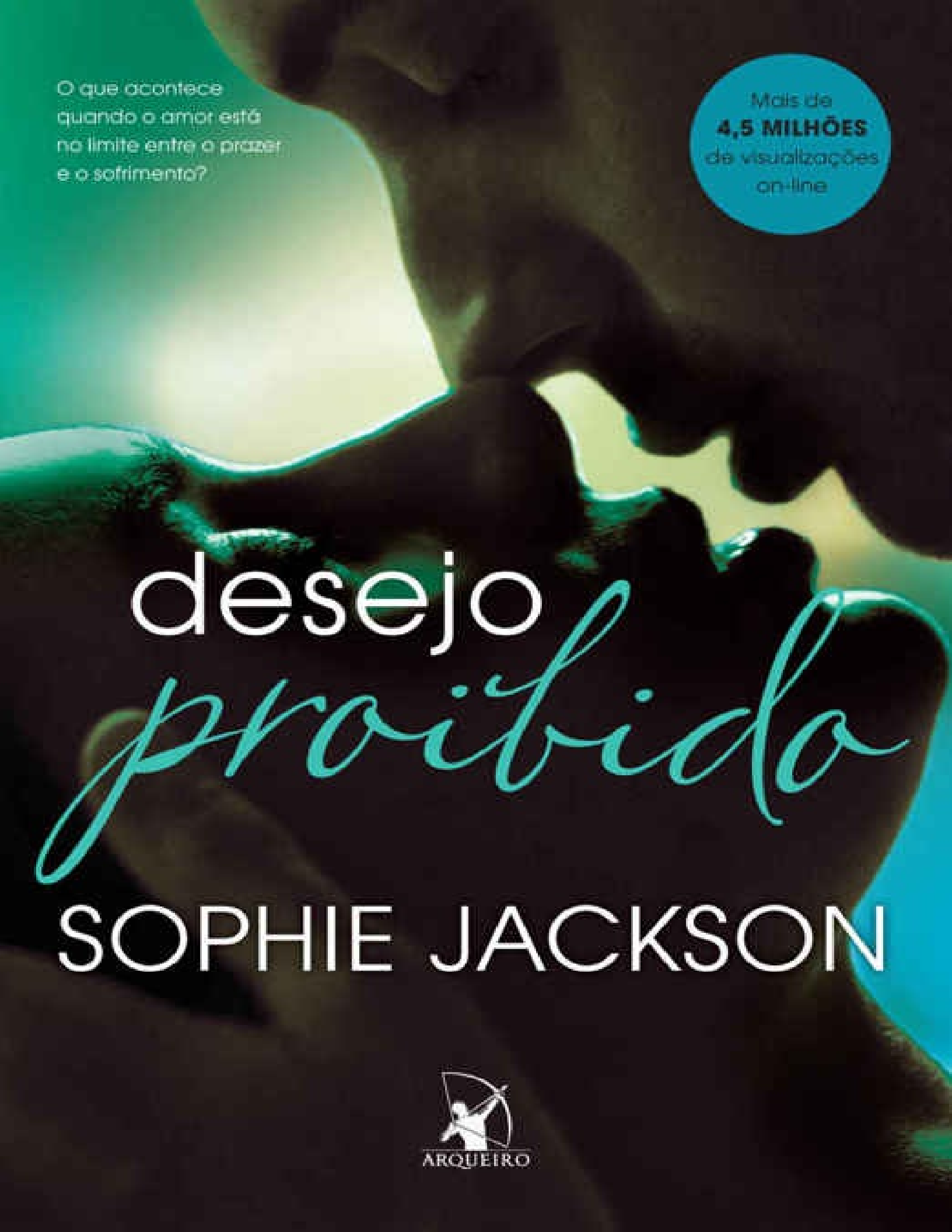

O que acontece
quando o amor está
no limite entre o prazer
e o sofrimento?
Mais de
4,5 MILHÕES
de visualizações
on-line
desejo
proibido
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

desejo proibido



O Arqueiro

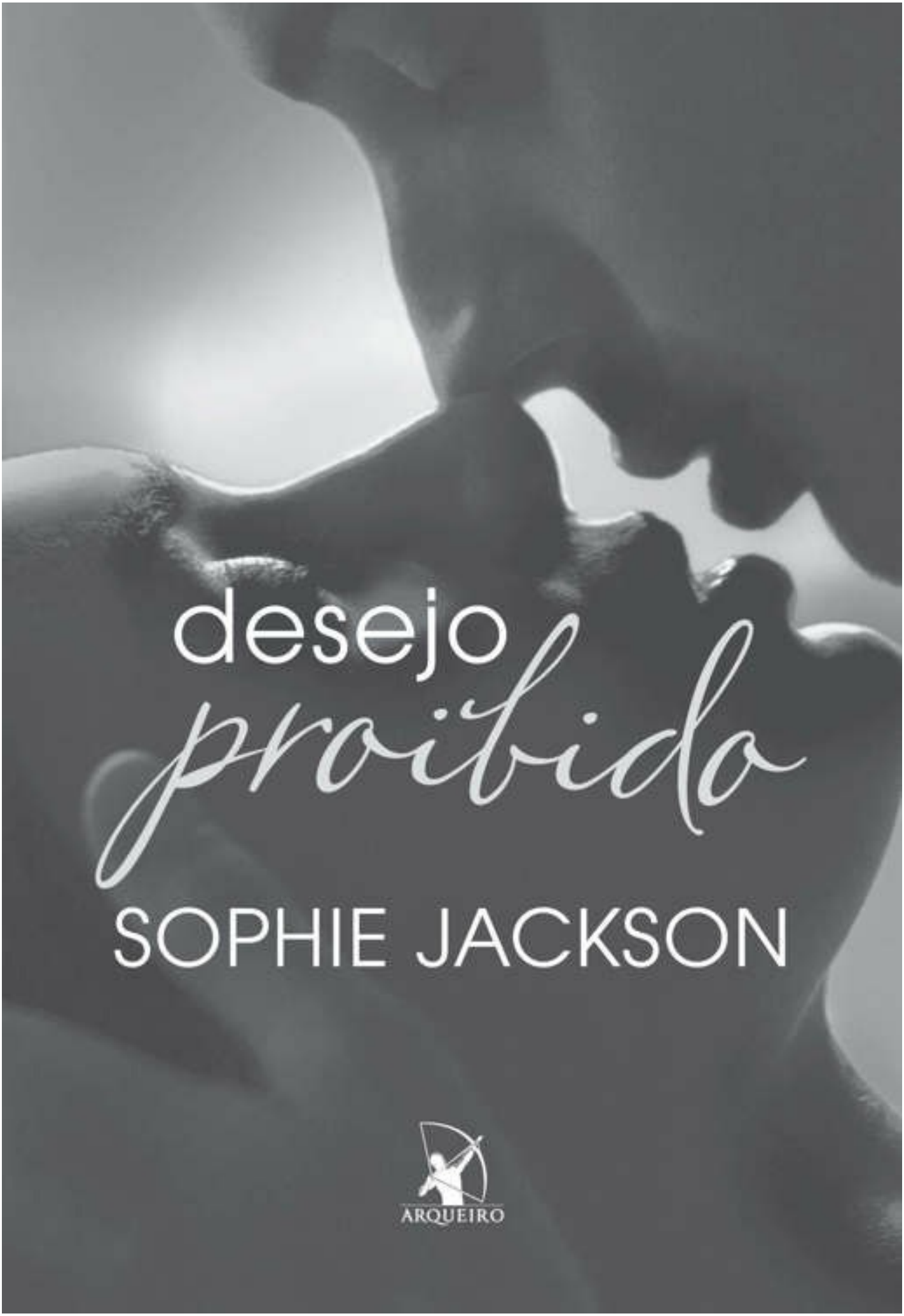
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


desejo
proibido
SOPHIE JACKSON
ARQUEIRO

Título original: *A Pound of Flesh*

Copyright © 2015 por Sophie Jackson
Copyright da tradução © por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado originalmente por Gallery Books, selo da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thalita Uba

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Hermínia Totti e Raphani Margiotta

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: isitdesign

imagem de capa: Tom Merton/ Getty Images

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15d

Jackson, Sophie
Desejo proibido [recurso eletrônico] / Sophie Jackson [tradução de Thalita Uba]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital (Desejo proibido; 1)

Tradução de: Pound of flesh
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-451-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Uba, Thalita. II. Título. III. Série.

15-24720

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para mamãe, minha heroína.
Estou em dívida eterna com você.

PRÓLOGO

"A libra de carne que ora exijo
foi comprada muito caro; pertence a mim, e hei de tê-la."
O mercador de Veneza, ato 4, cena 1

O som apressado dos pés deles na calçada correspondia às batidas frenéticas do coração dela, e o modo como o pai segurava apertado sua mão era quase doloroso. Suas pernas curtas, de uma menina de 9 anos, tinham dificuldade em acompanhar os passos dele, fazendo-a tropeçar e quase correr para manter o ritmo. O maxilar dele estava contraído como ela nunca vira e seus olhos, em geral tão radiantes e despreocupados, se encontravam tão escuros e raivosos quanto o céu acima deles. Ela sentiu vontade de chorar.

Um barulho atrás deles a fez se virar. De um beco saíram cinco homens encapuzados que, apesar de manterem a cabeça abaixada, acompanhavam as passadas velozes de seu pai, perseguindo-os como animais selvagens.

O pai talvez tenha dito palavras reconfortantes para aliviar o pânico que arrepiava seu pescoço, mas o medo logo se justificou quando ambos foram cercados e algo duro atingiu e derrubou seu pai, levando-a junto com ele. Desorientada, com os joelhos ardendo por terem raspado no concreto da calçada, ela olhou para cima e gritou quando um bastão de beisebol atingiu as costas do pai duas vezes, com um som assustador.

Ela não viu de onde veio a mão que bateu com força em seu rosto, fazendo-a rolar em direção à rua e ficar totalmente atordoada enquanto ouvia o berro furioso do pai ressoar em seus ouvidos. Ele se pôs de pé, cambaleante, e se atirou sobre os agressores. Ela observou horrorizada a chuva de socos, pontapés e pauladas que ele levou em retaliação.

Em meio às agressões que sofria e aos berros para que entregasse a carteira, o pai gritou que ela corresse. Implorou que se afastasse, mas ela ficou ali, congelada. Como ele podia pedir que ela fosse embora? Tinha que ajudá-lo, salvá-lo! Lágrimas escorriam por seu rosto e um choro descontrolado explodiu de sua garganta.

Ele gemeu em agonia quando outro punho acertou sua cabeça e seus joelhos se dobraram, atingindo o chão enquanto ela caminhava na direção dele. E, antes que o alcançasse, seu braço foi inesperadamente puxado na direção oposta. Ela choramingou aliviada, esperando ver um policial ou algum segurança do pai – mas era alguém não muito maior que ela, usando um capuz preto e sujo.

Quando ele começou a arrastá-la para longe dali, ela se debateu e gritou para que a soltasse. Será que ele não percebia que o pai precisava dela, que com certeza iria morrer sem sua ajuda? Mas o estranho continuou em frente, puxando-a rua abaixo até a porta de um edifício abandonado, a duas quadras de onde o som pavoroso de um tiro tomou conta do ar.

Ela gritou pelo pai e, livrando-se da mão de seu salvador com um empurrão forte, saiu correndo em direção ao local do ataque. Não tinha ido muito longe quando foi dominada por mãos fortes que a imobilizaram no chão. Ela continuou berrando, lutando com todas as forças que tinha, mas logo seu corpo ficou exausto e seus lamentos e gritos se tornaram soluços desolados, murmurados no chão frio sob sua testa.

O peso em cima dela desapareceu e duas mãos a levantaram, reconduzindo-a ao edifício abandonado. Ela se apoiou em quem a salvara e chorou de dor em seu capuz sujo. Precisava retornar para seu pai. Precisava ver que ele estava bem. Ele *tinha* que estar bem. Um braço em torno de seu ombro e uma mão gelada em sua bochecha a abalaram, e ela murchou ainda mais nos braços de seu salvador desconhecido.

Ela deve ter permanecido daquele jeito por horas; talvez tenha até pegado no sono. A próxima coisa de que tinha consciência era de ser carregada por um homem barbudo em direção a uma ambulância. Ela abriu os olhos inchados pelo choro e viu policiais e paramédicos rodeados por um mar de luzes vermelhas e azuis piscantes.

Suas expressões, que a assombrariam pelo resto da vida, lhe diziam inequivocamente que o pai não a colocaria para dormir naquela noite.

Nem em nenhuma outra.

1

Wesley James Carter, detento da penitenciária Arthur Kill e verdadeiro *bad boy*, sorriu ironicamente para o guarda que ao longo dos últimos dez minutos lhe perguntava qual era o seu número de interno. Dizer que o comportamento insolente e a expressão divertida de Carter deixavam o homem gordo e careca agitado seria eufemismo. O cara estava quase espumando pela boca.

Era sexta-feira e já fazia cinco minutos que o guarda havia batido o ponto de saída.

Mais um motivo para Carter ser um babaca folgado.

O guarda passou a mão impaciente pela nuca roliça e seus olhos cansados se estreitaram.

– Escute aqui – disse ele em um tom baixo e ameaçador, que sem dúvida funcionava como uma faca na garganta dos outros detentos. – É muito simples. Você me dá o seu número. Eu coloco neste formulário que tenho que preencher para o seu conselheiro aqui na penitenciária e aí posso ir para casa.

Carter ergueu uma sobrancelha, desafiadora, e ficou olhando para aquele panaca atarracado.

Sem se amedrontar, o guarda se recostou na cadeira giratória.

– Você não me dá o seu número e minha mulher fica furiosa. Ela fica furiosa e eu vou ter que explicar que um delinquentezinho metido me fez ficar esperando. Aí ela vai ficar mais furiosa ainda, berrando que o dinheiro dos nossos impostos é que garante três refeições diárias e macacões para perdedores como você. – Ele se sentou mais para a frente. – Então, última vez. Número.

Carter olhou com indiferença para o punho do guarda segurando o cassetete acoplado ao cinto e deu um suspiro longo e entediado. Qualquer outro dia, ele estaria pronto para fazer aquele idiota perder a cabeça; ele seria espancado com um sorriso no rosto. Mas, hoje, ele não estava no clima.

– 081056 – respondeu Carter friamente, incapaz de resistir a uma piscadela.

Com uma carranca raivosa, o guarda anotou o número no formulário, aí rodou a cadeira até uma assistente administrativa jovem e loura e lhe entregou o papel. Aquele gordo arrogante era preguiçoso demais para levantar e dar seis passos.

Carter esperou enquanto a loura digitava o número que praticamente tinha se tornado seu nome adotivo nos últimos dezenove meses. Ele sabia quais acusações apareceriam no monitor: arrombamento de carro, porte de arma, posse de drogas, conduta desordeira e embriaguez, só para citar algumas. Ao contrário do que pensavam, ele não se orgulhava da lista de crimes e delitos que podia encher duas telas inteiras. Mesmo assim, aquilo dava a ele um senso de identidade, algo que ele procurara desinteressadamente por quase todos os seus 27 anos de vida. Ele ainda estava à procura e, até que encontrasse aquela *coisa*, a lista era tudo o que ele tinha.

Tanto faz.

Ele esfregou a mão nos cabelos raspados. Estava cansado de pensar naquilo.

O barulho do papel sendo rasgado numa antiga impressora o trouxe de volta à Terra.

– Bom, Sr. Carter. – O guarda suspirou. – Parece que sua estadia conosco vai se estender por mais dezessete meses. Por ser pego com cocaína.

– Não era minha – disse ele secamente.

O guarda o fitou com uma expressão nada sincera de compaixão antes de sorrir.

– Que peninha.

Carter não respondeu, ciente de que, dali a poucas semanas, entraria com o pedido de liberdade condicional, e pegou logo o formulário.

Ladeado por outro guarda de cara fechada, Carter passou pela mesa e atravessou um corredor longo e estreito em direção a uma porta branca, que ele abriu com um tapa barulhento. O recinto era claustrofóbico e árido e fedia a confissões. Apesar das muitas horas que ele tinha passado naquele lugar desolador, ainda sentia o pulso acelerar e as mãos suarem.

Com as costas eretas e os ombros firmes, ele andou em direção à mesa de madeira barata onde um homem grande como um gorila sorria enquanto Carter se aproximava.

– Wes – Jack Parker, seu conselheiro, o cumprimentou. – Que bom ver você. Por favor, sente.

Carter enfiou as mãos nos bolsos do macacão e desabou desajeitadamente na cadeira. Jack era a única pessoa que o chamava pelo primeiro nome. Todos os outros o chamavam de Carter. Jack tinha insistido naquilo, explicando que era a única maneira de eles dois conseguirem construir um relacionamento de confiança.

Carter tinha explicado que aquilo era um monte de merda.

– Tem cigarro?

Carter olhou com desdém para o guarda parado na porta do outro lado do recinto.

– Claro.

Jack jogou uma carteira de Camel e uma caixa de fósforos na mesa.

Os dedos longos e pálidos de Carter lutaram contra a embalagem. Fazia dois dias desde seu último cigarro. Ele estava desesperado. Dois fósforos quebrados e uma série de palavrões depois, ele finalmente inalou a fumaça densa e inebriante. Fechou os olhos, prendeu a respiração e, por uma fração de segundo, tudo estava certo no mundo.

– Melhor? – perguntou Jack com um sorriso sagaz.

Soprando a fumaça por cima da mesa, Carter confirmou com a cabeça.

E ficou impressionado ao ver que Jack resistiu ao desejo de abanar a fumaça para longe. Ambos sabiam que, se fizesse aquilo, encorajaria Carter a fazer de novo; ele se apegava a qualquer sinal de fraqueza ou irritação com a tenacidade de um terrier.

Era um mecanismo de defesa, aparentemente.

Eles haviam discutido isso em uma de suas primeiras sessões. O mecanismo era tão bem executado que Carter parecia forte, dominante e – a maioria dos funcionários e detentos da Arthur Kill haveria de concordar – intimidador pra caramba.

Jack pegou um arquivo de quase 20 centímetros de espessura em sua maleta e abriu, folheando os

inúmeros relatórios, declarações da justiça e depoimentos que, ao longo dos anos, descreviam Carter como uma "ameaça à sociedade", de "personalidade forte" e um "indivíduo inteligente que não possuía a autoconfiança para reafirmar e canalizar isso de maneira correta".

Mais uma vez, tanto fazia.

Carter estava cansado de ouvir quanto potencial tinha. Sim, ele era inteligente e muito leal às pessoas de quem gostava, mas, até onde podia se lembrar, simplesmente parecia não conseguir encontrar o caminho certo. Durante toda a vida, ele tinha estado à deriva, nunca se sentindo bem-vindo ou confortável em um lugar por muito tempo, lidando com sua merda de família e amigos que não conseguiam ficar longe de encrenca por mais que cinco minutos.

Ao menos na prisão, a porra toda era simples. Problemas da vida real eram como mitos urbanos contados por aqueles que vinham fazer visitas de vez em quando. Não que Carter recebesse muitas visitas.

Jack foi até a última página do arquivo e escreveu a data no topo da folha em branco, então apertou o botão do pequeno gravador digital que estava entre eles e começou a gravar.

– Sessão 64, Wesley Carter, detento número 081056 – disse Jack com voz monótona. – Como você está hoje?

– De boa – respondeu Carter, apagando o cigarro enquanto acendia outro.

– Ótimo. – Jack fez uma anotação curta no papel à sua frente. – Então, ontem eu compareci a uma reunião relativa à sua participação em alguns cursos aqui na penitenciária.

Carter revirou os olhos. Jack ignorou.

– Sei que você tem opiniões formadas sobre esse assunto, mas é importante que faça atividades que sirvam como um desafio para você enquanto estiver aqui.

Carter jogou a cabeça para trás e franziu a testa para o teto. Desafio? O lugar todo era a porcaria de um desafio. Era um desafio superar cada dia sem perder a cabeça com alguns dos idiotas daquele lugar.

– Há algumas opções – continuou Jack. – Literatura inglesa, filosofia, sociologia. Eu expliquei ao Sr. Ward e aos especialistas em educação que, apesar de você ter tido problemas com seus ex-tutores, você não é mais o mesmo garoto que largou a escola aos 17 anos. Certo?

Carter deu uma olhada cética para ele.

Jack colocou as pontas dos dedos debaixo do queixo.

– O que você gostaria de estudar?

– Tanto faz. – Carter deu de ombros. – Eu só queria que me deixassem na minha, porra.

– Tudo faz parte das condições para ter uma chance de liberdade condicional antecipada. Você precisa mostrar progresso na sua reabilitação. E, se frequentar alguns cursos enquanto está aqui pode ajudar nisso, então você tem que entrar na dança.

Carter sabia que ele tinha razão e aquilo o deixava furioso. Desde os 15 anos, ele passava de um advogado para outro, de um oficial de condicional e de um conselheiro para o seguinte, sem ideia de como ou se um dia faria algo mais significativo com sua vida. E Carter não fazia a mínima ideia do que fosse "significativo".

Mesmo assim, depois de dezenove meses em Arthur Kill, ele estava começando a pensar que

passar o resto de seus dias preso não era uma perspectiva tão atraente quanto tinha pensado a princípio.

Quando era um adolescente teimoso, arrogante e agressivo, ele curtia ter tal reputação. Agora, a animação e o entusiasmo haviam minguado. Tribunais, centros de detenção e prisões não eram mais novidade e ele estava ficando entediado com a justiça como um todo. Se não mudasse as próprias merdas, passaria dos 30 tentando imaginar o que tinha acontecido com sua vida.

Jack pigarreou.

– Você teve alguma visita recentemente?

– Paul veio na semana passada. Max vai vir na segunda.

– Wes – suspirou Jack, tirando os óculos –, você precisa tomar cuidado com o Max... Ele não é bom para você.

Indignado, Carter bateu a mão na mesa.

– Você acha que tem o direito de falar uma merda dessas?

Carter sabia que Jack considerava Max O'Hare uma doença, infectando todo mundo à sua volta com seus problemas com drogas, seu longo histórico criminal e sua habilidade de afundar os amigos na merda – o fato de Carter estar em Arthur Kill era um desses casos. Mas Carter devia muito a Max. Estar na prisão era simplesmente quitar uma dívida, e ele faria de novo sem pestanejar.

– Não – abrandou Jack. – Não é isso que acho, de jeito nenhum...

– Então, ótimo – interrompeu Carter. – Porque você não tem a menor ideia do que o Max passou, do que ele ainda passa. A menor ideia!

Ele deu uma tragada longa no cigarro, encarando Jack por cima da brasa.

– Sei que ele é seu melhor amigo – disse Jack após um momento de silêncio tenso.

– Sim – concordou Carter com um aceno firme de cabeça. – Ele é.

E pelo que Carter tinha ouvido dos caras que tinham vindo visitá-lo, Max precisava dele agora mais do que nunca.

■ ■ ■

Mesmo quando Kat Lane estava dormindo, o mundo à sua volta era sombrio e opressor, enchendo seus sonhos de medo. Suas mãos pequenas agarraram os lençóis, torcendo-os em desespero. Seus olhos fechados se estreitaram e seus pés começaram a se mexer enquanto dormia, à medida que ela se percebia correndo, apavorada, por uma viela escura.

Um gemido saiu de sua garganta, enquanto via as imagens ininterruptas daquela noite quase dezesseis anos atrás.

– Por favor – choramingou ela no escuro.

Mas ninguém viria para salvá-la dos cinco homens sem rosto que a perseguiam. Ela se ergueu com um grito, suando e sem ar. Seus olhos percorreram o quarto escuro antes de perceberem onde estavam; ela os fechou e colocou as mãos no rosto. Com a garganta dolorida, suspirou, secou as lágrimas e tentou se acalmar, respirando longa e lentamente.

Tinha acordado assim todos os dias nas últimas duas semanas, e a dor que a atingia cada vez que ela abria os olhos era familiar demais. Ela balançou a cabeça, exausta.

A médica advertira que não parasse de tomar os comprimidos para dormir de uma vez só, mas que diminuísse a dose gradativamente. Kat tinha ignorado o conselho dela, determinada a conseguir passar uma noite sem o auxílio de remédios. Parecia que sua determinação tinha se esgotado. Ela bateu com o punho no colchão, frustrada, e então acendeu o abajur na mesa de cabeceira. Mas a luz não amenizou o medo e o completo desamparo que os pesadelos traziam.

Com um suspiro de derrota, ela se levantou e foi até o banheiro, piscando por causa das luzes ofuscantes. Deu uma olhada em seu reflexo no espelho e franziu a testa. Jesus, ela aparentava ter muito mais que 24 anos. Seu rosto parecia cansado; os olhos verdes, entorpecidos e sem vida. Ela passou os dedos pelas olheiras em torno deles, depois correu a mão pelo cabelo. Em vez do ruivo volumoso de costume, estava fraco e seco, pouco abaixo dos ombros.

Sua mãe falara que ela havia perdido peso, mas Kat tinha ignorado aquelas palavras. Ela sempre tinha que fazer algum comentário.

Kat não era nem um pouco magricela – sempre foi mais curvilínea do que pele e osso –, mas suas calças jeans tamanho 38 realmente andavam mais largas nos últimos tempos.

Ela abriu o armário e pegou um frasco de comprimidos. Ansiava pela noite em que não precisaria depender de remédios para dormir. Não que os comprimidos ajudassem muito; eles apenas entorpeciam uma dor que nunca desapareceria. Depois de tomar duas pílulas azuis, ela se arrastou pelo piso de madeira de volta para a cama.

Kat tinha percebido havia muito tempo que não existia sono profundo o suficiente para escapar dos pesadelos. Estavam enraizados, eram parte dela; nunca conseguiria se livrar deles. Sabia que nenhuma pílula ou terapia jamais apagaria a escuridão e a dor dentro de si. Ela havia se tornado uma mulher impetuosa e de personalidade forte. Era uma maneira segura de manter outras pessoas a distância, escondendo seu desespero e seu medo por trás da sagacidade e de uma língua afiada.

Ela afundou nos travesseiros de penas. Será que algum dia tudo aquilo ficaria mais fácil?

Kat não sabia. Só conseguia se concentrar no fato de que o nascer do sol significaria um novo dia, mais um para se distanciar de seu passado.

2

Na manhã seguinte, Kat entrou em seu carro, estacionado do lado de fora do seu prédio no SoHo. Os pesadelos sempre a deixavam triste e tensa, pensando em por que diabos tinha aceitado um emprego para dar aulas em uma prisão.

Quando começara a dar essas aulas, havia pouco mais de um mês, os pesadelos voltaram e os conflitos com sua mãe se acirraram. O relacionamento delas sempre teve altos e baixos, mas, quando Kat ligou para contar que ia trabalhar em Arthur Kill, a discussão que se seguiu foi a mais terrível que já tiveram. Eva Lane era uma mulher complicada e teimosa e jamais entenderia a necessidade de Kat de aceitar aquele emprego.

Kat compreendia as preocupações da mãe e de alguns amigos. Apesar de não haver assassinos entre os que estavam lá, os crimes cometidos por eles eram bastante preocupantes: vandalismo, roubo de carro, uso e posse de drogas. Contudo, tinha certeza de que era isso que queria fazer. Porque, lá no fundo, uma promessa feita ao pai ecoava em sua alma.

Uma promessa que tinha estado lá desde que seu pai morrera. Estava lá no dia em que ela terminara o ensino médio e no dia da formatura da faculdade de Literatura Inglesa. Dar aulas era o que Kat queria fazer desde criança, e ela havia amado cada segundo.

Ela tivera a sorte de viajar para Londres e para a China, lecionando em escolas particulares que a fizeram se apaixonar ainda mais pela profissão. Fez amigos, vivenciou outras culturas e construiu relacionamentos enriquecedores que nunca acabariam. Apesar disso, no fundo ela sabia que trabalhar em escolas que lhe pagavam 50 mil por ano não significava cumprir a promessa que tinha feito. Crianças talentosas e empenhadas não eram exatamente aquelas que ela deveria ajudar.

– Nós temos que retribuir, Katherine – dissera seu pai na noite em que morreu.

Ela havia considerado trabalhar em uma escola no centro histórico da cidade, mas essa opção também não aliviara o sentimento de dever. Trabalhar em um presídio, sim.

Precisava ficar perto de seus temores, perto de homens que não se importavam muito em burlar a lei, em virar a vida das outras pessoas de cabeça para baixo sem nunca considerar as consequências. Precisava se aproximar para entender o que tornava uma pessoa capaz de tal comportamento. Ela odiava o próprio medo; odiava a raiz dele e sabia que tinha que encará-lo – mesmo estando apavorada.

Sua terapeuta tinha ficado bastante preocupada com a decisão e perguntava constantemente se Kat estava feliz com a escolha, se achava que aquilo era mesmo o certo a fazer e por quê. Chegara a usar as preocupações de sua mãe para tentar dissuadi-la.

Mas aquela era uma escolha de Kat – e de mais ninguém. E uma vez que a decisão foi tomada, não havia volta. O que quer que acontecesse, o que quer que sua mãe dissesse, ela arcaria com as consequências, pois sabia o que aquilo significaria para seu pai.

■ ■ ■

O prédio da Arthur Kill, em Staten Island, parecia ter saído diretamente de um episódio da série *Prison Break*. Guardas com cães enormes e raivosos patrulhavam torres de observação altas protegidas por cruéis cercas de arame farpado.

Kat foi até os portões do estacionamento e esperou pelo policial que estava de serviço. Depois de pegar a identidade dela, ele desapareceu na sala de controle e logo retornou, direcionando-a para o edifício sombrio onde ela trabalhava.

Após estacionar, Kat deu uma olhada para a esquerda e viu um grupo grande de detentos jogando basquete atrás de uma cerca enorme de metal. Com os macacões verdes amarrados na cintura, seus peitos cobertos de suor brilhavam sob o sol quente do verão. A caminhada do carro até o edifício parecia de quilômetros, ainda mais ao som dos assobios e as cantadas que vinham da quadra de basquete.

Ela apressou o passo e agarrou a maçaneta da porta gigantesca como se fosse uma tábua de salvação. Lá dentro, foi recepcionada por um risinho baixo. Kat ergueu os olhos e viu Anthony Ward, o narcisista diretor da penitenciária.

Ward tinha seus 30 e tantos anos e um rosto redondo e jovial. Os cabelos estavam penteados com tanto gel que devia estar sufocando os fios. Ele fitou Kat com seus olhos cinza-escuros e um sorriso rápido que revelou uma covinha funda em sua bochecha esquerda.

– Srta. Lane – disse ele, estendendo a mão.

Kat a ignorou e tentou se recompor passando a mão pela saia grafite na altura dos joelhos.

– Sr. Ward.

Retirando a mão com um aceno de rosto envergonhado, ele ficou muito ereto, na tentativa de parecer mais alto. Kat percebeu que ele fazia isso com frequência, principalmente perto dos detentos. Não funcionava. O pobre homem tinha nascido atarracado.

– Então – começou ele. – Como está? Se adaptando bem?

Kat sorriu.

– Sim. Acho que sim.

As aulas dela tinham sido bem tranquilas até então. E seus alunos haviam parado de usar palavrões como se fossem vírgulas ao falar com ela.

Ward ajustou a gravata.

– Ótimo. Bem, não se esqueça de que vou assistir à sua aula esta manhã. E, se precisar de alguma coisa, é só vir falar comigo.

– Farei isso. Obrigada.

Ela passou por ele, ignorando a maneira como seus olhos se fixaram em seus seios. As tendências

lascivas e a inabilidade de Ward de enxergar os detentos como qualquer outra coisa que não lixo a irritavam. Ele não acreditava que os presos pudessem se aprimorar enquanto estavam encarcerados, e isso fazia com que a função de Kat ali parecesse inútil. Como resultado, ela o evitava o máximo que podia.

Quando Kat entrou na sala de aula, ficou agradecida pela brisa gelada do ar-condicionado. O restante do presídio parecia uma sauna. Prendendo os cabelos num coque, ela se virou quando sua assistente, Rachel, entrou, parecendo ansiosa.

Ela bufou por entre os lábios manchados de vermelho-cereja.

– Jesus, está quente como o inferno hoje – reclamou Rachel, puxando e soltando a camiseta em uma tentativa inútil de se refrescar.

Rachel tinha sido sua salvadora desde o começo. Especializada em dar assistência aos detentos com dificuldades de aprendizado, ela ajudara Kat a conhecer seus alunos rapidamente – em especial Riley Moore, um grandalhão de personalidade excêntrica que sofria de uma dislexia terrível. Não que isso o tivesse impedido de se formar em Administração pela Universidade de Nova York.

Riley era um de seus alunos preferidos. Preso por vender peças de automóveis roubados, sua estatura de 1,90 metro e os ombros largos botariam Atlas no chinelo. Ele era engraçado e flertava descaradamente com as duas jovens. Ao contrário de Ward, contudo, Riley era charmoso e proferia cada palavra com certa ironia. Era difícil não se encantar com as insinuações implacáveis, porém inofensivas, que vinham do dono daqueles alegres olhos cor de mel e rosto barbudo angelical.

Havia outros quatro alunos na sala; todos se mostravam muito empenhados e tentavam se manter na linha. Kat tinha bastante orgulho de como havia conseguido discipliná-los. O progresso deles era fantástico.

Dois minutos depois das nove, a voz estrondosa de Riley quebrou o silêncio. Kat sorriu quando se virou para olhar para ele, acompanhado por um guarda e seguido dos outros alunos.

– Srta. L! – gritou ele, erguendo a mão para bater na dela. – Bom fim de semana?

– Foi ótimo, Riley. Obrigada. E o seu?

– Ah, você sabe. – Ele deu de ombros. – Causando confusão aqui e ali, fazendo os cabelos do Ward caírem mais a cada dia.

Kat reprimiu o riso enquanto Ward entrava na sala com os outros alunos: Sam, Jason, Shaun e Corey. Jason sorriu meigamente por debaixo dos cabelos castanhos desgrenhados, enquanto Corey e Shaun ergueram o queixo como forma de cumprimento. Sam correu até sua carteira e se sentou sem lhe fazer nenhum gesto. No começo, isso deixava Kat chateada, mas agora ela aceitava aquilo como parte da rotina que eles tinham construído. Uma rotina que, como Rachel havia explicado, era de extrema importância para os homens da Arthur Kill. Para muitos deles, uma programação era tudo o que tinham para se manter sãos. Ignorando Ward no fundo da sala, Kat deu início à aula, revisando a anterior e pedindo aos homens que descrevessem seus lugares favoritos usando metáforas e personificações. Eles começaram a escrever em silêncio.

– Muito bem – disse ela, chamando a atenção da classe de volta para si. – Quem é o corajoso que vai ler a redação em voz al...

A porta da sala foi aberta com tanta força que esmurrou a parede. Um guarda irritado, ofegante,

olhou para Ward, que se levantou na hora.

– Desculpe interromper, senhor – arfou o guarda. – Mas temos uma situação na sala seis.

– Quem? – ralhou Ward, atravessando a sala furioso.

– Carter, senhor.

Os olhos de Ward se estreitaram e sua boca se comprimiu em uma linha fina. Quando a porta bateu atrás dele e do guarda, Kat deu uma olhada em torno da sala.

– Carter? – perguntou ela.

Riley riu alto, imediatamente eliminando a tensão que Ward sempre deixava em seu rastro.

– Carter. Caramba. Esse menino não muda nem fodendo.

3

– Você não tem dormido bem, né?

Ben, um dos amigos mais próximos e mais irritantemente observadores de Kat, sorriu meio triste enquanto o garçom colocava um *espresso* triplo diante dela.

Apesar dos inúmeros bocejos que ela conteve durante todo o jantar, Kat sabia que estava um caco. Nem mesmo sua maquiagem Estée Lauder conseguia esconder o cansaço em torno de seus olhos. Além disso, ele a conhecia havia seis anos e nada passava despercebido por ele.

– Eu tentei – respondeu ela, sacudindo um pacotinho de adoçante.

– Ainda está tendo pesadelos? – perguntou Beth, do lado esquerdo de Kat.

Beth e Kat eram amigas desde o ensino médio, e, embora Beth tivesse retornado a Nova York havia apenas alguns meses, depois de passar quatro anos dando aulas no Texas, elas tinham retomado facilmente sua amizade.

Era bom tê-la por perto de novo, completando o trio de amigos, apesar de a preocupação dos dois ser um tanto sacal. Kat sabia que ambos tinham boas intenções, mas isso, somado à inquietação da mãe em relação ao seu trabalho, estava se tornando exaustivo.

Ben meneou a cabeça.

– Você sabe que pode me ligar a hora que quiser.

Como irmãos protetores, ele e Beth se ofereciam para passar a noite com Kat quando os pesadelos atacavam ou colocavam uma cama à disposição dela em suas casas; mas ela sempre recusava.

– E acordar você e a Abby? – perguntou Kat, erguendo os ombros. – Por que eu ligaria para vocês?

– Porque somos seus amigos e nos preocupamos com você – respondeu Beth antes de enfiar uma grande colherada de *crème brûlée* na boca.

– Ainda mais com esse emprego – complementou Ben.

Kat o encarou.

– Não comece.

Ben ergueu as mãos.

– Quem está começando?

Kat girou a colher dentro de sua xícara.

– Esse emprego...

– É importante para você, nós sabemos – interrompeu Beth. Ela estava um pouco mais perspicaz

do que no ensino médio, mas os olhos castanhos e o cabelo louro-acinzentado de corte maluco mostravam que ela ainda era a mesma menina que Kat conhecia havia anos. – Mas nos preocupamos mesmo assim.

Ben colocou a mão sobre a de Kat.

– Você tem muita coisa pela frente nos próximos meses.

Kat baixou os olhos e fitou a mesa.

– O aniversário da morte do seu pai não está longe. Só saiba que eu e a Abby estamos aqui, ok? Nós amamos você.

– Eu amo você! – Beth sorriu. – Apesar de o Adam ter me comprado uma aliança, você sabe que sempre vai ser minha número um.

Ela agitou o dedo no qual trazia aquele anel de noivado com um diamante quadrado maravilhoso.

Kat tentou sorrir.

– Eu sei. Obrigada, vocês dois.

Ben ofereceu seus serviços:

– E lembre-se: sou advogado. Se qualquer um naquele lugar atazanar sua vida, estou à sua disposição. Você sabe que eu conseguiria descobrir os podres do papa se você precisasse.

Ben e Kat riram. Aquilo provavelmente era verdade. Ben ganhara muitas de suas causas através de favores e determinação ferrenha, investigando sujeiras a fundo. Farejava escândalos e extorsões como um cão de caça.

– Ei, sua mãe ligou? – perguntou Beth.

Kat suspirou fundo.

– Três vezes só na noite passada.

Beth ergueu a sobrancelha.

– Ela ligou para mim também. Está preocupada, só isso.

Kat sussurrou sarcasticamente.

– Olha, eu sei que você joga no time da minha mãe...

– Não jogo no time de ninguém – retrucou Beth. – Eu apenas entendo seus motivos. Deve ser difícil para ela.

Kat se irritou.

– Difícil para *ela*? Ela está no meu pé desde que eu aceitei essa porcaria de emprego. "Não é seguro." – Ela imitou o tom de voz da mãe. – "Você está colocando sua vida em risco trabalhando com aqueles animais", blá-blá-blá. – Seus ombros se curvaram. – Por que ela não pode me apoiar?

– As intenções dela são boas. Ela vai superar.

– Claro – respondeu Kat, nem um pouco convencida.

▪ ▪ ▪

Carter acordou; tinha dormido bem. Talvez tivesse se esgotado de ter aprontado para cima de Anthony Ward. Sorriu. Aquele babaca não tinha a menor ideia de com quem estava lidando.

Ele tinha que permanecer na cela até as quatro – faltavam duas horas –, quando seu castigo de 24 horas acabaria. Por ter empurrado uma cadeira contra a parede. Que merda.

Talvez ele tivesse empurrado com mais força do que deveria, mas o professor de filosofia com certeza tinha exagerado. E o Ward? Bom, ele conhecia todos os calos de Carter para pisar.

Jack logo chegou com uma visita reagendada de Max e uma expressão de decepção no rosto, o que fez com que o estômago de Carter revirasse. Ele apreciava o gesto de Jack, considerando o que ele pensava de Max, e, novamente, se repreendeu por ter agido como um babaca com seu conselheiro. Às vezes ele não conseguia ficar de boca fechada.

– Então, suponho que você não tenha gostado de filosofia? – perguntou Jack com um sorrisinho. – Não se deu bem com o Aristóteles, é?

– Não muito.

Jack assentiu com a cabeça e coçou a nuca.

– Por falar nisso, valeu por toda aquela confusão com o Anthony Ward. Fico lhe devendo uma.

– Quanto a isso – murmurou Carter da cama. – Foi mal.

Era o mais próximo de uma desculpa que Jack conseguiria.

– Sim, foi mesmo – concordou Jack. – Caramba, Wes, você é melhor que isso.

Carter suspirou desanimado e puxou os joelhos até o peito.

– O cara estava falando merda, Jack. Ele mereceu.

– Bem, qualquer que tenha sido o motivo, você tem muitas coisas para se redimir.

– Ah, é? – ironizou Carter.

– Sim – respondeu Jack, enfático. – Inscrevi você nas aulas de literatura. Sei que gosta de ler. – Ele apontou para as prateleiras do lado direito da cela, repletas de livros surrados e cheios de dobras nos cantos das páginas. – E a professora é mulher, então talvez não haja tanta hostilidade.

– Hostilidade?

– Você sabe o que quero dizer – respondeu Jack secamente. – Você prometeu que ia tentar, então prove para mim que vai mesmo. Eu tive que bajular aquele filho da pu... – Ele deu uma olhada para o oficial que estava parado a meio metro de distância. – Tive que ter uma conversa amigável com o Ward para dar a você mais uma chance. Não me diga que perdi meu tempo.

Carter se inclinou para a frente, passando a mão pelos cabelos raspados. Estava num beco sem saída. Não era só o pescoço de Jack que estava na reta do Ward, mas o dele também. Não tinha nada que quisesse mais do que espancar aquele panaca arrogante com seu livro de "regras", mas não podia decepcionar Jack novamente. Ele estava estressado, frustrado.

– Você vai se sair bem – disse Jack em voz baixa, dando um passo em sua direção.

O guarda atrás dele se mexeu também.

– É – murmurou Carter. – Vamos ver, né?

Mesmo após todo aquele tempo dormindo, a fadiga começou a tomar conta dele silenciosamente. As paredes tinham começado e se fechar aos poucos, tornando sua cabeça pesada. Vinte e duas horas trancafiado em uma sala faziam isso com a pessoa. Até mesmo com ele.

– Amanhã de manhã – disse Jack com um aceno encorajador de cabeça. – A professora é a Srta. Lane. Ela é muito boa. Só tente ser... Só tente, está bem?

– Está bem. – Carter ergueu três dedos. – Palavra de escoteiro.

Jack sorriu.

– E, só para garantir, me certifiquei de que todas as cadeiras da sala de aula foram pregadas no chão.

Carter riu alto.

– Bem pensado, J. – gritou ele antes de o guarda bater a porta da cela, deixando-o sozinho novamente.

■ ■ ■

As últimas duas horas do castigo se passaram em ritmo de lesma, e Carter quase derrubou o guarda no chão quando ele finalmente abriu a porta. Ele esticou os braços para trás, estalou o pescoço e correu em direção ao pátio.

– E aí, Carter?

A voz estrondosa de Riley Moore atravessou a quadra de basquete.

Carter sorriu.

– Moore – respondeu ele, andando em direção ao grandalhão.

– Onde *cê tava*? – perguntou Moore com um tapa no ombro de Carter. – Senti falta dessa sua cara sacana.

– Me dê um cigarro e eu conto tudo.

Riley pegou um cigarro no bolso e riscou um fósforo para Carter. Eles seguiram até uma pequena área com bancos no fundo da quadra.

– Vazem! – rosnou Riley.

Carter soltou uma risadinha quando os dois novatos que estavam sentados no lugar deles se dispersaram como folhas ao vento. Ele se sentou, fechando os olhos por conta do sol que o castigava, deixando a fumaça escapar por entre seus lábios.

– Então, o que rolou? *Tava* tocando uma em algum lugar desde ontem? – Riley riu e acendeu um cigarro.

– Quem me dera – respondeu Carter, observando o jogo de basquete na quadra. – Não, foi o Ward.

– *Tá* brincando – murmurou Riley, meneando a cabeça.

– Tive um leve desentendimento com um dos nossos professores e ele me pôs de castigo por 24 horas.

– *Tamo* junto, parceiro. – Riley fechou o punho e bateu de leve no de Carter. Eles se conheciam havia anos, tanto dentro quanto fora de Arthur Kill. Se Carter precisasse dele, ele estaria lá.

Ambos se viraram quando ouviram uma série de assobios e cantadas vindos da quadra.

Riley soltou uma risadinha.

– Por falar em professores... – disse ele, erguendo uma sobrancelha.

Carter seguiu os olhos dele pelo gradil e avistou uma mulher ruiva com a bunda mais gostosa que

ele já tinha visto. Deliciosamente embrulhada em uma saia preta até o joelho, ela atravessou o estacionamento em direção a um belo Lexus esportivo. Suas pernas lindas desapareciam em sapatos de salto pretos que, do ponto de vista de Carter, eram de causar uma ereção.

– Quem é aquela? – perguntou ele, tentando esconder o fato de que estava quase quebrando o pescoço para ver além dos outros detentos, que se amontoavam no gradil como crianças em um zoológico.

– Aquela é a Srta. Lane – respondeu Riley, debruçando para trás, sobre os cotovelos. – Minha professora de literatura. Ela é legal, na verdade.

Carter soltou uma risadinha.

– Bem, ao menos esse é um ponto positivo.

Ele apagou o cigarro no banco.

– O quê? – Riley franziu a testa, confuso.

Carter gesticulou na direção do carro que tinha desaparecido.

– A professora é um ponto positivo de estudar literatura.

Riley deu um sorriso.

– Vai estudar literatura também?

– Vou – respondeu Carter, revirando os olhos. – Jack quer que eu prove para os superiores que posso "melhorar". Alguma porcaria relacionada a ajudar a antecipar minha liberdade condicional. Não tenho muitas esperanças disso.

– Me parece uma bosta.

– Concordo – respondeu Carter, recostando-se e erguendo o rosto para o sol escaldante.

4

Kat largou a bolsa perto da porta antes de ouvir a secretária eletrônica e, imediatamente, escutou a voz de sua mãe, urgente e aflita.

"Suponho que você ainda esteja viva e bem, apesar de não ter ouvido nem um pio seu desde sábado. Espero que não tenha esquecido de que virá jantar aqui em casa esta noite. Se não chegar até as sete, vou mandar o Harrison para ter certeza de que você está bem. Tchau."

Kat suspirou e pressionou "retornar ligação" no telefone, deixando no viva-voz. Ela foi até o aquário de peixes tropicais e salpicou ração sobre a água tranquila, sorrindo quando eles vieram até a superfície e começaram a beliscar e beijar os flocos.

– Katherine? – A voz ansiosa de sua mãe tomou conta da sala de estar.

– Sim, mãe, sou eu. Estou sã e salva e estarei aí às sete, então pode cancelar o esquadrão de salvamento.

Kat preferiria não precisar jantar com a mãe depois do dia que teve. Ela havia acordado tarde aquela manhã depois de, mais uma vez, ficar acordada metade da noite, tendo o mesmo sonho vívido repetidamente. Havia tentado passar a noite sem comprimidos, mas se arrependera da decisão assim que encostara a cabeça no travesseiro.

Era um sonho novo desta vez. Não havia homens sem rosto nem areia molhada, mas seu pai ainda estava lá. Ele ficava sussurrando alguma coisa e, por mais que tentasse, ela não conseguia chegar perto o suficiente para ouvi-lo. Era aí que o estranho encapuzado aparecia e a puxava para longe dele.

Assim como tinha feito ao longo de todos aqueles anos.

Ele ainda era um estranho para ela – nos sonhos e fora deles –, depois de aparentemente ter desaparecido sem deixar rastro pela porta do edifício onde a abraçara enquanto ela chorava pelo pai. Tinha certeza de que a polícia e sua mãe acharam que ela estava maluca quando tentou descrever o que havia acontecido: que um desconhecido encapuzado a impedira de ver o pai ser espancado até a morte em uma noite fria e chuvosa no Bronx.

Tudo o que Kat sabia era que se tratava de um homem e que não devia ser muito mais velho que ela. Mas jamais descobrira sua identidade. Mesmo assim, ainda podia senti-lo ali, em seu subconsciente, puxando-a em desespero para longe de seu pai.

Uma hora e meia depois, cansada e cheia de frustração, Kat estava à mesa de jantar de sua mãe, lutando para dissipar a tensão horrorosa que envolvia o recinto. Era uma batalha perdida; tinha sido daquele jeito desde que Kat decidira se candidatar ao emprego na Arthur Kill. Mesmo assim,

tentando ao máximo não se deixar desencorajar pela apatia gritante da mãe, Kat contou animadamente para ela e para seu companheiro havia dez anos, Harrison, sobre como seus alunos estavam se saindo bem, como estavam empenhados e focados. Kat descreveu como se sentiu quando seu aluno Sam escreveu um texto tão poético que quase a fez chorar de orgulho. Ela falou sobre a onda de adrenalina que só um professor conhece quando seus alunos demonstram compreender a matéria, mas sua mãe sequer tentou esconder o escárnio.

A mãe de Kat era extremamente preconceituosa com relação a criminosos e ao que deveria ser feito com eles. Por amá-la e tentar entender seu ponto de vista, Kat procurava ao máximo aniquilar seus medos, mas suas alegações eram sempre ignoradas. Só de pensar em Kat perto daquelas pessoas, ainda mais dando aula para elas, Eva se sentia mal.

As discussões entre as duas eram ferozes. Kat vinha tentando fazer a mãe compreender que aqueles indivíduos que ela ensinava na prisão não eram os mesmos que haviam matado o homem que as duas amavam. Depois das sessões de terapia, nas quais ela havia discutido os mesmos medos, Kat ficara surpresa ao perceber como aquelas palavras saíam com facilidade de sua boca.

Mas apesar do esforço de Kat, o jantar foi, como sempre, exaustivo e desagradável. Ela foi embora cedo, dando a desculpa de ter que avaliar os trabalhos dos alunos.

Quando entrou em casa, chutou os sapatos para longe e foi até a secretária eletrônica, que estava piscando, e apertou o "Play". Pegou uma garrafa de vinho na geladeira e se serviu em uma de suas maiores taças. Depois daquele jantar, definitivamente estava pronta para uma bebida.

"Srta. Lane, aqui é Anthony Ward. Queria lhe avisar que um novo detento começará a participar da sua aula amanhã. Ele é... difícil. Mas tenho certeza de que você não terá problemas. Explico amanhã de manhã. Tenha uma boa noite."

Kat ficou olhando para a secretária eletrônica. Um novo detento? Difícil?

– Saúde, Sr. Ward – murmurou ela, bebericando o vinho.

Ela se sentou com as pernas cruzadas no sofá, a taça de vinho ainda firme na mão, quando uma nova mensagem começou.

"Oi, Lane!", a voz de Beth estava animada. "Sou eu! Então. Lembrete. Meu aniversário está perto, o que significa vinho e comida. Eu falei vinho? Hum. Vou mandar uma mensagem com os detalhes. Me ligue."

Kat riu dentro da taça.

Com o jantar desagradável na casa da mãe ainda fresco na memória, Kat tinha certeza de que a festa de aniversário de Beth era exatamente do que ela precisava.

▪ ▪ ▪

– Bom dia, pessoal.

Kat sorriu enquanto seus alunos se sentavam.

– Bom dia, Srta. L – falou Riley em meio a um enorme bocejo. – E me permite dizer como você está bonita hoje?

– Permito – respondeu ela com um olhar brincalhão de advertência.

– Você está bonita – disse ele, dando a ela um largo sorriso.

– Obrigada, Riley – agradeceu, incapaz de conter o próprio riso.

Ela entregou a eles a redação do dia anterior, intitulada "Meus lugares favoritos", dando-lhes alguns minutos para lerem seus comentários.

– O que quer dizer "não muito apropriado"? – perguntou Corey de sua cadeira no fundo da sala.

Kat se aproximou dele.

– Quer dizer, Corey, que eu não quero ler sobre cada uma das suas conquistas ou as notas que você deu a elas de um a dez, incluindo – ela pegou o papel da carteira dele para encontrar a frase ofensiva – "a boca daquela mulher era como um aspirador de pó".

Corey soltou uma gargalhada que ecoou pela sala, balançando seu cabelo afro.

– Ah, qual é? – insistiu ele, sacudindo o papel com sua redação. – Essa parte é engraçada!

– Você é um babaca – murmurou Jason de sua cadeira, dissolvendo instantaneamente o sorriso de Corey.

– Jason – falou Kat, chamando a atenção do detento, a inquietação pinicando sua pele.

Corey retrucou com uma série de palavras nada bonitas antes de chutar as costas da cadeira de Jason. Com força.

– Cuzão de merda!

– Ei – censurou Kat, o pânico crescendo dentro dela. – Agora não, rapazes. Vamos manter a calma e...

– Mas que porra! – retrucou Jason, ignorando-a. Ele começou a se levantar da cadeira e se virou para Corey. Seu corpo alto e seus ombros largos faziam Kat parecer uma anã. – Vai dizer isso na minha cara, seu bosta?

– Ei – repetiu Kat, mais alto, colocando-se entre os dois.

Corey se levantou, alto e magro, sua pele negra brilhando sob as luzes fortes da sala.

– Vou quebrar a sua cara, seu merda. É só dizer a hora.

– Rapazes, por favor...

– É o que vamos ver, seu filho da puta arrogante.

Jason fez um gesto para que o outro se aproximasse.

O pânico começou a apertar a garganta de Kat. Ela ergueu as palmas das mãos abertas na direção de cada um dos homens enquanto eles trocavam ameaças e xingamentos, fazendo com que um suor de pavor escorresse por sua testa. Se qualquer um deles desse um soco, ela estaria bem no meio da briga. Kat ficou paralisada, o medo solidificando suas juntas. O oficial Morgan e Riley tentaram se enfiar entre eles, buscando protegê-la. Ela podia ouvir Rachel gritando que ela se afastasse.

Mas Kat não conseguia.

O medo martelava sua cabeça. Ela tentou ficar calma, lembrando-se dos exercícios de respiração contra ansiedade que sua terapeuta tinha ensinado, mas seu coração explodia contra suas costelas, provocando-a. Kat estreitou os olhos e lutou para manter trancadas em sua mente as memórias de dezesseis anos atrás. Mas elas estavam desesperadas para vir à tona.

Respirando profundamente, Kat tentou de forma frenética recuperar o controle. Ela sabia que não

podia permitir que seus alunos se comportassem daquele jeito. Era a aula dela, o tempo dela, o emprego dela, a promessa dela.

Ela abriu os olhos, fechou os punhos e encheu os pulmões.

– EI!!

Calados, todos ficaram olhando para Kat enquanto seu berro ricocheteava em volta deles. Riley, que estava parado ao seu lado, tentando ao máximo protegê-la de qualquer coisa que pudesse voar por ali, piscou, incrédulo. O silêncio surpreso durou uns trinta segundos antes de a porta se abrir e Ward entrar como uma tempestade, com uma expressão de trovão.

– Que diabos está acontecendo aqui? – rugiu ele.

O grupo que rodeava Kat começou lentamente a se dispersar quando dois guardas apareceram na porta. Ela inspirou, trêmula, e esfregou as mãos suadas na calça. Pigarreou e se virou para o chefe.

– Nada com que se preocupar, Sr. Ward. Apenas um mal-entendido. Como pode ver, estão todos bem agora. Certo, Corey?

Ela o fitou com um olhar que exigia obediência.

Ele assentiu rapidamente com a cabeça, ainda olhando para a nuca de Jason.

– Não pareceu ser nada. – Ward deu uma olhada em torno da sala, fitando com olhos severos cada um dos detentos até estar satisfeito por eles estarem sob controle. – Vim trazer seu novo aluno. – Ele virou a cabeça na direção da porta. – Carter.

▪ ▪ ▪

Carter estava parado no corredor com o oficial West, sorrindo ao ouvir Ward tentar reafirmar qualquer autoridade que ele achava ter. Ele pegou impulso da parede onde estava se apoiando e entrou na sala, arrastando os pés a cada passo.

A primeira coisa que ele notou foi Riley do lado oposto da sala, cumprimentando-o com um aceno de cabeça e um sorrisinho. Depois, deu uma olhada casual para os outros, tentando discernir onde ele se encaixaria na hierarquia dali. Ele estava quase no topo, mas fez questão de checar primeiro.

Naquele caso, Riley dominava. Simplesmente.

Ele fez uma careta enquanto assimilava os outros rostos. Jason podia ser arrogante, mas conhecia seu lugar, e Sam era quieto como um rato. Nenhum problema ali. Corey Reed, no entanto, era um pé no saco. Carter o fitou e sorriu quando ele se afundou na cadeira. Uma tossidela feminina irritada interrompeu sua tortura visual àquele idiota.

Ele se virou na direção do barulho e encontrou a deliciosa Srta. Lane, braços cruzados em cima do peito avantajado, olhando para ele de um jeito que fez os pelos de sua nuca se arrepiarem. Ela, como as outras pessoas que não usavam macacão, achava que era melhor que ele. Não precisava ler pensamentos para saber disso. Talvez ela conseguisse esconder suas opiniões debaixo de sua blusa sexy e dos saltos altos, mas era como todos os outros. Eram todos iguais.

Ele apoiou o peso do corpo casualmente na perna direita e a encarou também.

– Carter, esta é a Srta. Lane. Srta. Lane, este é Wes Carter – disse Ward, fazendo a devida apresentação.

– É só Carter – rosnou ele, mantendo os olhos fixos em sua nova professora.

Ward tinha plena noção de que não devia chamá-lo pelo primeiro nome, pelo amor de Deus.

– Bem, é um prazer conhecê-lo, Carter – disse a Srta. Lane.

Ele revirou os olhos.

– Tá, tanto faz.

– Você pode se sentar.

Ela apontou para uma carteira atrás dele.

Carter a ignorou, analisando os arredores.

– Sente-se, Carter – ordenou ela.

O olhar dele se voltou para ela. Sua boca, contraída, formava uma linha fina, quase desafiando-o a enfrentá-la. O jogo começou. Os olhos dele passearam preguiçosamente pelo corpo dela. Curvas em todos os lugares certos, com uma bunda que ficaria espetacular com as mãos dele em cima. Ele deu um sorrisinho com aquele pensamento.

Carter era alto, quase 1,90 metro, e tinha o peito largo. Era uns 20 centímetros maior que ela e pesava pelo menos 30 quilos a mais do que seu corpo feminino. Mas mesmo assim a ruiva valentona permaneceu firme, sem mover um músculo, encarando-o. Se a atitude você-vai-ter-que-me-engolir e imbecil dela não o houvesse enervado tanto, talvez ele tivesse parado para considerar quanto aquilo o excitava.

Caramba.

– Aqui, Carter.

A voz de Rachel interrompeu o clima elétrico que pairava na sala. Ela foi até a cadeira mais próxima dele.

Carter, por mais que detestasse interromper seu contato visual com a professora, respirou fundo e se moveu em direção à cadeira. O ar saiu tremendo de dentro dele quando suas íris azuis deixaram os grandes olhos verdes da Srta. Lane, que ardiam como fogo.

– Bem – murmurou Ward –, qualquer problema... você sabe onde me encontrar.

Ele deu um sorriso contido e, após terem tirado as algemas de Carter, deixou a sala com os dois guardas.

▪ ▪ ▪

Kat não conseguia tirar os olhos da nova aquisição de sua turma. Ele era um colírio, com seus cabelos raspados, ombros largos e fortes, barba de uns dois dias por fazer e pernas compridas que não cabiam debaixo da carteira, mas seu comportamento era agressivo. Havia uma aura de perigo em torno dele que gritava *Não se aproxime*. Ela notou um pedacinho de uma tatuagem preta espiando por debaixo da gola de seu macacão, subindo pela nuca.

Rebelde.

Ela havia reparado no jeito como ele tinha observado os outros alunos da sala – presunçoso e arrogante – e não gostara nada daquilo. Ele obviamente era um babaca egocêntrico que se achava superior a todo mundo ali, inclusive ela, o que a irritava demais. Apesar de sua habilidade de calar a boca de todos com sua carranca sombria e hostilidade, aquela era a turma dela. Não dele.

A agressividade de Kat era surpreendente e quase atípica. Mas a adrenalina ainda corria por seu corpo depois da confusão, e a última coisa de que precisava era de um idiota metido a besta como Carter para piorar tudo.

Kat levou um segundo para se recompor e então começou a atividade, explicando-a rápida e claramente. Em poucos minutos, todos estavam trabalhando. Parecia que o desentendimento tinha sido esquecido, ou, pelo que se conhecia de Jason, tinha sido deixado para mais tarde.

Ela caminhou com firmeza na direção da carteira de Carter e colocou um caderno à sua frente. Ele sequer se mexeu quando ela lhe pediu que escrevesse o nome na capa.

– Carter – chamou ela novamente, a irritação subindo por sua espinha. – Você pode, por favor, escrever seu nome na capa deste caderno? – Ela percebeu que os cantos dos lábios dele se ergueram. – Algo engraçado?

Os olhos dele encontraram os dela, azul-claríssimos, ardentes e furiosos, mas ele não disse uma palavra.

Ela pegou uma caneta no bolso.

– É disso que você precisa?

Ela poderia jurar que os olhos dele se acalmaram, mas foi uma mudança tão rápida e passageira que ela dispensou aquele pensamento. Ele ergueu a mão e pegou a caneta, de modo que a ponta de seu dedo tocou no dela. O contato foi como o da pele nua com labaredas de fogo. O choque ardente de calor emanou da ponta do dedo dela até o fundo de seu estômago.

Desnorteada, Kat observou Carter escrever seu nome na capa do caderno antes de largar a caneta e suspirar sarcasticamente. Ele se recostou na cadeira, parecendo ser o dono do lugar. Kat não tinha dúvidas de que ele pensava exatamente isso.

– Sei que você está atrasado, já que se juntou a nós somente hoje, mas tenho certeza de que vai pegar o ritmo.

O rosto dele não expressou qualquer emoção ou pensamento, então ela continuou mesmo assim, explicando o exercício de associação de palavras que a turma tinha feito 24 horas antes como preparativo para o de escrita criativa.

– Pode começar com isso – completou ela. – Escreva uma palavra que signifique algo para você e, daí, todas as palavras relacionadas a ela.

Nada.

Ela mordeu a língua e colocou as mãos nos quadris.

– Em seguida, pode escrever sobre por que aquela palavra é importante para você.

Ele sorriu desdenhosamente.

– Me desculpe – disse ela em tom de censura. – Algum problema?

Ele a fitou, o rosto forte e aterrorizador.

– Você acha que sou burro?

Ela piscou.

– Não. Por quê?

Ele deu um risinho rápido.

– Isso é um pouco básico, não acha, Srta. Lane?

Ela apertou o maxilar. Não importava quão inteligente Carter pensasse ser, o comportamento dele a fazia querer arrancar o riso convencido daquele rostinho bonito. E como era bonito. Os cílios que emolduravam seus olhos de cor azul-bebê eram perigosamente longos, quase encostando nas maçãs do rosto, que eram marcadas, mas masculinas. Os lábios eram cheios e se franziam quando ele invocava aquele sorriso malicioso. O nariz parecia ter sido quebrado algumas vezes, com uma pequena protuberância visível no dorso.

– Estamos dando início com essas atividades antes de mergulharmos na literatura – explicou Kat por entre dentes cerrados. – Todos os caminhos para todas as respostas começam com o básico.

– Legal – respondeu ele, juntando as sobrancelhas de uma maneira que Kat só podia entender como ironia. – Leu essa pérola em um biscoito da sorte, é?

Kat colocou as mãos no tampo da carteira dele, invadindo seu espaço pessoal, sentindo cheiro de fumaça e calor.

– Não, não li – sibilou ela. – Então apenas faça o que eu peço. Caso contrário, a porta está ali. Cuidado para essa sua atitude de merda não ficar agarrada nela quando você sair, espertalhão.

Toda a sala pulsava com um silêncio explosivo. Carter encarou Kat por poucos segundos antes de se endireitar na cadeira, aproximando-se ainda mais dela. Ela ficou momentaneamente abalada quando a respiração quente dele atingiu seu rosto.

– Olha essa boca suja – rosnou ele.

O guarda se aproximou. Kat engoliu em seco.

– Não, Carter. Esta aula é minha, não sua. Então faça o que eu mando ou vá embora. A escolha é sua.

Ela se virou e foi até Riley, cujos olhos arregalados e boca aberta sugeriam que ele estava tão chocado quanto Kat de que ela tivesse posto à prova a paciência da pessoa mais instável daquela sala. Kat não conseguia explicar. Sabia que sua conduta tinha sido arriscada e talvez um tanto antiprofissional, mas não podia permitir que seus alunos se comportassem daquela maneira. Ela não sabia de onde aquela coragem – ou burrice – tinha surgido. Talvez fosse uma necessidade profundamente enraizada de se autoafirmar depois das palavras nada estimulantes de sua mãe na noite anterior; talvez fosse o medo que ainda formigava em sua pele do confronto entre Corey e Jason.

Alguma coisa em Carter a tirava do sério. Se ela não estivesse tão zangada, poderia ter curtido a energia que fluía por suas veias.

Ela conseguiu ignorar Carter pelos cinquenta minutos seguintes, observando-o, de vez em quando, sentado em um silêncio presunçoso. Ela não o tinha visto sequer tentar fazer o que ela havia pedido.

Mané.

Os guardas vieram buscar os alunos quando ela estava fazendo o encerramento da aula.

– Até depois, Srta. L – disse Riley, seguindo Jason e Rachel pela porta.

Carter passou trombando em todo mundo, inclusive nela, sem a menor consideração.

– É, até depois – murmurou ela.

Assim que a porta se fechou, Kat se afundou em sua mesa e respirou fundo. Era óbvio que Carter ia ser um babaca complicado.

Ótimo. Exatamente do que ela precisava.

Afastando-se da mesa, ela pegou os cadernos e as canetas dos alunos. Fitou um tanto relutante o último caderno, em cima da carteira onde Carter tinha estado. Kat ficou olhando para ele, frustrada, mordendo o lábio inferior.

O que é que Carter tinha que a deixava tão pilhada?

Ela se aproximou do caderno como um soldado se aproximaria de uma bomba não detonada e o virou, abrindo-o. Seus olhos se arregalaram e ela prendeu a respiração quando viu a palavra que significava muito para o homem que provocava tantas emoções nela.

DÍVIDA

5

Por doze horas, Carter não conseguiu fazer nada além de sentir raiva e de pensar em como tornar a vida de sua nova professora um inferno. Ele ainda estava perplexo por ela ter falado com ele daquele jeito.

Ninguém falava assim com Carter.

Ninguém.

Jamais. Na vida.

Muito tempo depois da aula, ainda não tinha conseguido se livrar da ira que ela provocara nele, da fúria absoluta de ter sido tratado daquela forma e, mais enfurecedor do que tudo, do tesão selvagem que tinha feito tremer seu corpo todo.

Uma corrente elétrica parecera se instalar entre os dois quando ela vomitara aquelas palavras em cima dele. Aqueles peitos grandes e seu tom de voz venenoso fizeram partes do corpo dele estremecer e pulsar – partes que andavam dormentes fazia tempo e que o levavam a querer fazer coisas selvagens e desvairadas com ela em cima de sua mesa, até que ela aprendesse como devia tratá-lo. Ele estava detestando a si mesmo por pensar aquelas coisas de uma mulher com quem estivera por 55 minutos.

Sim, ela era gostosa; qualquer macho podia perceber, com aquele cabelo ruivo de Dana Scully, os lábios rosados e cheios, a bunda perfeita e uns peitos de matar. Deus, ela era sexy pra caramba! O desejo e a ânsia com que ela tinha batido de frente com ele foram tão inesperados que o tinham pegado desprevenido e, em um lugar como Arthur Kill, essa era uma jogada perigosa.

A Srta. Lane era uma hipócrita que precisava aprender rapidinho que ele não iria tolerar que ela falasse e agisse tão... sem medo dele.

Coçou o nariz, lembrando-se da expressão no rosto dela quando dera uma bronca nele. Não havia um pingo de medo, nenhuma faísca que sugerisse que ele a intimidava. A mulher tinha uma energia tão feroz que ele podia senti-la no ar entre eles. Carter até tinha atendido seu pedido e escrito aquela palavra na qual ele baseava sua vida.

Não que ela fosse entender, muito menos ter uma experiência daquilo em sua vidinha linda e perfeita.

Outra coisa que o havia irritado era o fato de que os caras da turma pareciam gostar dela – até mesmo Riley, que tinha dado risada enquanto Carter estava furioso e ralhava, incrédulo, durante um cigarro antes do almoço. Carter não podia negar que não estava preparado para o tom protetor na voz de Riley e a sugestão de alerta em seus olhos.

– Você espera que eu respeite uma madame qualquer que provavelmente nasceu num berço de ouro e nunca teve que lutar por nada?

– Não seria de todo mal – Riley tinha respondido, erguendo os ombros com indiferença.

Carter soltara um riso rápido e meneou a cabeça. De jeito nenhum.

– Então – dissera Riley, quebrando o silêncio. – Ela é gostosa, né?

Carter não conseguira evitar a gargalhada que soltara.

– Se é.

Riley dera um tapa forte o suficiente para fazê-lo se encolher.

– Tá aí mais uma imagem para sua coleção punheteira, meu irmão – sugerira ele, piscando.

▪ ▪ ▪

Na manhã seguinte, após algumas xícaras de café, Kat começou a organizar a sala. Depois de uma noite relativamente boa de sono, tinha passado a enxergar o problema com um pouco mais de objetividade. E concluíra que Carter estava em um ambiente altamente tenso e emotivo, e o fato de ela ordenar que ele fizesse o que ela queria não o tornaria mais cooperativo. Ia ser difícil pra caramba, mas ela havia decidido ao menos tentar. Olhou para a cadeira vazia dele, imaginando sua postura relaxada e seu olhar penetrante. Senhor. Ia ser mais complicado do que ela pensava.

O que ela leu em sua ficha não foi uma surpresa. Carter era o garoto-propaganda dos rebeldes marginais. Condenado a três anos de prisão por posse de cocaína 19 meses antes, desde os 15 anos Carter vinha passando pelo menos seis meses por ano em centros de detenção ou encarceramento de algum tipo.

Ele havia largado a escola, onde sua nota final estava acima da média, aos 17. Destacava-se em esportes e inglês e tinha listado J. D. Salinger, John Steinbeck e Hubert Selby Jr. como seus escritores preferidos. Estava claro que era inteligente, um fato que ele tinha tornado visível com seus comentários sobre quão "básica" ele achara a atividade que ela havia proposto na aula. Kat ficou irritada com a lembrança.

Ela sabia que podia mandar tirá-lo da sala para mostrar que estava no comando. Mas aí ele teria vencido. Desistir e fugir ou ignorar o problema não funcionariam para Kat Lane. Ela jamais seria forçada a fugir de qualquer coisa na vida novamente. Ele não a derrotaria e o fato de ele sequer ter tentado a aborrecia.

Por conta de sua ânsia para que a manhã passasse o mais rápido possível, ela estava andando de um lado para outro quando os detentos entraram, liderados por Jason, que lhe deu um sorriso largo. Riley se curvou em reverência e o seguiu em fila indiana. Ela estava rindo de Riley quando se virou e prendeu a respiração. Seu coração começou a palpitar quando Carter entrou na sala, ignorando Kat e empurrando Corey para longe do caminho para chegar à sua cadeira.

A irritação irracional e o calor que ela havia abafado com suas suposições e a promessa de tentar voltaram instantaneamente quando seus olhos se encontraram por um breve segundo.

Pigarreando, Kat retornou à sua mesa.

– Fico feliz por estarmos todos aqui. Hoje vamos iniciar nossos estudos de poesia, que é o que faremos pela próxima semana, antes de começar nossa peça de Shakespeare.

Kat se encostou na mesa, sua pele formigando. Tinha notado a reação de Carter ao poema que distribuíra e se forçara a ficar quieta, mordendo o lábio com tanta força que quase arrancou sangue. Ela se concentrou em continuar falando e não no desejo de fazer uma careta, mostrar a língua ou fazer qualquer outro gesto igualmente inapropriado.

Deus! Supermaduro, esse comportamento!

Ela respirou fundo.

– Gostaria de começar perguntando o que vocês pensam de poesia.

A turma permaneceu em silêncio. Riley ficou examinando o teto, como sempre fazia, como se a resposta estivesse escrita lá, enquanto Jason e Corey ficaram olhando para ela como se a professora tivesse outras três cabeças. Sam manteve os olhos na carteira, feliz por permanecer quieto depois do fiasco da aula do dia anterior. Ele odiava brigas.

Jason ergueu a mão lentamente, os olhos trêmulos encontrando os de Kat.

– Elas podem rimar?

– Com certeza podem – respondeu ela com um sorriso. – Assim como o poema que vamos estudar, mas esse nem sempre é o caso.

– São sempre coisas mela-cueca, tipo amor – reclamou Riley.

– Isso é verdade em alguns casos, Riley, mas não neste – respondeu Kat, meneando a cabeça. – Acha que eu faria isso com vocês?

Riley riu.

O som claro de Carter murmurando alguma coisa no dorso da mão fez Kat virar a cabeça em sua direção.

– Desculpe, Carter, não entendi.

Ele largou as mãos sobre a carteira e lançou um olhar fulminante para ela.

– Temos uma regra bem simples nesta aula – complementou Kat, visto que o silêncio continuou. – Se você tem algo a dizer, diga. Está bem?

O sorriso que ela deu era gentil.

– Ou então o quê?

Kat inclinou a cabeça para o lado, estudando-o. Ele era inegavelmente atraente, escondendo uma raiva que fervia devagarinho por baixo de sua pele.

– Ou então pode ir embora. É simples assim. – Kat se aproximou, falando em voz baixa. – Eu já disse. Esta é a minha aula. Minhas regras. Você faz o que é pedido. – Kat ergueu o lado esquerdo da boca em seu próprio sorriso irônico. – Não é básico demais para você, é?

– Básico – murmurou Corey por trás da mão.

Antes que Kat pudesse dizer qualquer coisa, Carter socou a carteira com força suficiente para quebrá-la e a empurrou com tanta força que ela bateu na carteira de trás. Um silêncio furioso tomou conta da sala.

– Tem algo engraçado, porra? – grunhiu ele para Corey, antes de dar uma olhada para o oficial

West, que tinha saído de seu posto perto da porta. – Que tal compartilhar? – Carter continuou avançando em direção à sua presa. – Não gosto de ser deixado de fora de uma piada.

Ele era apavorante. E maravilhoso. Kat estava enfeitiçada.

Ela se moveu lentamente.

– Carter, acalme-se.

Carter a ignorou, curvando-se para encarar olho a olho um Corey alerta.

– Você está rindo de mim?

– Vamos lá, Carter – murmurou o oficial West enquanto olhava preocupado na direção de Kat.

– Carter, sente-se – pediu Kat, escondendo o pânico por trás de sua voz firme e autoritária. – Não há necessidade disso. Relaxe.

– É, cara – continuou Corey. – Relaxe.

Em um movimento rápido, Carter colocou as mãos debaixo da carteira de Corey e a lançou com força contra a parede com um urro onipotente. O som da madeira atingindo os tijolos revestidos ressoou pela sala como sinos fúnebres.

Todo mundo se levantou imediatamente. O oficial West pegou o cassetete e deu o bote em Carter antes que ele se aproximasse ainda mais de Corey, que estava paralisado em sua cadeira. O corpo de Kat congelou atrás de um Riley pilhado, que tentava protegê-la com o corpo enquanto outros três guardas caíam em cima de Carter.

Chocada, Kat observou por trás dos bíceps gigantescos de Riley o oficial West jogar Carter contra a parede. Os guardas – chamados pelo alarme de pânico acionado por Rachel – estavam em cima dele em um segundo. Kat se encolheu quando ouviu os grunhidos e os xingamentos de Carter enquanto eles o empurravam e esmurravam com força ao algemá-lo.

– Está machucando, porra! – gritou ele na cara de um dos guardas antes de ter o rosto esmagado contra a parede de novo.

O oficial torceu o pulso dele ainda mais com um sorriso sádico no rosto, fazendo Carter gritar de dor.

– Ei! – gritou Kat, escapando por debaixo do braço de Riley e passando por Corey, que ria.

Ela correu até o tumulto de homens raivosos.

Carter, cuja bochecha esquerda estava pressionada contra a parede, olhou furioso para ela. Ela olhou zangada para o guarda que tinha tentado quebrar o osso do pulso dele.

– Eu vi aquilo – censurou ela, apontando para as algemas de Carter. – Você não precisa machucá-lo. Não é necessário.

– Ah, Srta. Lane, é muito necessário – retrucou o oficial com voz firme. – É preciso manter esses caras na linha, sabe?

Ele colocou Carter de pé.

Kat viu na hora o sangue escorrer do nariz até a boca de Carter.

– Ele está sangrando!

– Ele está bem – rosnou o guarda.

O guarda empurrou Carter para a frente, mas foi impedido pela mão firme e imóvel de Kat em seu peito.

– Espere!

Ela parou por um segundo antes de ir até a bolsa pegar um pacote de lenços. Kat pegou um e voltou até Carter, cujo rosto expressava mil e uma coisas diferentes.

Ele começou a protestar quando a mão dela foi até seu rosto.

– Você não precisa fazer po...

– Cale a boca e me deixe ajudar você – retrucou ela com tamanha determinação e insistência que o fez ficar mudo.

Carter respirou fundo quando o lenço na mão dela limpou seu sangue. Os olhos dele no rosto de Kat deixaram um rastro de calor dos cabelos até sua boca. Tentando ignorar o fato de que seu coração estava prestes a explodir, Kat se concentrou ao máximo – passando o lenço de maneira milimétrica –, mas estava sentindo todo movimento que Carter fazia. Cada vez que sentia a respiração dele sussurrando em sua mão, ela engolia em seco, e cada vez que o rosto dele se contorcia, seus pulmões se comprimiam.

Ela limpou o rosto dele com delicadeza, mas determinação, até que ficasse melhor, após a forma violenta com que os policiais tinham lidado com a situação. Ele não tinha merecido aquele tratamento. Ela olhou com atenção para o rosto de Carter e notou uma marca começando a aparecer em sua bochecha.

O desejo de tocar o hematoma fez Kat tremer até o último fio de cabelo. Ela limpou a garganta e parou de olhá-lo nos olhos. Parecia não ter controle sobre sua própria mão e suas intenções, visto que começou a movê-la na direção do rosto dele, da região sob o olho, onde o osso se projetava em toda a sua glória escultural. Queria amenizar a vermelhidão com as pontas dos dedos e diminuir a dor que ela sabia estar queimando sob a pele dele, mas não podia.

– Prontinho – murmurou ela, limpando uma mancha de sangue de seu polegar.

Carter franziu a testa. Ele chegou a abrir a boca, mas nenhuma palavra saiu. Em vez disso, só bufou antes de os três guardas o arrastarem, passando por Kat, para fora da sala.

Kat deu um suspiro e jogou o lenço ensanguentado na lixeira.

6

Kat se virou e desligou o despertador antes mesmo de ele começar a tocar. Ela já estava acordada havia mais de uma hora.

Tinha se debatido na cama a noite inteira pensando e analisando qual seria seu próximo passo com relação a Carter. A segunda aula deles tinha sido um desastre completo – e isso já era um eufemismo. Ela tentara manter a calma. Deus, como tinha tentado. Mas não fora o suficiente. Ela deixara que ele a enfurecesse mesmo assim.

Ela não fazia ideia do que Carter tinha que a deixava tão pilhada, tão fora de controle. Ele era, no fim das contas, como todos os outros homens para quem ela dava aula. Bom, isso não era totalmente verdade; ele era muito mais combativo, agressivo e – ela tremeu só de pensar – muito mais atraente também. Ela tentara não reparar nele como qualquer outra coisa que não seu aluno, mas era difícil ignorar um homem que a deixava maluca.

Kat esfregou as mãos no rosto. Ela não era estúpida a ponto de se envolver, em qualquer sentido, com qualquer um de seus alunos. A política de não confraternização da penitenciária era clara, e Kat gostava demais de seu emprego para colocá-lo em risco. Ela era profissional e ninguém, nem mesmo Carter, poderia fazê-la se esquecer disso.

Mas Carter ficava mais lindo ainda quando estava furioso. A raiva dele parecia fazer sua pele brilhar e as linhas de expressão, que Kat imaginava serem marcas causadas pelo ódio dele por tudo ao seu redor, se dissolviam, deixando seu rosto sereno e perfeito. Ele era, naqueles momentos, a criatura mais estupenda que ela já vira.

Por mais assustada que tivesse ficado ao vê-lo atirar a carteira contra a parede durante a aula, Kat tinha sido incapaz de desviar os olhos, observando com fascinação enquanto o monstro que habitava dentro dele rugia. Ele era animalesco e, naquele breve momento, completamente livre. Era esse único pensamento que fazia com que partes do corpo de Kat ganhassem vida de um jeito espetacular; era um lado de Carter que ela desejava e detestava com o mesmo fervor.

Mesmo assim, o que quer que o corpo de Kat pensasse sobre o assunto, ela sabia que o fato de o guarda ter torcido o pulso dele era completamente inaceitável. Carter não merecia aquilo.

E ela iria dizer isso a Anthony Ward assim que chegasse ao trabalho.

Mas, por algum motivo, o diretor não estava lá na hora em que ela chegou. Um pouco desanimada e ainda muito confusa, Kat começou a organizar sua sala, tentando ao máximo não pensar se Carter iria aparecer. Ela puxou a gola da blusa, frustrada, ao perceber que a parte dela que queria o cara na sala era bem maior que a parte que não queria, e falou um palavrão em voz alta.

– Levantou com o pé esquerdo?

A voz de Rachel, parada na porta, dissipou aqueles pensamentos da cabeça de Kat por uns cinco segundos antes de a batalha dentro dela recomeçar. Ela sorriu e ergueu as sobrancelhas, incapaz de expressar de maneira sensata por que estava xingando uma sala vazia.

– Ele foi afastado – disse Rachel de modo casual enquanto colocava a bolsa sobre a cadeira.

Kat se virou.

– O quê?

– Carter. – Rachel deu de ombros. – Ward disse a ele que seu temperamento está fora de controle. Ele é uma ameaça a si mesmo e aos outros.

– Que droga. E como ele reagiu?

Rachel deu um sorriso esquisito.

– Como sempre reage: alguns palavrões e uma carranca. – Ela deu um passo em direção a Kat. – Isso vai afetar a liberdade condicional dele.

Kat ergueu as sobrancelhas, surpresa. Ela nem sequer sabia que ele estava sendo avaliado para isso.

– Quando o pedido de liberdade condicional vai ser revisto? – perguntou Kat.

– No fim do mês.

A necessidade recém-descoberta de Kat de trabalhar com Carter ao invés de contra ele a surpreendeu. Ela o conhecia havia apenas dois dias, tinha trocado talvez uma dúzia de palavras com ele, a maioria por entre os dentes, mas, mesmo assim sabia, lá no fundo, que existia algo mais nele – algo que o diferenciava dos outros alunos. E que a atraía de uma maneira que ela jamais conseguiria explicar.

A ambivalência dele era frustrante pra caramba e ele tinha uma arrogância que faria qualquer pessoa sã perder a cabeça. Apesar disso tudo, Kat tinha um desejo imenso de fazer as coisas darem certo, de ajudar.

Essa era sua dívida, afinal de contas.

Kat meneou a cabeça, resoluta.

– O quê? – perguntou Rachel. – No que você está pensando?

Kat sorriu, sua coragem emergindo.

– Acho que o Sr. Carter vai ter que começar a aguentar ficar perto de mim com mais frequência.

▪ ▪ ▪

– Mais forte!

Carter grunhiu.

– Eu disse mais forte! Não senti nada!

Carter grunhiu novamente, e mais alto, quando seu punho acertou com força o escudo de proteção vermelho que o oficial da academia do presídio, Kent Ross, estava segurando à sua frente.

– Minha filhinha de 3 anos bate mais forte! De novo!

Os olhos de Carter se estreitaram e suas juntas ficaram tão brancas quanto a bandagem em torno delas quando, com um grito apavorante, ele começou a esmurrar o escudo. Ódio, raiva, desejo, necessidade e vontade explodiram através de seus punhos com tanta força que Ross cambaleou para trás.

Após trinta segundos, os braços de Carter começaram a diminuir o ritmo, à medida que a adrenalina queimava seus ombros intricadamente tatuados, descendo pelos bíceps também desenhados e os antebraços, que queimavam por conta das batidas incessantes. Ofegante, quase deu um beijo no rosto feioso de Ross quando ele disse que tinham terminado.

Carter adorava os exercícios físicos; eram a única parte de seu tratamento de controle da raiva de que ele gostava. O terapeuta do presídio tinha sugerido que Ross trabalhasse com Carter depois de um de seus memoráveis acessos de fúria, numa tentativa de canalizar parte da tensão.

Carter desabou no tatame azul e ficou deitado de barriga para cima, o peito subindo e descendo pesadamente. Ele precisava mesmo parar de fumar. Suas juntas doíam e seu rosto latejava no ponto em que o guarda o tinha esmagado contra a parede durante a aula da Srta. Lane. Ele estava encharcado de suor.

– Você mandou bem – murmurou Ross, observando o corpo inerte de Carter e entregando a ele uma garrafa d'água.

– Você quase me matou – respondeu Carter, pegando a garrafa com a mão trêmula.

Ele grunhiu ao se sentar, os músculos protestando na hora, e virou meia garrafa em três goles gigantescos, derramando um pouco nas costas em uma tentativa de amenizar o calor.

– Você precisa parar de fumar – rosnou Ross, fazendo Carter rir. – Mas você se esforçou bastante – continuou ele. – Mais que de costume. Alguma coisa nessa cabeça?

Ross e Carter tinham construído um relacionamento sincero naqueles doze meses em que vinham trabalhando juntos. Carter respeitava a atitude "tolerância zero" de Ross e gostava da maneira como exigia mais dele. Mesmo assim, Carter não estava totalmente convencido de que podia lhe contar o que ele queria saber. Ele riu por dentro porque, minha nossa!, quem dera ele próprio soubesse o que dizer para descrever aquela confusão que estava em sua cabeça.

Ele estava sinceramente surpreso por só ter jogado uma carteira longe na aula da Srta. Lane. Nunca, em toda a sua vida, ele tinha sido tomado de tal forma pela fúria que a única maneira de extravasar esse sentimento era pegar a carteira e arremessá-la o mais longe possível. Em retrospecto, tinha sido uma ideia idiota, mas ele não tinha controle sobre si mesmo.

A única coisa que o incomodava – desde que saíra da sala de Ward, após o "incidente" – era o fato de ter sido banido das aulas da Srta. Lane. Definitivamente. Não tinha permissão para chegar perto dela ou de sua sala e, por algum motivo que não estava fazendo sentido para ele, aquilo o deixava puto.

A ironia estava ali. Ele tinha reclamado e ficado de saco cheio por ter sido matriculado naquele curso. Mesmo assim, lá estava ele, confuso pra caramba porque parte dele queria estar na turma dela, ouvindo-a falar maravilhas sobre poesia e outras besteiras que ele já sabia. Queria se sentar na primeira carteira e olhar para ela, tentando intimidá-la.

A Srta. Lane tinha cativado Carter total e verdadeiramente e ele não sabia ao certo se estava

perturbado ou fascinado com aquilo. Ele mal a conhecia, mal tinha falado com ela e, mesmo assim, não conseguia tirar o rosto dela de sua cabeça. Era tão... bonito.

Puta merda. Estava perdendo a cabeça.

Xingou e bebeu o que restava de sua água antes de arremessá-la na lata de lixo, onde ela aterrissou com um estrondo. Ross se largou no chão, sentando-se ao lado dele.

– Eu ouvi falar sobre seu... episódio... na sala de aula – comentou ele, de forma diplomática.

O rosto de Carter ficou sério. Ross ergueu as mãos, na defensiva.

– Ei, cara, não estou julgando ninguém.

Carter baixou os olhos. Ross esperou.

– É que... – começou Carter. – Na real, eu estou cagando para essas aulas. Digo, não sou idiota. Eu leio e sei o que sei, mas... preciso delas para minha liberdade condicional.

Ross permaneceu em silêncio.

– Mas essa mulher... – Ele se interrompeu, querendo nada mais que arrancar a própria língua. – Eu não sei – finalizou Carter em voz baixa, mais para ele mesmo do que para o homem sentado ao seu lado.

Aquela era a explicação mais honesta que podia dar, pois a verdade era que ele *não* sabia. Não sabia por que queria voltar às aulas da Srta. Lane. Não sabia por que ela o fazia se sentir tão desequilibrado e muito menos por que ela o tinha limpado quando ele estava sangrando.

A única coisa que sabia era que tinha gostado. Tinha adorado o que ela fez e tinha adorado tê-la tão perto dele. Aquilo lhe dera chance de olhá-la com atenção. Ele já tinha ficado com muitas mulheres bonitas, mas havia algo diferente na Srta. Lane. Ela era natural, curvilínea, quase não usava maquiagem e ele tinha certeza absoluta de que os peitos dela eram os que Deus lhe dera.

Ele era um cara que gostava de peitos.

Ele tinha pensado em tocar nos dela.

Mesmo assim, o incidente da carteira tinha liquidado essa possibilidade.

Merda. A oficial de condicional ia ficar furiosa.

▪ ▪ ▪

– Bom dia, Srta. Lane – cumprimentou Ward quando Kat se aproximou de sua mesa.

Ele apontou para a cadeira do outro lado.

– Bom dia.

– Então – disse Ward, passando as mãos pelos braços de sua cadeira. – O que posso fazer por você?

Kat engoliu o nervosismo. Direto ao assunto.

– Ouvi dizer que o incidente com o Carter pode afetar seu pedido de liberdade condicional antecipada.

– Não existe "pode" nisso – respondeu Ward bruscamente. – Ele não vai a lugar nenhum pelos próximos dezessete meses. Vai cumprir a pena completa e achar ótimo.

Alguma coisa no tom de voz dele irritou Kat.

– Sim – replicou ela, mantendo o tom de voz agradável. – Sei que ele tem uma reunião com a oficial de condicional marcada para logo.

Ward confirmou com a cabeça.

– E também fiquei sabendo que não é apenas o bom comportamento que pode afetar a decisão da Junta de Liberdade Condicional.

A sobrancelha de Kat se curvou quando ela viu a expressão de surpresa tomando conta do rosto de Ward.

Ele se inclinou, descansando os cotovelos na mesa.

– Srta. Lane, aonde você quer chegar com isso?

– Tomei a liberdade de marcar uma reunião com o conselheiro de Carter, Jack Parker, esta tarde e gostaria muito de conversar com a oficial de condicional durante a visita dela. Sei que tanto você quanto Jack podem arranjar isso para mim...

Ward ergueu a mão para interrompê-la.

– Desculpe, mas tenho que perguntar de novo. Aonde você quer chegar com isso, Srta. Lane?

Kat engoliu seco.

– Quero ser tutora do Carter.

Por um momento, Ward ficou completamente perplexo.

– Você já deu aulas para ele – retrucou Ward –, e ele foi afastado porque é visível para todos que vocês dois não se dão bem.

Kat ignorou o veneno nas palavras dele.

– Pode ser; mas talvez eu não tenha sido tão paciente quanto deveria em relação a ele. Quero ajudá-lo de todas as maneiras que puder. – O rosto dela ficou quente frente ao olhar superatento de Ward. – Sei que ele foi banido de todos os outros cursos também, então suas opções são mínimas. Acho que se eu conseguir dar aulas particulares para o Carter, as chances de ele perder o controle serão significativamente reduzidas.

Kat tinha considerado essa questão com cuidado antes de entrar na sala de Ward. O fato de Carter intimidar seus alunos era um dos motivos pelos quais ela havia perdido a cabeça com ele. Se fossem só eles dois, isso facilitaria as coisas, certo?

Ward se recostou na cadeira, parecendo totalmente pasmo.

– Srta. Lane – murmurou ele. – Só para esclarecer, você quer ser tutora do Carter... em aulas particulares... porque quer ajudá-lo com o pedido de liberdade condicional antecipada?

Ela deu um sorriso largo.

Ward ficou olhando para ela, incrédulo. Ele meneou a cabeça.

– Não posso permitir.

– Hum – respondeu ela, mordendo a parte interna da boca, irritada. – Posso perguntar por quê?

Ele deu um sorriso irônico e endireitou os ombros.

– Não posso autorizar que você seja colocada em uma sala sozinha com o Carter...

– Teria um guarda junto – interrompeu ela.

Ward suspirou.

– Deixando essas obviedades de lado, Srta. Lane, você foi contratada pela penitenciária para dar aulas para um grupo de detentos durante um período específico. Agendado. Não para trabalhar como professora particular. – Ele ergueu as mãos para os céus em uma empatia zombeteira. – Não está no seu contrato e a penitenciária não pode lhe fazer um pagamento extra para isso.

Kat sorriu para Ward, mas não era, de jeito nenhum, um sorriso amável. Sabia que ele veria as coisas por esse ângulo, mas para ela não fazia diferença ser paga ou não. Em geral ela não falava sobre a fortuna de sua família, pois, no passado, isso já havia gerado certo mal-estar. No entanto, com Anthony Ward ela não se importaria nem um pouquinho. Ser filha e neta de dois senadores de sucesso garantia que sua conta bancária estivesse sempre bem provida.

– Sr. Ward – começou ela, com um tom sarcástico e uma expressão resoluta que o fizeram se mexer desconfortavelmente na cadeira –, não estou fazendo isso pelo dinheiro.

Ward se recostou na cadeira.

– Tenho que admitir que estou confuso agora, Srta. Lane – disse ele após um momento tenso de silêncio. – Vocês pareceram detestar um ao outro só de se verem. Por que, então, você faria tal coisa? O que ganharia com isso?

– Sou professora; portanto, por definição, meu trabalho é ensinar. E é isso que quero fazer. Parece óbvio que Carter tem dificuldades em estar em uma sala de aula com outros alunos. Assim, a única solução é tirá-lo de lá. – O olhar dela se tornou penetrante. – Acho que posso ajudá-lo, e o aprendizado dele vai ser o que vou ganhar com isso. Além do mais – continuou Kat, decidida a ferir o orgulho de Ward –, se ele conseguir a liberdade condicional antecipada, isso não tornaria a sua vida mais fácil?

Ela sabia que não havia, de fato, nenhuma afinidade entre Ward e Carter.

O canto da boca de Ward se curvou.

– Preciso dizer não mesmo assim, Srta. Lane. Isso levanta muitas questões e a hora extra dos guardas...

– Sim, por falar em guardas, o guarda que agrediu Carter já foi punido de alguma forma?

– Agrediu?

– Sim – respondeu Kat. – Ele torceu o pulso de Carter. Foi desnecessário e completamente hostil. Fiquei chocada.

Ela arregalou os olhos e colocou a mão no peito. Kat queria que Ward entendesse o recado em alto e bom som. Ela sabia que o guarda não tinha sido punido, apesar de seu comportamento ter sido gravado pelas câmeras de segurança da sala de aula.

– Entendo – murmurou Ward. – Bom, é claro que não toleramos violência contra nenhum dos detentos. Vou averiguar.

– Ótimo.

A família de Kat tinha grandes amigos em cargos políticos importantes. Bastaria um telefonema para ficarem todos no pé de Ward. Ele pigarreou e contraiu os lábios.

– Se eu concordar com isso – disse com arrogância e fazendo um gesto desdenhoso com a mão –, o que faz você pensar que Carter aceitaria? Ele é conhecido por ser teimoso, como você bem sabe.

Kat sorriu ao ouvir isso.

– Tenho certeza de que se você me deixar conversar com ele, fazendo-o enxergar que só estou tentando ajudar, ele vai superar o orgulho e aceitar. Caso contrário – ela deu de ombros –, vou esquecer a ideia.

– E isso seria feito no seu horário de trabalho. Sem pagamento – reforçou Ward, apontando um dedo para Kat.

– Exatamente – concordou ela, querendo arrancar o dedo da mão dele. – E vou dar a você um cronograma para que possa arranjar um guarda. De preferência não aquele que agrediu meu aluno – complementou.

– Está bem.

– Ótimo. – Kat sorriu e bateu as mãos nas coxas. – Vou me encontrar com o Jack às duas. Posso conversar com o Carter? Eu gostaria de resolver tudo antes da folga do fim de semana.

Ward bufou e cruzou os braços.

– Peça que eles me passem um rádio que eu o mando até você.

– Obrigada, Sr. Ward – disse Kat com um sorriso derretido antes de sair, fechando a porta silenciosamente.

▪ ▪ ▪

Aquela tarde, Jack Parker ouviu a bela ruiva com total atenção enquanto ela expunha sua proposta em detalhes. Ele tinha ficado muito intrigado ao receber uma ligação solicitando uma reunião com a Srta. Katherine Lane. Seu primeiro pensamento foi de que ela queria registrar uma reclamação contra Wes e seu comportamento – e Jack não a teria culpado por isso. Então ele ficou chocado quando ela contou que queria ajudar com o requerimento de liberdade condicional de Carter.

Se Carter iria topar era uma questão completamente diferente. O temperamento dele sempre o metia em confusões das quais Jack tinha que salvá-lo, e o incidente com a carteira não era exceção. O banimento de Wes das aulas tinha sido um enorme balde de água fria no requerimento de liberdade condicional; portanto Jack teve vontade de abraçar a Srta. Lane até sufocá-la quando ela ofereceu ajuda.

– Preciso confessar que estou surpreso por Ward ter aceitado isso – disse Jack sorrindo, enquanto tomava um gole de café.

– Bem, digamos apenas que sei como apostar nesse jogo – falou Kat.

O sorriso de Jack se abriu ainda mais. Já tinha passado da hora de Ward ser posto em seu devido lugar.

– Ah é?

Kat riu ironicamente por trás de sua xícara e não disse mais nada.

A porta da sala sem graça e abafada se abriu e Carter, com uma expressão submissa, entrou, seguido por dois guardas e Ward, que parecia bastante enfurecido.

– Oi, Wes – cumprimentou Jack, levantando-se.

– Oi – murmurou Carter antes de desviar os olhos para a mulher ao lado dele. – Srta. Lane –

cumprimentou, sem mudar o tom de voz.

Ela suspirou.

– Carter, você pode, por favor, se sentar?

■ ■ ■

Carter observou a postura defensiva dela e sentiu seu corpo enrijecer. Ela estava bonita pra caralho, ele tinha que admitir. Ele tinha certeza de que ela fazia de propósito, só para atormentá-lo. Ele se largou na cadeira e sorriu para Jack enquanto fazia um gesto "me-dê-o-que-eu-quero" com os dedos. Jack pegou um maço de cigarros e alguns fósforos e os jogou na mesa. Carter puxou um, colocou na boca, acendeu e puxou a fumaça com um sibilo baixo.

Observou a Srta. Lane e seus olhos verdes decididos enquanto exalava a fumaça.

– Vocês têm dez minutos – rosnou Ward.

Ele caminhou em direção à porta com passos largos e barulhentos.

– Talvez não estejamos prontos em dez minutos – retrucou a Srta. Lane. – Vamos passar um rádio para você quando terminarmos.

Ward ficou paralisado e colocou uma das mãos nos quadris enquanto coçava a testa com a outra.

– Está bem.

Jack e Carter trocaram olhares impressionados. Carter ficou feliz da vida por ela bater de frente com Ward, quem sabe até com um pouco de ciúmes por Ward estar levando uma bronca e ele, não. Parecia absurdo, mas Carter queria muito que ela começasse a brigar com ele.

– Então, alguém vai me contar por que estou aqui? – perguntou ele, olhando alternadamente para a Srta. Lane e para Jack.

Jack olhou para ele, desaprovando sua atitude, antes de gesticular para que a Srta. Lane falasse. Carter esperou enquanto ela limpava a garganta, fascinado por seu nervosismo. Era uma versão nova dela, com os dedos agitados e os ombros tensos.

– Bom, acho que podemos admitir que sua participação em minhas aulas não deu muito certo.

Ele riu.

– É, porra nenhuma, madame.

– Wes – advertiu Jack, curvando o lábio.

Carter revirou os olhos e indicou, erguendo o cotovelo, que a Srta. Lane continuasse.

– Fiquei sabendo que sua oficial de condicional virá em breve para conversar sobre o seu requerimento.

Ele deu de ombros.

– Sim. E daí?

Ela manteve o olhar firme e sereno, um fato que fez os dedos de Carter tremerem.

– Também fiquei sabendo que sua participação nas minhas aulas era para ajudá-lo com seu requerimento.

Carter expeliu o restante da fumaça e apagou o cigarro no cinzeiro com três batidas bem fortes e

calculadas. Ele continuou encarando a mulher à sua frente enquanto se recostava de novo na cadeira.

– E... – disse ele, por fim, escondendo o sorriso irônico quando viu aquela intensidade familiar explodir nos olhos da Srta. Lane.

Lá estava.

– E... – rosnou ela. – Estou me oferecendo para lhe dar aulas particulares, de modo que você possa solicitar a liberdade condicional antecipada, apesar de agir como um babaca, mesmo quando as pessoas estão tentando ajudá-lo.

Jack ficou olhando surpreso depois daquela pequena patada. Carter deixou seus olhos deslizarem fascinados pelas curvas e pela pele do rosto e da nuca da Srta. Lane enquanto o calor tomava conta do rosto dela. Ele passou a língua pelos lábios. Caramba, ela ficava linda quando estava brava.

Abruptamente, a Srta. Lane se levantou, arrastando a cadeira com força antes de derrubá-la para trás com um barulho alto. Ela olhou para a cadeira, mas não se moveu para erguê-la; em vez disso, pegou a bolsa, derrubando-a duas vezes antes de conseguir segurá-la direito.

Jack também se levantou enquanto ela se atrapalhava toda.

– Srta. Lane? – falou o conselheiro.

– Esqueça – falou, irritada, para Wes. – Não vou perder meu tempo. É óbvio que você é incapaz de ser grato quando alguém oferece ajuda. – Ela colocou a bolsa no ombro. – Mas eu entendo. Entendo que aceitar minha oferta não cairia bem para o perfil machão rebelde que construiu por aqui e entendo que morra de medo de que alguém talvez o enxergue como o cara inteligente que você é. Tenho certeza de que o Sr. Ward vai ficar entusiasmado por ter você aqui pelo resto da sua sentença. Mas quem liga, né?

Ela se virou.

Caralho!

Ao ver o fogo e o desafio em seus olhos e ao ouvir a verdade em suas palavras, Carter percebeu que ela estava lhe oferecendo um bote salva-vidas, uma forma de conseguir a liberdade condicional que ele tanto queria, e seu comportamento infantil ia fazê-la sair da sala, deixando-o sem nada. Por mais irritante que a Srta. Lane fosse, ele não podia negar que estava sensibilizado por ela ter concordado em ajudá-lo.

Ele pigarreou.

– Srta. Lane?

Ela parou em seu caminho para a porta. Seus ombros se ergueram quando ela se virou para ele com uma expressão impaciente.

– Eu, é... – começou ele, batucando com os dedos na beirada da mesa, incapaz de demonstrar gratidão, muito menos de senti-la. – Olha, eu... Eu agradeço – gaguejou, os olhos passeando por toda a sala.

A Srta. Lane olhou para Jack, que parecia igualmente sem palavras.

– Não se preocupe, foi estúpido da minha parte...

– Não – interrompeu ele. – Não foi estúpido. Foi uma boa ideia. Eu acho... – Carter olhou para Jack, buscando auxílio.

– Wes – interveio Jack. – Você está dizendo que quer que a Srta. Lane seja sua tutora?

Carter baixou os olhos, fitando a mesa, procurando pelos cigarros.

– Bom, está bem – sussurrou Jack. – Srta. Lane?

– Então – disse ela, virando-se em direção à mesa. – Vamos fazer isso?

– Eu disse que sim, não disse? – grunhiu Carter em meio à neblina de fumaça que o rodeava.

Uma expressão confusa passou pelo rosto da Srta. Lane antes de ela retornar a seu lugar.

Vinte minutos depois, com a agenda preenchida com os dias e horários em que ela e Carter se encontrariam, a Srta. Lane se levantou novamente e estendeu a mão a Jack.

Ele a apertou com entusiasmo.

– Obrigado, Katherine. Vamos conversar mais, tenho certeza.

– Certamente – respondeu ela com um sorriso. – Pode me chamar de Kat. – Ela deu uma olhada para Carter. – Vejo você na segunda.

Mas Carter permaneceu mudo. E, imóvel como uma estátua, manteve os olhos fixos na porta, que se fechou atrás dela. Sua pulsação explodia em seus ouvidos, enquanto o som do nome dela reverberava em seu crânio com cada batida feroz de seu coração.

Katherine. Katherine. Katherine.

Quando ficaram sozinhos, Jack se virou para ele com um sorriso de orelha a orelha.

– Wes, isso é ótimo! – Ele juntou as mãos em uma palma. – Ótimo mesmo, né? Wes? – repetiu Jack, enfiando as mãos nos bolsos. – Wes, você está...

– Do que você a chamou? – disse Carter, com voz rouca.

Sua respiração ficou difícil, fazendo-o ofegar. Ele colocou lentamente a mão no peito, onde um aperto, algo que nunca tinha sentido antes, o esmagava de maneira implacável.

– O quê? – perguntou Jack, confuso.

Os olhos de Carter se fecharam. Ele engoliu em seco.

– Do que você chamou a Srta. Lane?

Jack franziu a testa.

– De Katherine. Por quê?

Katherine Lane. Katherine Lane, puta que pariu.

Enquanto o mundo em volta dele entrava em pane, fazendo com que o chão da sala sumisse, Carter baixou a cabeça até os joelhos. Sua respiração vacilava enquanto o ar lutava para chegar aos pulmões.

Não podia ser. De jeito nenhum.

Não.

Quais eram as chances?

As chances eram mínimas.

Ele agarrou a própria cabeça, incrédulo.

– Não pode ser ela.

Ele puxou todo o ar que conseguiu, mas era inútil. As paredes se fechavam à medida que o pânico e a incredulidade espremiam sua garganta sem misericórdia. Ele estava sufocando.

Jack caiu de joelhos em frente a ele.

– Quem, Wes? – perguntou Jack. – Wes, fale comigo. De quem você está falando?

Ele apertou o ombro de Carter.

– Não pode ser – murmurou Carter.

– Quem? A Srta. Lane?

– Não – respondeu Carter, vagamente ciente da urgência na voz de Jack. – Ela não é a Srta. Lane, ela é... Puta merda.

– Quem? – perguntou Jack, apertando o ombro de Carter ainda mais.

Carter finalmente olhou para seu conselheiro com olhos que mal conseguiam enxergar, sua visão embaçada por lembranças tão reais que ele quase podia tocá-las.

Cabelos grossos, ondulados. Um vestido azul. Tiros. Gritos.

Ele segurou o braço de Jack e apertou, agarrando-se com toda a força, precisando de um chão, precisando de algo que o impedisse de desandar completamente. Ele reprimiu um soluço.

O homem de 27 anos forte e arrogante já não estava ali. Ele era novamente um bostinha assustado de 11 anos, desesperado por alguém que o amasse, tentando de maneira frenética salvar a vida de uma menininha apavorada.

Ele tentou responder a Jack. Cara, como tentou. Queria contar tudo a ele. Queria implorar que o tirasse daquela sala antes que ele perdesse a cabeça. Ele estava perdendo o controle. Será que a morte era assim?

Como uma represa que se racha, a memória de Carter se escancarou. Cada imagem parecia um fogo de artifício explodindo em sua visão, zunindo em seu cérebro, gritando em seus ouvidos. Ele abaixou a cabeça, estreitando os olhos e agarrando a lapela do blazer de Jack, esmagando a lã em sua mão, querendo que todo o seu corpo relaxasse e suprimisse aquela porcaria toda. Irritantemente, quanto mais tentava acalmar sua respiração, mais seu corpo se fechava.

Ele grunhiu de terror quando sua garganta se apertou mais e mais e afundou a testa suada no ombro do conselheiro, dizendo coisas que ele jamais pensou que diria desde aquela noite horrorosa dezesseis anos antes.

– Jack – sussurrou ele. – Ela é minha Pêssegos.

7

– Preciso buscar meu pai!

– *Continue andando! Precisamos nos afastar deles! Eles vão matar você! Ande!*

– Wes?

– *Não! Ele precisa de mim!*

– Wes. Você pode abrir os olhos para mim?

– *Fique parada!*

– Wesley. Está tudo bem.

Carter se ergueu rapidamente na cama da clínica, sentando-se ofegante e com os olhos arregalados. Deu uma olhada em volta, quase desesperado, e pulou quando a mão de alguém tocou seu braço. Virou-se e viu Jack em pé ao lado da cama, seu rosto enrugado de preocupação. Ele engoliu em seco, tentando ao máximo proteger a garganta irritada. A confusão em sua cabeça ainda era grande. Merda, ele queria morrer.

– Onde estou?

Ele piscou e olhou, em torno da sala, para as paredes caiadas e para a expressão de surpresa de um médico e de dois guardas.

– Você está na clínica da penitenciária, Wesley – respondeu o médico.

– É Carter. E quem diabos estava falando com você, doutor? – retrucou ele.

O médico se encolheu e deu um passo para trás.

– Wes – disse Jack suavemente. – Você teve uma crise de pânico.

Ele tossiu uma risada, ignorando o calor da vergonha que subia pelo seu corpo.

– Quem disse?

– Eu disse – interferiu o médico.

Carter ficou olhando para ele por um momento.

– Vou me mandar daqui. – Ele jogou as pernas para a direita, de modo que elas ficaram balançando no ar. – Cadê os meus sapatos?

– Receio que isso não seja possível – começou o médico.

– Eu não estou pedindo – gritou Carter.

Sentiu uma martelada bem no fundo de seu crânio. Seus tímpanos tinham se comprimido o suficiente para explodir e, ora, vejam só, pequenos pontos pretos estavam flutuando e dançando em sua visão periférica. Fantástico. Ele cerrou os olhos por uma fração de segundo para recuperar o equilíbrio, inclinando-se para a frente.

Jack colocou as mãos em seus ombros para mantê-lo ereto.

– Você tem que se acalmar – murmurou ele. – Simplesmente relaxe. Você ficou apagado por um tempo. Precisa pegar leve.

Carter pressionou entre as sobrancelhas para tentar amenizar as palpitações por trás dos olhos. Nunca tinha sentido nada parecido. Era como se a porcaria de um circo tivesse montado uma arena entre suas orelhas e fosse botar pra quebrar até que ele ficasse completamente esgotado. Nem sequer conseguiu brigar com Jack quando ele o empurrou de volta para a cama. Ele suspirou e franziu a testa para a plateia que estava parada ali observando-o, como se estivesse esperando que ele explodisse.

– Sua cabeça dói? – perguntou o médico.

Carter fitou o homem com severidade, exausto demais para conseguir pensar em algo engenhoso para responder.

– Vou buscar uns analgésicos – disse o médico, saindo rapidamente da sala.

Carter ficou surpreso ao ver que os dois guardas também saíram, dando uma olhada nervosa para Jack.

– Caramba, ao menos ainda consigo fazer com que todo mundo vá embora – concluiu Carter.

Jack enfiou as mãos nos bolsos.

– Precisamos conversar.

– Sobre o quê? – respondeu Carter, rápido demais.

Jack fitou Carter com um olhar penetrante.

– Você sabe.

Carter soltou a cabeça na cama.

Ele ainda estava confuso demais para conversar sobre... bem, qualquer coisa; muito menos sobre a revelação gigantesca que o tinha atingido na cabeça como um tijolo.

Era ela. Pêssegos. A garota com quem ele sonhava havia dezesseis anos.

A garota que ele tinha salvado...

– Wes – insistiu Jack. – É confidencial, se é com isso que você está preocupado.

– Não estou preocupado com nada, Jack. Só não tenho nada a dizer. Cacete! – rosnou Carter, agarrando os lençóis, querendo rasgá-los em pedaços para que combinassem com as sensações tumultuadas que vibravam dentro dele.

O barulho de uma cadeira sendo arrastada em direção à sua cama relembrou Carter de que Jack era um cara teimoso e que não iria embora sem algum tipo de explicação.

Jack apoiou os cotovelos na lateral da cama.

– Wes, nos conhecemos há muitos anos. Já conversamos, já discutimos, já ficamos sentados em silêncio... Mas eu juro por Deus, garoto, você nunca tinha me assustado tanto quanto ontem.

Os olhos de Carter foram ao encontro dos olhos cansados de Jack e viram apenas verdade por trás daquelas palavras. A confissão dele fez Carter se sentir estranho. Em geral, ele estava cagando e andando para os pensamentos ou sentimentos das outras pessoas, mas saber que Jack tinha ficado preocupado fez Carter sentir... alguma coisa.

– É, bom – murmurou ele, erguendo os ombros enquanto olhava para o teto. – Estou bem.

– O que é Pêssegos?

Um tremor de ansiedade subiu pela espinha de Carter, causando uma onda de náusea que se espalhou por seu corpo.

– Ninguém importante.

As palavras foram forçadas, sussurradas.

– Então Pêssegos é uma pessoa?

Carter colocou as pontas dos dedos nas têmporas e fechou os olhos.

– Jack, por favor – grunhiu ele. – Esqueça isso.

Ele esperava que o desespero embutido em sua voz fosse suficiente para conter a insistência de Jack. Uma expressão de surpresa passou pelos olhos do conselheiro e Carter compreendeu que tinha atingido o alvo, ao menos por um tempo. Ele simplesmente não tinha energia nem vontade de tentar explicar algo ou alguém em quem ele tinha pensado todos os dias desde os seus 11 anos.

Ele tinha que colocar a cabeça no lugar antes de fazer isso.

Ele tinha que colocar a cabeça no lugar antes de segunda-feira, quando teria sua aula de literatura inglesa.

Uma aula particular com ela.

Com a Srta. Lane.

Com Pêssegos.

■ ■ ■

Carter estava sentado atrás de uma mesa de madeira quando sua Pêssegos entrou e deu um largo sorriso para o guarda. O sorriso sumiu rápido quando ela percebeu a aparência propositalmente indiferente de Carter, apesar de a confiança dela nunca se abalar.

– Boa tarde – disse ela, pegando livros e papéis de sua bolsa gigante.

Carter manteve os olhos fixos no chão enquanto seus polegares giravam um por cima do outro sobre o colo. Nossa, como ele estava suando. Ela pigarreou.

Carter ergueu a cabeça, torcendo para que sua voz saísse.

– Boa tarde, Srta. Lane.

Os olhos verdes dela brilharam surpresos com esse cumprimento atipicamente amigável. Ele esboçou um sorriso, tentando parecer blasé. Por dentro, Carter só queria fugir correndo dali como um gato. Tinha certeza de que ela podia ouvir seu coração palpitando dolorosamente no peito.

Ela puxou a cadeira.

– Vamos fazer a mesma coisa que a turma está fazendo para que você não fique para trás.

Ele manteve os olhos nela, assimilando todo o seu corpo. Observou seus movimentos e as expressões que seu rosto fazia, tentando encontrar a menininha de que se lembrava como uma fotografia amassada no fundo de sua memória. Deus. Depois de dezesseis anos, ali estava ela, alheia à conexão que existia entre eles. Sabia que ela percebera que ele a estava observando. Carter ficou pensando se ela sentia o mesmo que ele quando o olhava.

– Este é o poema que vamos trabalhar.

Ela colocou uma folha de papel diante dele.

Ele se inclinou para a frente, lendo o título no topo da página.

– A Elegia de Tichborne?

– Sim – respondeu Pêssegos. – Qual é o problema?

– Os idiotas daquela sua turma nem sequer sabem quem é Chidiock Tichborne!

– Agora sabem – falou ela calmamente enquanto removia a tampa da caneta. – E o que você sabe sobre ele e sua poesia?

Carter ouviu o desafio na voz dela. Ele se concentrou nisso e não na sensação de calor do joelho dela perto do dele, embaixo da mesa.

– Sei o suficiente – afirmou ele, cruzando os braços.

– Por favor – pediu ela com a mão –, me dê esse regalo.

– Regalo? – zombou. Carter coçou o queixo. – Tichborne nasceu em Southampton, Inglaterra, em 1558 – começou ele. – Em 1586, participou da Conspiração Babington, para assassinar a rainha Elizabeth e substituí-la pela católica Maria da Escócia. Mas eles se ferraram. Ele foi preso e, e em seguida, enforcado, afogado e esquartejado.

Contendo o riso perante o choque dela, continuou:

– Este poema foi o único que ele escreveu enquanto aguardava sua execução. Meio inapropriado para se estudar em um presídio, não acha, Srta. Lane?

– Você gosta de história.

Carter deu de ombros.

– Acho legal. Mas prefiro literatura inglesa.

Ele deixou que sua resposta cheia de intenções pairasse entre eles.

Ela lambeu os lábios.

– Então, me fale sobre o poema.

– Ele usa paradoxos e antíteses – comentou. – Oposições e contradições. Faz isso para destacar a tragédia pela qual está passando; o que, se você parar para pensar, é bem idiota.

– Por que você acha isso?

Carter riu.

– Ele errou, então tem que pagar o preço. Sua dívida.

– Parece que você entende um pouco desse assunto.

Carter ergueu as sobrancelhas e deu uma olhada em torno da sala, fazendo os olhos ficarem arregalados e evidentes.

– Sei que você está pagando pelos seus erros. Mas ele era tão jovem, jovem demais para morrer. Você não sente empatia por Tichborne de alguma maneira?

– Empatia? Não – respondeu ele com firmeza. – Inveja? Sim.

– Por que você o inveja?

Carter manteve os olhos na mesa entre eles.

– Pelo fato de que ele está prestes a morrer – murmurou. – E começa a ver as coisas com muito mais clareza. Tem foco, discernimento. Invejo isso nele.

– Você quer discernimento?

Carter sorriu.

– Querer e precisar são duas coisas bem diferentes, Srta. Lane – respondeu ele. – Preciso de discernimento. Preciso de foco.

Então ele olhou para ela, porque quem dera houvesse qualquer outra coisa que ele pudesse fazer ou dizer naquele momento. Carter sabia que ter descoberto a identidade dela seria o passo inicial para que ele encontrasse, pela primeira vez em anos, algum tipo de foco em sua vida. E mesmo enquanto falava de Tichborne como se soubesse do que estava falando, era somente com sua Pêssegos, sentada à sua frente, que ele realmente compreendia a própria necessidade daquilo.

– Pêssegos – sussurrou ele, assimilando cada centímetro de seu rosto: os cabelos vermelhos que o engoliram quando ele a jogara no chão e ela lutara para voltar para perto do pai e os olhos que tinham derramado lágrimas tristes e apavoradas.

– O quê? – perguntou ela em voz baixa. – O que você disse, Carter?

E foi assim que o momento passou.

Como se tivesse acordado de um sonho, Carter se endireitou, dando uma espiada no guarda antes de se esparramar na cadeira de novo.

– Mas sabe como é – murmurou ele, pegando do bolso o cigarro que Jack tinha lhe dado, sua barreira de proteção se erguendo novamente. – Que diabos eu sei, né? Você que é a professora genial.

Uma vozinha no fundo de sua consciência ralhava com ele por ser tão babaca enquanto a expressão dela mudava de calma para furiosa. Mas estava tudo bem, disse a si mesmo. Podia lidar com a raiva dela. Era sexy. Sua raiva o deixava excitado. Eram todas as outras coisas que o assustavam demais.

– Sim – retrucou ela. – Sou mesmo e quero que você faça essas atividades. – Ela esmurrou outra folha de papel na mesa em frente a ele, repleta de perguntas e tarefas. – Tenho certeza de que, com seu conhecimento universal, você não terá problemas, certo?

Lançou-lhe um olhar que o desafiava a retrucar alguma coisa, a recusar. Ele não o fez.

Em vez disso, pegou a caneta que ela havia largado sobre a mesa e começou a fazer os exercícios propostos, pois, enquanto ela permanecesse sentada diante dele, olhando-o fixamente com toda a sua raiva e encanto, Carter sabia que faria qualquer coisa que lhe pedisse.

Qualquer coisa mesmo.

8

Kat organizou os cadernos e as canetas em pequenas pilhas em sua mesa, dando uma olhada nos alunos enquanto eles eram escoltados para fora da sala de volta às suas celas.

– Belo trabalho hoje – Kat elogiou Riley quando ele se aproximou com um sorriso tímido. – Quem diria que Shakespeare aumentaria seu entusiasmo pela palavra escrita?

Ela estava explodindo de orgulho pela dedicação de Riley à sua redação. Ele vinha se esforçando tanto e, apesar de sua dislexia deixá-lo frustrado, era óbvio que era muito inteligente.

Riley deu um sorriso malicioso, balançando-se sem sair do lugar.

– É. – Ele deu de ombros enquanto seu indicador tocava no exemplar de *O mercador de Veneza* de Kat. – Não curto esse negócio de poesia, mas meio que gosto desse tal de William.

Kat riu e se debruçou na mesa, cruzando os braços.

– O que posso fazer por você, Riley?

Ele pareceu nervoso e estalou as juntas ruidosamente.

– Você sabe que a reunião de análise da minha liberdade condicional é na semana que vem, né?

Kat assentiu com a cabeça.

– Moore! – gritou o guarda atrás deles. – Acabou o tempo!

– Com licença! – rosnou Kat, levantando-se. – O Sr. Moore quer discutir algo importante comigo com relação ao aprendizado dele e não precisa que você – ela apontou um dedo acusador na direção dele – fique gritando com ele enquanto isso.

O guarda pareceu sem palavras. Kat se voltou para seu aluno.

– Desculpe, Riley. Continue.

Ele juntou as mãos.

– Hum... É, então, a reunião de análise da minha liberdade condicional é na semana que vem e eu estava pensando... – Ele esfregou um pulso no outro. – Digo, sei que você está ajudando o Carter – disse, colocando o peso do corpo em cima do outro pé.

– O que você quer de mim, Riley? – perguntou Kat de forma gentil, botando a mão sobre a dele em uma tentativa de acalmá-lo. – Pode me pedir qualquer coisa; se eu puder, vou ajudar.

Os ombros de Riley pareceram desabar de alívio.

– Jack disse que você ia falar isso, porque você é legal e tudo o mais.

Kat riu.

– Obrigada.

– Você faria um... um relatório de personalidade na frente da banca? Você sabe, para me ajudar a

conseguir uns pontos extras, dizendo que cara incrível eu realmente sou?

Naquela manhã, um Anthony Ward bem agitado tinha pedido a Kat um relatório escrito. Parecia que ele não gostava nem um pouco quando seus detentos ganhavam liberdade. Imbecil.

Kat apertou o braço de Riley.

– Com o maior prazer.

– Sério?

– Sim, sério – respondeu Kat.

– Você é do caralho, Srta. L! – gritou ele, abraçando-a com tanta força que quase a sufocou.

■ ■ ■

Kat atravessou, apressada, o corredor em direção à sala de aula; atrasada, mas animada. Estava muito ansiosa para se perder na cabeça de Carter mais uma vez. Tinha ficado pasma com o conhecimento que ele demonstrara na primeira aula. Sabia que ele era inteligente. Havia lido em sua ficha. Mas, nossa! Ele era mais que isso. O cara era inteligente e educado de uma maneira extraordinariamente sedutora.

Ela sorriu para o guarda à porta e entrou, vendo Carter parado no canto da sala, as mãos entrelaçadas e um cigarro quase no fim pendendo de seus lábios. O rosto era severo e ficou ainda mais quando ele olhou para ela. Arrancou o cigarro da boca, fazendo com que as cinzas caíssem no chão.

– Ah – zombou ele. – E cá estava eu, achando que você estava ocupada e não iria conseguir cumprir seu compromisso.

Kat colocou a bolsa na mesa. Conteve-se para não retrucar, lembrando-se das palavras de Rachel sobre a rotina ser vital para os detentos.

– Me desculpe – disse ela.

Ele ficou andando de um lado para outro, suas longas pernas tomando conta do local.

– Fiquei conversando com Riley, daí encontrei Jack no caminho e...

– O quê? – gritou Carter, o que fez o guarda colocar a mão no cassetete em sua cintura.

– O quê? – repetiu ela com calma.

– E o que foi que ele disse para você, hein? – berrou Carter, dando um passo gigantesco em direção a ela.

Kat cruzou os braços, permanecendo firme diante da fúria selvagem no rosto dele.

– Só conversamos sobre a vinda da sua agente de condicional na semana que vem – respondeu ela. – Ele quer que eu converse com ela sobre nossas aulas. Acha que meu envolvimento direto vai ajudar no seu requerimento.

Ela observou a ira nos olhos dele diminuir e seu peito forte e largo começar a desacelerar. Ele engoliu em seco e ela observou o pomo de adão subir e descer em sua garganta. Ela sacudiu a cabeça para afastar os pensamentos inapropriados. Principalmente aquele em que ela passeava com a língua

pela tatuagem negra, que a provocava sem misericórdia, no pescoço dele. Ela ficou pensando em até onde o desenho iria...

Kat retomou o foco.

– Carter, peço desculpas. Estou aqui agora, então podemos começar a trabalhar.

Ela soltou os braços ao lado do corpo, mostrando que não estava na defensiva, e apontou para a cadeira ao lado da mesa.

Carter passou a mão pelo rosto e se moveu até a cadeira, onde se sentou e apagou o cigarro.

– Então, que tipo de diversão você trouxe para mim hoje, Srta. Lane? Porque, preciso lhe dizer, mal consigo me segurar de ansiedade.

– Vamos nos ater ao Tichborne por hora – respondeu ela, ignorando o sarcasmo dele. – Eu quero dar uma analisada no trabalho que você fez para mim ontem.

– Ótimo – respondeu Carter secamente, tirando outro cigarro do bolso.

Enquanto Kat puxava sua cadeira para o lado dele, Carter fez um sinal para que o guarda lhe desse um fósforo, e foi o que o guarda fez. Ele deu uma longa tragada antes de soltar a fumaça, mas parou de repente ao perceber quão próxima ela estava. Ele ficou olhando enquanto ela se sentava, cruzava as pernas e revirava alguns papéis.

– O que foi? – perguntou ela.

Com o cigarro ainda pendurado na boca, ele olhou para baixo, para o pequenino espaço entre eles, e então para o vazio que ela havia deixado do outro lado da mesa.

– Ora, por favor – zombou ela. – Do que você tem medo, de pegar piolho da professora?

Carter puxou o cigarro da boca.

– Não, não estou preocupado com esse tipo de coisa. Só estou surpreso.

– Surpreso?

Ele coçou o braço com o polegar.

– De ver como você esconde bem o seu medo.

Os olhos dela se estreitaram.

– Não tenho medo de você.

– Ah, Srta. Lane, não me provoque.

Ele sorriu de um jeito sexy.

Ela o encarou por um momento antes de se recostar na cadeira e cruzar os braços.

– E por que eu deveria ter medo de você?

Carter se inclinou para a frente na cadeira, soltando a fumaça pelo nariz, de modo que ela se dividia tentadoramente quando atingia seu lábio superior.

– Você deveria ter medo, Pêssegos – murmurou ele. – Já fiz coisas que fariam sua linda cabecinha pirar, e você estando assim tão perto – ele apontou com o queixo para o espaço entre eles e seus olhares se encontraram –, bem, me faz querer ser mau de novo.

O ar pareceu faltar nos pulmões de Kat.

Carter sorriu, aparentemente satisfeito consigo mesmo, e se recostou na cadeira.

Babaca arrogante.

– Presumo que você tenha gostado do meu trabalho, hein?

Ele começou a ler os comentários feitos às respostas dele.

– É... Eu, hum... Sim, é... O quê?

– Eu disse que você gostou. – O canto da boca dele se curvou em um sorrisinho presunçoso. – Então, vamos fazer alguma atividade hoje ou o quê?

Ainda envergonhada por ser incapaz de elaborar uma frase completa, Kat puxou os papéis mais para perto enquanto se inclinava, colocando seu braço a um centímetro do dele. Ela sentiu a excitação. Kat conseguiu manter o braço naquela posição por uns sessenta segundos antes de ter que tirá-lo dali.

Pelos 45 minutos seguintes, Kat assistiu a Carter completar atividade após atividade, obediente e observador. Seus tópicos de discussão eram perspicazes e o som da voz dele, à medida que se entusiasmava com o poema, fez seu estômago se contorcer da maneira mais deliciosa. Sua sobrancelha se enrugava de forma adorável quando ele se concentrava e seus olhos ficavam mais escuros quando ela dizia algo que o desafiava. Discutir com ele sobre métrica, imagens e metáforas era inegavelmente sexy.

Uma espécie de preliminares acadêmicas que deixaram Kat ansiando por mais.

Antes que ela percebesse, os guardas vieram para levar Carter de volta para a cela. Ela arrumou as coisas devagar, incapaz de refutar a sensação ruim que preenchia seu estômago ao pensar que não iria vê-lo por dois dias.

Quando chegou à porta, ela ouvir Carter se levantar.

– Srta. Lane.

Ela se virou.

– Sim, Carter?

O lado esquerdo da boca dele se ergueu.

– Até segunda.

■ ■ ■

Com um cartão de aniversário e um presente lindamente embrulhado em mãos, Kat entrou no restaurante italiano preferido de Beth no SoHo e riu quando viu a amiga. Um adesivo enorme e brilhante, onde estava escrito VINTE E CINCO, cobria a lateral de seu vestido rosa que ia até o joelho, acompanhado por uma faixa de um rosa mais intenso.

– Kat, você veio! – gritou ela, animada, enquanto se aproximava.

– Claro, eu não perderia por nada!

Beth ficou parada como se estivesse em choque, olhando para a amiga de um jeito que fez Kat esfregar nervosamente as mãos pela blusa de seda e a calça jeans preta.

– O que foi? Por que você está me olhando assim?

– Tem algo diferente em você. – Beth ofegou, depois sorriu. – Você está toda radiante e... Caramba! Qual o nome dele?

A boca de Kat se escancarou; depois, ela bufou de leve.

– Deus, você está louca. Saia da frente.

Beth seguiu o indicador de Kat, que apontava na direção do bar.

– Só estou fazendo uma observação – disse ela.

– Bem, prefiro que você observe isto aqui. – Ela sorriu, entregando o presente a Beth. – É meu e da minha mãe.

A *clutch* vermelha da Hermès era exatamente o que Beth tinha pedido, de maneira não muito sutil, nos dias anteriores ao seu aniversário. Ela abraçou a bolsa contra o peito e arrulhou de um jeito fofo. Quem dera todos fossem tão fáceis de agradar.

Kat deu uma olhada na área do bar enquanto elas esperavam por suas bebidas.

– Adam ainda não chegou?

Beth meneou a cabeça enquanto entregava uma nota de vinte ao bartender.

– Ele teve que trabalhar até tarde. Deve chegar logo.

– Essa vida de diretor financeiro, hein? – constatou Kat, sorrindo.

– Ele tem trabalhado tanto com o irmão – disse Beth. – Mal temos conversado nesses últimos tempos. Quando não estou corrigindo avaliações e preparando aulas, estou planejando o casamento, que decidimos que será no próximo verão. Aliás, você vai ser madrinha.

– Ah, nossa – brincou Kat.

– Seja boazinha – repreendeu Beth. – Não vou ser uma "noivazilla"!

Elas riram.

– Mas e você? Como anda a vida atrás das grades?

– Nada parecida com o que eu tinha imaginado.

Kat descreveu seus alunos incríveis e as aulas particulares com Carter, contando também os momentos de tensão com Corey e Jason.

– Você parece feliz, Kat – afirmou Beth com sinceridade enquanto elas pegavam as bebidas no bar. – E a felicidade cai bem em você.

As bochechas de Kat coraram.

– É bom finalmente estar fazendo algo que parece certo.

– Seu pai estaria orgulhoso.

– Acredito que sim. Estou ajudando e me sinto muito bem.

Kat contornou a borda do copo com o indicador.

– Então por que essa carinha? Qual o problema? – perguntou Beth.

Kat hesitou.

– Queria que minha mãe percebesse como estou feliz. Puxa, mal conseguimos ficar no mesmo recinto por cinco minutos, brigamos tanto. – E aquilo doía. – Ela está convencida de que alguma coisa vai acontecer comigo, em vez de confiar em mim e ficar orgulhosa. É como se o que faço não fosse bom o suficiente e eu estivesse fazendo tudo isso para irritá-la.

Beth apertou o ombro de Kat.

– Ela sempre vai se preocupar, amiga. É isso que as mães fazem. Ainda mais no seu caso.

– Eu sei, mas...

– Tente, talvez, demonstrar um pouco mais de compreensão.

Kat cerrou os dentes. Ela não queria ouvir aquilo. Adorava Beth, mas a empatia constante da amiga em relação ao comportamento de sua mãe estava começando a encher o saco.

– Então – disse ela, mudando de assunto. – Além de trabalhar demais, como está o Adam?

– Está bem. Convidou o irmão, Austin, para vir aqui hoje. Ele é CEO de uma grande empresa de telecomunicações, a WCS. Ele se divorciou no inverno passado e Adam está determinado a colocá-lo "de volta no mercado". Ele é muito legal e bem bonito.

Kat levou um momento para reconhecer o tom na voz de Beth.

– Ah, não, não, não! – exclamou Kat, sacudindo a cabeça. – Não preciso de homem nenhum agora.

– Hum. Se você diz... – Ela fez uma careta de escárnio. – Reivindicar sua castidade aos 24 anos está, tipo, na moda agora?

Kat empurrou a amiga de forma brincalhona.

– Cale a boca!

Beth riu e seus olhos se arregalaram por cima do ombro de Kat.

– Ele chegou!

Ela atravessou o restaurante praticamente aos pulos e deu um beijo e um abraço em Adam. Ele era apenas alguns centímetros mais alto que Beth, com cabelo castanho bem cortado. Usava calça jeans escura e uma camisa vermelha. Tinha olhos verdes e lindos dentes brancos.

– Bom ver você, Kat – disse ele quando ela se aproximou. – O que posso comprar para você be...

– Desculpem o atraso. O trânsito estava uma porcaria e o taxista era um tapado!

Kat se virou na direção da voz e viu uma cabeça coberta por um caos de cabelos pretos. Era aquele look acabei-de-sair-da-cama e caía bem nele. O cara era alto, maior que Kat e Beth, e sorriu para as duas antes de voltar sua atenção para Adam, que deu um tapinha em suas costas antes de pedir uma rodada de bebidas.

– Kat, este é Austin Ford, irmão do Adam – disse Beth. – Austin, esta é minha amiga Kat Lane.

– Oi – cumprimentou ela, esticando a mão. – Prazer em conhecê-lo.

Austin se inclinou e pegou a mão dela, dando um beijo leve no dorso.

– O prazer é todo meu.

É, ele era bem atraente. Tinha ombros largos, cobertos por uma polo preta aberta no pescoço, exibindo uma corrente escura. Os braços eram bronzeados e fortes, combinando com o rosto másculo e anguloso. Ele lembrava o Adam, mas parecia mais viril.

Kat o analisou discretamente enquanto bebericava seu martíni. Ele tinha todas as características que costumavam atraí-la e, se fosse tão gentil quanto aparentava, era um partidão. Mas uma sensação de mal-estar no fundo do estômago a fez interromper sua análise de Austin.

A sensação se tornou mais forte quando Austin sorriu. Aquele era um gesto irritantemente familiar, que fez a pele de Kat queimar.

– Então, Kat, o que você faz? – perguntou Austin, percebendo que ela o encarava.

– Sou professora – respondeu ela rapidamente. – De literatura inglesa.

– Que nem a Beth – comentou ele. – Isso é ótimo. Em que escola você dá aula?

– Na verdade, dou aulas no presídio Arthur Kill.

As sobrancelhas de Austin sumiram em meio à franja.

– Uau! – exclamou ele, dando uma olhada confidencial para o irmão, que tossiu, um tanto desconfortável.

Kat franziu a testa. Então tá.

– Beth não mencionou isso – disse Adam em voz baixa, olhando para a noiva.

Beth deu de ombros.

– Por que mencionaria?

– Arthur Kill, hein? – refletiu Austin, os olhos ainda no irmão. – Que mundo pequeno. Nós conhecemos um cara que passou um tempo lá. Deve exigir certa paciência.

Kat concordou com a cabeça; a troca de olhares carregada entre os dois homens a estava deixando bastante curiosa.

– Vamos lá – disse Austin, indicando a mesa para Kat. – Me conte mais sobre isso.

■ ■ ■

Carter mal podia esperar pela manhã de segunda-feira e se certificara de extravasar toda a sua energia nervosa no saco de pancadas que Ross segurara à sua frente.

Permitiram que ele entrasse na biblioteca da penitenciária no domingo à tarde. Após ouvir de um Riley bem prolixo qual era a peça que a turma estava estudando, Carter imediatamente encontrara um exemplar de *O mercador de Veneza* e alguns estudos analíticos sobre o texto, que lera de ponta a ponta durante a noite. Já tinha lido a peça antes e conhecia todos os personagens e a trama, mas, quando terminou, sabia que estava pronto para qualquer coisa que sua Pêssegos pudesse jogar em cima dele.

Ele se encontrava sentado à mesa da sala quando ela entrou. Cacete, ela estava linda. O cabelo estava solto e uma onda suave se formava na porção que emoldurava seu rosto. Por mais que Carter adorasse o cabelo dela, ele adorava ainda mais ver seu rosto, e ficou irritado por ele estar parcialmente coberto. Ele cruzou os braços para resistir à vontade de colocar aquela mecha para trás da sua orelha.

– Boa tarde, Srta. Lane. Como vai você hoje?

Ela parou, parecendo confusa.

– Estou bem, e você?

– Ah, estou ótimo.

Melhor ainda agora que você chegou.

– Então, hoje vamos começar com Shakespeare – disse ela, observando-o com cautela enquanto pegava todo o material na bolsa e o dispunha na mesa entre eles.

Carter achava que aqueles traços perfeccionistas dela eram, por um lado, adoráveis e, por outro, irritantes.

– Beleza – respondeu ele, repousando os braços na beirada da mesa.

Pêssegos remexeu novamente em sua bolsa e pegou um maço de Marlboro, que jogou para ele.

– Cale a boca – disse ela, brincalhona.

Carter sorriu e puxou um cigarro. Ele o colocou entre os lábios.

– Sim, senhora.

Quando o cigarro estava aceso, Pêssegos novamente colocou sua cadeira ao lado de Carter à mesa. Ele estava um pouco mais preparado dessa vez, mas isso não impediu a pulsação de desejo que se espalhou por seu corpo quando ela cruzou as pernas. Tinha pernas bonitas, com curvas em todos os lugares certos. E não eram magricelas. Havia carne suficiente ali para apertar. Para chupar. Para se enrolarem em seu...

– *O mercador de Veneza* – disse Pêssegos, colocando a peça na frente dele. – Me diga o que você sabe – pediu ela, apoiando o rosto na mão.

Carter se mexeu na cadeira.

– Ambientada na Itália, é classificada como comédia, mas muitos acham que é uma tragédia por causa do tratamento do protagonista, Shylock.

Carter pegou o livro e o folheou.

– Quem é Shylock?

– Shylock é um agiota que por acaso é judeu em uma sociedade shakespeariana predominantemente cristã. Pior para ele.

Pêssegos riu.

– Acho que é mesmo. Estou interessada, contudo, em por que você diz que é uma tragédia. O que é trágico com relação a Shylock?

– Ele é classificado como vilão por causa de sua religião.

– Ele é classificado como vilão por causa de suas cobranças de pagamento por um empréstimo – retrucou Pêssegos.

– Besteira – continuou Carter, com o indicador pressionando o meio do livro. – As cobranças que ele faz são justas.

– É mesmo? Exigir uma libra de carne para sanar uma dívida monetária é justo?

Carter suspirou. Ela não fazia ideia de como suas palavras eram relevantes para ele e para a vida que levava.

– Se você não pode pagar uma dívida, não deveria dar sua palavra.

Os olhos de Carter admiraram uma mecha de cabelo que caía sobre a bochecha dela. Ele ficou imaginando como seria senti-la entre os dedos.

– Sua exigência de uma libra de carne pode parecer macabra – continuou –, mas a maneira como ele é injuriado por causa de sua religião é ainda mais. Ele é insultado por conta de sua fé; a cobrança que faz simplesmente reforça isso. A cobrança é esperada por causa do preconceito dos babacas de mente limitada em volta dele.

Pêssegos ficou olhando para ele.

– Você entende bastante de dívidas?

– Entendo – respondeu ele. – Você entende?

– Sei como é dar sua palavra a alguém – disse Pêssegos após um momento. Os olhos dela repousaram no livro, aberto na fala mais infame de Shylock. – Sei como é cumprir sua palavra

porque você não tem outra escolha, pois ama tanto aquela pessoa que seria uma tragédia se não fosse até o fim.

E foi então que aconteceu.

Carter não conseguiu se conter. Era como se seu corpo estivesse agindo por conta própria, atraído por ela, desesperado por tocá-la. Ela parecia tão triste. A mão dele se moveu lentamente em direção ao seu cabelo e ele colocou aquela mecha atrás de sua orelha. Mal conseguia respirar quando seus dedos tocaram aquela pele macia.

O guarda perto da porta pigarreou.

Pêssegos instantaneamente se recostou na cadeira e passou a mão no local que ele tinha tocado. Carter esfregou as pontas dos dedos na coxa para diminuir o calor que permaneceu ali.

– Eu... Merda – murmurou ele, pegando outro cigarro. – Eu não devia. Desculpe. – Ele acendeu o cigarro e tragou três vezes seguidas. – Você só... Você parecia chateada, sabe, e... Droga. Eu não...

Tudo o que ele queria era fazê-la se sentir melhor; sorrir, talvez.

– Carter – disse ela, colocando a mão em seu ombro.

Os olhos dele foram ao encontro dos dela, o cigarro pendendo da boca.

– Está tudo bem. – Ela deu um sorrisinho. – Eu gostei. Obrigada.

Carter piscou.

– Tá – respondeu ele. – Tá. Tanto faz. Beleza.

Pêssegos soltou o ombro dele depois de dar um aperto tranquilizador e puxou o livro para mais perto.

– Vamos continuar?

Carter grunhiu e esfregou as mãos no rosto.

– Manda ver nessas coisas aí do Shakespeare, Pêssegos.

– Pêssegos? – perguntou ela abaixando o rosto. – Você fica me chamando disso. De onde veio?

Carter começou a sentir certo pânico.

– É, hum... – Ele brincou com o maço de cigarros. – Não sei. Por quê? Você se ofende?

– Não, só estou curiosa.

Ele tragou o cigarro longa e lentamente.

– Posso chamar você de Srta. Lane, se preferir.

Ela ficou em silêncio por uns segundos.

– Não – respondeu por fim. – A maioria das pessoas me chama de Kat, mas acho que você pode me chamar de Pêssegos. Com uma condição.

– Qual condição? – perguntou ele com um sorriso pervertido.

Pêssegos cruzou os braços, pressionando os seios para cima de um jeito que era fantástico em todos os sentidos.

– Se eu puder chamar você de Wes.

Carter ficou olhando para ela. Cacete. O nome dele nunca tinha soado tão suave, tão... bacana.

– Eu... Isso é... Não tenho certeza. Quero dizer, só o Jack me chama assim – gaguejou ele, jogando o cigarro no cinzeiro. – Não sou... Ai...

Ele colocou as duas mãos na cabeça. Como podia explicar o ódio por seu nome cristão? Aquela

era uma história longa e deprimente.

– Tudo bem, eu entendo – disse ela, tocando o ombro direito dele. – Na verdade, em vez disso, talvez eu deva dar a *você* um apelido de fruta. Que tal Kiwi?

A gargalhada que explodiu de dentro dele foi uma sensação nova e fantástica. Pêssegos riu junto com ele. Cacete, ela ficava linda quando ria. O rosto se iluminava e os olhos se espremiam, quase sumindo. Carter estava embasbacado.

– Bem, chega disso. – Ela sorriu. – Vamos trabalhar.

Os tópicos de discussão que ela levantou induziram a debates acalorados, que ambos curtiram mais do que deveriam. Eles discutiram e questionaram um ao outro, mas o clima foi divertido, leve e, Carter não podia negar, sexy pra caramba.

– Merda – xingou Pêssegos, pegando Carter de surpresa. – Está tarde.

Ele deu uma olhada no relógio. Eles tinham passado 25 minutos do horário.

– O tempo voa quando estamos nos divertindo, né? – brincou ele.

A piscada que ele deu para ela fez suas bochechas corarem.

– Você, hum, tem um encontro ou algo assim? – perguntou Carter enquanto ela se apressava, jogando todas as suas coisas na bolsa.

– Ah, não! – Ela balançou a cabeça vigorosamente. – Não tenho um encontro. Estou... estou solteira.

Ela se calou e fechou os olhos por um instante.

Carter mal podia esconder sua alegria. Ou seu alívio. Ela não pertencia a ninguém. Nenhum homem a tinha reivindicado. Ele ficou perplexo. Será que eram todos insanos, porra?

– Ei, Srta. Lane – chamou ele com um sorriso enquanto ela atravessava a sala com suas coisas. – Gostei de hoje.

– Eu também – respondeu ela, com o mesmo sorriso. – Ah, Carter... – Ela se virou para ele enquanto o guarda abria a porta. – É Pêssegos.

9

Carter estava ansioso e nervoso. Droga, onde *diabos* Pêssegos estava?

Ele aguardava sentado em uma sala melhor do que as que costumava frequentar, ao lado de Jack e de seu advogado com cara de rato. Diane, a avaliadora do seu caso, chegaria em 15 minutos e Pêssegos *ainda* não tinha chegado. Ela com certeza estava no prédio; Jack tinha contado a ele quando Carter perguntara casualmente por onde ela andava. Ele não conseguiu ignorar o jeito como Jack o olhou. Aquilo o deixou nervoso.

A porta se abriu e a perna de Carter parou de tremer quando Pêssegos entrou. Ela estava deslumbrante com uma blusa azul-clara e uma saia-lápis preta. Seu cabelo estava preso em um coque frouxo e Carter imediatamente quis soltá-lo e agarrá-lo, só para ver se ainda tinha o cheiro de pêssegos doces de que ele se lembrava.

– Desculpem meu atraso – disse ela a Jack, dando uma olhada para Carter.

Carter percebeu o olhar e sorriu. Jack pigarreou e a alegria de Carter sumiu na hora. Merda. Jack tinha noção de que estava rolando "alguma coisa" entre os dois. E, desde que o idiota ali tinha desmaiado, volta e meia fazia perguntas sobre Pêssegos. Era só uma questão de tempo até que Jack descobrisse tudo.

Ele teria que ser mais cauteloso. Sabia que ficava muito mais calmo perto dela. Quando se tratava de Pêssegos, o temperamento dele tinha ficado sob controle e, por mais positivo que isso fosse, poderia se mostrar muito perigoso. Com esse pensamento, ele se largou na cadeira, afastando os olhos dela, e começou a cutucar a cutícula do polegar direito.

Naquele exato momento, Ward entrou na sala, seguido por Diane. Era uma mulher notável na casa dos 35 anos, com grandes olhos escuros e cabelos castanhos que escorriam até pouco abaixo dos ombros em ondas profundas.

Ward começou apresentando Pêssegos, que corou lindamente quando Diane a elogiou por seu trabalho. Diane foi até a mesa de Carter e, sem dizer uma palavra, pegou todos os papéis de que precisava. Ela se sentou na cadeira à frente de Carter e começou a escrever no topo do formulário de requerimento.

– Como você está? – perguntou ela. – Você parece bem.

– É que sou elegante – respondeu ele em seu tom blasé e arrogante de sempre.

Diane ignorou.

– A banca avaliadora da liberdade condicional vai se reunir daqui a seis semanas. É quando vai

ser sua audiência. Mas tenho algumas preocupações com relação a certas questões que podem afetar seu requerimento.

Os pelos de Carter se arrepiaram.

– Tenho evidências aqui – afirmou Diane enquanto pegava outro formulário – de que você demonstrou comportamento agressivo com outros detentos, funcionários, incluindo a Srta. Lane e o Sr. Ward, e agrediu guardas quando estava sob a vigilância deles.

– Isso aconteceu porque um deles me agrediu – enfureceu-se Carter. – Quase quebrou a porcaria do meu pulso!

– Wes – avisou Jack com um aceno imperceptível de cabeça.

– Vou averiguar essa questão – Diane garantiu a Carter, fazendo uma anotação em sua agenda. – Mas, mesmo assim – continuou ela, erguendo a cabeça –, você tem muito mais pontos negativos do que positivos a essa altura. A questão é: o que você está fazendo para compensar esses incidentes?

– Como você sabe – disse Jack após um momento tenso de silêncio durante o qual Carter fingiu que seu sapato direito era a coisa mais fascinante do planeta –, Wes tem trabalhando com a Srta. Lane três vezes por semana, estudando literatura inglesa.

– Sim, estou sabendo disso – respondeu Diane. – Como têm sido as aulas, Srta. Lane?

Pêssegos sorriu.

– Excelentes. Carter está trabalhado bem. Ele é empenhado e tem boas ideias a respeito dos tópicos que discutimos.

Diane fez uma anotação rápida.

– Fiquei sabendo que você e Carter tiveram alguns, digamos, desentendimentos logo que começaram.

Pêssegos cruzou as pernas.

– É verdade.

– Mas não mais?

– Não. Carter e eu chegamos a um entendimento com relação à conduta dele durante as aulas. Sua atitude tem sido positiva e cooperativa. É evidente que ele quer aprender e ir bem.

– Isso é ótimo, Carter, mas... – disse Diane com um aceno de cabeça.

– Mas? – perguntaram ele e Jack em uníssono.

– Mas os membros da banca não são idiotas. Têm noção de que o fato de você estar tendo essas aulas pode ser uma maneira de simplesmente ganhar pontos com eles.

– Com todo o respeito – interrompeu Jack –, não é essa a intenção?

– Sim, é claro – concordou Diane. – Mas Carter precisa mostrar que está fazendo isso porque quer e que percebe tudo o que aprende como útil a longo prazo. – Ela se virou para Carter. – É disso que se trata a liberdade condicional, Carter: do longo prazo. – Ela o fitou com olhos severos. – Preciso ser honesta. Apesar de você se qualificar, a banca pode enxergar sua conduta passada como uma demonstração de que não observa as regras desta instituição.

Os olhos de Carter se viraram, indecisos, para Pêssegos, a decepção estampada em seu rosto.

– Qual seria o período desse longo prazo de que estamos falando? – perguntou o advogado de

Carter, enquanto fazia anotações em um bloco amarelo. – Quanto tempo vai durar a condicional de Carter?

Diane se recostou na cadeira.

– Pela elegibilidade dele, se o examinador da audiência conceder a condicional, isso significa que ele seria libertado com quinze meses de antecedência.

– Doze meses, então – o advogado concluiu para ela.

– Creio que sim. Eu ficaria surpresa se eles concordassem com qualquer período mais curto. Os primeiros nove meses devem ser monitorados de perto por mim, como oficial de condicional designada, e pelo Jack, se ele quiser continuar os encontros deles depois da condicional.

– Então, nós continuaremos as aulas particulares depois da soltura? – perguntou Pêssegos.

– Isso com certeza seria algo a se pensar – respondeu Diane. – Mostraria à banca que Carter está dedicado e levando a sério a reabilitação. Precisam discutir entre vocês e decidir antes da audiência. Há algo mais que você gostaria de perguntar ou acrescentar, Carter?

Carter limpou a garganta.

– Se, hum, se eu continuar com as aulas particulares depois que for solto, teremos que fazer isso por quanto tempo? Quero dizer, seria para sempre?

Diane meneou a cabeça.

– Ao final dos seus nove meses iniciais de monitoramento, você vai se encontrar mais uma vez com a banca e a situação será reavaliada. Se a Srta. Lane realmente concordar, ela vai ter que fazer anotações minuciosas, detalhando o que você estudou e quais são os resultados, bem como se encontrar com a banca para explicá-los.

– Isso não será um problema – disse Pêssegos com firmeza.

– Fico feliz em ouvir isso. – Diane se voltou para Carter de novo. – Mas você sabe que haverá outras condições a cumprir, incluindo testes antidoping regulares e toques de recolher.

É, a condicional seria só brincadeira e diversão.

■ ■ ■

Carter parecia prestes a fumar o próprio macacão quando Kat entrou.

– Por favor, pelo amor de tudo o que é sagrado, me diga que você tem...

– Cigarros. – Kat sorriu, erguendo um maço de Marlboro. – Aqui estão, campeão – disse ela, jogando-os para ele.

Ele abriu o maço e pegou um.

Ela ficou observando enquanto Carter tragava a fumaça e fechava os olhos. Ele fez isso duas vezes antes de olhar para ela.

– Obrigado – murmurou em meio a uma névoa fumacenta.

Ela deu a volta na mesa, para ficar ao lado dele, e notou que o guarda parecia não se preocupar mais com a proximidade entre ela e o detento. Colocou o texto de *O mercador de Veneza* na frente de Carter e se sentou com seu próprio exemplar.

– Eu queria dar uma olhada neste monólogo em particular. – Ela apontou para a página. – Estou interessada em ouvir sua interpretação dele.

– Este monólogo? Que previsível.

Kat bufou.

– Previsível ou não, é uma parte importante da peça e quero saber o que você pensa a respeito dele. Mas talvez sua resposta seja simplesmente tão previsível quanto minha escolha de monólogo.

Ela havia começado a gostar de provocá-lo.

Carter arqueou uma sobrancelha.

– Tudo bem, Pêssegos – disse ele, recostando-se na cadeira. – Vou morder a isca. O que você quer saber?

– Surpreenda-me.

Ele bufou e apagou o que restava do cigarro.

– Este monólogo é feito por Shylock.

– Uau – respondeu Kat com os olhos arregalados. – Isso é incrível! Os estudiosos de Shakespeare ao redor do mundo vão mijar nas calças de animação com esse seu insight fantástico!

Carter riu.

– Ok, Pêssegos – falou ele. – "Por eu ser judeu..."

Kat ficou boquiaberta. Ela o ouviu recitar o monólogo inteiro sem olhar uma vez sequer para a página à sua frente. Em vez disso, os olhos dele se fixaram nela, azuis e brilhantes. Ouvi-lo recitar Shakespeare era indescritivelmente erótico. Os olhos dele queimavam com a paixão que Shylock com certeza transmitiria nos tribunais enquanto expressava sua raiva perante a injustiça que tinha sido cometida contra ele.

Tentando ao máximo manter a compostura, Kat comentou:

– Impressionante. Mas você ainda não respondeu minha pergunta.

Carter ergueu as sobrancelhas.

– É sobre vingança. Ele está compreensivelmente puto com a maneira como foi tratado por causa de sua religião e jura equiparar aquela "vilania" com uma canalhice própria. Só que a "vilania" dele vai ser bem pior. Shylock é malvadão.

– Então isso justifica o tratamento que Solanio e Salarino deram a ele? Ele é "malvadão"; certamente merece o que está acontecendo com ele?

Carter zombou.

– Eles só estão tratando o cara assim porque são uns panacas de mente limitada que não veem nada a não ser um rótulo em Shylock. Para eles, "judeu" é sinônimo de "mau". Mas o antissemitismo ostensivo não é o aspecto mais importante da peça ou do monólogo.

– Não é?

– Não – respondeu Carter, se inclinando para a frente, decidido. – Shylock diz: "Se nos espetardes, não sangramos? Se nos fizerdes cócegas, não rimos? Se nos derdes veneno, não morremos?" Ele está querendo dizer que não importa a religião dele, ou o rótulo que lhe deram, ele é humano assim como aqueles desgraçados que o trataram como merda. As pessoas em todos os

lugares, todos os dias, julgam as outras por causa de sua cor, sua religião, seu passado, sua raça, sua orientação sexual... sua ficha criminal.

Ele ergueu os olhos para ela.

– O mundo é um lugar horrível e Shylock é o único, em toda a peça, que tem colhões para falar a real sobre aquilo. A ironia de que um judeu supostamente não inteligente, mau e pouco educado tenha tamanha coragem é que torna a coisa toda importante. O fato de ele ser judeu é apenas um recurso da trama. – Carter suspirou e esfregou o queixo com a palma da mão. – Shakespeare poderia ter feito dele um detento da Arthur Kill, se um lugar assim existisse na época.

Kat estava pasma. Seu fervor fazia com que ela pensasse que tipo de intolerância ele tinha encontrado para levá-lo a se identificar tanto com o personagem. Será que fora tratado de forma parecida por causa do período na prisão?

Ele se largou na cadeira, roçando o dorso da mão no joelho dela e Kat prendeu a respiração com o contato.

– As pessoas acham que ele é um bárbaro porque promete vingança; mas quem é que pode culpar o cara? Se colocaram esse rótulo nele, por que ele não deveria fazer valer o título?

– Ele poderia ter surpreendido as pessoas – respondeu Kat, notando uma mudança definitiva no tom da discussão. – Poderia ter se comportado de maneira diferente, calma, e mostrado que era uma boa pessoa.

Carter meneou a cabeça.

– Não é assim que funciona quando a carapuça, ou o rótulo, serve. – Ele apontou para si mesmo. – Criminoso. Não existe bondade suficiente que apague isso. É mais fácil corresponder às expectativas das pessoas do que tentar mudá-las. Evita a decepção de todos os envolvidos.

Kat franziu a testa.

– Então por que você está aqui e por que eu disse que ajudaria você a conseguir sua condicional e toleraria essa sua cara rabugenta por, possivelmente, mais doze meses?

Carter sorriu.

– Não sei, Pêssegos. Por que você fez isso?

Kat manteve os olhos nele por um longo momento antes de abaixá-los para a peça.

– Tenho meus motivos.

– Sua própria libra de carne.

A cabeça dela se ergueu rapidamente depois daquelas palavras, mas ele estava ocupado brincando com o maço de cigarros. Ele respirou fundo.

– E eu estou aqui porque... tinha que estar.

Confusa, Kat abriu a boca para falar, mas ele a interrompeu.

– Você estava mesmo falando sério?

– Falando sério quanto a quê?

– Que você vai continuar com nossas aulas.

– Sim – respondeu ela. – Quero ajudar você de todas as maneiras que puder.

A boca de Carter se contorceu.

– Por quê?

Kat sorriu.

– Porque adoro me castigar.

Carter tossiu para disfarçar sua risada de surpresa.

– Justo. Por um momento, achei que fosse só porque você queria ficar perto do meu corpinho sarado sem os guardas e as câmeras por perto. Mas tudo bem.

O rosto dele não indicava nenhuma emoção.

Kat colocou as mãos no rosto.

– Sou tão transparente. – Ela riu quando Carter bufou, surpreso. – Agora cale a boca e faça esta atividade.

Ela empurrou uma folha e uma caneta para ele.

– Sim, senhora – respondeu Carter com uma piscadinha que deixou partes do corpo de Kat em um pequeno frenesi.

Nada de guardas ou câmeras, foi o que ela ficou pensando enquanto assistia a Carter escrever. Permitiu que seus olhos o explorassem, de seu cabelo raspado sexy ao maxilar definido, com a barba por fazer. Sentiu o sangue ferver de excitação quando sua mente começou a divagar.

▪ ▪ ▪

– Filho da puta!

– Otário!

– Mané!

– Monte de merda!

– Puta!

Carter parou de se mover e se levantou lentamente de sua posição curvada, parando a bola de basquete, segurando-a com uma única mão. Ele arqueou uma sobrancelha confusa para Riley, que estava ofegando entre dentes cerrados e bochechas vermelhas. Carter o observou por pelo menos vinte segundos antes de o grandalhão perceber.

– Que diabos você está esperando? – rosnou Riley, endireitando-se de leve.

– Você acabou de me chamar de puta?

Riley ficou totalmente ereto e encarou Carter de volta. Ele fungou e deu uma olhada para os outros dois detentos que vinham jogando aquela partida de basquete rápido e quase violento pelos últimos quarenta minutos. Ambos começaram a se mexer desconfortavelmente, mudando o peso do corpo de um pé para outro. Riley voltou a encarar Carter.

– Sim – respondeu ele, erguendo o queixo, desafiador. – Chamei. E daí?

Carter franziu a testa e deu um sorriso malicioso.

– Só para confirmar – respondeu ele antes de lançar a bola por cima da cabeça de Riley para seu parceiro, Greg, que a pegou e arremessou, como um verdadeiro profissional, pelo aro, vencendo o jogo por dois pontos.

– ISSO AÍ! – rugiu Carter com os punhos fechados. Ele correu até Greg e o agarrou com

brutalidade pelo pescoço, esfregando os dedos com força até demais em sua cabeça. – ISSO, MOLEQUE!

– Seu trapaceiro! – berrou Riley, apontando o dedo para Carter. – Você... você roubou!

Carter riu e meneou a cabeça depois de soltar Greg, que parecia aliviado.

– Perder sem dignidade ou elegância não é bonito, Moore – comentou ele enquanto caminhava de maneira despreocupada em direção a Riley.

– Ah é? – questionou Riley. – Bom, Carter, posso não ter dignidade ou elegância, mas com toda a certeza tenho um punho para acertar a sua cara e um pé para dar no seu traseiro trapaceiro.

Carter parou no meio do caminho, percebeu o brilho nos olhos de Riley, e, em poucos segundos, estava correndo como o diabo foge da cruz pela quadra, enquanto Riley arremetia seu corpo de mais de 90 quilos em direção a ele.

– Volte aqui, seu cagão! – gritou Riley, perseguindo Carter em meio aos detentos e guardas, que pareciam incrédulos.

Carter ofegava enquanto se desvencilhava dos braços do gorila, incapaz de tirar o sorriso largo do rosto. Sua felicidade extrema e satisfação presunçosa foram interrompidas quando percebeu que não tinha mais para onde fugir e estava de frente para um paredão de tijolos com um homem igualmente grande se aproximando dele. Virou-se para encarar seu perseguidor e implorar por rendição e sentiu um grunhido alto e estrangulado sair de sua boca quando Riley chegou com tudo nele. Riley o segurou e lhe deu uma gravata antes que Carter pudesse sequer piscar ou protestar. Ele foi arrastado de volta, grunhindo e tentando prender os pés no chão, até o meio da quadra, onde até mesmo os guardas estavam rindo e tirando sarro dos palavrões de baixíssimo calão que Carter soltava por sua traqueia quase estrangulada.

– Riley – ofegou Carter, agarrando o antebraço que mais parecia um tronco de árvore em volta de seu pescoço.

– Desculpe, o que você disse? – perguntou Riley em voz alta. – Não falo "filho da putês". Você vai ter que falar com mais clareza.

Carter não conseguiu não soltar uma risada sufocada.

– Riley! – Carter agarrou o pulso dele com seus dedos longos. – Cara, por favor! Eu... cacete! Riley, me desculpe!

Riley sorriu e piscou para a grande e entretida plateia que tinha se aglomerado e soltou o pescoço que estava repousando confortavelmente na dobra de seu braço.

– Babaca – murmurou Carter.

A multidão se dispersou decepcionada quando percebeu que era tudo brincadeira e que ninguém ia ser atirado aos tubarões.

Riley bufou.

– Trapaceiro.

– *Touché!* – reconheceu Carter com um sorriso torto.

– Ei, Srta. L! – berrou Riley, assustando Carter.

Ele se virou e viu Pêssegos saindo do carro, meio escondida atrás de uma bolsa enorme, indo em direção à entrada principal, dando um aceno discreto para Riley. Carter permitiu que o canto direito

de sua boca se erguesse em um pequeno sorriso e franziu a testa quando ela abaixou a cabeça e apressou o passo. Carter esfregou a mão na barriga ao sentir um desconforto no estômago. Aquilo o estava incomodando havia dias.

Riley abaixou os braços.

– O que foi aquilo?

Ele ficou olhando para Carter, esperando uma explicação.

Carter coçou o rosto antes de caminhar até seu banco de costume e puxar um cigarro. Ele acendeu, tragou e expirou, sacudindo a cabeça.

– Ela anda esquisita há umas duas semanas – confessou ele, apontando para o estacionamento com a cabeça.

– A Srta. Lane? – quis saber Riley.

Carter confirmou e passou o cigarro para ele.

Carter tentara ignorar o comportamento de Pêssegos, mas a situação foi ficando cada vez mais difícil. Aquilo tinha começado logo após a primeira reunião da condicional com Diane. Ela mal o olhara durante todo o tempo de aula. Ele não tinha forçado a barra, sentindo que era algo que talvez não quisesse saber. Mas depois de duas semanas, a paciência de Carter estava no limite.

– Você acha que tem algo a ver com a sua condicional?

Riley devolveu o cigarro a ele.

Carter fingiu indiferença, apesar de morrer de medo de que aquela fosse a razão por trás da distância repentina dela. Talvez ela estivesse arrependida de ter concordado em dar aulas particulares para ele fora da prisão. Talvez quisesse pular fora, mas não soubesse como.

Carter estava acostumado a ser desapontado, mas, diabos, será que Pêssegos podia mesmo ser assim? Ele odiava a sensação de impotência que ela causava nele. Não era sequer a ideia de não ter a condicional concedida – embora, claro, isso fosse uma merda. Tinha mais a ver com o fato de que ele não teria uma razão legítima para ver sua Pêssegos fora da Arthur Kill.

Ele soltou a fumaça pelo nariz com irritação, ciente de que o circo que estava armado dentro de sua cabeça não iria mudar em nada até que ele dissesse algo a ela.

– Ora, pergunte a ela, Carter – sugeriu Riley, olhando na direção dos campos nos fundos da penitenciária.

Carter bufou.

– Claro, Riley.

Riley estalou a língua no céu da boca.

– Cagão.

– Tanto faz – respondeu Carter, tragando o máximo do cigarro antes de soprar tudo no rosto de Riley. – Perdedor.

A gargalhada estrondosa de Riley e o tapinha zombeteiro que ele deu nas costas de Carter reforçaram a determinação de Carter de confrontá-la aquela tarde.

Mas, santo Deus, quando Pêssegos entrou na sala de aula cinco horas depois, ela estava usando uma saia cinza absolutamente deliciosa e uma blusa de seda rosa-pálido que fizeram todos os pensamentos coerentes e todo o sangue de sua cabeça correrem em uma direção bem específica.

Droga. Ele suspirou e murmurou algo profano quando ela largou o material e os cigarros de Carter na mesa entre eles.

– Algum problema? – perguntou ela, dando uma olhada rápida na direção dele.

Carter deu uma risadinha entre as mãos e meneou a cabeça.

– Não, nenhum. Prossiga.

Aquela mulher seria a morte dele.

Carter segurou o rosto com as mãos e a observou quase se enterrar dentro daquela bolsa de Mary Poppins que tinha trazido.

– Pêssegos – murmurou Carter por trás do filtro do cigarro que repousava em seus lábios.

O apelido que tinha dado a ela pegara bem e ele o usava livremente. No fundo, tinha ficado animado por ela ter aceitado aquilo sem questionar como ou por quê.

– Hum? – Veio a resposta resmungada das profundezas escuras.

– Que diabo você está fazendo aí?

Pêssegos congelou antes de sair lentamente daquela monstruosidade cavernosa e deu um sorriso leve e envergonhado.

– Só estou... hum... procurando uma coisa.

Carter sorriu.

– O quê? As botas que Judas perdeu?

Ele ergueu as sobrancelhas para o guarda, que escondeu o riso atrás da mão direita.

Pêssegos revirou os olhos para os dois.

– Não, sabichão.

Ela posicionou sua cadeira ao lado de Carter, como fazia em todas as aulas, e colocou o trabalho dele em cima da mesa. Explicou os comentários que tinha feito e fez perguntas motivadas pelas respostas dele. Eles ainda estavam bem envolvidos com *O mercador de Veneza*.

– Você diz aqui que Pórcia é o personagem mais inteligente da peça, mas não explica por quê – disse ela, dando uma olhada no trabalho de Carter. Ele a observou colocar o cabelo atrás da orelha. – Poderia explicar?

Ela se recostou na cadeira, distanciando-se deles e desviando o olhar.

– Por que você fez isso? – reclamou Carter.

– Como?

– Isso – repetiu ele, apontando para a maneira como ela estava sentada. – Por que se afastou desse jeito?

Os olhos dele se arregalaram quando, após alguns segundos, ela ainda não tinha respondido.

– Esqueça – murmurou ele, puxando o trabalho para perto de si.

– Não – disse Pêssegos com firmeza, colocando a mão em cima da mesma folha de papel.

Os olhos de Carter encontraram os dela.

– O que você quis dizer com isso, Carter?

Ele resmungou de novo, pegando o maço de cigarros para ficar remexendo. Pêssegos esperou pacientemente.

– Você está pirando por causa da minha condicional? – questionou ele.

A pergunta pareceu tê-la assustado pra caramba, mas ele não lhe deu tempo de responder.

– Sinceramente, eu prefiro que você seja honesta comigo e me diga agora. Porque não vou ficar na frente daqueles idiotas presunçosos todo cheio de esperança e tal para você chegar e dizer que não vai até o fim com isso por causa de... sei lá o quê.

■ ■ ■

Kat piscou. Abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra veio. Como ele podia pensar que ela iria largar mão dele? Ela não tinha provado seu comprometimento com o caso de Carter e sua condicional por meio de todo o trabalho que vinha fazendo?

Sim, ela estava se comportando de um jeito diferente com ele, mas não podia lhe explicar o porquê. Ela preferiria morrer antes.

A verdade é que, há duas semanas, os pesadelos de Kat tinham parado. Ela teria ficado eternamente grata se eles não tivessem sido substituídos pelos sonhos mais eróticos que já tivera. Eles começaram bem ingênuos, mas nas últimas catorze noites vinham se tornando cada vez mais intensos. Geralmente, isso não seria um problema – ela havia tido sonhos picantes antes, é claro; contudo, o homem que andava protagonizando seu showzinho pornô particular era ninguém menos que o Sr. Wesley Carter.

Desde que começara a ter esses sonhos, Kat estava vivendo um inferno.

Como podia ter sonhos tão arrebatadores com um homem que mal conhecia? E como conseguiria continuar a vê-lo por pelo menos mais doze meses do lado de fora do ambiente protegido, bem monitorado e mantenha-as-mãos-perto-do-próprio-corpo-e-não-teremos-problemas da Arthur Kill?

Não que ela um dia sonhasse em colocar a si mesma ou Carter naquela situação. De jeito nenhum. Ainda era sua tutora e ele era seu aluno. Ocupava uma posição de confiança e não iria prejudicar aquilo que batalhara tanto para construir. A política de não confraternização com certeza seria reforçada durante a condicional também.

– Por que você acha que eu não teria pensado em tudo? – perguntou ela por fim. – O que deu a você a impressão de que eu não queria ajudá-lo a conseguir a sua condicional?

– Sei lá. Você está diferente. Como se andasse preocupada com alguma coisa, ou nervosa. Eu não sabia se era a ideia de continuar com as nossas aulas que estava apavorando você.

Ele escondeu bem a mágoa na voz, mas seus olhos o traíram quando se abaixaram para fitar a mesa. Ele tinha reparado que ela estava distante. De repente, Kat não sabia se era para sentir-se lisonjeada ou apavorada por ele ter notado. Ela engoliu o pânico e se aproximou dele.

Kat lutou contra a vontade esmagadora de tocar em seu rosto.

– Não pretendo desistir. Realmente quero ajudá-lo a conseguir sua condicional e quero continuar com nossas aulas.

Carter permitiu que seus olhos encontrassem os dela.

– Desculpe se fiz você duvidar disso. Não vou decepcioná-lo. Pode contar cem por cento comigo.

Kat se surpreendeu com a veemência das próprias palavras, mas sabia, no fundo, que elas eram de coração. Libra de carne ou não, ela iria ajudar Carter e ninguém poderia mudar isso.

Carter levou um momento para falar.

– Ok.

Eles permaneceram em silêncio por uns instantes, mas nenhum dos dois se sentiu desconfortável.

– Você está muito nervoso com relação ao pedido de condicional? – perguntou Kat, após assistir a Carter apagar o cigarro.

Ele fez que não com a cabeça.

– Shylock – murmurou ela. – Corajoso como sempre.

– É o que Pórcia diz – retrucou Carter com um sorriso.

– A personagem mais inteligente de *O mercador de Veneza* – acrescentou Kat em um tom mais baixo, galanteador.

– Bem, foi ela que salvou Shylock – respondeu Carter.

A metáfora não passou batida por Kat. Ela sabia que Carter se via como inferior por causa de suas escolhas de vida, assim como as pessoas viam Shylock como inferior por causa de sua religião. A comparação era tênue, mas, para Carter, Kat sabia, era bastante real.

– Salvou mesmo. – Os olhos de Kat pararam no trabalho de Carter. – Mas se vamos falar de personagens literários, não acho que Pórcia seja a certa a quem me comparar.

– Ah, não? – perguntou Carter. – Em quem você estava pensando? A Rainha de Copas, de *Alice no País das Maravilhas*? Hécate, de *Macbeth*? – Ele estalou os dedos ao ter uma inspiração. – A Feiticeira Branca, de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*?

Entrando na brincadeira dele, Kat pegou a caneta e começou a fazer uma lista de compras.

– Não – respondeu ela, com indiferença. – Mas obrigada por me lembrar do que preciso comprar: machado, caldeirão, manjar turco.

– Está bem – disse ele com um riso. – Sério, quem você escolheria?

– Essa é fácil – respondeu ela. – Eu gostaria de ser o Walter, o ratinho de *Walter, the Lazy Mouse*, aquele clássico da literatura infantil americana.

Carter pareceu confuso.

– Não o coelho de *O coelho de veludo* ou a aranha de *A teia de Charlotte*, já que estamos falando de literatura infantil americana?

Kat meneou a cabeça.

– Não. As meninas do colégio costumavam ler isso. Mas, para mim, sempre foi o Walter. – Ela se virou para ele. – Você conhece a história?

– Me conte.

– Walter é um ratinho bem preguiçoso – começou Kat. – É tão preguiçoso que nunca se levanta para ir à escola, sair com a família ou brincar com os amigos, e logo todos esquecem que ele existe. Um dia, sua família vai embora enquanto ele está dormindo.

Carter se afundou na cadeira, ouvindo atentamente.

– Ele decide ir procurar pela família – continuou Kat. – Conhece muitas criaturas em suas viagens, incluindo sapos que não sabem ler nem escrever. Walter tenta ensiná-los, mas, como tinha

perdido muitas aulas no colégio porque ficava dormindo, não consegue se lembrar de como fazer aquilo.

Por um momento desolador, ela pôde ouvir o pai lendo para ela.

– Pêssegos – sussurrou Carter.

A tristeza pesou nos ombros de Kat.

– Meu pai costumava ler essa história para mim quando eu era pequena. Ele fazia todas as vozes.

Carter cruzou os braços em cima da mesa.

– Ele parece... Ele parece ser um cara legal.

Um leve sorriso repuxou os lábios de Kat.

– Ele era. Ele dizia que não importavam os obstáculos, se eu fosse determinada como Walter, poderia fazer qualquer coisa a que me dedicasse.

– E você conseguiu? – perguntou Carter, pegando Kat de surpresa.

– Consegui o quê?

– Fazer aquilo que estava determinada a fazer, sem se importar com os obstáculos.

Kat sorriu, constrangida.

– Estou aqui, não estou?

– Sim, está.

■ ■ ■

Carter reparou que os olhos dela se desviaram para a parede atrás dele e ela xingou em silêncio.

O tempo tinha acabado.

Carter a observou tentando fingir indiferença enquanto ela começava a pegar suas coisas, mas no fundo furioso por ela ter que ir.

– Talvez eu tenha que dar uma procurada nesse livro na biblioteca da penitenciária, sabe? – disse ele casualmente. – Você acha que a biblioteca da Arthur Kill teria livros infantis ou isso não estaria de acordo com a norma aqui?

Pêssegos não conseguiu conter um sorriso.

– Ah, Riley deve ter um exemplar escondido debaixo do travesseiro para ler em noites frias e solitárias. Vou pedir a ele.

Ela riu e ele gostou de ouvir aquele som.

– Falando muito sério – disse ela, colocando a bolsa no ombro –, se você encontrar um exemplar, me avisa? Eu perdi o meu.

O desamparo no rosto dela era claro.

– Aviso – respondeu Carter com sinceridade.

– Ei, Carter – chamou ela enquanto o guarda destrancava a porta. – Obrigada por hoje.

Ele sorriu quando a porta se fechou atrás dela.

– Disponha, Pêssegos – sussurrou ele na sala vazia. – Disponha.

10

Quem não conhecia Eva Lane em pessoa a considerava fria e arrogante. Mas ninguém, nem mesmo aqueles que não gostavam dela, podia negar sua força.

Quando sete delinquentes totalmente chapados assassinaram cruelmente seu marido, o senador Daniel Lane, ela se manteve impassível em público. Ouviu os pêsames de eleitores, de estranhos e de muitos colegas de trabalho dele com uma expressão tranquila e um aceno de agradecimento. Todos ficaram maravilhados com sua compostura.

Mas, no fundo, naquele momento ela estava morrendo. Seu coração tinha sido arrancado do corpo, deixando um buraco que não podia ser preenchido com as palavras de empatia ou o toque dos entes queridos.

Daniel era tudo para ela, e quando soube que ele tinha morrido, tendo sido espancado com tanta violência que sofrera um derrame cerebral, ela considerou tirar a própria vida para ficar com ele. Uma saída fácil, egoísta e desesperada. Como poderia continuar vivendo quando o único homem que ela havia amado na vida se fora?

Por semanas após sua morte, Eva se deitava na cama que eles dividiram e chorava. Ela gritava, berrava, jogava coisas, batia em coisas, batia até em si mesma, mas a dor permanecia. O buraco era grande e cavernoso e nada podia estancar sua dor a cada vez que abria os olhos e percebia que seu Danny ainda estava morto.

Nada, exceto sua filha.

Sua pequena Katherine, que tinha testemunhado o assassinato de seu amado pai, estava calada, pálida e desesperada para que sua mãe lhe dissesse as palavras que a tirariam da dor que a consumia por completo. Eva sabia que tinha sido egoísta em seu próprio luto, que sua menininha precisava dela, e Eva precisava de Katherine também. Mesmo assim, ela mal conseguia olhar para a menina sem enxergar o marido. Cada movimento, maneirismo e olhar de sua filha lembravam tanto seu marido que, por muito tempo, Eva só conseguia ficar poucos momentos com ela.

Aquilo estraçalhou ainda mais o coração já dilacerado de Eva e contribuiu para a crença de Katherine de que sua mamãe a culpava pela morte de seu adorado pai. Ela devia ter parado aqueles homens maus, devia ter protestado. E, se aquele desconhecido não estivesse lá, talvez ela tivesse conseguido. Os angustiados "se" de uma menina de 9 anos cujo único desejo era ver seu pai entrar pela porta novamente.

Durante a terapia, Eva começou a perceber o que estava fazendo com a filha. Ficou devastada ao

saber que Katherine acreditava que ela a culpava. Compreendeu como tinha sorte por ainda ter a filha – e como estivera perto de perdê-la também.

E ela seria eternamente grata por qualquer intervenção divina que mantivesse seu bebê em segurança. Tinha essa conexão linda, de carne e osso, com seu amado marido – e sempre estimaria e protegeria sua filha, pelo resto da vida.

Infelizmente, assim como a aparência do pai, Katherine tinha herdado sua determinação. Era teimosa ao extremo e, quando decidia alguma coisa, nunca titubeava. Eva sabia que suas tentativas de manter a filha em segurança beiravam a repressão, mas, puxa, será que Katherine não enxergava o risco que estava correndo?

Doía em Eva ver a filha ignorar suas preocupações com tanta facilidade. Ela tentara incansavelmente, embora sem sucesso, afastar Katherine do caminho que ela escolhera. Ela suspirou de maneira estranha.

– Mãe, parece que você está sofrendo de gases. O que foi?

O olhar cortante de Eva atravessou toda a sala de seu apartamento no Upper East Side até chegar a Katherine, que estava arrumando o cabelo, linda em seu novo vestido de aniversário.

– Não precisa ser grosseira. Eu só estava pensando. – Eva balançou sua taça de vinho. – Como está o Ben?

Katherine deu de ombros.

– Está bem. Ocupado. Ele virá hoje à noite com a Abby.

Eva deu um suspiro melancólico.

– É maravilhoso que eles estejam estabelecidos, casados e tenham empregos respeitáveis.

Katherine respirou fundo, largando os braços ao lado do corpo.

– Sei que você está desesperada para ter netos, mãe, mas podemos adiar isso só mais um pouquinho até eu me estabelecer? – Ela pegou sua taça e tomou um gole de vinho. – E minha profissão é respeitável. Sou professora. Das boas.

Ignorando a réplica quanto à profissão, Eva riu.

– Ah, querida, por mais que eu deseje ter netos, só quero que você seja feliz e fique com alguém que cuide e ame você. Não tem pressa, você é nova. – Ela fez uma pausa. – Mas não existe ninguém em quem você esteja interessada?

Katherine evitou o olhar da mãe enquanto pegava a bolsa.

– Não. Estou feliz assim. Em todos os aspectos da minha vida.

Eva ficou olhando para a filha, tentando conseguir explicar melhor os seus medos.

– Espero que sim.

▪ ▪ ▪

O restaurante espanhol no TriBeCa no qual Kat tinha escolhido comemorar seu aniversário de 25 anos estava em polvorosa. Ela se sentou a uma grande mesa redonda com seus amigos e sua família, bebendo vinho e petiscando os pães deliciosos servidos a eles. Eva ficou à esquerda da filha, quieta,

mas atenta, enquanto Ben, Abby, Harrison, Beth e Adam, que Deus os abençoe, tentavam, com suas piadas, amenizar o clima tenso entre as duas.

– Carter conseguiu a condicional? – exclamou Ben. – Isso é ótimo, Kat!

Ele ergueu a taça de champanhe.

Kat riu e fez o mesmo, ignorando a expressão de desdém que passou pelo rosto da mãe.

– Então, quando começam suas aulas particulares? – perguntou Beth.

– Aulas particulares? – interveio a mãe de Kat, seus olhos escuros brilhando. – Que aulas particulares?

– Kat vai dar aulas para esse... Carter três vezes por semana – respondeu Beth, os olhos fixos nos aperitivos à sua frente. – Nenhum segurança, nem nada.

Eva ficou branca.

– O quê?

Legal, Beth.

Kat respirou fundo, contando até dez em silêncio, numa tentativa de manter a calma.

– Faz parte da condicional do Carter, mãe – respondeu ela, franzindo a testa para Beth. – Pouquíssimos tutores têm a oportunidade de fazer isso. É importante. Você deveria se orgulhar.

Sua mãe a olhou com cara de espanto.

– Eu ficaria mais orgulhosa se você desse aulas para crianças de classe média em uma escola do ensino fundamental. Sério, Katherine. – Ela colocou a taça na mesa. – O que faz essas pessoas, esses oficiais da penitenciária, pensarem que colocar minha filha em perigo vai mudar esses monstros em alguma coisa?

– Não estou em perigo – garantiu Kat mais uma vez.

Sua mãe piscou.

– Seu pai pensava o mesmo. Ele era a favor de fazer campanhas e ajudar os menos favorecidos, e veja o agradecimento que recebeu.

O coração de Kat palpitou dentro do peito.

– Carter não é como eles. Está tentando melhorar.

– Não ignore minhas preocupações, Katherine.

– Ela tem o direito de se preocupar, Kat. Todos temos – complementou Beth.

Adam colocou a mão em seu ombro. Kat abriu a boca para perguntar que diabos sua amiga pensava que estava fazendo.

– Claro que tenho – disse Eva antes que Kat pudesse falar. – Você é minha filha.

As palavras de sua mãe reforçaram ainda mais a determinação de Kat.

– Sim – ralhou ela. – E é o jantar de aniversário *da sua filha*. Então será que dá para deixar isso de lado hoje? – Kat fechou os olhos, controlando a raiva. – Entrei em contato com a biblioteca da Rua 42 para reservar a sala de leitura. Ele será solto na terça. Nossa primeira aula será uma semana depois disso.

– Bom, essa é uma ótima notícia – disse Harrison antes que Eva pudesse falar mais alguma coisa.

Ele sorriu empaticamente para Kat. Ela o fitou agradecida antes de virar os olhos para Beth, que estava cochichando com Adam.

Que diabos estava acontecendo? É claro que Beth sempre tinha falado bem da mãe de Kat, sempre dando força para aquela superproteção prepotente dela, mas aquilo era outra coisa.

Adam pigarreou.

– Austin chegou – disse ele, enquanto seu irmão vinha na direção da mesa, para enorme constrangimento de Kat, com um lindo embrulho.

– Oi, pessoal.

Austin apertou a mão de Adam e baixou o tom de voz.

– Acabei de sair de uma ligação com Casari. Eles são nossos.

O rosto de Adam ficou severo.

– Austin, cara, eu disse para você; cuidado com...

– Depois – protestou Austin.

Ele deu um abraço em Beth e se virou para Kat.

– Feliz aniversário – disse ele, colocando o presente na frente dela.

Ele se abaixou e deu um beijo em sua bochecha.

– Austin, você realmente não precisava...

– Besteira. É só algo que me fez pensar em você quando vi em São Francisco. Abra, por favor.

– Vou abrir. Austin, esta é minha mãe, Eva Lane, e o companheiro dela, Harrison Day. Mãe, este é Austin Ford.

Os olhos da mãe de Kat se arregalaram quando ele beijou sua mão.

– É um prazer – cumprimentou ele antes de apertar a mão de Harrison e se sentar ao lado de Kat.

– Certamente. Um homem jovem com boas maneiras – murmurou a mãe de Kat, dando uma olhada para ela. – Algo muito raro nos dias de hoje.

Ben bufou do outro lado da mesa, fazendo Kat sorrir. Com todos os olhos virados para ela, começou a rasgar o papel roxo e encontrou uma grande caixa transparente, que continha um lindo globo de neve. Em vez de flocos de neve em torno da miniatura da Golden Gate Bridge, milhões de pequenas estrelinhas e pedacinhos de cristal giravam e brilhavam à medida que rebatiam a luz.

– Austin, é maravilhoso – suspirou Beth.

– É mesmo – concordou Kat. – Obrigada.

– De nada.

Ele beijou Kat novamente, mantendo os lábios em seu rosto um pouco mais de tempo do que antes.

Austin foi, mais uma vez, uma ótima companhia. E Kat decidiu que gostava quando o dedo dele raspava seu braço ou quando a mão dele tocava de leve a pele de suas costas no momento em que colocava o braço no encosto de sua cadeira. Ela gostava quando seus olhos se encontravam e gostava do som da risada dele e da maneira como ele dizia seu nome.

Mas ainda havia... algo errado. Ela se sentia atraída por ele. Mas havia um certo desconforto, um mal-estar indefinível dentro dela. Kat tentava ignorá-lo, mas não conseguia.

▪ ▪ ▪

Em pé na calçada do lado de fora do restaurante depois do jantar, Ben deu um abraço caloroso em Kat.

– Feliz aniversário. Nossa, sua mãe estava atacadíssima hoje. Ela precisa diminuir a dose.

Kat riu no ombro dele.

– Ela é um pesadelo. Ela e Beth, as duas.

– Sim – concordou Ben. – O que foi aquilo?

Kat deu de ombros.

– Vai saber. Eu nem sequer consigo...

– Acho que sua mãe está um pouquinho impressionada com o seu amigo.

Ben deu uma olhada para Austin, que conversava amigavelmente com Eva. O rosto de Ben ficou sério.

– Se você precisar de qualquer informação a respeito desse sujeito, é só me ligar, tá? Segredinhos obscuros são minha especialidade. Além disso, eu teria uma desculpa para brincar no Google.

Ele deu um sorriso malicioso quando ela o empurrou de leve.

Kat se virou para Abby.

– Por favor, leve seu marido para casa e o sufoque com o travesseiro.

Abby riu, pegando a mão de Ben.

– Venham jantar comigo em breve – disse Kat. – Vou fazer minhas almôndegas especiais.

O abraço que Kat deu em sua mãe era constrangedor.

– Feliz aniversário, Katherine. Me ligue. Amanhã. Assim que você chegar em casa do trabalho com aqueles... Só me ligue.

Kat se segurou para não revirar os olhos.

– Vou ligar. Até mais.

Kat abraçou e beijou Adam e Beth.

– Está tudo bem? – perguntou ela aos dois.

– Sim – respondeu Beth com um sorrisinho. Adam concordou com a cabeça. – Apenas cansados. – Beth deu uma olhada para Austin. – Talvez o Austin possa levar você para casa, que tal?

Ela piscou de modo conspiratório, apontando de forma sutil para Austin, a poucos passos dali, e murmurando indelicadamente sobre “chegar junto”.

Austin riu quando Kat corou e meneou a cabeça. Os dois ficaram parados na calçada, sem saber o que fazer em seguida.

– Posso dar uma carona a você? – perguntou ele, apontando em direção ao carro.

– Claro – concordou ela.

O Range Rover era espaçoso e tinha cheiro de couro e perfume.

– Você tem bom gosto para música – reparou Kat, o CD tocando uma música boa atrás da outra enquanto eles atravessavam o trânsito da cidade.

– Obrigado – respondeu Austin. – Não consigo curtir muito, só quando estou no carro.

Ele olhou para ela por um instante.

– Foi boa sua viagem para São Francisco?

Austin arqueou uma sobrancelha.

– Fui a trabalho. Não importa onde você esteja no mundo, se precisa trabalhar, nunca é bom.

– Suponho que sim. Apesar de que tenho certeza de que não seria tão ruim se fosse nas Maldivas ou no Caribe – brincou ela.

Austin riu.

– É verdade – continuou ele. – Fechei um acordo grande. Também pensei em você. Muito.

Kat ficou olhando para as mãos, sem dizer uma palavra. Eles tinham trocado muitas mensagens desde aquele primeiro encontro. Ele nunca forçou a barra, sempre foi um cavalheiro. Mas ouvi-lo falar assim era um pouco diferente.

– Desculpe – disse ele. – Rápido demais?

Ela respondeu meneando lentamente a cabeça.

– Está maravilhosa hoje, Kat. – Os olhos dele desceram pelas pernas dela. – Essa cor fica ótima em você.

Ela alisou o vestido vermelho transpassado com as mãos, o elogio provocando emoções indefinidas.

Eles passaram o restante do trajeto assim, confortavelmente felizes em dividir o silêncio quando a música parou. Austin estacionou o carro e desligou o motor ao chegarem ao prédio de Kat. Ela tirou o cinto de segurança devagar e pegou a bolsa e os presentes de aniversário aos seus pés.

– Obrigada – disse ela enquanto colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Seu estômago parecia pesado. Ela limpou a garganta e tentou afastar aquela sensação esquisita.

– Sem problemas – respondeu Austin. – Eu me diverti.

– Eu também.

Os olhos dela encontraram os dele e Kat sorriu gentilmente.

Austin sorriu de volta.

– Sei que só nos encontramos duas vezes, mas adorei cada minuto.

Como sempre, o olhar dele era firme, com um quê de intimidação de um executivo.

– Tudo bem se sairmos para jantar algum dia?

Ela hesitou um pouco.

– Isso... me parece ótimo.

Austin sorriu, deixando seu rosto mais ameno.

A respiração de Kat ficou presa na garganta. Os olhos dele eram determinados e sombrios. O único som dentro do carro, além do coração palpitante de Kat, era o ruído do couro rangendo à medida que ele se aproximava lentamente. Ela não se mexeu. Não sabia ao certo se conseguiria. A sensação de querer sair correndo, mas de também querer ficar exatamente onde estava, a fez tremer.

Austin parou, o rosto a poucos centímetros do dela.

– Kat – murmurou ele antes de chegar ainda mais perto e seus lábios se encontrarem.

Kat ficou imóvel quando suas bocas se uniram. Aquilo era... bom.

Após alguns minutos sem se mexer, Austin colocou a mão no rosto dela e abriu a boca. Kat correspondeu abrindo a sua. Ela começou a se perder na sensação de beijar Austin e se surpreendeu ao gemer de leve quando suas línguas se tocaram. Sua mão foi parar na nuca dele, aproximando-os

ainda mais. Aquela sensação no estômago de Kat reapareceu, mas ela lutou para ignorá-la. Ela não beijava alguém fazia tanto tempo...

Por que ela deveria se negar àquilo? Por quem ela estava se contendo?

Austin gemeu quando a língua de Kat tocou na sua e chupou a pontinha antes de ela tirá-la da sua boca.

A mão dele desceu lentamente pelo rosto dela e escorregou por seu braço desnudo enquanto ambos se moviam juntos, sincronizados, com as cabeças virando de um lado para outro, devagar. A mão de Austin foi parar no joelho de Kat e ele deu um gemido profundo. Acariciou gentilmente sua pele antes de subir pela parte externa de sua coxa. Kat ficou tensa, mas gemeu mais uma vez quando as pontas dos dedos dele passaram por debaixo da barra de sua saia. Ele afastou os lábios por um breve segundo e encostou a testa na dela.

– Kat, ou a gente para aqui ou... Nossa!

Kat se afastou, vendo o desejo e a luxúria em seu rosto. Ela piscou, tentando clarear a mente. Aquela não era ela. Apesar de Austin ser lindo e inegavelmente charmoso, ela não ia se perder em uma noite de sexo enlouquecido.

– Acho que devemos diminuir o ritmo – disse ela se recostando no banco.

Austin suspirou e esfregou as mãos no rosto, pedindo desculpas por trás delas.

– Não peça desculpas – disse Kat. – Não tem por quê. É só que... Talvez devêssemos ir devagar.

Ele sorriu e levou a mão dela à sua boca, dando um beijo suave em seus dedos.

– Por mim, podemos ir devagar.

– Ótimo. – Kat puxou o trinco da porta. – Obrigada pela carona. Boa noite, Austin.

– Boa noite, Kat.

Ela ainda estava atordoada quando atravessou o lobby de seu prédio e, a princípio, não ouviu Fred, na portaria, chamar seu nome.

– Srta. Lane! – Fred acenou para chamar a sua atenção antes que ela chegasse ao elevador. – Srta. Lane!

– Sim, Fred? – respondeu ela, aproximando-se.

– Boa noite, Srta. Lane. – Ele sorriu, revelando duas covinhas fofas que roubavam a atenção do espaço enorme entre seus dentes da frente. – Tenho um pacote para você. Foi entregue esta tarde.

Ele tirou, de debaixo do balcão, um pacote quadrado, muito bem embrulhado em papel marrom.

– Não peguei o nome do moço, mas ele disse que era importante que você recebesse isto.

Kat ficou olhando curiosa para o pacote.

– Obrigada, Fred.

Ao entrar em casa, largou tudo no sofá, colocou uma calça de moletom e pegou um copo de suco de maçã antes de se acomodar no canto do sofá de pernas cruzadas. Assim que pegou o misterioso pacote marrom, seu celular anunciou uma mensagem. Austin.

Adorei a noite.

Kat se recostou no sofá e suspirou, tocando os lábios com as pontas dos dedos.

Eu também. Obrigada pelo presente. É lindo.

Um presente lindo para uma mulher linda.

Kat ainda não tinha pensado em uma resposta quando outra mensagem dele chegou.

Estou ansioso pelo nosso jantar. Feliz aniversário, Kat. Bons sonhos.

Boa noite.

Ela deixou o telefone de lado. Aquela sensação esquisita no estômago retornou com toda a força. Ela colocou a mão sobre o ventre, tentando afastá-la.

Que ridículo.

Austin era ótimo. Era um cara bacana e correto e ela não deixaria, de jeito nenhum, que uma sensação boba e inexplicável a impedisse de experimentar algo que poderia ser incrível. Já fazia tempo demais desde o último relacionamento de Kat – um caso de três meses com um mentiroso e traidor compulsivo –, e ela merecia um pouco de felicidade. Decidida, estava começando a tomar o suco de maçã quando seus pés esbarraram em alguma coisa. Olhou para baixo e viu o pacote marrom que Fred tinha entregado.

– O que é isso?

Ela o segurou e começou a rasgar o papel.

Um gritinho saiu de sua boca quando ela percebeu o que era. Ficou com os olhos cheios d'água ao fitar o exemplar da primeira edição, de 1937, de *Walter, the Lazy Mouse*.

– Como? – Ela deslizou os dedos em reverência pela capa. – Oh, Deus.

Ela abriu o livro e viu uma mensagem curta, escrita na parte interna da capa:

Pêssegos

À conquista de qualquer coisa a que você se dedique, não importam os obstáculos.
Feliz aniversário.

Carter

11

Carter mal tinha dormido. Estava agitado e animado, tal como uma criança na manhã de Natal.

Às sete da manhã do dia de sua soltura, ele estava entusiasmado e ocupado em colocar livros e outros pertences em uma pequena caixa. A folha de papel que confirmava que ele ganhara oficialmente a liberdade condicional era, agora, o que ele possuía de mais precioso e, em intervalos regulares, lia e relia as palavras ali escritas, só para ter certeza de que o texto não tinha mudado de alguma maneira.

Não tinha.

As roupas de civil de Carter eram as que ele estava usando no dia em que entrou na penitenciária. Ele se sentiu o máximo quando viu que sua camiseta cinza dos Ramones agora estava apertada nos braços e no peito, graças aos exercícios vigorosos de Ross. Sorriu e sacudiu a cabeça, puxando as mangas em uma tentativa de dar ao seu bíceps um pouco mais de espaço.

– Estou ferrado – murmurou ele antes de colocar a calça jeans escura e os coturnos pretos.

A sarja e o algodão barato nunca tinham parecido tão agradáveis ao toque. A seguir vinham os anéis. Ele colocou a argola larga de prata no polegar da mão direita, uma cruz celta prata e preta no dedo do meio e uma insígnia linda da Harley Davidson no anelar esquerdo.

– Está pronto?

Carter se virou com um sorriso para Jack, que estava apoiado na porta aberta de sua cela.

– Praticamente – respondeu Carter, apertando o cinto de couro marrom na cintura do seu jeans. – Quando posso sair?

Jack deu uma olhada no relógio.

– As portas se abrem às dez. Estamos esperando pelo Ward.

– Isso é fantástico – murmurou Carter.

Ele deu uma olhada em volta da cela para ver se não tinha deixado nada para trás. Então, pegou a caixa e a fechou.

– Ah! – Jack enfiou as mãos nos bolsos. – Entreguei o seu presentinho.

Carter evitou o olhar do conselheiro.

– Ótimo – disse ele de forma casual. – Tinha dinheiro suficiente?

– Mais que suficiente. E escrevi exatamente o que você pediu.

O estômago de Carter deu uma cambalhota quando ele pensou em Pêssegos recebendo o livro. Ficou imaginando se ela teria gostado. Ou se teria achado um exagero ou piegas demais.

– Preciso perguntar... – continuou Jack, inspecionando a ponta de seu sapato direito.

– O quê? – perguntou Carter com um tom de desaprovação.

Jack sorriu, com ar de sabedoria, antes de erguer os olhos.

– Eu só queria saber como você conseguiu o livro tão rápido – finalizou ele, inocentemente.

Os ombros de Carter relaxaram de alívio.

– Pêsse... Ela, Kat, a Srta. Lane havia... hum, bem, droga, ela havia mencionado o livro em uma de nossas aulas, então procurei na internet da biblioteca e fiz uma reserva. Eu ia comprar quando saísse daqui, mas, na semana passada, quando ela mencionou que era aniversário dela... – Ele ergueu os olhos, passando o peso do corpo de um pé para outro, totalmente desconfortável. – Não é nada de mais, cara. Pare de me olhar desse jeito.

– Ei – falou Jack após um risinho rápido. – Eu não disse nada. Acho que foi um ótimo presente: muito atencioso.

Carter o observou com cautela.

– Mesmo?

– Mesmo – respondeu Jack, dando um aceno firme de concordância com a cabeça. – Aposto que ela adorou.

O estômago de Carter revirou de novo. Ele esperava que sim. Era o mínimo que podia fazer por ela depois de tudo o que ela fizera e de tudo o que tinha aguentado dele.

– Detento 081056 – chamou Ward, passando pela porta da cela de Carter. – Estou aqui para escoltá-lo para fora das nossas instalações.

Ele puxou os punhos da camisa branca que estava usando debaixo de um blazer azul-marinho.

– Beleza – murmurou Carter com um olhar sarcástico.

Carter seguiu Ward, um guarda e Jack em direção à saída dos fundos da penitenciária, onde assinou mais um formulário de soltura e ainda recebeu uma outra cópia das regras de sua condicional.

– De quantos desses uma única pessoa precisa? – perguntou ele, incrédulo, empurrando o pedaço de papel para o fundo de sua caixa.

– Bem – respondeu Ward enquanto brincava com a caneta –, todos sabemos como você tende a ser esquecido quando se trata de regras, Carter.

Carter pegou sua caixa.

– Foi uma pergunta retórica, bundão.

Os olhos de Ward se estreitaram, irritados.

– Do que foi...

Jack se enfiou no meio dos dois homens.

– Vamos lá, Wes. Hora de ir.

Ele empurrou o ombro de Carter, guiando-o rumo à saída.

Carter sustentou o olhar em Ward antes de permitir que Jack o levasse até a porta. O sol estava forte para setembro. Carter fechou os olhos e ergueu o rosto, absorvendo-o.

– Bom?

Jack riu ao lado dele.

– Sim – respondeu Carter.

Ele abriu os olhos lentamente e começou a revirar a caixa. Levou alguns minutos xingando e resmungando antes de encontrar os óculos de sol e colocá-los no rosto.

– Agora estou pronto – disse ele com um sorriso largo.

Jack olhou para o outro lado do estacionamento e viu uma figura familiar, grande e de cabelos pretos, encostada com uma postura arrogante na porta de um veículo bem masculino, fumando um cigarro.

– Aquele é o Max?

– Não comece – avisou Carter, erguendo as sobrancelhas. – Ele está aqui para me buscar porque nem fodendo que eu vou para casa a pé.

Jack tirou sarro.

– Bom, é com certeza um conflito de interesses fazer o cara vir aqui buscar você quando...

– Olhe só! – Carter interrompeu a lição de moral de Jack com veemência. – É o dia da minha soltura. Enfim vou me livrar deste lugar e, neste momento, estou de bom humor. Por favor, não estrague o meu dia, J. Já tive a minha cota de aporrinhação.

A voz de Carter era firme, mas suplicante.

– Está bem – cedeu Jack. – Está bem.

– Ótimo. – Carter suspirou. – Então, vejo você na sexta?

– Sim – respondeu Jack. – Na sua casa às seis. Não esqueça.

Carter balançou a cabeça.

– Como se isso fosse possível com as seis folhas de papel para me lembrar.

Jack passou a mão amigavelmente no ombro de Carter.

– Cuide-se.

– Pode deixar – disse Carter. – Até mais.

Ele começou a caminhar na direção de Max, que estava sorrindo feito um idiota; seus óculos de aviador espelhados cintilavam sob a luz do sol.

– Qual a boa? – cumprimentou ele em meio à fumaça que saía de sua boca.

Carter sorriu, apesar da aparência desgrenhada do amigo. Sua camiseta do AC/DC estava amassada e a calça jeans que usava parecia que não via uma máquina de lavar roupa fazia tempo.

– Nada de mais; acabei de ser solto da prisão, sabe como é.

– A velha ladainha, hein?

– Você conhece.

Carter colocou a caixa no capô do carro e apertou a mão de Max antes de eles se abraçarem, dando tapinhas nas costas um do outro.

– É bom ver essa sua cara feia – disse ele, pegando o cigarro que Max estava oferecendo.

Ele analisou o amigo enquanto dava uma boa tragada. O cabelo estava mais comprido e a barba não era feita havia algum tempo.

– Como *tá*?

O rosto de Max se contraiu.

– *Tô* bem.

Carter suspirou.

– Tem certeza?

– Sim, cara. – O sorriso que Max deu era tímido. – Aquele era o Parker?

Carter confirmou com a cabeça e se apoiou no carro.

– Carter!

Os dois homens ergueram os olhos e viram uma ruiva que parecia nervosa, acenando hesitantemente e atravessando o estacionamento na direção deles.

– Quem é aquela?

Max baixou os óculos até deixá-los na ponta do nariz. Carter logo notou o tamanho das pupilas de Max e as olheiras debaixo de seus olhos que berravam devido às poucas horas dormidas. Droga, ele estava chapado. Caramba. Não era nem meio-dia.

– Ninguém – respondeu Carter, balançando a cabeça com irritação. – Segure isto aqui por um minuto.

Ele entregou o cigarro a Max e começou a correr entre os carros em direção à sua Pêssegos. Ele não queria que Max a ficasse secando enquanto eles conversavam. Chapado, aquele babaca podia dizer qualquer coisa.

– Oi – ofegou ele, parando em frente a ela.

– Oi – devolveu ela. – Desculpe. – Ela deu uma olhada por cima do ombro dele. – Eu... sei que você provavelmente quer ir embora logo, mas, bem, eu...

– Não tem problema nenhum – interrompeu Carter. – Aquele é só o meu amigo Max. Vai me levar para casa. – Ele tirou os óculos e os enfiou na gola da camiseta. – O que foi?

Os olhos dela passearam por ele de um jeito que fez o coração de Carter disparar.

– Recebi seu presente, o livro, e eu... só queria agradecer. Foi... – Ela mordeu o lábio com força.

– Você gostou? – perguntou Carter, ansioso, enfiando as pontas dos dedos nos bolsos da calça.

Os olhos dela se arregalaram.

– Se eu gostei? Eu amei. Foi perfeito e muito atencioso. Obrigada.

Carter ficou se mexendo no mesmo lugar.

– Bem, sabe... – Ele coçou a cabeça. – Você disse que tinha perdido o seu e, bom, agora você tem um.

– É – falou ela em voz baixa. – Já li duas vezes. É maravilhoso.

O sorriso de Carter aumentou ainda mais. Ela parecia tão feliz.

– Ótimo. De nada, Pêssegos.

– Eu também queria entregar isto a você. – Ela remexeu no bolso da calça cinza e puxou um pequeno cartão repleto de números. – Nossa primeira aula está marcada para terça às quatro horas na biblioteca da Rua 42. Aqui está o número do meu celular e meu... meu telefone de casa, bem, caso você não possa ir ou vá se atrasar ou o que quer que seja. – Ela gesticulou como que desinteressada. – Só achei que você deveria ter alguma forma de entrar em contato comigo.

Ela entregou o cartão a Carter. Será que estava ficando vermelha?

– Essa foi uma baita de uma ideia. Obrigado.

Ele enfiou o cartão no bolso de trás da calça.

– Então – continuou ela –, vejo você lá?

– Com certeza – respondeu ele.

O nervosismo dela era desconcertante, mas muito fofo.

– Ótimo – disse ela, dando um passo para trás. – Vou deixar você ir. Cuide-se.

Ele a saudou com dois dedos preguiçosos na têmpora.

– Você também.

Ela deu um sorriso tímido, se virou, e retornou para a penitenciária.

Quando ela passou pela porta e não podia mais ser vista, ele soltou um suspiro desconfortável.

– Caramba!

Pêssegos normalmente era tão controlada. Ele confiava na disciplina dela para mantê-lo calmo. As aulas com toda a certeza não iriam dar certo se eles continuassem a se comportar daquela maneira um com o outro. Talvez toda essa história de aulas particulares fosse uma furada. Ele colocou os óculos de novo e voltou para o carro.

Max estava rindo.

– Algo que você queira compartilhar?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Não – rosnou Carter por causa da pergunta ambígua. Percebendo quanto ele tinha soado protetor, ele riu, tentando esconder sua irritação. – Ela é apenas uma professora de literatura, só isso.

– Professora, é? – perguntou Max olhando para a porta pela qual ela havia desaparecido. – Cara, ela poderia me dar aulas quando quisesse com uma bunda daquelas. É traseiro para ninguém botar defeito.

Carter segurou a língua e sorriu sem mostrar os dentes enquanto mantinha os olhos na maçaneta da porta.

– Nem tinha notado.

Max bufou e tirou as chaves do carro do bolso.

– Então é isso, irmão. Precisamos fazer você comer alguém.

Carter teve que rir e concordar plenamente. Precisava relaxar e limpar a mente. Ele era um homem livre e estava pronto para curtir cada minuto da sua liberdade.

▪ ▪ ▪

Carter nunca tinha sido um cara caseiro.

Desde os 9 anos, ele era mandado de um lugar miserável para outro. Se não fosse de um colégio interno para outro igualmente pretensioso, ele costumava, em geral depois de quebrar o pau com o pai, ficar na casa de amigos, dormindo no sofá ou no chão. Sentia-se desconfortável de ficar em um mesmo lugar por muito tempo.

Sua vida era assim: instável.

Por isso ficou surpreso quando foi tomado por um sentimento avassalador de alívio ao colocar a chave na fechadura de seu loft na esquina da Greenwich com a Jay, no bairro de TriBeCa, em

Manhattan. Ele abriu a porta e ficou parado por um instante para permitir que os aromas do lugar o inundassem.

Max cutucou as costas de Carter.

– Está pensando em entrar aí?

– Sim.

Carter entrou no apartamento e fechou a porta atrás de Max, que estava carregando sua caixa.

Carter jogou as chaves em uma mesinha e deu uma olhada em volta. Pé-direito alto, piso de madeira e móveis marrons e beges. Sua coleção de violões vintage ainda estava na parede, juntamente com as fotografias em preto e branco de um artista local que ele vinha colecionando ao longo dos anos. Peças ornamentais de motos Harley e Triumph estavam espalhadas pelo apartamento, brilhando sob o sol que penetrava pelas janelas de três metros de altura.

Max tinha providenciado uma diarista para limpar tudo uma vez por semana enquanto Carter estava preso, para garantir que tudo permanecesse daquele jeito.

– Tudo direitinho, né? – perguntou Max.

Carter sorriu.

– Sim. Obrigado.

– Não tem de quê.

Max se dirigiu à geladeira duplex de aço inoxidável e a abriu para exibir o amplo estoque de bebidas alcoólicas.

– Surpresa! – disse ele, dando risada. – É tudo para você, meu amigo.

Ele abriu duas garrafas de cerveja e entregou uma a Carter.

– À sua liberdade – brindou Max solenemente quando eles bateram os bicos das garrafas; e, então, tomou um gole.

Carter ficou superfeliz pelo fato de bebidas alcoólicas não serem proibidas no período de sua condicional, mesmo às onze da manhã.

Ele arrotou alto, satisfeito, e sorriu.

– Eu estava precisando disso.

Max entregou outra cerveja a ele.

– Então, Carter, homem livre extraordinário, quais os planos para o resto do dia?

Carter bebericou sua cerveja pensativamente.

– Bom, preciso de um bom banho. E cortar o cabelo e tirar um bom cochilo na minha própria cama.

Max revirou os olhos.

– Cara, isso é o melhor em que você consegue pensar?

– Não. – O rosto dele ficou sério. – Quero ver minha menina.

Max sorriu.

– Ela está bem? – perguntou Carter. – Você cuidou dela?

– Ela está linda e, sim, cuidei dela como se fosse minha.

– Me leve até ela.

Ele seguiu Max para fora do apartamento e desceu correndo as escadas do prédio em direção à

garagem subterrânea. Max se encolheu quando as luzes se acenderam e Carter ofegou quando viu sua menina dos olhos; ela estava espetacular, de tirar o fôlego.

– Oi, linda – sussurrou ele.

Esticou o braço para que seus dedos tocassem o banco de couro imaculado de sua Harley-Davidson Sportster preta. Kala. Ele engoliu em seco quando passou a mão no guidão. Fazia tanto tempo. Max assobiou e, quando Carter se virou, jogou a chave para ele, que a pegou em cima do peito.

– Ela está maravilhosa, Max. Obrigado.

– O óleo foi trocado e ela foi polida. Eu mesmo fiz isso, é claro; não deixei aqueles malandros sebosos da oficina encostarem nela, por mais que eles insistissem.

Carter esfregou reverentemente os dedos no motor V2. Ele não tinha percebido o quanto sentia falta de pilotar. Uma imagem deliciosa de sua Pêssegos montada em sua moto com os joelhos pressionados contra suas costelas enquanto eles iam para o litoral, agarrada a ele enquanto Carter pilotava a toda a velocidade, brotou em sua mente. Ele logo se recompôs e se levantou do lado de Kala, onde estava agachado, deslizando mais uma vez a mão pelo lindo metal.

– Vejo essa sua cara safada mais tarde – prometeu ele antes de passar por Max e subir de volta as escadas do prédio.

– Beleza, cara, tenho umas coisas para ver e umas pessoas para fazer.

Max sorriu, se encostando na porta do apartamento de Carter.

Carter franziu a testa. Seu amigo tinha envelhecido de maneira considerável nos últimos meses. Havia rugas em seu rosto que não estavam ali antes.

– Você fique longe de encrenca, ouviu?

Max zombou.

– Está tudo na boa, cara.

Mas o brilho vítreo nos olhos dele sugeria o oposto.

Max passou a mão pelos cabelos escuros e bagunçados e sorriu despreocupado.

– As coisas estão sob controle. Não tem por que se estressar, certo? Aprendi que não posso controlar tudo.

Ele fungou.

– Max...

Max colocou a mão no ombro de Carter.

– Vou voltar mais tarde com comida e mulheres. Lá pelas sete, beleza?

Carter suspirou, segurando-se para não falar mais nada.

– Parece ótimo.

Os dois apertaram as mãos e ficaram se olhando por um instante em um silêncio compreensivo.

– É bom ter você em casa, cara – murmurou Max.

– É bom pra mim também.

Max apertou a mão de Carter.

– Pelo que você fez por mim e... Por ter sido preso quando você nem sequer... Eu jamais vou conseguir agradecer o suficiente...

– Ei – interrompeu Carter. – Está tudo bem, irmão. Eu devia a você.

Max respirou fundo, a angústia e a desolação claras em seu rosto.

– É. Vejo você depois.

Assim que Max foi embora, Carter fechou a porta e se encostou nela com um suspiro alto. Deu uma olhada em torno do apartamento, pensando em que diabos deveria fazer. Em Arthur Kill, ele tinha uma rotina, uma programação, pessoas que lhe diziam quando e onde precisava estar. Agora, era livre para fazer o que quisesse, quando quisesse. Dentro do razoável. Era estranho.

Desanimado, olhou para o relógio na parede e sua mente viajou diretamente para Pêssegos. Ela deveria estar em sala de aula com Riley e companhia agora.

De maneira ultrajante, o ciúme brotou em seu estômago.

– Recomponha-se, seu idiota – murmurou ele.

Ele pegou a cerveja no balcão e foi até o quarto.

Ele teria Pêssegos só para si na terça à tarde de qualquer forma. Sorriu enquanto tirava as roupas e ia para o chuveiro. Estava mais do que pronto para mandar por água abaixo, tanto de seu corpo quanto de sua mente, todos os vestígios de Arthur Kill.

12

Kat puxou a bolsa mais para cima no ombro enquanto entrava na biblioteca. Caminhou em direção à enorme mesa da recepção e sorriu para a Sra. Latham, que trabalhava na biblioteca havia décadas. Ela estava lá no dia em que a Sala de Leitura Daniel Lane foi inaugurada, depois que ele morreu.

– Boa tarde, Kat – disse ela, empurrando os óculos para cima em seu pequeno nariz.

Todo o seu rosto, contornado por cabelos castanhos grisalhos, se enrugou quando ela sorriu.

– Boa tarde, Sra. Latham. Você parece bem.

– Obrigada. Você vai usar a sala de leitura?

Ela deu uma folheada no livro de agendamentos em sua mesa.

– Vou. – Kat entregou uma folha impressa para ela. – Reservei esse dia e horário indefinidamente.

– Ah, aqui está, querida.

Ela entregou a Kat o formulário de registros, que estava em branco. Carter ainda não tinha chegado.

Kat assinou seu nome.

– Quando meu aluno chegar, você pode pedir que ele venha diretamente até mim depois de assinar?

– Claro.

Kat vagou pelo prédio irretocável, indo na direção da sala de leitura construída como parte dos desejos que o pai deixara em seu testamento. Kat sempre amou ler, e seu pai quisera criar um lugar onde não apenas ela mas outras pessoas também pudessem se perder nas páginas dos livros.

O plano dele era fazer isso antes dos 50 anos, o que nunca aconteceu.

Kat largou a bolsa em uma das largas mesas de carvalho e se sentou. Pegou todo o material para que ela e Carter pudessem começar a trabalhar imediatamente. Kat não queria perder tempo. Ela já ficava nervosa demais na presença dele.

A verdade era que depois de ter visto Carter tão... civil, ao deixar Arthur Kill, Kat tinha finalmente aceitado que *talvez* ela tivesse uma queda por ele. A lembrança de Carter com seus cabelos raspados e olhos azul-claros, seu corpo coberto por uma camiseta apertada e jeans de cintura baixa voltou à memória de Kat.

Por que tinha que ser dos Ramones? Ela adorava os Ramones. E os adorava ainda mais esticados sobre o peito largo e os bíceps fortes de Carter. Também não tinha conseguido desviar os olhos da tatuagem dele. Labaredas deliciosas de tinta preta e vermelha decoravam a pele dele do cotovelo de

um braço até o pulso de outro; as linhas, ilustrações e palavras intrincadas que ela não conseguia entender direito eram deslumbrantes.

E muito, muito sexy.

Droga. Ela estava um caco. Tudo o que queria era agradecer pelo presente de aniversário incrivelmente atencioso que ele tinha dado a ela, mas acabou gaguejando feito uma idiota.

Aquilo fora tão estúpido; e não apenas porque ela era a professora e ele o aluno (que clichê). Carter era de um mundo diferente. E isso nada tinha a ver com seu passado criminal, embora este fosse definitivamente um complicador. Ele era irritadiço e teimoso, hostil e presunçoso. Era tudo aquilo de que ela deveria fugir gritando. Mas Kat não conseguia negar que ele era também inteligente, sensível e engraçado.

Deus, que bagunça. Por que ele não podia ser um cara normal? Como Austin.

Ela deu uma olhada no celular. Austin tinha mandado duas mensagens para desejar boa sorte com Carter e contar que estava pensando nela. Ele era irresistivelmente gentil, mas aquela inquietação ainda perdurava.

Kat parecia ter sido atingida por um raio.

Será que Carter era o motivo pelo qual ela se sentia tão desconfortável com Austin? Será que ele era a causa do peso em seu estômago, do desconforto, do sussurro de desconfiança e a razão pela qual seu coração disparava?

Droga. Ela tirou a franja do rosto. Aquilo já tinha ido longe demais. Kat sabia que precisava crescer e parar de agir como adolescente. Aquela era a primeira aula particular com Carter fora de Arthur Kill e, por Deus, ela iria agir como a profissional que era.

Decidida, cruzou as pernas e esperou.

À medida que os minutos passavam, o pé começou a bater no chão. Quinze minutos se passaram e ela ainda estava sozinha. E, agora, furiosa.

Ela deu uma olhada no celular para ver se havia alguma ligação perdida ou mensagem dele. Nada. Mordeu a bochecha por dentro, morrendo de raiva. Devia saber que ele a decepcionaria. Ele era um criminoso recém-libertado que precisava recuperar o tempo perdido. Por que razão iria se ocupar com ela, mesmo que aquilo fizesse parte do acordo de sua condicional? Tinha sido estúpida de pensar que ele havia falado sério ao dizer que queria continuar com as aulas.

Mais 15 minutos se passaram e, com uma série de palavrões silenciosos, Kat começou a arrumar suas coisas. Dane-se ele. Se não quisesse levar aquilo a sério, por que ela deveria se importar?

Uma mão em seu ombro fez Kat gritar.

– Calma! – pediu Carter, erguendo os braços em rendição. – Sou eu.

Ela colocou a mão na testa, tentando respirar.

– Caramba. Você me assustou.

– Não diga – respondeu ele enquanto seus olhos dançavam para cima e para baixo no corpo de Kat, fazendo-a sentir um aperto no estômago.

Ele grunhiu alguma coisa e passou a mão pelo cabelo. Uma mão que, Kat percebeu, estava coberta de graxa.

Na verdade, ele estava quase todo coberto de graxa.

Ela o estudou da cabeça aos pés. O cabelo estava mais curto; era óbvio que tinha ido visitar o barbeiro. Seu rosto, como sempre, lindo de morrer, mas agora havia uma mancha de graxa em sua bochecha direita. Sua camiseta, preta com uma estampa dos Strokes, era justa e estava suja e os jeans, Kat só podia supor, costumavam ser de sarja azul.

– Que diabos aconteceu com você?

Ela tentou ignorar a luxúria que a simples visão dele segurando um capacete se instalou dentro dela.

Carter deu um sorriso malicioso.

– Tive uma briga com um motor V8 e perdi. Por isso estou atrasado.

A expressão presunçosa no rosto dele lembrou Kat de que estava furiosa. Ela se levantou e jogou o cabelo por cima do ombro.

– Sim, você está atrasado – rosnou ela. – Então a aula está cancelada.

Ela se virou para continuar colocando o material na bolsa.

A risada de Carter era incrédula.

– Você está de brincadeira?

– Não – censurou Kat, mantendo-se de costas para ele. – Você está atrasado e eu não estou aqui para esperar enquanto você fica se divertindo com seus brinquedos. Nem sequer pensou em mandar uma mensagem ou ligar para avisar!

Carter pegou no braço dela e a girou para que ficasse de frente para ele. Ela engoliu em seco ao ver a raiva no rosto dele.

– Ei – rosnou ele, seu nariz a poucos centímetros do dela. – Pare de dar piti e falar besteira por um minuto e se acalme!

O cheiro dele penetrou no nariz dela e na ponta de sua língua. Era intenso, fumacento e metálico, fazendo os pulmões de Kat formigarem.

– Me. Solte. Agora! – ordenou ela entre dentes cerrados.

Carter olhou para a própria mão no braço dela e a soltou imediatamente.

– Desculpe – murmurou ele, apesar de seus olhos ainda estarem trovejantes. – Olha, não vá embora, tá? Só me deixe explicar.

Ela cruzou os braços.

– Muito bem. Explique.

Os olhos de Carter se estreitaram.

– Conforme definido na minha condicional – começou ele com os lábios quase fechados –, meu emprego é na oficina mecânica do meu melhor amigo. – Ele apontou para a graxa que cobria suas roupas. – Max estava tendo dificuldades com o motor de um Corvette. Me ofereci para ajudar pouco antes de sair e deu tudo errado. Eu teria ligado ou mandado mensagem para você, mas estava ocupado me certificando de que peças de um motor de 90 quilos não caíssem na cabeça dos meus colegas de trabalho.

Kat analisou o que ele tinha dito. Ele era tão másculo e forte, parado ali com suas roupas sujas e a barba por fazer. Ele gotejava sexo. Quando pegou em seu braço, não a machucou, é claro, mas a

sensação das mãos dele em sua pele foi difícil de ignorar. E ainda estava ali, bem no fundo de seu corpo, em lugares que só ele poderia alcançar.

Ela soltou os braços e deu de ombros.

– Está bem. Tanto faz.

– Me desculpe. O quê?

Carter se curvou, de modo que seus olhos ficaram no mesmo nível dos dela.

– Eu disse que tudo bem. Vamos começar de uma vez – resmungou ela.

Burra condescendente. Ela apontou bruscamente para a cadeira do outro lado da mesa.

Carter se sentou e começou a remexer em sua mochila enquanto Kat o observava de forma velada. Ele pegou um pacote grande de biscoitos Oreo e os colocou na mesa.

Kat ficou boquiaberta. Ela não comia Oreos havia anos. Nunca mais tinha conseguido, visto que aquele era um hábito dela com o pai. Ele sempre comia o recheio; ela, o biscoito. Juntos, conseguiam devorar um pacote inteiro em minutos.

– Não é permitido comer aqui.

Ele deu uma olhada em torno da sala vazia.

– Você vai me dedurar?

Kat se sentou.

– Só não faça bagunça.

– Pode deixar, Pêssegos.

Ele pegou um biscoito, abriu-o e lambeu o recheio.

Fascinada, Kat ficou observando a língua dele lamber para cima, para baixo e em volta. Como é que comer um biscoito podia ser tão sensual, meu Deus? Ela pigarreou e empurrou o trabalho de Carter em direção a ele. Ele juntou novamente os biscoitos sem recheio e os colocou com cuidado em um guardanapo.

Carter pegou o papel à sua frente. Ele ergueu os olhos e viu Kat olhando fixamente para seus Oreo sem recheio.

– O quê? Quer meus biscoitos?

– Você... hum, só come o recheio?

– Sim – respondeu ele. – Não gosto muito do resto. Sinta-se livre para comer o lado no qual eu não passei a língua toda.

As bochechas dela queimaram.

– Não. Estou bem assim. Obrigada.

– Bem, a oferta está de pé. E não se preocupe – ele baixou o tom de voz –, também não vou contar a ninguém.

Kat conteve um sorriso. Não muito.

– Me diga o que você sabe sobre este poema.

Ele deu uma olhada para baixo.

– Ora, ora. Esta é uma baita mudança. Bem diferente da Elegia de Tichborne. Assim eu vou ficar vermelho.

Ela gesticulou para que ele continuasse.

– “A pulga”, de Donne, pega uma ação em geral insignificante, matar uma pulga, e a transforma em uma metáfora sexualmente pervertida.

– Sexualmente pervertida? – questionou Kat, com a garganta seca.

Seu olhar sombrio e seu sorriso malicioso e sexy não eram o que ela precisava para se manter focada e profissional.

Carter abaixou o rosto.

– Não se faça de recatada comigo, Pêssegos. Você sabe tão bem quanto eu que o poema é sobre Donne fodendo a amante.

A maneira como a boca de Carter se curvou na palavra “fodendo” fez a pulsação de Kat disparar.

– Pode falar mais a respeito?

– Quando Donne fala do sangue que a pulga sugou tanto dele quanto de sua amante, ele está falando de sexo, de seus corpos se unindo.

– Hum – disse Kat, mantendo os olhos na mesa e longe dos cílios longos e devastadores que raspavam nas maçãs do rosto de Carter.

Carter aproximou sua cadeira da dela.

– Isso foi um “hum” de “concordo com tudo o que você acabou de dizer, Carter” ou um “hum” de “você não faz a mínima ideia do que está falando”?

– Não, não, você tem toda a razão – respondeu Kat, arrependendo-se da escolha daquele poema. Que diabos ela estava pensando?

Sem dizer nada e sem hesitar, Carter colocou o cabelo de Kat atrás da orelha e ergueu o rosto dela na direção do seu. A sensação dos dedos calosos dele em sua pele atravessou o corpo de Kat como uma bala.

– Pêssegos – murmurou ele. – Cadê você? Você está a quilômetros de distância.

– Só estava pensando... Sei que existe uma resenha sobre este poema aqui em algum lugar. – Ela afastou o queixo e se levantou. – Vou procurar. Por que não faz umas anotações na sua cópia para a gente discutir quando eu voltar?

Kat correu em direção às prateleiras que continham todas as obras e as críticas de cada uma delas. Ela precisava se afastar de Carter.

▪ ▪ ▪

Carter a observou sair e afundou na cadeira. Ele pegou outro Oreo e começou a lamber.

Será que tinha ido longe demais com aquela coisa do cabelo e do queixo? Se soubesse... Ele não queria que ela pensasse que ele estava tirando proveito da situação agora que não havia guardas nem câmeras, apesar de não ter pensado em outra coisa desde o minuto em que acordara. Droga, ela era tudo em que ele pensava recentemente.

Três Oreos depois, ela ainda não tinha voltado. Ele checou a hora no celular e suspirou impaciente.

– Foda-se – grunhiu ele, levantando-se.

Enfiou as mãos nos bolsos e saiu andando na direção em que ela havia desaparecido.

– Pêssegos? – sussurrou ele, procurando em cada corredor.

Ele já tinha checado quatro corredores quando finalmente a avistou de pé em uma escada grande, tentando pegar um livro na prateleira mais alta. Ele foi até lá, lenta e silenciosamente, seus olhos na altura das panturrilhas dela. Ele não pôde evitar lamber os lábios ao ver aquela pele macia e clara. Ela não tinha percebido que ele estava ali, encostado nas prateleiras, contornando a curva de sua perna com os olhos. A mão dele passou a agir por vontade própria e antes que tivesse ideia do que estava fazendo, Carter estava esticando o braço para tocar a parte de trás do joelho de Kat.

– Carter!

Ele pulou com o grito dela, mas logo se endireitou quando ela perdeu o equilíbrio em cima da escada e escorregou, agarrando-se aos livros em uma tentativa de não cair. Ele a segurou pela cintura, raspando nos contornos de seus seios maravilhosos, garantindo que ela não caísse no chão. Ela caiu em cima dele, o que resultou em um barulho retumbante quando as costas dele atingiram a prateleira do lado oposto.

– Fala sério, Carter, esta é a segunda vez que você me assusta hoje – grunhiu ela, afastando-se dele.

– É, nem fale – murmurou ele, esfregando a lombar. – Acabei de salvar a sua vida.

– Foi *você* que me fez cair – apontou ela.

Kat tinha dado um passo para trás. Que diabos foi aquilo? Ele foi para perto dela, apoiando a palma da mão nas lombadas dos livros ao lado de seu rosto. Ele podia sentir o cheiro do cabelo dela. Nossa! Tinha mesmo cheiro de pêssegos.

– Está tudo bem, Srta. Lane?

Os dois se assustaram com a voz da Sra. Latham. Carter piscou, reparando em como eles estavam perto um do outro.

– Sim, estou bem – respondeu Pêssegos à velha, que estava de olho em Carter.

Ele deu um sorriso torto.

– Ouvi um grito.

Ela ajeitou os óculos.

– Sim – interrompeu Carter. – Fui eu. Vi uma aranha. Enorme. Morro de medo delas. Kat me salvou.

Ele deu a ela o sorriso que era sua marca registrada para encerrar o assunto, mas a pequena bibliotecária não pareceu se impressionar.

– Bom, desde que você esteja bem, Srta. Lane.

– Estou bem, obrigada, Sra. Latham – garantiu Pêssegos.

A velha deu uma última olhada de desaprovação para Carter antes de desaparecer de volta em direção à sua mesa. Pêssegos caiu na risada. Ele riu também, observando o nariz dela enrugar e emitir um pequeno ronco.

– Aranhas – ela conseguiu dizer.

– O quê? – perguntou ele, se encostando na prateleira ao lado dela. – Eu odeio.

Kat meneou a cabeça.

– Você é uma figura, Sr. Carter.

Ele sorriu.

– Você sabe.

Eles ficaram olhando um para o outro por um breve instante, aparentemente perdidos em seus próprios pensamentos, até que Pêssegos bateu o grande livro que tinha pegado da prateleira na barriga de Carter.

– Nossa!

– Aqui – disse ela com um sorriso. – Vamos falar mais sobre suas metáforas sexuais pervertidas.

Carter riu e ficou observando a bela bunda dela se afastar.

– Achei que você nunca fosse pedir – murmurou ele, seguindo-a rapidamente.

13

– Porcaria de máquina!

Carter ergueu a vista do carburador detonado em suas mãos para olhar para Max chutando a roda do Pontiac GTO de motor V8 que ele estava xingando havia uma hora.

Carter foi até ele, limpando as mãos sujas de graxa em um pano que pegou no bolso.

– Ei, ei, calma, cara. Não batemos em mulheres. Qual o problema?

Max passou a mão pelo cabelo.

– Esta porcaria aqui.

Ele apontou para o carro.

Os olhos de Carter se arregalaram, ironicamente horrorizados. Ele apoiou as mãos na porta do motorista do veículo alaranjado.

– Não dê ouvidos a ele, gata – sussurrou para o carro. – Ele não falou por mal.

Max balançou a cabeça.

– Que seja, cara. Para mim, chega.

Carter franziu a testa e apoiou o braço no teto do carro.

– Chega? – perguntou ele em um tom provocador. – Você desiste fácil assim?

– Não – retrucou Max na defensiva. – Eu só não consigo... Esta coisa ainda está com o motor acelerado e... Droga, Cam, diminua essa bosta!

Cam correu até o aparelho de som no canto da oficina e diminuiu a música do Foo Fighters até soar bem baixinho.

Carter ficou olhando para Max, ciente de que aquele mau humor não era fruto apenas da aceleração do motor do carro.

Max deu as costas para o olhar penetrante de Carter e abriu uma lata de Coca, que logo começou a beber. Assim que terminou, se voltou novamente para o amigo, soltando o peso do corpo na parede antes de deslizar por ela. Os olhos dele encontraram os de Carter por um breve momento antes de começar a explicar:

– O nível de açúcar no meu sangue está baixo, cara.

Após ter sido diagnosticado com hipoglicemia quando criança, Max costumava conseguir manter seu nível de açúcar bastante normal, mas se transformava em um babaca rabugento quando o nível baixava. Carter pegou um pacote de Mini Oreo em seu bolso de trás e o jogou para o amigo.

Max colocou um na boca e murmurou, satisfeito. Ele ofereceu o pacote a Carter, que pegou dois biscoitos.

– Então, o que mais está acontecendo? – perguntou Carter após um silencioso momento de apreciação dos biscoitos.

Max desviou o olhar do amigo, que se agachou no chão perto dele.

– Desde quando guardamos segredos, Max?

– Não tenho segredo algum – respondeu Max, meneando a cabeça. Ele parecia tão cansado. – Você sabe tudo o que tem para saber.

– Ah, é? – duvidou Carter. – Então, se sei tudo, quando exatamente você ia me contar que anda cheirando de novo?

Max manteve os olhos no chão.

– É só por diversão, cara.

– Eu achava que você ia largar isso – disse Carter, exasperado.

– Eu sei, eu tentei. Você sabe que tentei. Mas me alivia. – Ele esfregou a mão no rosto sonolento. – Eu não... Não tenho dormido bem. Para falar a verdade, não durmo bem desde que... desde que ela... Olha, a droga me dá um gás.

O estômago de Carter se contraiu por seu amigo e sua incapacidade de falar da mulher que tinha partido seu coração. Ele parecia tão perdido.

Carter cutucou o ombro de Max com o próprio ombro.

– Estou aqui se você quiser falar sobre a Liz...

Max ergueu a cabeça subitamente, seus olhos queimando.

– Não.

Carter suspirou.

– Está bem. Mas você precisa ser honesto comigo.

Carter deu uma olhada dura para Max, que a aceitou com um aceno lento de cabeça.

A honestidade sempre tinha sido algo importante para a amizade que eles construíram ao longo dos anos. A honestidade e a confiança.

– Cara, você está um caco. Seus nervos estão à flor da pele. Você está administrando um vício caro. Paul me contou que as finanças da oficina não andam lá muito bem. Se você der um basta nisso, sabe que posso ajudar com a questão financeira da...

Max protestou.

– Não, Carter. Não quero seu dinheiro. Já disse isso a você antes.

– Não é o meu dinheiro – retrucou Carter. – É o dinheiro dos Fords.

– Tanto faz – continuou Max. – Não vou aceitar. Depois de você ter ido para Arthur Kill por causa da Liz e de mim...

A voz dele sumiu, aquele nome comprimindo sua garganta de emoção. Então, ele tossiu uma risada amarga e fria.

– Que baita perda de tempo foi aquilo.

– Você teve notícias dela? – arriscou Carter delicadamente.

Max quase nunca falava da mulher que, ao largá-lo e desaparecer sem dizer ao menos um "vai se ferrar", tinha despedaçado seu coração seis meses após Carter ter sido mandado para a Arthur Kill.

Max sacudiu a cabeça antes de soltá-la na parede.

– Nada. Nem sequer a porcaria de uma mensagem. Nada desde o dia em que ela foi embora.

Carter colocou a mão no ombro de Max e deu um aperto, odiando o que Lizzie Jordan tinha feito com seu melhor amigo. Por causa dela, o cara estava desolado, nutrindo um vício em cocaína que provavelmente o colocaria na prisão, ou coisa pior.

– A oferta está de pé, tá? – disse Carter. – Estou aqui por você, cara, você sabe disso, mas estou na minha condicional. Preciso me cuidar também.

A condicional, no entanto, não era o único motivo para Carter manter o nariz limpo. Ao contrário do que todos pensavam, ele tinha se afastado de todas as drogas um ano antes de ser enviado para Arthur Kill.

– Está tudo bem – disse Max, a máscara da indiferença encobrindo a dor. – Está tudo sob controle, juro. Ei, vou encontrar uns caras na semana que vem para fechar um acordo ótimo que vai resolver tudo. Quer participar?

O revirar de olhos furioso de Carter fez Max rir.

– Babaca. Sim, só vou ali ligar para o oficial da minha condicional para perguntar se tudo bem. – Ele deu um soco no braço de Max. – Você se cuide, está me ouvindo?

O celular de Carter vibrou em seu bolso. Levantando-se e afastando-se de Max, ele o tirou do macacão e sorriu.

Tente não se atrasar de novo.

– É a sua professora? – perguntou Max com um sorriso compreensivo. – Fala sério, meu irmão, quando é que você vai traçar a garota?

– Cale a boca – grunhiu Carter.

Max riu de novo.

– O que está rolando entre você e ela, hein? É algo desse tipo?

Carter limpou a garganta.

– Não – suspirou ele. – Não é nada desse tipo.

Ele lambeu os lábios e olhou para o melhor amigo.

– É claro – provocou Max. – Se você ainda não comeu, está louco para comer. Está estampado na sua cara. Não que eu esteja culpando você. Olha só pra ela...

Carter reprimiu o resmungo de possessividade que subiu por sua garganta.

– É complicado. – Ele fez uma pausa. – Ela é... Ela é a Pêssegos.

Os olhos de Max se arregalaram.

– Pêssegos? A menina do Bronx, do pai que... Está brincando?

Carter ergueu as sobrancelhas.

– Caralho.

Na noite em que Carter salvou Kat, ele contou tudo a Max. Foi só naquele momento, com o amigo ao seu lado, a adrenalina ainda correndo por suas veias e o barulho do disparo ainda ressoando em sua cabeça, que ele chorou abertamente de medo.

Max se levantou do chão.

– Ela sabe? Você disse alguma coisa a ela?

Carter apertou o dorso do nariz.

– Não. Não disse. Eu nem saberia por onde começar.

Max cruzou os braços em frente ao peito.

– Entendo você. – Um sorriso curvou os cantos de sua boca. – Caralho, meu irmão, depois de todos esses anos... Você a encontrou.

Carter sorriu e coçou a nuca.

– É.

Max deu um tapa brincalhão no braço de Carter.

– Caia em cima. Ela já está bem crescidinha.

Carter bufou. Apesar da sugestão de Max de que ele usasse seu charme de derreter corações para levá-la de uma vez para a cama, com sua Pêssegos aquilo parecia... chulo demais. Ela merecia mais.

Ele deu uma olhada no relógio. Eram três e quinze. Faltava menos de uma hora para encontrá-la. Ele respondeu a mensagem.

Eu não ousaria.

Aquilo não era totalmente brincadeira. Ele tinha ficado surpreso com a reação dela a seu atraso na primeira aula. Parecia que estava pronta para arrancar fora a cabeça dele. Conseguia entender os motivos dela, mas, caramba, a menina era brava. Não que ele fosse muito diferente. Mas, depois de toda a discussão e da queda, a aula tinha corrido bastante bem.

Era estranho como o tempo passava rápido quando estava com Pêssegos. Parecia tão fácil estar com ela. Gostava da sua insolência e do seu entusiasmo. Faziam com que se lembrasse de sua própria paixão pelas palavras escritas; e ele sentia prazer em falar sobre as escolhas de vocabulário do autor e as complexidades daquilo tudo.

Na verdade, ele gostava de conversar com ela. Ponto. Conversar com ela – e, agora, tocar nela. Ele não conseguia parar de pensar na maciez de seu cabelo, quando o ajeitou para trás de sua orelha, ou na suavidade da pele de seu joelho. Será que a pele dela era macia daquele jeito no corpo todo?

Ele pigarreou e sacudiu a cabeça para afastar a imagem de Pêssegos abraçada a ele enquanto ele metia nela entre as prateleiras de livros.

Deus!

Ele queria mais. E não apenas no sentido “quero-ver-como-você-é-pelada”.

Como seria estar sempre ao lado dela? Um dos seus melhores dias na Arthur Kill foi aquele em que ela contou sobre o pai e o livro que ele costumava ler para ela. Tivera uma pequena amostra da Kat Lane que existia fora das paredes do presídio. E, agora que ele também estava do lado de fora, queria muito ver mais.

Como ela reagiria se ele fizesse algumas perguntas pessoais? Só perguntas a respeito do que ela gostava e do que não gostava, não o número do sutiã, nem nada desse tipo – apesar de ele ter ficado

pensando sobre isso também. Parecia que eles encheriam as mãos dele perfeitamente. O corpo dele reagiu de imediato àquele pensamento, o que era bem constrangedor, visto que estava cercado por um monte de homens.

O corpo de Carter ainda parecia achar impossível se conter quando estava perto dela ou quando pensava nela. De qualquer forma, por mais que tivesse adorado sugerir que eles fossem para a cama de uma vez, ele sabia que ela não era esse tipo de mulher. E tinha certeza de que se um dia soubesse que qualquer homem a estava tratando assim, ele não teria problema algum em foder. Com. O. Lance. Deles.

A possessividade dele poderia ser um problema.

– Carter?

Ele deixou seus devaneios de lado e olhou para Cam, que estava se encaminhando para a entrada da oficina.

– Tem um cara aí procurando você.

– Quem? – perguntou Carter, largando o café.

Cam deu de ombros.

– Não faço ideia. Ele só disse que precisava conversar com você com urgência.

– E não é sempre assim?

Ele parou no meio do caminho quando viu quem estava esperando por ele do lado de fora da oficina, usando um terno que devia ter custado pelo menos dois mil dólares. Carter xingou baixinho e deslizou a mão pelo rosto, exasperado.

– Austin Ford.

Austin acenou com a cabeça.

– Carter.

Houve um momento de silêncio esmagador enquanto os dois homens se analisavam. Impaciente como sempre, Carter foi o primeiro a interrompê-lo.

– O que está fazendo aqui? – perguntou com um movimento indignado de cabeça.

– Você não tem retornado nossas ligações – respondeu Austin, seu tom de voz calmo e arrogante.

– Vocês são uns panacas que não conseguem me intimidar por telefone, então decidiram vir aqui fazer isso pessoalmente? – retrucou ele.

– Não estamos intimidando você, Carter. Estes papéis precisam ser assinados.

Carter puxou o maço de cigarros do bolso de trás e acendeu um, dando um longo trago. Ele apontou para Austin com o cigarro aceso entre os dedos.

– Esses papéis foram redigidos sem o meu consentimento, como forma de me tirar da jogada. Isso, meu amigo, é intimidar. Intimidar de maneira desleal e cruel.

– Carter. – Austin passou o dedo pela ponta do nariz. – Você não quer nada com a empresa. Repetiu isso inúmeras vezes. Mas, mesmo assim, quando oferecemos uma saída, você cerra os pulsos e diz não.

– Balela – ralhou Carter. – Vocês estão me oferecendo uma saída porque os Fords estão se cagando de medo de que os acionistas da WCS descubram que a sua empresa é propriedade de um

criminoso. Irônico, é verdade, se você considerar os homens com quem vocês têm feito negócios. O nome Casari soa familiar?

Os olhos de Austin se estreitaram.

– Carter. Intrigas à parte, somos família...

Os olhos de Carter queimaram.

– Não me venha com esse papo de "família", Austin. – Ele sacudiu as cinzas do cigarro, não acertando o braço esquerdo de Austin por milímetros. – Você não era família quando eu estava na prisão, então não finja que se importa agora!

Austin ergueu as mãos em rendição.

– Está bem, está bem. Já entendi.

– Não – continuou Carter, dando um passo na direção dele. – Você *não* entendeu. Podemos ser parentes, mas isso não significa que eu pensaria duas vezes antes de quebrar a sua cara, aqui e agora, só para ficarmos quites.

Austin se recusou a recuar, mesmo quando Carter quase encostou o nariz no dele.

– Isso não seria muito bom para a sua condicional, não é?

– Vá se foder, seu hipócrita – sibilou Carter. – Não fique aí me olhando de cima, como se fosse mais limpo que os lençóis de uma freira. Posso fazer uma única ligação sobre seus negócios com Casari e a polícia federal vai estar no seu encalço rapidinho.

– E, é claro, você tem provas sobre mim e Casari, certo?

Os dois homens ficaram se encarando, sem piscar nem recuar.

– Está tudo bem aqui?

Os olhos de Carter se desviaram para Max, que estava recostado na parede e tinha os braços cruzados em frente ao peito largo.

– Está – respondeu Carter, sem tirar os olhos do rosto de Austin. – Meu primo já estava de saída.

Austin expirou, resignado.

– Pense no que falei, Carter. Vamos manter contato.

Ele atravessou a rua até seu carro.

Carter observou o carro arrancar e, então, olhou para Max com uma expressão tempestuosa.

– O que aquele otário estava fazendo aqui? – perguntou Max, com as sobrancelhas erguidas.

Carter se encostou na parede ao lado dele.

– Eles ainda estão tentando me subornar para que eu caia fora.

– O que você disse?

– Falei para ele se foder – respondeu Carter, dando de ombros.

Max bateu em seu ombro.

– Este é o meu garoto.

Carter abriu um sorriso, permitindo que seu corpo se acalmasse.

Família? Uma ova. O que é que Austin sabia sobre família?

Os Fords eram todos iguais. Eles só se preocupavam em botar as mãos no dinheiro dele e ter mais poder. E, por mais que Carter desprezasse cada centavo que entrava em sua conta na Suíça todo mês, não ia sair de fininho como uma ovelha negra só porque os Fords queriam.

De repente, ele se endireitou, os olhos arregalados e desesperados.

– Merda! – Ele passou a mão pelo peito e pelos bolsos da calça, como se estivesse procurando alguma coisa. – Que horas são?

– São quinze para as quatro, cara, por quê? Onde é o incêndio?

– Puta merda! – gritou Carter, correndo para os fundos da oficina para pegar a mochila e as chaves. – Estou atrasado, cara! Estou atrasado!

Ele colocou a jaqueta de couro e os óculos de sol e correu na direção de Kala.

– Minha aula! – gritou ele para Max, antes de colocar o capacete e subir na moto. – Estou atrasado e disse que não iria me atrasar! Eu prometi a ela!

– Ah, a professora – falou Max enquanto Carter caminhava com a moto até a rua. – Ei, se você não estiver interessado, diga que posso mostrar algumas coisas boas da vida para ela! Sempre tive uma queda por ruivas.

Ele riu quando Carter mostrou o dedo do meio para ele antes de dar marcha a ré na Harley e sair voando como um morcego fugindo do inferno.

▪ ▪ ▪

Kat tamborilou as unhas na mesa da biblioteca, irritada, pensando em por que ela havia pensado que Carter estava falando sério quando disse que não se atrasaria.

Ah, sim – porque ela era idiota.

Ela era idiota por achar que ele não se atrasaria. Era idiota por ansiar pelo tempo deles juntos e se ressentir com ele por torná-lo mais curto. E era realmente idiota por ter tido o trabalho de retocar o gloss labial antes de chegar à biblioteca.

Ela pegou na bolsa o exemplar de *Walter the Lazy Mouse* que ele lhe dera e releu o que ele tinha escrito. "Não importam os obstáculos."

Bom, pensou secamente, o maior obstáculo, agora, era o fato de que o cara estava atrasado para o próprio enterro. Ela fechou o livro e deu mais uma olhada no relógio. Dez para as quatro. Havia esperado meia hora na vez anterior. Ia esperar vinte minutos hoje. Pegou o celular para ver se havia alguma mensagem ou ligação perdida. Nada. A única mensagem era do Austin, desejando um bom dia e perguntando se tinha planos para sábado.

Ela deu um suspiro, evitando olhar para as prateleiras de livros onde o braço grande, forte e musculoso de Carter a tinha agarrado e segurado tão deliciosamente...

– Droga! – Ela largou a testa na mesa. – É só uma paixonite idiota. Recomponha-se. Só porque ele é bonito não quer dizer que você...

– Quem é bonito?

Ah. Putz!

Kat se sentou lentamente.

– Meu... sapato – respondeu ela, esticando o pé para que Carter pudesse ver seu Gucci prateado. – Não é bonito?

Ela manteve os olhos no sapato, tentando acalmar o coração disparado.

Carter arqueou as sobrancelhas confusas, deslizando os olhos pelo pé, pelo tornozelo e pela perna que ela estava mostrando a ele.

– Hum, não faz muito meu estilo, mas, sim, lindo.

Ele tirou a jaqueta e a colocou no encosto da cadeira, fazendo uma careta.

– Então, sei que estou atrasado. E sei que disse que não me atrasaria.

– Sim – falou ela, ávida por mudar de assunto. – De novo. Sei que você tem coisas para fazer, mas eu também tenho. E seus atrasos constantes simplesmente não vão funcionar. Já perdemos 15 minutos.

– Me dê uma trégua, Pêssegos. É só a nossa segunda aula. Ainda estou tentando encontrar meu ritmo no meio disso tudo. Não quero ficar assim para sempre... Estou me esforçando, tá?

Kat reparou que a expressão dele era mais amena, mais vulnerável. Ela franziu a testa.

– O que aconteceu?

Carter se recostou na cadeira, parecendo surpreso.

– O quê?

– Por que se atrasou? O que aconteceu?

Ele inspirou fundo e coçou o pescoço.

– Houve um... problema familiar com o qual tive que lidar e perdi a noção do tempo.

Familiar? Aquela era a última coisa que achava que ele fosse dizer. Kat não sabia nada sobre a família dele.

– Está tudo bem?

– Hum... Sim, está tudo bem. – Seus olhos se afastaram dela. – Podemos começar agora?

Kat sentiu a tensão se espalhar pelo maxilar dele. A verdade era que ela mal conhecia o homem sentado à sua frente, e isso era motivo de preocupação. Ela o desejava, mas tudo o que sabia sobre ele era que tinha passado um tempo preso, fora muito bem educado e trabalhava em uma oficina mecânica com o melhor amigo. O fato de ele transformar o ato de fumar em algo loucamente sexy e de ficar irresistivelmente lindo de jeans e Ray-Ban era irrelevante.

Apesar de que...

Droga.

– Estou vendo que você veio direto do trabalho de novo – reparou ela, indicando com a cabeça sua camiseta vermelha do White Stripes manchada de graxa.

– É, eu fico todo sujo. – Ele cravou os olhos nela, através dos cílios grossos; seu olhar como um toque quente na pele de Kat. – Desculpe por ter me atrasado. – Ele esfregou as mãos no rosto. – Nossa, preciso de um cigarro!

Kat se levantou, arrastando a cadeira pelo piso de linóleo.

– Se você precisa fumar, vamos lá para fora.

– Mas você não fuma.

Kat colocou as mãos nos quadris e deu dois passos em direção à porta.

– Gosto de assistir – brincou ela. – Venha.

■ ■ ■

Carter ficou observando Kat por um momento, depois a seguiu. Do lado de fora da biblioteca, sob o sol quente, eles foram até a área de fumantes.

Ela fez um gesto com a mão para que ele acendesse o cigarro. Ele sorriu e acatou a sugestão, tragando com todas as forças.

Recostando-se na parede, sentiu o perfume dela e fechou os olhos brevemente com a doçura do aroma.

O topo da cabeça de Kat batia em seu ombro. Como ele não tinha reparado nisso antes? Talvez fosse por causa de sua autoconfiança. Sua atitude de não levar desaforo para casa a fazia parecer mais alta. O cabelo refletia a luz do sol, fazendo com que o vermelho e o dourado brilhassem. O desejo dele por ela crescia exponencialmente cada vez que a via e, enquanto a observava distraída com o tráfego, a agitação que ela sempre despertava nele começou a se manifestar.

– Por que você se tornou professora? – perguntou ele, precisando de uma distração para sua libido em ebulição.

A cabeça dela se virou de supetão na direção dele, seus grandes olhos verdes alertas.

– Desculpe – murmurou ele com o cigarro na boca. – Não quis me intrometer. Não é da minha conta.

Ele ficou olhando para os próprios pés até que ela respondeu.

– Meu pai. Antes de ele morrer, fiz uma promessa. – Ela ergueu o rosto para o céu. – Ele sempre me ensinou que era importante retribuir, não tomar nada como garantido. Eu adorava ler e escrever, e virar professora simplesmente parecia... acender algo em mim. – Ela fitou seu rosto. – Parece piegas demais, né?

Ele balançou a cabeça.

– Não há nada de errado com a paixão, Pêssegos.

– Você queria ser alguma coisa, antes da prisão?

Carter cruzou os tornozelos um por cima do outro.

– Houve um tempo em que eu quis ser médico.

Ele nunca tinha contado aquilo a ninguém.

– Médico?

– É; cirurgião, na verdade. Não fique tão surpresa. Sou bom com as mãos.

Ele mexeu os dedos.

– É por isso que você trabalha na oficina?

– Não. Além de trabalhar lá para ajudar o Max, faço isso porque adoro motores. Desmontar tudo, ver como funciona e, depois, remontar. – Ele fechou os olhos. – O barulho que fazem também é incrível.

A primeira vez que pilotara Kala até Nova Jersey era uma tarde quente de verão; o motor dela era tão alto que os ossos dele vibravam.

Carter abriu os olhos e viu que o olhar de Kat se fixava nele, inocente e desejoso. Ela era um paradoxo. A agitação no fundo do estômago foi se transformando em algo maior.

Era mais que atração. Era desejo. Ele estava faminto por ela – em todos os sentidos que se permitia pensar.

Ele respirou fundo para afastar a ânsia esmagadora de beijá-la.

Ela piscou.

– Que foi?

Ele limpou a garganta, a vontade de colar sua boca na dela crescendo como um maremoto em seu corpo.

– Nada.

Bem, isso era novidade.

Ele não beijava as mulheres – em geral, elas é que o beijavam. Na verdade, elas imploravam. Ele quis fazer coisas indescritíveis com Pêssegos desde que a tinha visto pela primeira vez. Mas beijá-la? Aquilo nunca tinha passado pela cabeça dele.

Até agora.

– Então, o que você gosta de fazer quando não está se sujando de graxa?

O sorriso dela era tímido. O sorriso dela era lindo.

Ele queria lamber o lábio inferior dela. Talvez chupá-lo.

– Gosto de tocar violão. – A voz dele era rouca. – Ver TV. Beber. Andar de moto. Nada excitante.

– É, notei seu capacete.

– Sim. Minha menina.

Pêssegos riu.

– Garotos e seus brinquedos.

– É isso aí.

Ela ficou arrastando o pé pelo chão.

– Meu pai tinha uma moto quando eu era nova. Adoro motos.

É claro que ela adorava. Como se ela pudesse ser ainda mais perfeita. Deus! Ele soltou a fumaça e sacudiu as cinzas para o lado.

– Melhor voltarmos lá para dentro.

Concordando com a cabeça, Pêssegos se afastou da parede. Carter a seguiu de perto, observando o gingado delicioso de seus quadris enquanto eles entravam na biblioteca. De repente, do nada, um grandalhão barbudo com uma mochila enorme a acertou com tudo, fazendo-a voar longe. Carter a segurou pela cintura, endireitando-a contra o peito antes que ela caísse no chão.

– Droga! – assustou-se ela, agarrando o braço de Carter.

– Preste atenção – falou o grandalhão sem nem sequer olhar para ela. – Vaca cega!

Carter deu três passos largos e segurou o pulso do homem, fazendo-o virar. O idiota fez uma careta quando Carter apertou os pontos que sabia que iam doer bastante.

Ele tentou se desvencilhar de Carter.

– O que é isso, cara?

– Carter – chamou Pêssegos, correndo para o lado dele.

Ele a ignorou e girou o braço do homem ainda mais.

– Você vai quebrar meu pulso!

Carter rosnou:

– E vou mesmo, se você não pedir desculpas a esta moça.

O homem abriu a boca, mas nenhum som saiu.

– Peça desculpas – ordenou Carter.

– Me desculpe – grunhiu ele, mas Carter não o largou.

– Carter, ele pediu desculpas. Deixe-o ir – pediu Pêssegos.

Sorrindo do medo nos olhos do idiota, ele apertou mais uma vez, para passar seu recado, antes de soltá-lo. O babaca tropeçou, pegou a mochila que tinha derrubado no chão e saiu correndo, o olhar de Carter cravado em suas costas.

Pêssegos se virou, empurrando o braço dele.

– O que foi que você fez?

Antes que pudesse responder, ela voltou como um furacão para a sala de leitura, pisando duro, os braços dobrados ao lado do corpo. Quando se aproximou dela, ela estava espalhando coisas pela mesa.

– O que foi que eu fiz? – repetiu ele, a voz baixa.

Ela não respondeu e arriou o corpo na cadeira.

– Você está brava? – perguntou, incrédulo.

– Temos trabalho a fazer – respondeu ela, dando uma olhada dura para ele.

A irritação de Carter cresceu. Ele cruzou os braços.

– Ei, eu fiz uma pergunta.

– Sim, estou brava – disse ela em um sibilo baixo.

– Por quê?

– Por quê?

– Sim. Por que você está brava, afinal?

Sua ingratidão fez com que a pele dele se contraísse, ao passo que a raiva dela deixou seu pau duro como titânio.

Ela respondeu por entre os dentes.

– Estou brava porque você é um idiota que parece ter esquecido que está em condicional e não consegue controlar o próprio temperamento.

Antes que ela pudesse respirar, ele estava se debruçando sobre ela, as mãos apoiadas nos braços da cadeira em que estava sentada, aprisionando-a contra o couro às suas costas. Ela se recostou na cadeira, seus olhos se estreitaram, mas ele se aproximou ainda mais.

– Terminou? – irritou-se Carter, os olhos penetrando nos dela. – Me deixe dizer uma coisa a você, Srta. Lane. Esse seu corpo ingrato estaria estatelado no chão da biblioteca se eu não tivesse segurado você; e aquele idiota vai pensar duas vezes antes de tratar uma mulher daquele jeito de novo. Então não me dê sermão com relação ao que devo ou não fazer. Você é minha professora, não minha guardiã. Entenda isso de uma vez por todas.

O corpo dele estremeceu quando o olhar de Pêssegos desceu até sua boca.

Droga, ele queria beijá-la, sentir seu gosto, perder-se nela, beliscar e morder e deixá-la completamente sem ar.

A respiração dele desacelerou.

– Você está com medo?

Ela balançou a cabeça. Tão teimosa.

– Deveria – avisou ele. – Você não faz ideia do que sou capaz.

As pupilas dela se dilataram e os pelos de seu pescoço se arrepiaram.

Ele observou, fascinado.

– Quando você terminar – informou ela em voz baixa –, temos trabalho a fazer.

Carter soltou lentamente os braços da cadeira. Olhou para o vermelho quente nas bochechas dela e se sentou, pegando o poema.

– Leia tudo – disse ela, com autoridade. – Destaque as linhas, frases, palavras que você quiser e vamos discutir a respeito quando você terminar.

▪ ▪ ▪

Uma hora depois, enquanto Kat colocava suas coisas na bolsa, o celular de Carter tocou.

Resmungando, ele atendeu.

– E aí, J.? – Ele revirou os olhos de um jeito bem-humorado. – Sim, estou com a Srta. Lane agora. – Ele sorriu. – Sim, ela é... Sim, está indo bem.

Kat continuou guardando as coisas, dando uma olhada nas anotações que Carter tinha feito no poema. Até a porcaria da letra dele era bonita. Era clara e fluía de uma curva para outra de maneira polida e calma. Que irônico. Ela o observou disfarçadamente, lembrando-se da expressão assassina em seu rosto quando ele quase quebrou o braço de um homem por ter trombado nela.

Estava muito claro que, por baixo da inteligência, da esperteza e do rosto atraente, se escondia algo sombrio e traiçoeiro. Ela não podia esquecer disso nem por um segundo. Ele a desequilibrava. Sua conduta inquietante a preocupava. Como ele podia mudar de uma pessoa tão charmosa e engraçada para alguém que se comportava como um animal?

Ela estava muito confusa. O desejo ardente por ele corria por suas veias e, quanto mais ela tentava extingui-lo, mais quente ele queimava. Ela olhou para a boca de Carter, demorando-se na curva suave do lábio superior. Por uma fração de segundo, quando a prendeu na cadeira, ela realmente pensou que ele fosse beijá-la. E, por Deus, ela teria deixado.

– Sim, eu ligo para você – disse Carter ao telefone – Até.

Ele encerrou a ligação e colocou o celular no bolso.

– “Srta. Lane”, é?

Ele deu de ombros.

– “Pêssegos” é meu apelido para você. Mais ninguém.

– Percebi – respondeu ela, ignorando o tom possessivo na voz dele, apesar de aquilo ter causado palpitações em seu peito.

– Bem, nossa aula na sexta. – Ele fez uma careta e puxou o gorro por cima das orelhas. – Não vou poder vir.

A decepção cutucou a garganta de Kat.

– Tenho minha primeira reunião com Diane. Jack vai também – explicou ele. – Desculpe.

– Não é culpa sua. Isso só significa que vamos ter que agendar essas duas horas em outro horário.

Ela pegou a agenda na bolsa e virou as páginas até a data em questão. Carter pegou o capacete e ficou ao lado dela.

Kat grunhiu, frustrada.

– Não posso amanhã. Tenho uma reunião de trabalho e a biblioteca fecha às seis e eu não fiz um requerimento para que eles ficassem abertos... – divagou ela, chateada.

– Isso não é problema.

– Na verdade, é – disse ela. – Temos que cumprir nossas seis horas semanais, por determinação da condicional.

Carter ficou olhando para o chão.

– Bem, hum... O que você vai fazer no sábado?

– Sábado?

Carter jogou o peso do corpo de uma perna para outra.

– Si... Bom, sim.

– Não reservei a sala para sábado.

Carter bufou.

– Você está se fazendo de estúpida de propósito? Podemos nos encontrar no sábado, se você não tiver nada programado. Ir ao parque, ou algo assim, e estudar lá.

– Ao parque?

– É, mulher! Está brincando comigo, Pêssegos?

Kat sorriu na mesma hora em que Carter a fitou, desconfiado.

– Desculpe – disse ela, dando uma risadinha. – Só estou surpresa. Achei que a última coisa em que você pensaria seria estudar no sábado.

– Sou um bom aluno, o que posso fazer?

Kat bufou.

– Então – insistiu Carter –, você está ocupada no sábado?

Kat olhou para ele, agitada. Seu rosto parecia ansioso, apreensivo e muito jovem. Ela não precisava checar a agenda. Sabia que estava livre. Lembrou-se da mensagem de Austin.

– Não, não estou ocupada – respondeu; e um pensamento fugaz quanto a se ela iria se arrepender daquelas palavras que tinham saído com tanta facilidade de sua boca chegou a passar por sua cabeça.

O sorriso no rosto de Carter era extasiante.

– Ótimo. Sábado, então. A que horas?

– Uma?

– Uma está ótimo. Entrada da Quinta Avenida com a Rua 59?

– Perfeito.

▪ ▪ ▪

Carter enfiou o capacete embaixo do braço e gesticulou para que Pêssegos indicasse o caminho.

Os dois serpentearam pela biblioteca quase deserta e saíram na noite fria de Nova York. Eles desceram a escadaria frontal e viraram na calçada.

– Esta é a sua moto? – perguntou ela, aproximando-se daquela máquina extraordinária.

– Ela mesma – respondeu Carter fervorosamente. – Kala.

– Kala?

– Fogo. Significa arte, também; mas foi da parte do fogo que eu gostei.

– Ela é linda.

– Obrigado.

– Sempre gostei da Harley Sportster 48 de 2010 – continuou ela. – Era tão mais elegante que a Nightster. Motor mais rápido, também.

O som do queixo de Carter caindo e de seu pau ficando duro por debaixo da braguilha pôde ser ouvido até na Filadélfia.

Caramba!

Ele observou a mão pequena de Kat deslizar pelo banco de couro de Kala, ciente de que aquela era a coisa mais sexy que já tinha visto. Sua mente foi imediatamente tomada por imagens obscenas de Pêssegos nua em cima de Kala.

Pêssegos pilotando Kala.

As coxas de Pêssegos apertando sua cintura.

Ele gemeu baixinho, no fundo da garganta.

Em geral, quando uma mulher encostava na moto dele, Carter ficava furioso; mas, de alguma forma, ver Pêssegos fazer isso o deixava de boca seca e pau duro.

– Você entende de motos – constatou ele.

– Não muito – disse ela, dando de ombros. Ela encostou no guidão. Carter lambeu os lábios. – Eu andava de vez em quando com meu pai, quando íamos para a praia nas férias, duas vezes por ano. Era minha época preferida com ele.

– Se você um dia... – Carter apontou para a moto, sem palavras. – Podemos. A praia não é tão longe.

Ele esfregou uma mão na outra, como se isso pudesse explicar o que ele estava tentando dizer tão inarticuladamente.

– Um dia, talvez – murmurou ela.

– Vou cobrar de você.

O celular dela começou a tocar em seu bolso, estragando o momento.

– Vejo você no sábado – disse ela, afastando-se.

Carter passou a mão no peito, onde uma animação quente envolvia seus pulmões.

– Pode crer.

▪ ▪ ▪

Na noite de sexta, Jack e Diane foram até o apartamento de Carter para entretê-lo com aquela balela usual sobre a reabilitação e sobre estar no espírito certo para fazer uma "contribuição valiosa à sociedade".

Jack, Carter reconheceu em silêncio, não foi tão ruim quanto ele temia. Carter se ressentia com os dois por estarem tomando seu tempo com Pêssegos. Eles ficaram em seu apartamento tomando café e discutindo seu trabalho na oficina, seus treinamentos com Ross e a terapia de controle da raiva que ainda precisava começar. Jack, aquele espertalhão ardiloso, enrolou por quase uma hora até tocar no assunto das aulas na biblioteca. Carter respondeu às perguntas, contente por Diane ter recebido os relatórios de Pêssegos detalhando o progresso que tinham feito, enquanto se esquivava das encaradas desconfiadas de Jack.

– Então – Jack deu uma olhada para a porta do banheiro, onde Diane tinha acabado de entrar –, está tudo bem entre você e a Srta. Lane?

– Sim – respondeu Carter, dando de ombros. – Está tudo bem. Muito bem, por sinal. – Ele sorriu. – As aulas são... interessantes e fazemos muita coisa.

Jack inclinou a cabeça.

– E você está se comportando?

– É claro que estou me comportando. Por que não estaria?

Jack largou o café.

– Não foi isso que eu quis dizer, Wes. A Srta. Lane já declarou, nos relatórios dela, que a sua atitude melhorou muito.

Carter ficou um pouco surpreso com isso, considerando o que tinha acontecido com aquele gordo babaca e sua própria falta de educação.

Jack respirou fundo.

– Wes. Eu quis dizer... – Ele abaixou a voz antes de continuar. – Eu quis saber se vocês estão conseguindo prosseguir com as aulas numa boa, sendo só vocês dois.

Carter tentou encarar Jack, mas percebeu seus olhos fitando as meias dos próprios pés, agitando-se nervosamente no chão.

Ele estava prosseguindo numa boa com as aulas, sendo só eles dois? Sim.

Ele estava prestes a queimar um fusível com a tensão entre ele e Pêssegos? Com toda a certeza.

Ele ergueu a cabeça e fitou Jack com olhos determinados.

– Não sou idiota, J.

– Eu sei que não – concordou Jack. – Mas você precisa entender as consequências de, você sabe, se... Se alguma coisa... – divagou ele. – O contrato de não confraternização que ela assinou...

– Eu sei.

Carter se sentou.

Ele sabia que Jack tinha visto em primeira mão a química entre Carter e Pêssegos. Carter ficou olhando para Jack, aceitando silenciosamente o limite que o separava de sua professora. Por mais indefinido que tivesse se tornado, Carter sabia que não deveria cruzá-lo.

A questão silenciosa que pairava entre eles era se Carter tinha forças para se lembrar disso ou, ignorando as regras, o cruzaria mesmo assim.

14

Depois de parar na clínica para recolher amostras obrigatórias de sangue e urina, Carter concluiu que estava morrendo de fome, e, faltando meia hora para sua aula com Pêssegos, os arcos dourados do McDonald's começaram a acenar para ele sem misericórdia.

Com o saco de comida na mão e Kala estacionada em segurança, Carter sentou-se do lado de fora da lanchonete e começou a observar as pessoas enquanto comia seu Big Mac. Ele grunhiu de satisfação quando deu a primeira mordida no hambúrguer; não tinha percebido a falta que sentira daquela porcaria enquanto estava preso.

Após devorar o sanduíche, juntamente com uma porção de fritas e um refrigerante grande, ele se recostou no banco e tentou relaxar.

Era a primeira vez que de fato relaxava desde que fora solto e, por mais que gostasse de se manter ocupado, Carter também apreciava um descanso. Antes da Arthur Kill, ele costumava se sentar no Central Park ou no Battery Park, acompanhado de um maço cheio de Marlboro e uma garrafa de Jim Beam, curtindo sua existência.

Sob o sol quente de Nova York, Carter observou a multidão na Quinta Avenida. Sorriu quando duas garotas de 20 e poucos anos começaram a flertar com ele. Elas eram tão espalhafatosas que Carter – acostumado àquele tipo de reação da maioria das mulheres – não resistiu a abaixar os óculos e sorrir de volta para elas.

Aquilo funcionou como uma porcaria de um feitiço, fazendo as duas meninas tropeçarem e se afastarem dele. Carter conteve o riso com o dorso da mão e empurrou os óculos de volta para cima. Fácil demais.

Ele relaxou, sua atenção sendo capturada por um casal que estava se beijando a menos de três metros dele, alheio ao mundo ao seu redor. O homem estava segurando o rosto de sua mulher, perdido em um beijo carinhoso e demorado.

Carter franziu a testa, confuso. Como aquilo podia ser prazeroso? Ele nunca tinha beijado daquele jeito – isso quando beijava – e certamente nunca tinha "feito amor". Apesar de Max ter falado sobre fazer amor com Lizzie, Carter nem sequer tinha certeza de que algo assim existia. Antes do relacionamento deles ir por água abaixo, Carter observava, interrogativo, quando seu melhor amigo beijava e abraçava a mulher cheio de cuidado e carinho, como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo. Era claro que ele a idolatrava. Não que aquilo tenha feito alguma diferença quando ela resolveu ir embora...

Carter gostava de sexo. Não, ele gostava de foder. E, quando fodia, não havia nada de gentil e

carinhoso. Talvez ele fosse um babaca por fazer isso dessa forma, mas nunca ninguém tinha reclamado. Todas as mulheres que estiveram na sua cama saíram satisfeitas, e muitas tinham voltado querendo mais.

Não, pensou Carter, desviando os olhos do casal, definitivamente ser gentil e carinhoso não era a praia dele.

Ao olhar para o outro lado da rua movimentada, ele capturou um relance de cabelos ruivos. Carter inclinou o pescoço, olhando para além das pessoas que estavam paradas à sua frente, os cantos da boca se erguendo em um sorriso. Era sua Pêssegos... Meu Deus. Ela estava usando uma camiseta branca larga que exibia o pescoço e os ombros e jeans pretos. Estava vestida, como sempre, com uma pitada de classe. Transbordava sensualidade sem sequer se esforçar.

A sensação estranha que tinha tomado seu estômago na biblioteca três dias antes retornou. Era algo esquisito demais – o desejo – e ele não gostava daquilo. Não era exatamente a sensação que ele detestava, mas a inquietação e o senso esmagador de perda de controle que a acompanhavam.

Ele sabia, se não tivesse se controlado, que teria beijado Pêssegos na escadaria da biblioteca. Depois de sua conversa com Jack, o beijo deles teria sido... teria sido...

Carter ficou paralisado.

Como ele se sentiria se a beijasse?

Duro e excitado? Com toda a certeza.

Ainda mais desesperado para saber como seria estar dentro dela? Ah, sim.

Feliz?

Carter deslizou as mãos pelo rosto. Droga. Esse processo de pensamento era profundo demais para um sábado à tarde. Ele precisava pôr a cabeça no lugar e se concentrar no motivo pelo qual estava ali.

Ele deu uma olhada no relógio e ergueu as sobrancelhas, surpreso.

Droga.

Ela estava atrasada.

Quase 15 minutos.

Ah, moleque, pensou com um sorriso e uma sacudida brincalhona de cabeça. Ele se levantou, pegou a jaqueta e o capacete e foi até ela. Carter chegou por trás de Kat, o que permitiu que seus olhos dançassem pelas curvas dela. Ela estava encerrando uma ligação no celular quando ele se aproximou o suficiente para sentir o cheiro de seu cabelo. Ele se abaixou para falar em seu ouvido.

– Isso são horas, Pêssegos?

Ela gritou, virando-se em um redemoinho de camiseta branca e cabelos ruivos. Seu rosto estava espetacular, com os olhos arregalados de choque e a boca aberta.

– Carter – ofegou ela. – Por que você gosta tanto de me assustar o tempo todo, droga?

Carter não respondeu, deleitando-se com a irritação dela. Ele arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços, esperando por uma explicação para seu atraso.

Ela largou o celular na bolsa, evitando os olhos dele.

– Uma coisa me prendeu.

– Hum – zumbiu Carter. – E eu aqui pensando que era o homem mais importante da sua vida.

Ele estava brincando com ela, mas parte dele realmente queria que aquilo fosse verdade. Sua avidez por ela estava se tornando ridícula.

Pêssegos bufou e colocou a mão no quadril.

– Mania de grandeza – retrucou ela. – Além disso, eu não estava com um homem.

O maxilar de Carter relaxou com um alívio inesperado e sem precedentes.

– Acho que posso deixar passar seu atraso desta vez – brincou ele, expirando profundamente, fazendo mexas do cabelo dela se mexerem. Ele se aproximou ainda mais, abaixando o tom de voz para um aviso. – Mas que isso não se repita.

Ela engoliu em seco.

– Ou o quê?

Carter ficou olhando para ela, surpreso por sua pergunta e duro pra caramba por ela estar comendo com os olhos as tatuagens visíveis por debaixo das mangas 3/4 de sua camiseta dos Beatles.

– Ah, Pêssegos – sussurrou ele. – Você adoraria saber, não é mesmo?

Um brilho fugaz passou pelos olhos dela, mas se foi antes que Carter pudesse decifrá-lo. Ela jogou o cabelo por cima do ombro e fingiu não se importar.

– Não muito – respondeu ela, franzindo o nariz com indiferença. – Venha. Temos trabalho a fazer.

Um riso curto escapou de Carter quando ela passou como um furacão por ele em direção ao parque. Ele teve que dar uma corridinha para chegar até ela, mas, quando a alcançou, ele colocou a mão livre no bolso da calça e a seguiu.

– Então – disse ele enquanto eles passavam pelos portões e atravessavam o caminho de pedras –, onde vamos fazer isso?

Ela deu uma olhada para o céu azul e sorriu. Era um dia lindo, irracionalmente quente.

– Pensei que podíamos nos sentar perto da lagoa dos barcos. Conheço um lugar ótimo.

– Legal.

Como sempre acontecia em sábados quentes, o parque estava transbordando de gente e Carter se viu desviando de um lado para outro para evitar ser empurrado ou atropelado por crianças ou cachorros.

▪ ▪ ▪

Kat percebeu como Carter parecia deslocado em meio aos nova-iorquinos comuns e turistas – apenas pelo fato de ele ser tão notável em toda a sua glória alta, tatuada e de cabelos raspados. Ela não pôde deixar de notar os olhares admirados que as mulheres lançavam para ele.

Kat estava, no fundo, morrendo de medo de encontrar Carter fora da biblioteca. Ela sabia que, tecnicamente, não estava fazendo nada de errado indo com ele ao parque, mas, na verdade, tinha consciência de que estava pisando em terreno duvidoso. Ela não tinha contado nada a Beth, a sua mãe ou a Ben sobre a aula, ciente de que ouviria algum tipo de sermão de um deles – se não de todos.

Não que ela tivesse uma chance de conversar com Beth, que parecia atipicamente quieta nos

últimos tempos. Desde o aniversário de Kat, elas tinham trocado algumas poucas mensagens, e nada mais que isso. Ben, com quem ela conversava ao celular quando Carter a surpreendeu, também parecia confuso com o comportamento de Beth. Algo estranho estava acontecendo.

– Está tudo bem por aí, Pêssegos?

A voz de Carter a trouxe de volta ao parque. Ela olhou para cima e viu que havia uma ruga entre suas sobrancelhas, acima dos óculos.

– Sim, estou bem – respondeu ela. – O lugar é logo ali.

Ela foi até lá verificar se a grama estava molhada.

– Aqui – murmurou Carter enquanto colocava a jaqueta no chão. – Você pode se sentar nisso.

– A grama está seca – insistiu Kat.

Ele deu de ombros.

– Simplesmente sente na porcaria da jaqueta. Não vai matar.

Kat largou suas coisas no chão.

– Obrigada.

Carter se acomodou na grama, o braço roçando no dela.

Ele acendeu um cigarro, debruçando-se nos cotovelos, e soltou a fumaça pelo nariz. Kat ficou observando Carter enquanto ele olhava para o outro lado da água, assistindo às crianças subirem na estátua de Alice no País das Maravilhas à sua direita. Ele estava devastadoramente lindo.

– Eu, hum... Trouxe algo para você.

Ela remexeu na bolsa.

Carter ergueu as sobrancelhas, ansioso. Ela mostrou a ele um pacote grande de biscoito Oreo. Ele sorriu e ela o jogou em seu colo.

– Não precisava.

Ele deu uma risadinha.

Ela gesticulou que ele parasse.

– São mais para mim mesma – murmurou ela, observando a expressão interrogativa no rosto dele. – Sei como você fica rabugento sem o seu Oreo e não preciso tolerar a sua má-criação. – Ela sorriu antes de mergulhar novamente na bolsa. – E não. Eu não trouxe leite.

Carter se sentou, rasgando o pacote.

– Adoro isso aqui.

– Percebi.

– Quer? – ofereceu ele, segurando o pacote na frente dela enquanto sua língua começava a fazer coisas indecentes com o creme branco no meio do biscoito.

Ela observou, seduzida.

– Hum, não, estou bem.

Era possível sentir inveja de um biscoito?

Ela se virou novamente, pegando o material da aula. Kat entregou a Carter uma cópia e pediu que ele refrescasse sua memória quanto ao que tinham aprendido sobre o poema sexualmente anormal de Donne. Ele não a decepcionou. Parecia que o belo presente dela em formato de biscoitos calóricos tinha libertado o lado tagarela dele. Ela adorava ouvi-lo falar. Ouvir sua voz, até quando ele falava

palavrões, era como ser envolvida em veludo. À semelhança de seu dono, a voz dele era cheia de contradições. Era suave, mas firme; forte, mas controlada; autoritária, mas submissa.

Por trás dos óculos, Kat fechou os olhos e ouviu. Era uma canção de ninar, confortando algo escondido dentro dela.

– Você gosta desse poema – afirmou ela quando ele parou de falar.

Carter parecia indiferente. Ele se deitou na grama, perto de onde Kat estava sentada de pernas cruzadas.

– Gosto das metáforas que ele usa, mesmo não concordando com elas.

Kat esperou que ele explicasse. Ele respirou fundo, o que fez com que sua camiseta subisse do cós da calça, revelando uma tira preta de cueca e uma fatia branca de pele. Ela tentou não reparar. Mesmo. Ela tentou.

– Só não consigo comprar essa ideia de *sexo é como o paraíso e fico cercado de querubins quando estou mandando ver* – respondeu ele afinal.

Kat se mexeu sobre a jaqueta dele ao ouvir aquelas palavras. Ela precisava ficar relembrando a si mesmo que Carter falava abertamente quando se tratava de sexo.

Carter se apoiou no braço.

– Sexo é só sexo. São duas pessoas querendo a mesma coisa e fazendo o que precisa ser feito – murmurou ele, dando de ombros. – É primitivo, forte, sei lá; pelo menos, para mim – ele apontou para si mesmo. – Quando estou na cama com uma mulher...

Ele se travou. E desviou o olhar.

– Carter?

– O quê? – murmurou ele, brincando com a grama onde estava sentado.

– Você estava dizendo...? – encorajou Kat, abaixando a cabeça, tentando capturar os olhos dele.

– Não importa. Não entendo, então, tanto faz.

Ele arrancou um punhado de grama.

■ ■ ■

Carter não conseguia acreditar que sua boca tinha pregado aquela peça nele. Falar com sua Pêssegos sobre ter estado com outras mulheres era simplesmente... esquisito. Ele não se sentia constrangido ou envergonhado, e sim desconfortável. O que, considerando a reputação de Carter, era absurdo. Ela devia imaginar que o histórico sexual dele era tão limpo quanto sua ficha criminal. Mas mesmo assim ele não conseguia encontrar as palavras para contar a ela sobre suas aventuras sexuais.

Independentemente de ela querer saber ou não, ele não ia lhe contar, assim como ele com certeza não iria perguntar sobre os caras com quem ela havia estado. Os punhos dele se fecharam só de pensar naquilo.

– Sabe – disse ela, puxando os cabelos dos ombros e prendendo-os em um coque bagunçado –, eu mataria por um picolé.

Carter, que a estava observando mexer no cabelo, concordou com a cabeça.

Conversar sobre sexo não estava ajudando em nada suas tentativas de ser cavalheiro. O olhar dele deslizou pelo corpo dela. A curva de seu pescoço, na junção com os ombros, simplesmente pedia a boca dele ali. Ele não tinha dúvidas de que ela seria deliciosa.

– O que posso pegar para você?

Ela colocou os óculos na cabeça.

– Vou querer um picolé também.

Ele colocou a mão no bolso da calça.

– Aqui. – Ele pegou uma nota de dez dólares. – Por minha conta.

Ela olhou para o dinheiro e ergueu uma sobrancelha.

– Por que você tem que pagar?

Carter sorriu.

– Porque eu quero. Agora desça do seu pedestal feminista e pegue o dinheiro. Eu devo a você pelo Oreo, de qualquer forma.

Com um sorrisinho, Pêssegos pegou a nota.

– Está bem. Que sabor você quer?

Carter baixou os óculos até a ponta do nariz, inclinando-se na direção dela. Ele olhou bem em seus olhos e sussurrou:

– Pêssego.

Depois de comprá-los, Kat se acomodou com seu picolé de framboesa na grama ao lado de Carter, que estava deitado, relaxando. Eles ficaram em silêncio enquanto apreciavam o céu azul, a brisa quente e o picolé gelado.

– Isto é bom – murmurou ela após um instante.

Carter não respondeu, só lambeu o que restava de suco no palito em sua mão.

Ela suspirou.

– Eu costumava vir aqui com minha mãe e meu pai quando estávamos em Nova York. Brincávamos de esconde-esconde e ele sempre fingia não conseguir me encontrar, mesmo quando eu sabia que conseguia me ver. – Pêssegos fechou os olhos. – Ele gostava de sentar aqui – continuou ela. – Gostava deste parque no outono. Havia muitas folhas ao nosso redor e nós simplesmente ficávamos sentados aqui.

– Meu pai e eu costumávamos brincar aqui também – contou ele.

Seus olhos se abriram de supetão, claramente surpresos por ele estar revelando informações pessoais.

Evitando os olhos dela, Carter deslizou o dedo lentamente pelas mechas de cabelo ruivo esparramadas pela grama.

– Brincávamos perto da lagoa antes de ir para a estátua. – Ele apontou com a cabeça na direção da estátua de bronze apinhada de criancinhas. Ele manteve a vista no próprio dedo. – E minha mãe vinha... – Ele suspirou. – Minha mãe vinha me buscar. Era um local para me passar de um para o outro. Terreno neutro para os dois.

Após uma era de silêncio, ele a ouviu suspirar.

– Talvez a gente tenha se visto. É um mundo pequeno, no fim das contas. – Ela o fitou. – Às vezes,

sinto como se nos conhecêssemos há muito tempo. Estranho, né?

Carter se sentou com rapidez, pegando um cigarro.

– É – conseguiu dizer. – Bem estranho.

Pêssegos sentou-se também e puxou a bolsa e os joelhos mais para perto.

– Então, tenho uma pergunta para você – disse ela, remexendo na bolsa.

Carter soltou a fumaça, fitando o chão entre seus joelhos dobrados casualmente.

– Qual você quer?

Ele franziu a testa quando a viu segurando dois livros em cada mão.

Ele tossiu uma risada.

– Não faço a menor ideia. Por quê?

Pêssegos o fitou com olhos sérios.

– Temos que estudar um texto e quero sua opinião. Escolha um.

– Não li nenhum deles – confessou ele. – Conheço o básico deste aqui, mas fora isso, não faço a mínima.

– Bom, eu adoro esta história – disse ela, apontando para o livro à direita de Carter, aquele sobre o qual ele sabia alguma coisa. – Não leio há muito tempo, mas ficou gravada na minha memória.

Ele pegou o livro e leu a sinopse, o cigarro dependurado em seus lábios.

– *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway.

– É uma história realmente maravilhosa – complementou Pêssegos. – Mas preciso avisá-lo de que, apesar das descrições de guerra, é, essencialmente, uma história de amor trágica.

Carter folheou o livro.

– É, eu sei – grunhiu ele. – Tenho certeza de que vou sobreviver.

Ela pegou um caderno e uma caneta e fez algumas anotações.

– Quer levar para casa? Posso pedir que você leia uns dois capítulos para discutirmos na próxima aula? – Ela bufou. – Por que essa cara? Precisamos fazer isso, Carter. Não estou pedindo isso porque sou má.

– Eu sei. – Ele bateu com o livro no joelho. – Só achei que não precisasse mais fazer lição de casa.

Ela sorriu.

– Vamos falar sobre esses capítulos na próxima aula e ver se conseguimos ler mais um pouco juntos.

– Está bem – murmurou ele, fazendo um gesto com a mão. – Tanto faz.

– Você diz muito isso – brincou ela com um sorriso malicioso. – Talvez precisemos trabalhar seu vocabulário também.

Carter ficou olhando fixamente para ela.

– Está me sacaneando, é? – perguntou ele, estreitando os olhos, entrando na brincadeira.

Ela riu e ele cutucou as costelas dela com o dedo. Ela gritou alto, surpreendendo tanto Carter quanto a si mesma.

– Pêssegos – sussurrou Carter de modo diabólico. – Você sente cócegas?

Ele desceu os olhos pelo corpo dela, calculando silenciosamente quantos lugares ele poderia

tocar para fazê-la gritar mais um pouco.

Agitada, ela ajustou a camiseta e pegou o material para devolvê-lo à bolsa.

– Nem um pouco.

– Ah – retrucou ele. – Ótimo, porque eu odiaria fazer isso – ele a cutucou de novo, fazendo-a guinchar – e ouvir você gritar que nem uma menina.

– Eu *sou* uma menina – censurou, colocando o material na bolsa.

Carter riu e entregou o restante dos papéis a ela.

– Você entendeu o que eu quis dizer.

Ele a cutucou de novo.

– Pare com isso! – pediu Pêssegos em um tom bem agudo, batendo na mão dele. – Você é tão infantil!

– Me conte algo que eu não saiba – respondeu Carter.

Ele se levantou e limpou a grama que estava grudada em sua bunda.

Com o capacete na mão e a jaqueta pendurada no braço, Carter começou a caminhar lentamente à beira do lago. Já tinha passado do meio da tarde e o parque era um alvoroço de pessoas correndo, andando e brincando. Pêssegos pegou Carter olhando para ela. Ela corou e sorriu. Ele enfiou a mão no bolso só pela necessidade de fazer alguma coisa e algo estremeceu seu corpo mais uma vez. Pensou na conversa que tivera com Jack e xingou a si mesmo. Era um idiota por pensar que conseguiria manter aquele relacionamento amigável e provocativo que tinha construído com ela.

Ele tinha pensado em beijá-la e agora queria... O quê? Abraçá-la? Sim, ele queria abraçá-la e, fala sério, ele não abraçava as mulheres. Aquilo era íntimo demais; mas era evidente que ela se encaixaria perfeitamente sob o braço dele.

– Então – resmungou ele. – Isso não foi tão ruim, foi?

– Não – respondeu ela. – Foi muito agradável, Sr. Carter. Você continua me surpreendendo com seu intelecto literário.

Ele desviou o olhar.

– Ter uma ótima professora ajuda, sabe?

– O-obrigada – gaguejou ela. – Mas se você está puxando meu saco para ganhar mais biscoito, pode tirar o cavalinho da chuva.

▪ ▪ ▪

Kat riu de modo desconfortável, apressando o passo para fugir daquele elogio. O toque dele em seu cotovelo a fez parar. Ela olhou para cima, confusa, quando ele tirou os óculos. Ao ver seus olhos, Kat simplesmente parou de respirar. Os olhos de Carter tinham o tom azul mais claro que ela já contemplara e pareciam olhar dentro dela, acariciando partes de seu corpo que chegavam a doer.

– Carter? – sussurrou ela quando ele deu um passo em sua direção.

Em pé tão próxima a ele, Kat se sentia muito pequena.

– Pêssegos. – Os olhos dele passearam pelo rosto dela. – Eu não disse aquilo para... É verdade.

Eu acho que você é...

O coração de Kat batia ferozmente. O toque dele em seu braço era tão reconfortante que ela não ousava pedir que ele parasse, e quando os olhos dele se fixaram em sua boca, ela sentiu um calor entre as pernas. Kat molhou os lábios instintivamente com a ponta da língua. Nenhum homem jamais tinha olhado para ela do jeito que Carter olhava.

– Carter – disse ela, colocando a mão em cima da dele. – Você está bem?

Ele ainda estava olhando para ela de um jeito que fazia suas costas se curvarem e seus mamilos enrijecerem. Sua boca se abria e fechava, como se ele quisesse dizer alguma coisa, mas sem saber como. E, então, ele abaixou a cabeça, murmurando um palavrão, e olhou para o caminho de pedras.

As costas dele se endireitaram de repente.

– Merda – sibilou ele.

Carter agarrou o braço de Kat e a puxou de volta na direção da qual eles tinham vindo.

– Carter! – protestou Kat enquanto ele a arrastava para um canto e pressionava suas costas de encontro a uma árvore, largando o capacete e a jaqueta aos seus pés.

Ele se inclinou na direção dela, os braços acima de sua cabeça, agarrando o tronco da árvore com os dedos, enquanto as maçãs de seu rosto se inflamavam. A raiva de Kat se transformou em preocupação ao observá-lo espiando por detrás da árvore, resmungando e xingando.

– Carter? Qual é o problema?

Seus olhos se moviam velozes, da direita para a esquerda, ao mesmo tempo que ele tentava esconder o corpo dela com o seu. Ele sacudiu a cabeça.

– Carter, fale comigo – pediu ela, colocando a mão em seu ombro. – Quem é?

– Meu primo – respondeu em um tom baixo que contradizia seu corpo enorme.

Kat pulou quando as mãos dele bateram no tronco da árvore, acima de sua cabeça.

– Droga.

Ele inflou as bochechas e se aproximou ainda mais da árvore, prendendo Kat entre seus braços.

– Acalme-se.

Ela fez um carinho, mexendo levemente a mão de um lado para o outro antes de deslizá-la para baixo e sentir seu peito rijo. Ele era tão forte.

– Quero vê-lo no meu tempo, sabe? Sob as minhas condições.

Os olhos dele imploravam que ela compreendesse.

– Está tudo bem – confortou Kat com a voz baixa, continuando o movimento com a mão. – Você não precisa fazer nada que não queira.

Aos poucos, o corpo dele começou a relaxar sob os dedos carinhosos dela. Ele continuou a olhar para ela de um jeito que fazia a pele de Kat se arrepiar. À medida que o desejo tomava conta de seu corpo, Kat se deu conta de quão próximos eles estavam. Seus corpos se encostavam cada vez que um deles respirava.

– Seu cheiro é bom – sussurrou ele. – Você sabe disso?

Kat engoliu em seco. Sua mão parou no peito dele.

– É verdade – disse ele, arqueando ainda mais os ombros, aproximando o rosto do dela ainda mais. – Seu cheiro é bom demais.

– Obrigada – respondeu ela, pressionando as costas no tronco da árvore.

Seu corpo estava em chamas, mesmo com a brisa em torno deles. Ele estava tão perto. Ela sabia que podia empurrá-lo para longe. Mas bastava esse pensamento passar por sua mente para ela desejar fazer o oposto. Queria Carter ainda mais perto.

– No que você está pensando?

A mão dele deslizou pela árvore até parar acima dos ombros dela.

O azul dos olhos dele fazia Kat lembrar-se do mar do Caribe e seu lábio superior ansiava por ser lambido. Ela reparou em uma pequena cicatriz no queixo dele e seus dedos coçaram para tocá-la.

– Estou... Estou pensando que precisamos... precisamos... Preciso ir para casa – gaguejou ela e o nariz dele tocou o lado esquerdo de sua cabeça.

– Você quer ir para casa, Pêssegos?

– Eu deveria – respondeu ela. – Preciso.

Carter afastou o rosto, os olhos semicerrados e sensuais.

– Posso dizer uma coisa?

Kat só conseguiu concordar com a cabeça. O olhar de Carter escorregou pelo rosto dela, parando subitamente em sua boca.

– Quero muito, muito, muito beijar você agora.

– Cart...

– Sei que não deveria, mas, minha nossa, eu quero. – Ele passou o polegar pela boca de Kat. – Quero descobrir qual o gosto do seu lábio superior. – Ele lambeu o próprio lábio. – E depois comparar com o inferior. – Ele expirou. – Estou desesperado para saber se sua língua tem sabor de pêssegos.

Os olhos de Kat se fecharam ao ouvir aquelas palavras.

– Nós... Eu... Por favor – murmurou ela. – Não.

Aquela última palavra saiu de sua boca, mas fez seu estômago se contrair ao mesmo tempo. Ela ficou surpresa por ter energia para conseguir pronunciá-la.

– Seria tão ruim assim? – Ele se mexeu, sua respiração atingindo o rosto de Kat como uma neblina sensual. – Deus, você é tão linda.

Tudo no corpo de Kat estava se lançando ao homem à sua frente. Seu peito rugia, suas pupilas se dilatavam e seu coração batia ferozmente. Tinha consciência de que ambos estavam a um passo de cruzar uma linha perigosa que custaria toda a sua carreira.

– Carter – sussurrou ela de novo, em uma tentativa final de parar o que ela sabia, em seu coração, que era inevitável. – Não podemos fazer isso.

– Eu sei – respondeu ele, segurando o rosto dela. – Só uma provinha. Só uma. É tudo o que eu quero.

E, então, os lábios dele pressionaram os dela.

Ah, Deus.

Ela estava beijando seu aluno.

Seu aluno lindo, perdido e problemático que lhe fizera cócegas e comprara um picolé. Que tinha

dito que ela era linda e lhe dera um presente maravilhoso de aniversário. Um homem que era tão cheio de contradições que fazia sua cabeça girar.

Sabia que aquilo era estupidez. Tinha prometido que não seria estúpida, mas ali estava ela com... ah, Deus, a língua dele em sua boca. Seu gosto. Seu gosto forte, com uma pitada de fumaça. Era sublime. Era como se ela tivesse procurado por ele durante toda a vida. Ele fazia sua cabeça parecer leve e pesada, excitada e apavorada, tudo ao mesmo tempo.

Apesar de suas coxas estarem ardendo de tanto desejo, a luxúria não conseguia apagar o pânico que de repente surgiu dentro dela.

– Por favor – murmurou ela contra os lábios dele.

– Pêssegos – gemeu ele, pegando a mão de Kat e interpretando suas palavras erroneamente.

Ele a beijou com mais intensidade, mergulhando a língua ainda mais fundo em sua boca e pressionando os quadris com firmeza contra sua barriga.

Kat balançou a cabeça, fazendo seus lábios deslizarem nos dele.

– Por favor, pare.

Mas aquelas palavras não chegaram aos ouvidos de Carter. Ela sabia. Ele estava envolvido demais.

– Por favor, eu não posso – disse Kat de novo, empurrando com um pouco mais de força. – Pare, Carter.

As palavras dela finalmente chegaram aos ouvidos dele.

– O quê? – perguntou ele em meio ao entorpecimento, sem parar os lábios.

– Pare.

Ela tentou afastá-lo mais uma vez. Ele se distanciou, mas não o suficiente.

– Eu disse para parar!

Ela o empurrou com toda a força e, dessa vez, ele cambaleou para trás.

■ ■ ■

Carter ficou olhando para ela, totalmente confuso, observando seus lábios vermelhos perfeitamente cheios antes de ela cobri-los com a mão. Recompondo-se, percebeu, com um choque, que ela estava chorando. O coração de Carter despencou para a sola do pé.

– Pêssegos – murmurou. Ele deu um passo na direção dela, mas parou quando ela ergueu a mão. – Eu... O que foi que...? Droga, eu machuquei você?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Você não me machucou.

– Então o que foi?

Ele arriscou mais um passo e respirou com mais calma quando ela não o interrompeu. A necessidade de estar perto dela, agora que a tinha provado, era forte demais.

– Nós acabamos de... Não posso acreditar... – Ela ergueu os olhos. – Você tem noção do que poderia acontecer se as pessoas soubessem o que acabamos de fazer?

Sim, mas, naquele momento, não dava a mínima.

– Pêssegos – disse ele, oferecendo a mão para ela, que não a pegou. – Está tudo bem.

A cabeça dela se ergueu de supetão.

– Bem?! – exclamou ela. – Não tem *nada* de "bem" com relação a isso, Carter. Sou sua professora!

– Não grite comigo – censurou ele, ficando nervoso. – Sei exatamente o que você é. Também sei que gostou disso tanto quanto eu.

– Mesmo assim – retrucou ela –, isso não pode acontecer de novo. *Não vai* acontecer de novo.

Uma dor ardente atravessou o peito de Carter e ele a escondeu com raiva.

– Que seja, então! Como se eu desse a mínima para se iria ou não acontecer de novo.

Os olhos dela encontraram os dele, que imediatamente reconheceu a mágoa. Ele engoliu o próprio orgulho.

– Pêssegos, eu... Droga... Eu...

Ele hesitou, sentindo que, de alguma forma, "desculpe" não seria nem de perto o suficiente para consertar a situação.

– Vou para casa – murmurou ela.

Carter reparou em quanto ela parecia cansada e pequena. Estava quase desesperado de desejo de cuidar dela e de melhorar as coisas.

Ela começou a se afastar e ele deu um passo em sua direção.

– Pêsse...

– Não – implorou, fechando os olhos. – Simplesmente... não. – Ela arqueou os ombros. – Carter, desculpe se eu... Eu não quis provocar você. O beijo foi... Preciso ir para casa. – E, de repente, disse: – Vejo você na terça.

Kat manteve os olhos nos dele por um instante antes de se virar.

Carter ficou parado em silêncio e a observou ir embora, certo de que ela levava metade dele junto.

15

O apartamento inteiro de Carter tremeu quando ele bateu a porta após entrar. Arremessou as chaves e a jaqueta na parede, jogou o capacete no sofá e desmoronou sobre o balcão da cozinha. Sentia dificuldade para respirar desde que Pêssegos o deixara lá.

Ela o deixara.

Deus, aquilo doía.

Quando Carter colocou a boca na de Pêssegos, ele perdeu a cabeça. Era tão bom tê-la pressionada contra ele e, mesmo assim, ele a tocava como se ela fosse se desmanchar sob as pontas de seus dedos. Ele nunca tinha beijado uma mulher daquele jeito antes. Se surpreendera com a própria ternura. O desejo, que habitava fundo dentro dele, o fazia querer invadi-la de forma selvagem, mas, no momento em que eles se tocaram, ele sabia que não poderia fazer isso com ela de jeito nenhum. Ele suprimiu o desejo e a abraçou com todo o cuidado que conseguiu. Seus lábios tinham se movido lenta e provocativamente. Mas Carter queria mais.

Sentindo a pulsação dela sob seus dedos, ele a beijara com avidez. Mas não tinha sido suficiente. Ele queria mais. Queria que ela o tocasse.

Ele tinha fodido com tudo. Não devia tê-la beijado. Pêssegos chegou a pedir que não o fizesse. Mas ele não quis ouvir. Ele simplesmente não tinha mais autocontrole.

Ele sabia – agora que tinha experimentado a sensação de Pêssegos em seus lábios – que tinha que provar aquilo de novo. E estava consciente de que isso era impossível, como ela já tinha dito a ele. Mesmo assim, Carter não podia deixar de pensar que toda aquela determinação que ela mostrava era apenas uma fachada cautelosamente construída para esconder seu desejo por ele. Ela o tinha beijado também, droga. Ela queria. Não queria?

Ele esfregou a mão na testa ao perceber que a situação não estava a favor deles.

Carter não era idiota. Sabia que Kat tinha mais a perder do que ele; se alguém descobrisse sobre o beijo, seria um problemão. Mas ele não tinha que pensar naquilo. Sua raiva e seu lado egoísta começaram a crescer.

Ele relembrou o que tinha dito a ela. *Que seja, então! Como se eu desse a mínima para se iria ou não acontecer de novo.*

Ele era a porcaria de um mentiroso.

O fato era que as palavras dela haviam machucado. Ele tinha sido magoado antes, por muitas pessoas na vida, mas Pêssegos parecia saber como atingi-lo. Ele não era tão babaca a ponto de não conseguir admitir isso. Ela o magoara e ele estava puto.

Olhou para o relógio, uma baita de uma dor de cabeça se instalando em suas têmporas. Faltava pouco para as cinco e ele necessitava de algo que o ajudasse a relaxar. Precisava parar de pensar na Srta. Lane, com seus lábios macios e sua língua sabor pêssego.

Ele pegou o celular e abriu a lista de contatos. Tocou três vezes.

– E aí, Carter? Como foi seu encontro, quer dizer, sua aula?

– Vai à merda, Max! – rosnou Carter, indo em direção ao banheiro.

– Ui, quanta hostilidade! Não foi muito bem, suponho?

Carter tirou a camiseta e se jogou no canto da cama.

– Não, não foi – resmungou ele. – Escute, você tem algo planejado para hoje à noite?

– Nada concreto. Por quê? Está pensando em alguma coisa?

Carter passou a mão pelo rosto.

– Preciso encher a cara, e rápido. Aonde podemos ir?

Max riu.

– Conheço um lugar perfeito, meu camarada. Venha para cá em uma hora.

– Chego aí em meia.

▪ ▪ ▪

– Continue andando! – disse o estranho sob o capuz. – Precisamos nos afastar deles. Eles vão matar você! Ande!

– Não posso! Meu pai!

O estranho não parou para escutar. Tiros ecoaram pelo ar. Kat gritou. Ela começou a correr, mas foi derrubada no chão. Ele era pesado em cima das costas dela e cheirava a cigarro.

A calçada era tão fria.

– Fique aqui – sussurrou ele em meio aos seus cabelos enquanto ela se debatia debaixo dele. – Você não pode voltar. Pelo amor de Deus, ele falou para você correr.

Kat se levantou da cama de supetão, ofegante, rouca por causa do grito que morria lentamente em sua garganta. Seu rosto, bem como suas roupas, estava molhado de suor.

Ela se recostou na cabeceira da cama, respirando fundo enquanto lembrava a si mesma de que estava em seu quarto. Fazia algum tempo que não tinha um sonho assim, mas os efeitos dele ainda eram os mesmos.

Meio grogue, ela se levantou e foi até o banheiro, sabendo que um banho de banheira relaxaria os músculos de seu pescoço e de suas costas, que ainda estavam tensos.

Depois de um bom banho e de uma boa hora de lágrimas, ela colocou um agasalho de moletom e o DVD de *Escola do Rock* para se distrair um pouco com Jack Black. Uma batida na porta a fez olhar para o relógio, tentando imaginar quem apareceria em sua casa depois das oito da noite de um sábado.

Seu coração acelerou quando ela foi espiar pelo olho mágico.

Destrancou a fechadura e abriu a porta, parando-a em seu quadril. Kat ficou em silêncio por um

instante, sem saber o que dizer.

– Posso entrar? – perguntou Beth em um tom baixo, mas firme.

– Claro – respondeu Kat, afastando-se para deixar que ela passasse.

Beth entrou e ficou parada ali, de um jeito constrangedor, enquanto Kat fechava a porta.

– Posso pegar algo para você beber?

Kat colocou os cabelos atrás da orelha. Beth concordou com a cabeça.

Ela foi até a cozinha. Depois de servir uma bebida para Beth, Kat voltou ao sofá, sem dizer uma palavra, e se sentou. Beth a seguiu e se sentou na outra ponta, bebericando seu copo.

Kat pausou o filme quando Jack Black começou a cantar sobre notas dez e, então, se virou para a amiga.

– Como você está?

Beth deu um sorrisinho.

– Estou bem. – Ela colocou o copo em cima da mesinha de centro. – E você?

Kat cruzou os braços, sentindo-se estranhamente na defensiva.

– Estou bem. Cansada.

Beth juntou as mãos em cima do colo.

– Austin disse que você não estava bem. Foi por isso que vim: para ver se posso ajudar.

Kat suspirou, pensando na mensagem que tinha enviado para Austin, na mentira que tinha escrito para fugir de sair para tomar uns drinques com ele, incapaz de vê-lo após o beijo de Carter.

– Não preciso de nada. – Ela viu a amiga se mexer desconfortavelmente. – Então, por onde você andou? Você não respondeu nenhuma das minhas mensagens.

– Eu sei – admitiu Beth. – Desculpe. Adam está lidando com algumas questões familiares.

Os olhos dela se voltaram para a pilha de trabalhos de Carter, que estavam sobre a mesa de centro de Kat.

– Está tudo bem? Você deveria ter ligado. – Kat piscou ao ver que a resposta de Beth foi o silêncio. – Eu magoei você? Você parece, sei lá... Estranha. E toda aquela cena no meu jantar de aniversário... Eu só... sinto que algo está errado.

Beth se aproximou de Kat no sofá. Ela suspirou e apertou os lábios.

– Não. – Ela pigarreou. – Não tem nada errado, eu... Só me preocupo com você, sabe? O trabalho em Arthur Kill e as aulas particulares para Carter fora da prisão. Eu queria... quero... me certificar de que você está bem.

Kat ficou olhando para Beth por um instante, tentando pensar no que ninguém tinha contado a ela. Cansada demais para descobrir sozinha, procurou as palavras certas.

– Hoje foi um dia bem ruim.

– Quer conversar sobre isso?

Kat soltou uma risada e balançou a cabeça enquanto murmurava um emaranhado de palavras sem sentido.

– Não muito – respondeu ela, sua garganta se fechando novamente. – Sou só uma idiota muito, muito burra.

Beth se recostou no sofá.

– O que aconteceu, Kat? – Ela fez uma pausa antes de perguntar: – Ele machucou você?

A cabeça de Kat se ergueu de supetão.

– O quê? – perguntou ela, incrédula. – Por que ele... Quem?

– Carter – respondeu Beth. – Carter machucou você? É dele que você está falando, não é?

As lágrimas que Kat tentou com todas as forças segurar rolaram por suas bochechas. Seu rosto se contraiu em desespero e um soluço saiu de sua garganta.

– Oh, Deus. – Beth puxou Kat para seu lado. – Eu sabia. Calma, está tudo bem. Se ele machucou você, podemos mandar esse babaca de volta para Arthur Kill. Adam e Austin podem...

– Não, Beth! – soluçou Kat. – Eu fodi com tudo. Eu.

Beth permaneceu em silêncio.

– Ele não me machucou. Ele jamais me machucaria.

Kat não sabia por que, mas sempre soube que Carter nunca faria algo que lhe causasse dor física. Ela se sentia segura ao seu lado. Se sentira assim até mesmo quando ele arremessara uma carteira pela sala de aula. Havia algo em seus olhos, na maneira como se movia perto dela, que fazia Kat se sentir imune a qualquer perigo. Ela sabia – bem lá no fundo – que ele a protegeria se fosse necessário.

– Kat, que diabos aconteceu?

Kat fungou.

– Ele me beijou. E eu o beijei de volta.

16

– Ora, ora, depilem minha virilha e me chamem de Priscilla! Isso aqui é uma reunião da Arthur Kill!

A voz grave e estrondosa de Riley acertou a cabeça de Carter e de Jack como um taco de beisebol, antes de seu corpo de mamute atravessar a porta do apartamento de Carter e esmagar os dois em um abraço mortal.

– Oh, estou tão feliz – cantarolou ele sarcasticamente enquanto Carter, meio desajeitado, resmungava e se desvencilhava dele.

– Cara – disse ele, enquanto alongava as costas depois da sanfona que Riley tinha feito dela. – Se acalme.

Riley deu um sorriso malicioso.

– Estou vendo que a liberdade não mudou em nada esse seu temperamento rabugento. Eu, por outro lado, estou solto há 48 horas e tudo está incrível! – Ele se virou para Jack antes que Carter pudesse responder. – Como andam as coisas, J.?

Jack riu e alisou a jaqueta.

– As coisas andam bem, Riley. É bom vê-lo. Vejo você na quinta para nossa reunião. – Ele passou por Riley e acenou. – Nos falamos em breve, Wesley.

Carter assentiu com a cabeça e fechou a porta enquanto Riley passeava pelo apartamento, analisando-o como se fosse um comprador em potencial ou algo do tipo. Carter suspirou.

– O que posso fazer por você, Moore?

Riley alisou o peito enorme com as mãos e sorriu.

– Tem cerveja? Estou morrendo de sede.

Com duas cervejas em mãos, Riley se lançou no sofá enquanto Carter mexia no celular, sentindo-se descontente. Já tinham se passado dois dias desde o beijo no Central Park e ele ainda não tinha tido notícias de Pêssegos. Não que ele esperasse ter, mas isso não o impedia de estar inquieto. Não fazia ideia do que iria dizer a ela quando se encontrassem para a aula.

– Estou atrapalhando você? – perguntou Riley, indiferente, bebericando sua cerveja.

Carter balançou a cabeça, jogou o celular para o lado e acendeu um cigarro.

– Então, como é estar aqui fora? Quarenta e oito horas? Fico surpreso por você não ter aparecido antes.

Riley sorriu.

– Você me conhece, Carter: lugares para ver, pessoas para comer.

Carter riu e ergueu as sobrancelhas em concordância.

– Não que você não seja importante para mim, nem nada desse tipo – acrescentou Riley com uma piscada pervertida. – Mas eu tinha que organizar algumas coisas.

Carter fez uma pausa.

– Está se metendo com aquela galera da pesada de novo?

Riley franziu a testa.

– Não, cara. Esse erro não vou cometer de novo. Só tinha algumas pendências para resolver. Jack estava aqui para o de sempre?

– Sim – respondeu Carter. – Diane veio mais cedo. Ela teria adorado ver você.

Os dois homens bufaram.

Riley e Diane nem sempre tiveram um bom relacionamento. Dizer que ela não entendia o humor boca suja dele era eufemismo.

– Ela me quer – respondeu Riley de forma tranquila enquanto se recostava no sofá e erguia os pés. – O que posso fazer?

– Claro que quer.

Carter riu, mas parou abruptamente quando o celular bipou com uma mensagem que chegara. Max. Droga.

– É o seu novo... brinquedinho feminino?

Riley piscou.

– Não. Não é meu novo "brinquedinho" – censurou ele antes de voltar a olhar para a tela.

– Está bem, está bem – respondeu Riley antes de acender um cigarro. – Relaxe, cara. Foi só uma pergunta.

Carter expirou e esfregou os dedos na testa.

– Eu sei... É que... Não é bem assim.

– As coisas estão indo bem com a Srta. Lane, suponho – comentou Riley.

Carter apagou o cigarro e soprou anéis de fumaça na direção do teto.

– Está tudo bem – disse ele secamente.

Riley murmurou como se estivesse sonhando acordado.

– Caramba – falou ele em um tom de voz que guardava apenas para momentos de sedução e perversão. – Eu realmente sinto falta daquela bundinha arrebitada naquelas saias. – Ele lambeu os lábios. – E aquelas pernas? Eu poderia ficar acariciando aquelas belezinhas por...

– Cale a porra dessa boca, Moore! – berrou Carter. Ele ergueu o braço e apontou de forma ameaçadora para Riley. – Dobre a língua quando falar dela.

Riley ficou três segundos atormentado sob a mira do dedo de Carter antes que seu rosto se enrugasse em um sorriso do tamanho da barragem de Hoover.

– Ora, pobre de mim. – Ele conteve um riso, erguendo as mãos. – Você e a Srta. Lane, hein? Legal.

O braço de Carter caiu instantaneamente e um grunhido de satisfação e frustração saiu dele. Ele esfregou as mãos no rosto e murmurou em meio a elas.

– Não é bem assim, tá? Bem, quero que... Quero que ela... Ah, cara!

Ele pegou sua cerveja sobre a mesa e se jogou de volta na cadeira.

Riley riu e se inclinou para a frente, repousando os cotovelos nos joelhos.

– Olha, cara, não estou interessado no como, no porquê, ou qualquer coisa que seja. Só fico feliz por ter vencido a aposta que tinha comigo mesmo.

Carter estreitou os olhos.

– Aposta?

– É. Apostei comigo mesmo quanto tempo vocês levariam para meter quando você saísse. – Ele bateu no peito enorme com os dois punhos. – Acho que ganhei, hein?

Carter piscou, chocado.

– Pelo amor de Deus, Moore. Nós nem sequer... Cara, não tem a ver com sexo.

– Ah, sim, eu sei, mas você entendeu o que eu quis dizer. – Riley sorriu e colocou o cigarro no cinzeiro. – Ei, por falar em comer mulheres gostosas, tem uma galera que vai curtir uns bares hoje à noite. Está a fim?

Carter meneou a cabeça.

– Não, cara. Tenho umas coisas para fazer e preciso comer alguma coisa.

Riley ergueu e abaixou as sobrancelhas.

– Ou alguém...

Apesar de tudo, Carter não conseguiu não dar risada.

■ ■ ■

No final da aula de Kat em Arthur Kill, na tarde de terça-feira, ela se viu caminhando em direção à sala de Jack. Seus pés e pernas estavam letárgicos, quase fazendo com que desistisse. Mas ela precisava fazer aquilo. Precisava de respostas e direcionamentos. E, para falar a verdade, mesmo tendo conversado com Beth a respeito de sua angústia quanto a magoar Carter, necessitava ouvir mais alguém.

Recompondo-se, ela bateu de leve na porta.

– Entre.

Jack sorriu quando viu Kat espiar pela porta.

– Srta. Lane – disse ele, levantando-se. – Que bom vê-la. O que posso fazer por você?

Kat mordeu o lábio e permitiu que seu corpo deslizasse para dentro da sala. Fechou a porta, agarrando a maçaneta como se sua vida dependesse daquilo.

Jack pareceu preocupado.

– Você está bem?

Kat tentou sorrir para reconfortá-lo, mas não conseguiu. Ela pigarreou e coçou a nuca.

– Preciso fazer uma pergunta hipotética a você – murmurou ela.

Jack franziu a testa.

– Hipotética.

Kat concordou com a cabeça.

– Bom – continuou Jack –, com certeza farei o meu melhor.

Ele gesticulou para que Kat se sentasse antes de voltar à sua cadeira e colocou os papéis que estava lendo de volta em uma pasta. Kat se sentou. Aquilo era um inferno. Ela cerrou as mãos sobre o colo e desviou o olhar. Nunca tinha se comportado daquele jeito. Ela costumava ser tão determinada e estável.

– Srta. Lane – disse Jack, inclinando-se para a frente. – Tem certeza de que está bem?

– Sim – respondeu ela roucamente, com a garganta seca. – Eu só estava... Eu estava...

– Carter fez algo errado?

Kat balançou a cabeça. Não. Tudo que Carter fizera tinha sido, oh, tão perfeito.

– Eu o vi ontem – continuou Jack. – Ele parecia ansioso com relação a alguma coisa. Não quis me dizer o que era, é claro...

– Com quem devo falar para deixar de dar aulas para ele?

As palavras saltaram de sua boca tão rápido que ela ficou surpresa por tê-las dito na ordem certa. Enquanto aquela pergunta pairava sobre eles, tudo o que ela sentia era dor. Não física, mas emocional. Estava brava consigo mesma por ter feito a pergunta que jamais imaginou que faria. Seus olhos ficaram embaçados, mas ela engoliu as lágrimas. Já tinha chorado o suficiente por uma vida toda.

– Por que você iria querer fazer isso? – perguntou Jack em um tom suave. – Tem certeza de que ele não fez alguma coisa?

O sorriso que tocou os lábios de Kat era fraco, mas seguro.

– Tenho – murmurou ela. – Com quem devo falar e quais são os procedimentos?

– Kat – disse ele –, por que você quer fazer isso? – Ele ergueu a mão quando ela ameaçou se intrometer com uma resposta. – O que quero dizer é que se ele não fez nada de errado, nem violou a condicional, como é que você vai justificar parar de dar aulas para ele?

Kat fechou a boca, a frustração descendo por seu pescoço.

– O fato é que – continuou Jack – se você quiser parar com as aulas, e você tem todo o direito de fazer isso, se assim desejar, você precisa apresentar uma causa justa para a diretoria.

– Mesmo? – perguntou ela em um tom baixo e derrotado.

Jack descansou os cotovelos na mesa.

– Isso vai suscitar perguntas e não sei ao certo se você iria gostar de respondê-las.

Bom. Era isso.

– Kat, posso?

Jack fez menção de se levantar e apontou para a cadeira ao lado dela.

– Claro – respondeu ela, assistindo a ele dar a volta na mesa e se sentar ao seu lado.

– Não quero chatear você com o que vou dizer.

– Tudo bem, Jack. Estou disposta a ouvir praticamente qualquer coisa agora.

Jack limpou a garganta e ficou brincando com o prendedor de gravata.

– É visível que vocês dois têm... apreço um pelo outro. Mas se você e Carter estiverem envolvidos em um relacionamento que seja mais do que simplesmente professora/aluno, então preciso alertá-la. Preciso avisar que mesmo que Carter esteja em condicional, você ainda trabalha para a penitenciária e, assim, está violando as regras de ensino da instituição, incluindo a política de

não confraternização com a qual você concordou e se comprometeu por escrito, além de correr o risco de ser processada.

O rosto de Kat se retorceu. Tudo aquilo parecia muito assustador.

– Jack, Carter e eu não...

– Mas – interrompeu Jack, colocando a mão no braço de Kat – se vocês não ficarem juntos até que o período probatório da condicional termine, então não deve haver problemas.

Kat já sabia daquilo. Teria que esperar que o tempo contratual dela com Carter terminasse antes que eles pudessem ficar juntos. Se ela quisesse que ficassem juntos.

Era isso que ela queria?

Ela queria ver o que estava rolando entre eles, é claro; não podia negar essa vontade. Mas era inútil. As probabilidades estavam contra ambos.

– E para ser totalmente franco – completou Jack –, se você e Carter estiverem juntos e ninguém *souber* até o final do período da condicional dele, então não deve haver problemas.

Kat ergueu a cabeça. Será que ele estava falando sério? Ela estreitou os olhos na tentativa de enxergar se havia algo mais por trás daquela conversa. Mas ele estava falando totalmente sério.

– Você está dizendo que...

– Só estou dizendo que o que os olhos não veem o coração não sente.

Por que ele estava disposto a ser discreto com relação ao relacionamento dela com Carter? Ele não tinha nada a ganhar com aquilo.

– Por que você está dizendo isso?

Jack apertou a mão de Kat.

– Ele precisa de você, Kat. Mesmo que ainda não tenha percebido, ele precisa de você.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso fazer isso.

Jack sorriu.

– Kat, você é a única pessoa que *pode*. Você o coloca em seu devido lugar, não abaixa a cabeça para as grosserias dele. Tocou-o de uma maneira que ninguém mais conseguiu. Não se apresse e tente não se desesperar ou se preocupar. O que mais posso fazer por você?

Kat agradeceu a Jack por seu tempo e pela compreensão. Ela confiava que ele manteria o que tinha sido dito ali apenas entre os dois. Apesar do medo que tinha da reação dos amigos e da família ao seu relacionamento com Carter, saber que havia pessoas que o enxergavam como algo positivo fazia seu coração parecer menos pesado.

Kat decidiu que iria começar a fazer o mesmo.

17

Kat se mexeu na cadeira enquanto Carter lia Hemingway na biblioteca aquela tarde. Ele estava sentado com o tornozelo repousando no joelho. Jeans preto, coturnos, camiseta do AC/DC, tatuagens, anéis e um gorro preto cobrindo seus cabelos raspados.

O cumprimento deles no início da aula tinha sido no mínimo tortuoso, com Kat querendo correr para casa para se perder em alguns copos de qualquer bebida forte. Ela nunca tinha se sentido mais perdida e desequilibrada. Sua mente zumbia impiedosamente com pergunta após pergunta, pontuadas por palavras de sua conversa com Jack e seu papo com Beth, antes de voltar ao beijo.

Oh, Deus, o beijo.

Durante a aula, ela fitou descaradamente a boca de Carter. E pigarreou quando ele ergueu os olhos em sua direção, como se sentisse que estava sendo observado, e interrompeu a leitura. As bochechas dela arderam. Ela desviou os olhos de volta para o livro.

Carter franziu a testa antes de continuar.

– "Havia tratado essa visita a Catherine muito levianamente, eu bebera demais e quase me esqueci de aparecer; mas não poder vê-la fez com que me sentisse solitário e vazio."

– Certo, pare aí.

Kat colocou sua cópia com o texto virado para baixo na mesa entre eles, ao lado do pacote de Oreo e da Coca que Carter tinha trazido.

– Quanto a essas últimas páginas, o que você percebe na mudança da atitude de Henry com relação a Catherine?

Carter se inquietou e seus dedos ficaram encravados debaixo do gorro enquanto ele coçava a cabeça. Seus olhos se voltaram nervosamente para os dela.

– Ele está, hum, confuso com relação aos seus sentimentos.

Ele pegou a lata de Coca e tomou um longo gole.

– Como é que você sabe disso?

Ela observou o pomo de adão dele subir e descer em sua garganta.

– Porque ele sente falta dela, sabe? Quando, hum, ela não está por perto.

Os olhos dele encontraram os de Kat por um breve segundo, tempo suficiente para ativar um desejo ardente por todo o seu corpo.

– Como sabe que ele está confuso?

Carter sorriu com o canto direito da boca. Uma expressão perspicaz iluminou as maçãs protuberantes de seu rosto.

– Um palpite.

Ele contemplou o texto. E coçou o maxilar.

– Ele fica... "vazio". Ele fica sem chão sem ela.

Os olhos azuis de Carter pararam de ler as palavras de Hemingway. O que Kat enxergou neles quase fez seu coração parar.

Em geral, quando Carter a fitava, Kat via sexo primitivo e desejo. Aquilo sempre estava presente nas íris dele, tingindo-as de um azul sem nuvens. Mas agora havia algo mais ali; uma certa névoa de arrependimento que rodeava cada milímetro de suas pupilas. Era tão claro que Kat sabia, sem que ele dissesse uma palavra, como ele se sentia. Ele estava arrependido. E Kat se sentia exatamente da mesma forma.

Ela não fazia ideia de quanto tempo eles ficaram ali sentados – olhando um para o outro, perdidos um no outro. Só voltaram a si quando Carter a tocou. A mão dele era quente e confortável sobre a dela, e a energia efervescente que sempre estivera presente entre eles foi aliviada.

Parecia haver uma eternidade desde que ele a tinha tocado pela última vez.

Carter se inclinou para a frente.

– Pêssegos – disse ele, acariciando a pele dela com o polegar.

Ele manteve os olhos na mesa, onde suas mãos se uniam. A sensação das mãos dele era tão boa. A mente de Kat começou a imaginar como seria tê-las em outras partes de seu corpo.

Sua atração por Carter estava lentamente se transformando em algo mais, algo assustador e irrevogável. Ela estava cansada de negá-lo, é claro, mas ainda tinha que traçar um caminho tortuoso.

A mão de Carter apertou a dela.

– Quanto a sábado...

– Está tudo bem.

– Não – respondeu ele com firmeza. – Não está. Foi... Bem, o beijo foi... – Ele ergueu as sobrancelhas. – Olha, o que quer que pense de mim, não beijei você para ser um babaca. Mesmo.

– Eu sei, eu...

– A questão. – Ele fez uma pausa, suas sobrancelhas quase se encostando no meio da testa. – A questão é: talvez eu não tenha palavras bonitas e tal, mas eu... falo sério com relação a você.

A tontura envolveu Kat, fazendo-a apertar ainda mais a mão de Carter.

– Eu sei que não é a situação perfeita. – Ele apontou para si mesmo. – Sou só um... E você é... Mas, estou falando sério, vou ficar feliz com qualquer coisa que você esteja disposta a me dar a essa altura. Só ficar sentado aqui com você já seria suficiente.

A sinceridade das palavras dele fez Kat querer cair em seus braços e nunca deixá-los. Incapaz de articular quão forte seu coração estava batendo, ela simplesmente disse:

– Está bem.

Carter parecia satisfeito com a resposta dela.

– Está?

Ela sorriu.

– Estamos numa boa? – perguntou ele em voz baixa, observando-a com atenção.

Kat limpou a garganta.

– Estamos.

Carter expirou, parecendo indeciso.

– Fico feliz, mas preciso que você entenda uma coisa, Pêssegos. – Ele lambeu os lábios. – Não me arrependo e faria tudo de novo num piscar de olhos.

Meu Deus.

Percebendo que o estava encarando e mal conseguia respirar, Kat desviou os olhos de Carter e pegou uma pasta cheia de papéis em sua bolsa. Mude de assunto. Mude de assunto...

– Você vai querer isto aqui agora?

Ela colocou os papéis na mesa.

Carter fez uma carranca.

– O que é "isto"?

Ele puxou a pasta para perto de si.

– Seu material da próxima semana.

Carter piscou, confuso.

– Vou viajar – esclareceu Kat. – Com minha família, para Washington. – Os dedos dela dançaram ao longo da borda da mesa. – É o aniversário de quando meu pai... Fazemos isso todos os anos. Ficarei fora da cidade de domingo a domingo.

A expressão de Carter mudou imperceptivelmente. Ele não parecia feliz. Depois de coçar a nuca, enfiou as mãos nos bolsos.

– Hum, certo, está bem.

O vinco era profundo na testa dele.

– Faça só o que você conseguir – encorajou Kat. – Preparei mais algumas leituras e umas perguntas para você, e precisamos conversar sobre uma avaliação...

Ela ficou sem fala com o olhar sombrio e lúgubre de Carter.

– Me mande mensagem – disse ela sem pensar. – Ou me ligue, se precisar de ajuda. Não hesite. Eu... É... só me ligar.

– Vou ligar.

Kat tentou sorrir, mas aquilo era mais difícil do que ela esperava. Viajar para estar com sua família naquela época do ano era uma coisa; deixar Carter por uma semana era outra. Ela se sentiu, de repente, muito vazia.

▪ ▪ ▪

Carter estava nervoso: nervoso e mais do que chateado, para falar a verdade, apesar de ser sábado à noite.

Ele tomou um bom gole da quinta Corona que foi entregue em sua mão por Max e deslizou um dedo pela sobrancelha. Fala sério, sete dias. Como isso era difícil! Ele só via sua Pêssegos três vezes por semana de qualquer forma, então, tecnicamente, ele só estaria perdendo seis horas com ela. Grande. Coisa.

Ele suspirou. Sim, *era* uma grande coisa mesmo. Sua última aula tinha sido no dia anterior e ele já estava sofrendo a sensação desconfortável do desejo e do vazio na boca do estômago só de pensar em não vê-la.

Droga.

Paul, o mecânico-chefe da oficina de Max, cutucou o cotovelo de Carter, que estava apoiado no bar.

– O que foi? – perguntou ele em meio à música. – Pela sua cara, parece que alguém mijou na Kala.

Carter se ergueu de sua posição arcada.

– Nada. Estou bem.

– Não minta. – Paul deu um sorrisinho. – Você odeia esta boate, né? Tudo bem, pode admitir para mim. Max adora, mas eu não vejo tanta graça.

Duas louras esculturais passaram desfilando por eles, fazendo os dois homens olharem para suas roupas minúsculas e seus sorrisos sedutores.

Carter riu. Ele bateu sua garrafa na de Paul.

– Onde está Max? – perguntou ele, estreitando os olhos na direção da pista de dança na esperança de avistar o amigo.

– Lá fora, fumando – respondeu Paul, apontando com a mão. – Com aquela nova amiga dele, Laura. Ele já está mamado, chapado e choramingando sobre algum negócio que ele tem que resolver hoje.

Carter revirou os olhos, frustrado. Pelos papos que ele tinha ouvido dos outros rapazes da oficina, desde a partida de Lizzie, Max tinha ficado com muitas mulheres. Por mais que ele fingisse estar tudo bem e vivesse para comer todas elas, Carter sabia que ele só estava tentando afogar a dor com sexo. Com a quantidade de cocaína que Max estava cheirando, era óbvio que essas transas de uma noite não estavam dando certo. O cara estava andando em terreno escorregadio.

– Ele precisa sair dessa – murmurou Carter.

– Sem dúvida – concordou Paul. – Mas ele não vai ouvir nenhum de nós dois, você sabe disso. Ele está envolvido demais. Quando aquela vaca foi embora, levou as melhores partes dele junto.

Carter sabia que Max tinha mergulhado de cabeça na cocaína após ser abandonado por Lizzie. Tinha sido difícil demais para Carter, preso em Arthur Kill, não poder estar lá para ajudar o amigo.

– Foi tão ruim assim?

Paul suspirou.

– Foi. Ele tentou agir como se não estivesse morrendo por dentro por perder a mulher tão pouco tempo depois de perder o bebê. Fingiu estar bem enquanto enfiava aquela droga no nariz. – Paul tomou um gole de cerveja. – Só estou esperando que algo aconteça, que a merda bata no ventilador e...

– Não vou deixar que nada aconteça – censurou Carter.

Paul sorriu.

– Eu sei, cara. – Ele deu um tapinha no ombro de Carter. – Mas eu e você não podemos ficar colados nele o tempo todo. Ele é um homem feito e um fora da lei. Fico preocupado.

Carter sabia o que Paul queria dizer. Apesar de sua amizade de quase vinte anos, Max fazia o que queria, não importavam as consequências. A teimosia dele era o maior motivo de discussão entre os dois. Seu amigo estava em pedaços, isso estava claro como água, mas Carter não sabia como consertá-lo.

Carter e Paul ficaram observando a pista de dança se agitar.

– Aliás, já está na hora de arranjarmos uma mulher para você, Carter.

Paul apontou com a cabeça na direção de um grupo de mulheres rebolando e se entregando à música.

– Qual é, cara? – Carter suspirou. – Não preciso de mulher nenhuma.

– Por quê?

– Porque mulheres dão trabalho e são complicadas pra caralho. Já tenho isso o suficiente com Max.

Além disso, ele não queria qualquer mulher. Ele queria uma mulher bem específica.

Rindo em concordância, Paul colocou mais duas bebidas no bar. Ávido, Carter pegou o copo de Coca-Cola com Jack Daniel's e virou metade em um só gole. Era disso que precisava. Ele tinha que parar de pensar em sua Pêssegos e cair na farra. E tinha que parar de se preocupar, de criar fantasias, de ficar obcecado...

Carter parou com o copo nos lábios e piscou duas vezes.

Deus. Será que ele estava tendo alucinações? Quase quebrou o pescoço tentando ver – por cima e por trás dos corpos que rebolavam ritmadamente – a ruiva que estava dançando a uns nove metros dele.

Minha. Nossa. Senhora.

Era Pêssegos.

E puta que pariu, ela estava usando o vestido mais sexy que ele já tinha visto. Era preto e de seda e com um decote tão grande nas costas que ele quase conseguia ver as covinhas acima de sua bunda. Deus! O decote nas costas significava apenas uma coisa.

Nada de sutiã.

Seu pau, imediatamente duro, começou a cutucar os botões de sua braguilha para correr na direção dela, enquanto seu coração batia como uma porcaria de um martelo. O corpo dela se movia como água: com graciosidade e sem esforço. O cabelo estava preso em um coque que era sexy e elegante e os saltos que ela estava usando ficariam ótimos... nos ombros de Carter.

Ele engoliu em seco e sorriu enquanto ela dançava e movia os lábios de acordo com a letra da música. As mãos dela pararam nos quadris, fazendo com que o ciúme explodisse pelo corpo de Carter. Aquelas deveriam ser as mãos dele, os dedos dele apertando-a com firmeza. Ele viu que ela estava aparentemente dançando com uma loira baixinha, que estava enrolada em um cara qualquer. Ela era bonitinha, mas Pêssegos era sexo. Não, não era isso. Era uma foda quente, selvagem, em pé contra a parede, e Carter queria isso tudo para si.

E, aparentemente, o cara que estava a um metro e meio de Pêssegos também.

Um rugido nasceu em algum lugar profundo e sombrio dentro do peito de Carter e ele cerrou os punhos quando o desgraçado se aproximou dela, mexendo no seu cabelo enquanto andava.

Antes que pudesse pesar suas ações, Carter estava se afastando do bar, com Paul berrando às suas costas. Ele abriu caminho aos empurrões até Pêssegos e aquele idiota que na certa não gostava de ter a porcaria da cabeça em cima dos ombros. Carter nunca tinha se sentido tão protetor com relação a nada em sua vida e seu corpo era pura adrenalina.

Assim que o babaca esticou o braço para pegar na cintura de Pêssegos, Carter o agarrou e o torceu. Com força. O imbecil tropeçou quando Carter o empurrou para trás. Carter se aproximou da orelha dele para se certificar de que ouviria cada palavra.

– Não encoste um dedo nela. Encostou? Arranco seu braço inteirinho. *Capisce?*

O idiota nem sequer argumentou. Carter o largou e o fez "cai fora" com a boca. O cara não precisou ouvir duas vezes. Carter expirou um rosnado enquanto o otário desaparecia em meio às profundezas da multidão antes de se virar para Pêssegos. Por sorte, ela não tinha percebido a confusão, ou mesmo Carter, o que era perfeito.

Ele parou atrás dela e ergueu as mãos.

A loura que estava com Pêssegos percebeu a movimentação dele. A expressão dela congelou enquanto observava Carter dos pés à cabeça, intrigada e lasciva, mas Carter não deu a mínima. Ele só se importava em tocar a criatura deliciosa à sua frente.

Pêssegos, sentindo que havia alguém atrás dela, começou a se virar. Carter segurou seus braços, mantendo-a na posição que estava – suas costas contra o peito dele – e colocou a boca em seu ouvido na mesma hora em que as notas iniciais de "No Diggity", de Blackstreet e Dr. Dre, começaram a explodir pelos alto-falantes da boate. Ele se aproximou ainda mais. O cheiro dela era incrível.

– Você tem noção do que está fazendo com todos os homens desta boate, Pêssegos?

O corpo dela ficou estático sob as mãos dele. Ele afrouxou a pegada e deslizou as mãos até os cotovelos dela. Sorriu quando viu que ela ficou toda arrepiada e a puxou contra ele.

– Você tem noção do que está fazendo *comigo*?

As mãos dele deslizaram ainda mais para baixo, pelos antebraços macios, pelos pulsos, até chegar às mãos. Carter esperou que ela lhe pedisse para parar, rezando por tudo o que era mais sagrado para que ela não pedisse. Em vez disso, ela virou o rosto na direção de Carter, de modo que seu nariz raspou no lado direito do maxilar dele.

– O que estou fazendo com você, Carter? – ronronou ela, entrelaçando os dedos nos dele e apertando as mãos dele contra sua barriga.

– Você está me fazendo querer assassinar todos os homens que estão olhando para você e pensando em tocá-la.

Ela gemeu e ele viu as curvas de um sorriso nos lábios dela. Seus lábios cheios e brilhantes.

– Está com ciúme, Carter?

Ela moveu os quadris, ah, tão lentamente, contra ele.

Ele a puxou para trás e, dessa vez, ouviu-a ofegar quando seu pau pressionou aquela bunda deliciosa.

– Muito ciúme. – Enterrando ainda mais o nariz nos cabelos dela, ele se perdeu no cheiro maravilhoso de pêssegos doces e suculentos. – Consegue sentir?

Ele pressionou o corpo contra o dela novamente e gemeu quando ela girou os quadris em

resposta.

Ele soltou as mãos de Pêssegos, mas manteve as suas na barriga coberta de cetim dela. Ele as desceu até chegar aos quadris. Como ele tinha imaginado, eles se encaixavam perfeitamente em suas mãos grandes. Carter os apertou, mantendo-a próxima dele, e se entregou à música. Ele não conseguiu conter um gemido quando ela começou a dançar, pressionando o corpo contra o dele.

As mãos de Pêssegos encontraram as de Carter. Ela as segurou e começou a se mover mais rapidamente.

– O que você está fazendo?

– Estou dançando com você, Carter. Por quê? Como é a sensação?

– Perfeita.

As mãos dele subiram pela cintura de Pêssegos, de modo que seus polegares estavam tocando as laterais dos seios dela. Ele daria tudo para senti-los. Para sentir os mamilos dela enrijecerem sob seus dedos. Para tê-los em sua boca. Para saborear todo o corpo dela. Ele pressionou os quadris contra ela novamente e lhe deu um beijo suave no ombro. A resposta dela foi jogar a cabeça para trás e entrelaçar o pescoço dele.

Carter grunhiu quando as unhas de Pêssegos rasparam em sua cabeça. Seus corpos se moviam juntos de um lado para outro. A bunda dela estava encaixada perfeitamente na pelve dele enquanto ele escorregava as mãos preguiçosamente pelas laterais do seu corpo. Quando elas chegaram na bainha do vestido, ele permitiu que as pontas de seus dedos dançassem sobre a pele macia.

As unhas dela se enterraram na cabeça dele. Ela gemeu.

– Eu quero você – murmurou ele no ouvido de Kat, antes de lhe dar mais um beijo atrás da orelha. – Meu Deus, não me importo que seja contra as regras. Quero você.

Ela virou a cabeça, olhando-o diretamente nos olhos, e sorriu como uma leoa.

– Também quero você.

Carter a virou, agarrou sua mão e a puxou até um canto escuro da boate. Ele a pressionou contra a parede, nariz contra nariz, as mãos em cada lado da cabeça dela.

– Repita – ordenou ele.

– O quê? – perguntou ela, os olhos grandes e vítreos de álcool.

– Diga que você me quer – ordenou ele. – Preciso ouvir isso. Você não faz ideia.

– Eu quero você.

Antes que ela pudesse dizer mais uma palavra, Carter segurou seu rosto e apertou a boca de Pêssegos contra a sua, deixando que a queimação deliciosa da confissão dela penetrasse seus ossos, sua alma. As mãos dela estavam no pescoço dele, puxando-o para mais perto enquanto suas línguas se roçavam. O gosto dela era incrível. Deus, ele quase tinha esquecido como era. Ele grudou nela como um carrapato, mas, porra, ele não podia evitar. Ele precisava se esfregar nela. Queria estar dentro dela.

O beijo era quente, faminto e molhado.

Ele pressionava e ela pressionava de volta, acendendo o corpo dele com um desejo forte o suficiente para deixá-lo sem ar. E o cheiro dela? O cheiro dela deixava Carter tonto de um jeito que ele quase não ouviu seu nome ser chamado.

Três vezes.

Ele se afastou, traçando um caminho de beijos gentis no maxilar dela.

– O que foi, gata? – grunhiu ele contra os lábios dela.

– Não fui eu – disse ela, virando a cabeça na direção de onde tinha vindo a voz.

Confuso, Carter se virou e viu Paul parado ali, parecendo completamente desnorteado.

– O que foi? – rosnou Carter, protegendo a mulher em seus braços.

– Foi mal, cara – gaguejou Paul. – É o Max. Ele foi embora. Não consegui impedir. Ele estava resmungando algo sobre aquele negócio e uns caras o seguiram e... Não sei, mas parecia que eles estavam aprontando alguma.

O coração de Carter se apertou. Sua boca ficou seca.

– Vou... Droga. Me dê um minuto.

Paul assentiu com a cabeça secamente e saiu.

Carter largou a cintura de Pêssegos e bateu a mão na parede.

– Caralho!

Pêssegos segurou seu rosto.

– Ei. Se ele precisa de você, vá.

Os olhos dela eram calmos, mas exigiam sinceridade.

Ele descansou a testa na dela.

– Mas eu preciso de você.

Ele nunca tinha dito algo mais verdadeiro.

Ela sorriu contra a bochecha dele.

– Eu sei, mas...

Carter pressionou os lábios contra os dela.

– Sem "mas" – murmurou ele. – Pelo amor de Deus, por favor, sem "mas".

Ela riu e acariciou o rosto dele.

O conforto que ele encontrava no toque dela era indescritível.

– O que eu ia dizer é que seria impossível fazer qualquer coisa hoje.

Carter ficou arrasado.

– Vou viajar de manhã e você tem um amigo para ajudar. Hoje não é o dia.

Ele sabia que ela estava certa. Sabia que Max precisava dele. Sabia que levar Pêssegos para casa e meter nela de todos os jeitos possíveis não era o caminho que ele deveria seguir. Mas será que eles não podiam ter uma trégua?

– Você vai... Vou ter notícias suas na semana que vem? – perguntou ele, não ligando a mínima para se estava parecendo carente.

– Claro. – Os olhos dela analisaram o rosto dele, como se o estivessem memorizando antes de passarem um tempo afastados. Ele gostou daquilo. – Acho que precisamos ter uma longa conversa.

As palavras dela deixaram Carter gelado.

– Está bem – cedeu ele, e então grunhiu de frustração. – Preciso ir. Desculpe.

– Vá – disse ela com um sorriso calmo. – Vejo você em breve.

Sem hesitar, sua boca foi ao encontro da dela novamente, mordiscando e chupando seus lábios

desesperadamente. Ele se afastou da parede.

– Cuide-se – ordenou ele com um dedo apontado para ela. – Me mande mensagem quando chegar em casa hoje.

Pêssegos riu e bateu continência para ele.

– Estou falando sério – disse ele, nenhum tom de brincadeira em sua voz.

O sorriso dela desapareceu.

– Vou mandar. Prometo. Vá cuidar de Max.

18

Carter ouviu Max antes de vê-lo. O idiota estava gritando algo sobre o deixarem em paz. Houve uma discussão e um grito. Carter entrou na sala de estar de Max, passou por Paul, que parecia furioso, e encontrou Max esparramado no sofá, parecendo completamente embriagado, com o nariz sangrando e um olho tão inchado que estava quase fechando.

– Puta que pariu – murmurou Carter.

– Carter! – gritou Max com um sorriso largo e bêbado. – Dê só uma olhada nisso!

Ele ergueu a camiseta para exibir vários hematomas e um corte nas costelas.

Carter virou a cabeça na hora para Paul e Cam, que estava sentado em um canto da sala com um baseado na mão e uma mulher no colo.

– Onde é que vocês estavam quando tudo isso aconteceu, porra?

Paul ergueu as mãos e balançou a cabeça.

– Não jogue a culpa na gente, cara – avisou ele. – O idiota foi embora, disse para a gente ficar onde estava. Fiz o que pude!

– Sem dúvida – ironizou Carter. – A polícia se envolveu?

Paul negou com a cabeça.

– Os caras se mandaram antes que a polícia aparecesse.

Carter foi até Max, que tinha calado a boca e relaxado enquanto observava seu amigo Al acender um e entregar a ele. Max gemeu quando inalou e soprou a fumaça, mas se encolheu e fez uma careta quando tentou se mover. Os babacas o tinham espancado.

– Eles estavam em quantos? – Carter perguntou a Paul.

– Não sei – respondeu ele. – Vi dois quando cheguei lá, mas pode ser que tivesse mais.

É, sem dúvida. Max parecia ter apanhado de toda a Guarda Nacional.

Laura, o brinquedinho mais recente de Max, ainda com a roupa que estava usando na boate, veio da cozinha com uma tigela de água e uma toalha. Ela deu um sorriso contido a Carter antes de se ajoelhar ao lado de Max e começar a tentar limpá-lo. "Tentar" é a palavra de ordem aqui, visto que Max a empurrava para longe enquanto murmurava palavrões.

– Pare com isso, O'Hare – ordenou ela –, antes que eu coloque você nos eixos de verdade!

Max sorriu para ela, o cigarro dependurado em seus lábios ensanguentados, e piscou com o olho saudável.

– Você sabe que me deixa de pau duro quando fala desse jeito.

Laura revirou os olhos e continuou a limpar o rosto mutilado de Max.

– Precisamos levar você para o hospital, seu idiota – disse Carter.

Laura tirou a camiseta de Max e o estrago que tinha sido feito nele pôde ser visto por todos. Carter cerrou os dentes com o pulo que Max deu quando Laura passou a toalha por suas costelas.

– Estou bem – respondeu Max. – Além disso, o hospital faz perguntas.

– Max – argumentou Carter. – Se nós simplesmente...

– Não vou – falou Max em um tom que exigia complacência. – Os médicos vão ligar pros meganhas. Não preciso deles se intrometendo. Não que fossem encontrar alguma coisa. Os filhos da puta levaram minha cocaína embora.

Carter passou a mão pelo maxilar e deu um suspiro, frustrado.

– Quanto?

– O suficiente. – Max o fitou, curioso. – Eu pensei que você estava no bar. Paul disse algo sobre você ter sumido.

Carter evitou os olhos de Max e pegou os cigarros no bolso de trás.

– É – murmurou ele. – Fui dar uma volta.

Max bufou e fez uma careta ao mesmo tempo.

– Uma volta, né? E qual é o nome dela?

Ignorando a pergunta, Carter abriu o isqueiro. Ele balançou a cabeça, observando Max se agitar quando Laura tentou colocar uma bolsa de gelo no rosto dele.

– Onde é que você estava com a cabeça, porra?

– Não se preocupe. – Max fez um gesto bêbado com a mão. – Vou recuperar a cocaína. Juro por Deus que vou. Você vai estar lá por mim, certo?

Carter suspirou e tragou fundo.

– Claro, Max.

Ele se levantou da cadeira e pegou o celular no bolso da calça quando o sentiu vibrar: uma mensagem. Pêssegos.

Estou em casa e estou bem.

Carter sorriu. Ele deslizou o indicador por seu lábio inferior, lembrando-se da sensação da boca de Pêssegos na dele e de como era tê-la em seus braços. Sabia que havia partes de si próprio – partes desconhecidas, inexploradas e latentes – que sussurravam certas palavras em uma tentativa de pôr um rótulo no que ele estava sentindo por ela. Até então, ele as tinha ignorado pronta e fervorosamente e continuava desejando-a por seu corpo e por seu intelecto. Ele não queria uma porcaria de um rótulo. Só queria sua Pêssegos de todas as formas que ela permitisse.

Ele deu uma olhada no amigo machucado, lutando contra a inquietação e a ansiedade que cresciam em seu estômago só de pensar em ser preso por causa da estupidez de Max. Nesse ritmo, Carter voltaria a Arthur Kill antes do Natal.

A mensagem de sua garota brilhava intensa e claramente. Ele pensou na sensação dela sob suas mãos, na maneira como o corpo dela se movia contra o dele, nas promessas que eles tinham feito.

Não, pensou Carter. Ele não podia se permitir ser preso de novo. Ele não perderia sua Pêssegos.

■ ■ ■

O céu de Washington era cinza e tempestuoso; o tempo estava tão sombrio quanto a expressão das duas mulheres que atravessavam o vasto cemitério. Kat caminhava lentamente com o braço da mãe enganchado no seu, rumo à lápide que tinha mudado muito pouco em dezesseis anos. A mãe dela pressionou seu braço quando o túmulo ficou visível.

Kat apertou a mão da mãe.

– Você está bem?

Eva assentiu com a cabeça.

– Ver isso novamente depois de tanto tempo é sempre a parte mais difícil.

Elas atravessaram a trilha, aproximando-se do túmulo. Kat sempre permitia que sua mãe conversasse primeiro com ele, e, enquanto Eva colocava uma rosa de um vermelho intenso no mármore preto, Kat se virou e se afastou para lhe dar um momento de privacidade.

Vagando pela trilha, Kat permitiu que sua mente viajasse de volta a Nova York.

O sábado tinha sido chocante – a despedida de solteira de sua vizinha teve uma reviravolta inesperada, mas bem animadora. Uma onda de calor se apossou de Kat quando ela se lembrou da sensação de Carter dançando, esfregando-se e tocando nela.

As palavras ditas e as mensagens trocadas desde aquela noite na boate apenas confirmavam que Kat queria Carter da maneira que ela estava tentando reprimir desde o dia em que tinham se conhecido. Queria estar com ele. Ele a despia de tudo o que ela conhecia e Kat tinha que admitir que gostava disso. Era assustador, excitante e perigoso, mas ela estava ávida por ele.

Os limites inicialmente traçados entre eles eram agora meras manchas, fundindo-se com o chão sob os pés de Kat. Ela se sentia preparada para ultrapassá-los, ciente, no fundo de seu coração, de que Carter a estaria esperando do outro lado.

Linhas suaves de lágrimas eram visíveis nas bochechas de Eva quando Kat se reaproximou dela.

– Você está bem?

Uma expressão de contentamento rodeava os olhos da mãe.

– Agora estou – respondeu Eva, afastando-se. – Não se apresse, Katherine.

Kat fitou as letras douradas no mármore, que diziam a data da morte dele. Parecia que tinha sido ontem. Ela fechou melhor o casaco e se agachou para ficar no mesmo nível do nome dele.

– Oi, papai – sussurrou ela. – Sinto muito por fazer tanto tempo desde minha última visita. A vida anda uma loucura. – Ela sorriu, contornando o *D* do nome dele com o indicador. – O trabalho está indo bem; meus alunos são ótimos. – Ela riu de leve, orgulhosa. – Eles realmente prestam atenção em mim agora e sinto que estou fazendo a diferença. Papai, eu... – Erguendo a cabeça na direção do céu raivoso, ela fechou os olhos. – Penso no que você me disse aquela noite o tempo todo, sobre fazer a diferença, sobre retribuir. E preciso que saiba que estou tentando ao máximo fazer o que me ensinou. – Ela inspirou fundo. – Queria lhe contar que eu... estou gostando de... alguém e tenho medo de que

você pense coisas ruins a meu respeito. – Kat deu uma olhada para a mãe. – Sei que mamãe vai pensar.

Como um filme em sua mente, Kat relembrou todos os comentários e olhares repressores de Eva, nos últimos meses, toda vez que seu emprego era mencionado.

– Ela não entende por que estou fazendo isso e, às vezes... às vezes, me sinto pressionada. Encurralada. Como se eu estivesse tentando fazer o que vocês dois esperam, quando sei que deveria fazer o que eu mesma acho certo. Foi isso que você me ensinou e... ele faz eu me sentir bem. Já cometeu alguns erros, como todos nós, mas... – A mão de Kat agarrou a ponta do mármore. – Você precisa saber que ele é um bom homem. Tomou alguns caminhos errados na vida e consegue me deixar maluca, mas há bondade ali. Eu simplesmente sei que há.

Ao ver o túmulo de sua avó ao lado do túmulo do pai, Kat sorriu.

– Sei que, onde quer que você esteja, está feliz e cuidando de mim. Sinto no meu coração todos os dias – Lágrimas escorreram por seu rosto. – Eu te amo tanto, papai, e sinto muita saudade. Por favor, entenda como me sinto. Pode ser que eu me apaixone perdidamente por ele.

Quando aquelas palavras saíram da boca de Kat – por uma fração de segundo –, o vento parou e as nuvens se abriram acima dela, permitindo que um raio de sol brilhasse por entre elas. O calor momentâneo atingiu suas costas, fazendo seu corpo relaxar. E, enquanto piscava por conta da claridade, ela sabia, no fundo de sua alma, que seu pai tinha dado sua bênção a ela e Carter.

▪ ▪ ▪

O voo de Washington para Chicago tinha sido confortável e Kat sorriu quando Harrison as encontrou no terminal do aeroporto. Eva o abraçou forte enquanto ele sussurrava palavras gentis em meio a seus cabelos. Kat sempre agradecera pela compreensão infinita que Harrison demonstrava com relação ao luto de sua mãe pelo ex-marido. Ele aparentava saber do que ela precisava e nunca parecia magoado quando ela fazia suas visitas anuais ao túmulo de Daniel. Harrison e seu pai eram bons amigos havia muitos anos quando ele faleceu e, apesar de a mãe de Kat ter lutado contra isso, o fato de os dois estarem juntos fazia todo sentido. Observá-los se reencontrando após três dias separados, com beijos e sorrisinhos, despertava uma pequena pontada de saudade no peito de Kat. Ela abraçou a si mesma, tentando fazer seu corpo pensar que aqueles braços eram de um ex-presidiário de olhos azuis.

Não funcionou.

Harrison tinha chegado a Chicago um dia antes e alugado um carro no qual os três se empilharam. A mãe de Eva, a quem Kat se referia carinhosamente como Nana Boo, sempre organizava uma reunião nesta época do ano em sua enorme propriedade nos arredores de Chicago. Era, como ela dizia, uma maneira de celebrar a vida de um homem que tinha trazido tanta felicidade à sua filha, bem como uma linda neta.

Enquanto eles dirigiam pela cidade e saíam para a área rural, Kat pegou o celular. Fazia alguns

dias que não tinha notícias de Carter. Ela não podia negar que estava sentindo falta dele. Uma mensagem de Austin apareceu assim que ela religou o celular.

Espero que você se divirta em Chicago. Me mande uma mensagem para eu saber que você chegou bem. Desculpe não poder ter ido junto.

Ela engoliu em seco, resignada. Beth achou que seria uma boa ideia convidar Austin para ir a Chicago para a celebração. Kat não tinha se convencido e ficou aliviada quando Austin teve que cancelar por causa do trabalho. Mandar mensagens que a livravam de ter que sair para tomar uns drinques ou para jantar com ele era uma coisa. Vê-lo cara a cara? Ela preferiria muito mais que Carter estivesse lá. Deu uma olhada para a mãe e imaginou a confusão que a presença dele iria causar. Kat expirou pesadamente e começou a digitar uma mensagem.

Só queria me certificar de que você não está achando as atividades difíceis demais.

Ela zombou daquilo em silêncio, sabendo que, sem dúvida alguma, Carter conseguiria terminar o trabalho mesmo que estivesse amarrado em uma cadeira e de olhos vendados. As bochechas de Kat ficaram imediatamente quentes quando aquela imagem passou por sua mente; só que, em sua fantasia, ele estava nu. O celular vibrou em sua coxa. O coração de Kat respondeu batendo bizarramente, em staccato.

Estou bem. O trabalho está indo bem. Só é chato fazer sozinho. Com saudades de mim, é?

Kat sorriu e balançou a cabeça com a arrogância dele. O fato de ele estar certo era irrelevante.

Oh, sim, Carter, com saudades imensas de você (sarcasmo). Acabei de chegar a Chicago.

Achei que você estivesse em Washington! Você está com saudades de mim. Eu sei.

Kat bufou, fazendo com que sua mãe lhe lançasse um olhar curioso.
– Com quem você está falando? – perguntou ela. – É o Austin?
O sorriso de Kat desapareceu.
– Hum, não. É só um amigo.
Eva assentiu com a cabeça, ainda em dúvida.
– Bom, espero que não sejam aquelas... pessoas daquele presídio, ou aquela criatura com quem você passa um tempo na biblioteca. Ainda não consigo acreditar que eles permitiram que você ficasse sozinha com alguém tão perigo...
– Mãe.

A mãe de Kat suspirou.

– Eles deviam deixar você em paz esta semana.

Ficamos em Washington por três dias. Viemos visitar minha avó em Chicago. Você pode negar, mas sei que está morrendo de saudades de mim.

Estou com saudades de você. Pronto. Feliz?

O ritmo feroz com que o coração de Kat batia confirmava que ela estava feliz. Ela deu um sorriso largo, mordendo o lábio inferior.

Está tudo bem, Carter. Também sinto sua falta.

Ainda consigo sentir seu sabor na minha língua.

Um gemido escapou da garganta de Kat. A palpitação leve e zombeteira no peito dela se transformou em batidas furiosas. O homem era implacável. Kat deixou que sua mente viajasse por lugares sombrios e pervertidos onde ela e Carter poderiam fazer coisas sobre as quais ela havia apenas lido.

Kat não era nenhum poço de pureza. Tinha tido quatro parceiros com quem havia curtido um sexo decente. Mesmo assim, sempre que pensava em sexo ou variações do ato com Carter, ela só conseguia pensar que ele botaria no chinelo todas as suas experiências passadas. Era tão dominador e intenso que Kat não tinha dúvidas de que ele seria exatamente assim na cama.

Ela queria que ele a dominasse, a possuísse, a fodesse...

Ela colocou a mão na boca, surpresa com os próprios pensamentos desavergonhadamente indecentes.

Carter a queria; ele tinha dito isso. Mas será que tudo se resumiria a uma transa quente e apaixonada? Kat estava desesperada para descobrir.

O senso comum sugeria que homens como Carter não eram para namorar; e muito provavelmente correriam na direção contrária ao ouvir falar em "monogamia".

Kat piscou para o próprio reflexo na janela do Lexus.

Ela realmente estava pensando em um relacionamento com Carter?

Tipo, um relacionamento duradouro?

Sim. Sim, estava.

Posso ligar para você amanhã, Carter?

Quando você quiser.

– Chegamos, Katherine.

A voz de Eva invadiu a fantasia de Kat para avisar que eles estavam estacionados na entrada de pedras da propriedade de Nana Boo.

A casa era tão linda e imponente quanto Kat se lembrava. Um sorriso largo surgiu em seu rosto quando a enorme porta de carvalho se abriu e Nana Boo apareceu com seu cachorro preto e branco, Reggie, empurrando-a para passar à frente. Pulando do carro, Kat bateu as mãos nas coxas e assobiou. Reggie disparou na direção dela, latindo alegremente e balançando o rabo como um chicote. Ele pulou, a língua para fora da boca.

– Reggie! – repreendeu Nana Boo. – Desça!

O cachorro obedeceu de imediato, dando uma olhada encabulada para sua dona. Kat riu e correu até a avó, que a envolveu em seus braços, apertando com força. Aquela mulher tinha cheiro de hortelã e lavanda.

– Ah, minha menina querida – disse Nana com ternura.

Kat apertou ainda mais a avó ao ouvir suas palavras.

Mãos pequenas e enrugadas seguraram o rosto de Kat. Os olhos verdes brilhantes de sua avó emitiam nada além de amor e calor e Kat ficou instantaneamente mais calma, mais segura. Nana Boo sempre teve um jeitinho de fazê-la se sentir melhor. Era um dom de avó.

Eva abraçou a mãe com força antes de todos entrarem na casa.

Nana Boo tinha preparado comidas e bebidas para serem servidas na noite seguinte aos cerca de 30 convidados. Ben estaria lá, assim como sua esposa, Abby, e os pais dele, colegas do pai dela e vários membros de inúmeras instituições de caridade com as quais o pai de Kat tinha contribuído ou apoiado, e também Beth e Adam.

Kat continuou suspeitando de que ainda havia algo acontecendo com sua melhor amiga, e, apesar de Beth dizer o contrário, parte de Kat se preocupava de ter feito algo muito errado que a chateara.

Ela colocou as malas na cama de seu quarto de infância e tentou ignorar um certo mau presságio que se instalava em seu estômago.

19

Na tarde seguinte, a casa estava cheia. Garçons serviam aperitivos e champanhe enquanto Kat observava sua mãe saçaricando entre as pessoas, com um sorriso firme e um comportamento tranquilo. Tendo crescido em uma família de políticos e se casado com um dos mais jovens senadores do país, Eva conseguia fazer sala até para os melhores deles.

Ben, Abby, Beth e Adam foram recebidos com um furacão de beijos e abraços dela e de Nana Boo. Enquanto Kat os via trocar gracejos, ficou impressionada com quanto Beth estava parecida com sua mãe. Tinha percebido isso durante seu jantar de aniversário, mas agora, vendo as duas mulheres se abraçarem e conversarem aos sussurros, parecia que, em algum momento do caminho, elas tinham se tornado amigas.

– Como você está? – perguntou Kat, dando um beijo no rosto de Beth.

– Bem – respondeu ela, enquanto olhava para o noivo, que parecia muito desconfortável. – E você? Alguma novidade?

– Nada interessante.

Kat deslizou o pé pelo chão, seu rosto ficando quente com a avaliação minuciosa que sua amiga estava fazendo dela.

– Algo que você queria compartilhar? – quis saber Beth, inclinando a cabeça para o lado.

– Neste momento, não – respondeu Kat com firmeza, mas dando um pequeno sorriso, tentando ao máximo fazer sua resposta não parecer defensiva.

Ela não sabia se tinha funcionado. Kat queria tanto contar para Beth, para todos eles. Mas algo – que a fazia sentir calafrios – a impediu.

Nana Boo era a única pessoa a quem ela confiara plenamente seus reais sentimentos por Carter. O papo confidencial e tranquilo que tivera com a avó na noite anterior, depois que Eva e Harrison foram dormir, havia sido completamente diferente das conversas com sua mãe e com Beth. Tinha sido fácil, franco e repleto de risadas. Nana atualizou Kat sobre as últimas fofocas do clube de bridge, inclusive um senhor bonitão, Roger, que era seu novo parceiro de golfe.

– Ele é curto e grosso – revelou Nana, rindo. – Do jeito que eu gosto.

Encolhida no sofá com um chá de camomila, Kat se deixou viajar no tom de voz suave e nas palavras gentis da avó. Ela adorava como Nana Boo sabia o que dizer para fazê-la sorrir, e o entusiasmo que a velha senhora emitia tinha começado a afastar a ansiedade sombria que habitava em Kat desde que a viagem começara. Kat se ouviu rindo e seu sorriso era totalmente genuíno enquanto

Nana detalhava sua implicância para com a nova participante de sua turma de salsa. "Uma biscate, minha querida" tinha sido sua descrição sem papas na língua da recém-enviuvada Sra. Harper.

– Então – disse Nana Boo. – O que há de novo com você? Senti saudades.

Kat suspirou e puxou um fio solto de sua calça de moletom.

– Também senti, Nana – confessou Kat. – Estou... Estou bem. Ocupada.

Nana deu um leve suspiro.

– Kat, sei quando minha única neta não está sendo ela mesma.

Kat riu sem nenhuma alegria e enrolou o braço livre em torno de si mesma.

– É complicado.

– Que aspectos da vida não são? – questionou Nana com gentileza. – Querida, eu te amo muito e quero ajudar, se puder.

– Obrigada.

– Sei das preocupações de sua mãe, Kat. É a função dela.

– Eu sei – concordou Kat com um suspiro exasperado. – Mas ela se preocupa demais. Sou adulta, Nana. Posso tomar minhas próprias decisões. Posso cuidar de mim mesma.

– Não tenho dúvidas, minha querida. Você sempre foi tão forte. Tão parecida com seu pai.

– E teimosa como minha mãe? – perguntou Kat de maneira sarcástica.

Nana Boo riu.

– Com certeza. – Ela ficou em silêncio por um instante. – Sei que seu trabalho preocupa muito sua mãe, mas tenho muito orgulho de você. Espero que saiba que pode conversar comigo sobre qualquer coisa. Tenha absoluta confiança em mim, meu anjo.

Kat fechou os olhos e repousou a cabeça no sofá, ciente da sinceridade das palavras dela.

– Eu... Eu estou... – Kat bateu a mão na testa em uma tentativa de amenizar a palpitação persistente atrás de seus olhos. – Deus, não sei nem por onde começar.

– Comece do começo – encorajou Nana Boo.

E foi o que Kat fez. Nana ficou animada ao ouvir sobre Arthur Kill e as aulas particulares com Carter. E se surpreendeu, para dizer o mínimo, quando ficou sabendo sobre o homem que estava lentamente roubando o coração de Kat. Mas, sendo uma romântica incorrigível, Nana Boo prometeu que estaria do lado de Kat em todos os passos do caminho – chegando até a convidar os dois para ir a Chicago no Dia de Ação de Graças.

– Quero conhecer o homem que trouxe esse sorriso de volta ao seu rosto – disse Nana Boo, emocionada.

Kat não sabia ao certo se ela e Carter já estavam no estágio de conhecer a família um do outro, mas prometeu pensar no assunto. Ela não conseguia expressar quanto o apoio e a confiança de sua Nana significavam para ela. Palavras simplesmente não pareciam suficientes.

– Só me prometa que vai tentar conversar com sua mãe, Kat – pediu ela. – Você não precisa contar tudo, apenas tente.

– Prometo.

Mas, ao tocar no assunto de seu trabalho aquela manhã, Kat foi recebida com bufadas e dedos tamborilantes. Eva a interrompia constantemente com comentários críticos e venenosos. Seu tom de

voz era no mínimo condescendente e desdenhoso, e a paciência de Kat começou a se esgotar. Algo estava prestes a explodir. Kat estava farta daquele papinho "ah, é tão perigoso". Ela só queria, uma vez na vida, ser tratada como adulta. Queria compreensão, não julgamento.

À medida que a festa se desenrolava, a conversa tranquila e educada começou a ficar séria entre Beth, Adam e Eva, enquanto Kat permanecia no canto da sala, sorrindo gentilmente para aqueles que se aproximavam dela e diziam palavras tão respeitosas acerca de seu pai. A distância inexplicável entre ela e Beth, juntamente com os olhares exasperados de sua mãe, fazia seu coração doer.

– ... fora do presídio com aquele marginal, Carter.

Eva cuspiu o nome de Carter como se fosse um palavrão, chegando aos ouvidos de Kat e fazendo-a se afastar de seu posto seguro perto da parede e se meter na conversa.

– Mãe, ele não é... – Kat começou uma explicação, mas parou quando três pares de olhos desaprovadores pairaram sobre ela.

O peso em seu estômago aumentou e ela ficou tentando entender por que, mesmo estando rodeada da família e dos amigos, se sentia tão sozinha. A voz de Carter era tudo o que ela queria ouvir. Precisava conversar com ele e se reconfortar em sua sinceridade extrema, precisava da garantia de que os riscos que estava disposta a correr com ele valeriam a pena.

– Deixe para lá – murmurou ela antes de pedir licença e correr escada acima até o banheiro, com Reggie seguindo logo atrás.

Deixando o cachorro no corredor, Kat fechou a porta e apoiou a testa nela.

Deus!, estava se sentindo sufocada. Ela queria o pai. Queria ver o rosto dele, ouvir sua voz calma e paciente e sentir seu cheiro quente e intenso de cerejas. Ele saberia o que dizer para consertar tudo. Ele sempre sabia. Ou então ele a apertaria contra o peito com tanta força que ela esqueceria por que estava tão chateada. As lágrimas ameaçaram cair, mas aquela não era a hora.

Pegou o celular e digitou uma mensagem rápida para Carter. Os polegares de Kat voavam na tela.

Está ocupado? Quer conversar?

A batida na porta do banheiro coincidiu com o momento em que Kat pressionou o botão de "enviar". Abrindo a porta lentamente, não se surpreendeu ao ver Beth parada do outro lado.

– Oi.

– Oi – respondeu Beth. – Você está bem?

Chega de balela. Cartas na mesa.

– Não.

Os olhos de Beth fitaram o chão.

– Não achei mesmo que estivesse.

Kat ergueu os ombros inquisitivamente.

– O que está acontecendo, Beth? – perguntou ela. – Sinto que estou por fora de alguma coisa. Você me apoiou tanto quando comecei na Arthur Kill. Ficou lá sentada comigo enquanto eu abria meu coração com relação ao Carter e agora... Sei lá.

– É... difícil de explicar.

– O que é difícil? Achei que você estivesse do meu lado. Isso tudo é por causa do Austin?

A cabeça de Beth se ergueu de supetão.

Kat fechou os olhos de arrependimento.

– Lamento se dei a entender qualquer coisa a ele, mas só nos beijamos aquela única vez e fui clara quanto a levarmos as coisas devagar; isso se levássemos. Estou tão confusa com relação a tudo. Eu não...

O rosto de Beth foi tomado por uma expressão incrédula.

– Você... está dormindo com Carter?

O temperamento de Kat esquentou.

– Não que isso seja da sua conta, mas não, não estou.

– Isso está saindo de controle, Kat. Você nem sequer o conhece – continuou Beth, tornando-se incisiva. – Ele contou a você sobre todas as vezes que foi preso, contou os motivos?

– Como é que...

– Sua mãe tem razão. Você está se colocando em risco, seu trabalho, sua...

– Você não o conhece. Ele é diferente.

– Ah, Katherine, por favor. – Beth cruzou os braços. – Esse é o tesão falando, nada mais.

– Não fale comigo como se eu fosse criança, Beth – censurou Kat, aproximando-se dela. – Já basta a minha mãe. Não preciso ouvir isso da minha amiga.

– Estou falando com você como uma criança porque você está agindo como tal, e porque a amo e quero o melhor para você. E também porque fiquei de boca fechada por tempo demais. Ele. É. Seu. Aluno. E um criminoso, Kat. Você está colocando a sua carreira em risco por uma paixonite estúpida que não vai dar em nada.

– E o que é que você sabe sobre essa história toda?

A voz de Kat soou bem mais alta do que ela pretendia.

– Sei um bocado mais que você – revelou Beth.

– Então por que não me esclarece, hein?

– Está tudo bem aqui?

A voz preocupada de Adam veio do topo das escadas.

– Não – respondeu Kat.

Adam olhou nervoso para a noiva, que olhou de volta para ele balançando a cabeça de leve.

As mãos de Kat pararam firmemente nos quadris enquanto olhava de Beth para Adam.

– Parece que estou um pouco por fora aqui. Alguém vai me contar o que está acontecendo?

Adam pegou a mão de Beth. Seus olhos eram determinados, porém cautelosos, quando ele respirou fundo e disse:

– Ele é meu primo.

Kat viu os olhos de Beth fitarem o chão.

– Quem é seu primo? – perguntou ela, impaciente.

Quando Adam abriu a boca para responder, o celular de Kat começou a cantar em sua mão. Ela fez uma careta e olhou para a tela.

Carter.

Adam se esticou para tocar na tela do celular com o dedo.

– *Ele* é meu primo.

Kat lentamente apertou o botão de "recusar" enquanto as palavras de Adam zumbiam em sua cabeça, seu cérebro tentando conferir sentido a elas, colocá-las em uma ordem que Kat conseguisse entender.

Carter era primo de Adam.

Eles eram parentes.

Mas isso significava...

– Meu Deus.

Kat perdeu o equilíbrio e se agarrou à porta.

Austin.

Beth tentou segurá-la, mas Kat empurrou o braço dela para longe. Beth pareceu imediatamente arrependida.

– Eu queria lhe contar, mas...

– Você sabia – sussurrou Kat. A cabeça dela martelava com uma emoção tão pesada que quase a fazia cair de joelhos. – Quando lhe contei sobre o beijo com Carter, você sabia.

Adam quase engasgou.

– Você o beijou?

– Sim – respondeu Beth com firmeza. Ela colocou a mão no peito de Adam, mas manteve os olhos em Kat. – Eu realmente sabia. Adam me contou. Mas, Kat, não era meu papel.

– Mentira!

Kat bateu a mão na porta do banheiro. Tudo começava a se encaixar: a distância entre ela e Beth, os olhares pesados entre Adam e Austin quando ela contou onde trabalhava e sobre a condicional de Carter. A falta de sinceridade deles berrava dentro dela.

– Você podia ter me contado em qualquer momento; qualquer um de vocês podia – disse Kat, enfurecida. – E Austin! Mas todos vocês escolheram não contar porque, como todas as outras pessoas na minha vida, vocês me tratam como uma criança que não sabe nada da vida.

– Eu achei que você fosse superar isso – protestou Beth. – Pensei que fosse passar para outra antes de se envolver demais. Todos nós pensamos que se você desse uma chance a Austin...

– Espere. "Nós"?

– Adam me contou que Carter já teve alguns problemas sérios. Ele não é flor que se cheire e é seu aluno, Kat. Você entende as consequências disso? Você beijou seu aluno!

– É. Beijei. Duas vezes – explodiu Kat. – E gostei muito!

– Katherine!

Os três se viraram e viram Eva parada com uma expressão de nojo direcionada à filha.

– Você... Você beijou aquele... aquele homem? – perguntou ela, seu tom de voz perigosamente baixo.

Sem ar e tentando entorpecer a vergonha do que estava prestes a fazer, Kat empurrou Beth e Adam do caminho e seguiu em direção ao seu quarto. A repressão estava atingindo proporções

épicas e as marteladas em seu cérebro a estavam deixando quase histérica. Nós? Todos eles sabiam, todos tentaram mantê-la longe de Carter. A nova amizade formada entre sua mãe e Beth, a persistência de Austin. Tudo fazia sentido agora. Kat se sentiu enjoada.

– Preciso sair daqui – murmurou ela, entrando como um furacão dentro do quarto e pegando sua mala, enfiando nela os artigos de higiene e as roupas do dia anterior. Colocando-a no ombro, ela se virou e quase derrubou sua mãe, que estava parada na porta.

– Aonde você vai?

Eva olhou para a mala e para a mão de Kat, que a segurava com muita força.

– Desculpe, mas preciso... Preciso sair daqui, mãe – respondeu Kat, evitando o olhar que ela sabia que a faria se sentir pequena e miserável ao mesmo tempo. – Desculpe.

– D-desculpar? – gaguejou Eva. – Você não vai a lugar algum. Você vai ficar aí e me explicar que diabos está acontecendo!

Mas Kat sabia que não podia, não iria explicar. Estava rodeada de pessoas que se recusavam a entender – pessoas que mentiram para ela e a tratavam como uma estúpida. Havia muito para processar, muitas perguntas sem respostas. Ela precisava ficar sozinha.

– Não posso, mãe. Tenho que ir... Só por esta noite.

Aquilo era mentira. Kat soube assim que as palavras saíram de sua boca. Seu plano era entrar no carro e não parar até que a gasolina acabasse.

– Não vou permitir, Katherine. Você vai largar essa mala, se recompor e pedir desculpas a Beth. Como ousa se comportar dessa maneira?

Kat latiu uma risada sarcástica.

– Pedir desculpas? Eu? Não tenho nada por que me desculpar!

– Chega! Pelo que ouvi hoje à noite – disse Eva em um tom grave –, há muitas coisas pelas quais você precisa se desculpar. – Os olhos dela se arregalaram, descrentes. – Meu Deus, Katherine, o que você estava pensando? Ele é perigoso.

Kat colocou as mãos na cabeça.

– Meu Deus!

– Ele é exatamente como aquelas criaturas que mataram seu pai: cruéis, sem coração. É com alguém assim que você quer ficar? Você entende quanto está me machucando? Quanto você estaria machucando seu pai se ele estivesse aqui?

Kat ficou sem ar. Ela ficou olhando desesperançosa para a mãe. Seus olhos começaram a arder de lágrimas furiosas.

– Lamento ter decepcionado você. – Ela deu a volta na mãe, segurando os soluços. – Preciso sair daqui.

Eva segurou seu braço.

– Você não vai embora. Você está aqui por seu pai!

Aquilo foi a gota d'água.

– Sei por que estou aqui, mãe – gritou Kat. – Eu estava lá na noite em que aquelas criaturas o mataram, lembra?

O choque do tapa no lado esquerdo do rosto de Kat ardeu muito mais do que o tapa em si. Sua

mãe nunca tinha batido nela antes, mas, lá no fundo, por baixo de toda a raiva confusa que estava consumindo sua alma, Kat sabia que tinha merecido. Ela percebeu um ofego da mãe, mas não ficou para ouvir o que ela precisava dizer. Kat libertou o braço dos dedos de Eva, saiu do quarto como um furacão, passou por Adam e Beth e desceu as escadas correndo.

Ben estava lá embaixo, completamente perplexo.

– O que está acontecendo?

Ele a seguiu até a saleta dos casacos.

– Me empresta o seu carro? – gaguejou Kat, pegando seu casaco.

Ela podia ouvir as vozes de sua mãe e de Beth ficando mais altas enquanto elas desciam as escadas.

Ben balançou a cabeça.

– É alugado. Não posso. – Ele fez um carinho no braço dela. – Fique e vamos resolver isso.

Uma mão pequena e pálida apareceu em seu braço, segurando um chaveiro com as chaves de um carro.

– Pegue o meu, querida – disse Nana Boo. Kat se virou para ela, surpresa. – Vai ser uma desculpa para você voltar.

– Nana – choramingou Kat, pegando as chaves. – Lamento muito, muito mesmo. Não posso expli... Oh, Deus. Eu só... Eu preciso...

– Eu sei – interrompeu a avó com um pequeno sorriso de compreensão e colocou a mão no rosto de Kat. Ela acariciou sua bochecha com o polegar. – Vá. Eu cuido de sua mãe.

Kat sussurrou um "obrigada" e, com a mala na mão, correu para fora, em direção ao Jaguar XJ, destrancando-o ao se aproximar.

Ela jogou a mala dentro, colocou a chave na ignição e pisou fundo enquanto acelerava pelo caminho de entrada, distanciando-se dos amigos e da família. Kat tentou ao máximo ignorar o alívio intenso que a consumiu à medida que os quilômetros passavam e torceu para que a culpa tomasse seu lugar.

Nunca tomou.

▪ ▪ ▪

Carter tinha tido uma semana horrível. E, como ele era um babaca, tinha tornado a semana de todo mundo uma porcaria também.

Ele sabia que andava de pavio curto com os caras do trabalho e suas sessões de aconselhamento e visitas domiciliares haviam sido repletas de grunhidos nada cooperativos e sacudidas de ombros simplesmente porque não podiam exigir que ele lidasse com tudo aquilo. A única coisa boa daquela semana tinha sido a aula de Carter com Ross. Ele enchera de porrada todos os equipamentos em que conseguiu encostar e, apesar de aquilo ter feito ele se sentir melhor, ainda estava nervoso pra caralho.

Aquilo estava começando a deixá-lo louco. Por isso tinha decidido ficar em casa em um sábado à

noite enquanto Max e os meninos iam para a balada. Ele realmente não estava no clima para os problemas de Max. O rosto do idiota ainda estava um caos completo, mas ele estava determinado a sair, encher a cara e foder qualquer coisa que respirasse em vez de lidar com a própria dor. De novo.

Carter acendeu outro cigarro e começou a dedilhar os acordes iniciais de "Fans", do Kings of Leon, em uma tentativa de relaxar. Ele deu mais uma olhada para o celular.

Não. Nenhuma notícia ainda.

A razão pela qual ele estava uma pilha de nervos era simples. Pêssegos. Aquela mulher ia causar um ataque cardíaco nele bem antes de qualquer maço de Marlboro ou bebida alcoólica. Lidar com o fato de ela estar longe por uma semana era uma coisa. Ela ignorá-lo, depois de terem trocado mensagens três dias antes, era outra.

Por nada no mundo ele conseguia entender aquilo.

A última notícia que tivera dela era uma mensagem perguntando se ele podia conversar. Ele tinha gostado do fato de ela ter mandado mensagem para ele e gostava ainda mais de ela querer conversar. Para falar a verdade, ele nunca tinha tido um relacionamento com uma mulher que englobasse conversas ao telefone. Mas estava mais que entusiasmado para conversar com Pêssegos.

Ele empurrou o celular silencioso pelo couro. Não ia ligar para ela de novo. As outras quatro vezes que ele tinha tentado ligar caíram na caixa postal e suas sete mensagens não tinham sido respondidas.

Ele passou a mão pelo esterno para aliviar a queimação que o estava afligindo há dias e continuou dedilhando e cantarolando.

A batida na porta do apartamento foi tão inesperada quanto inconveniente. Se Max achava que podia aparecer e arrastar a carcaça miserável de Carter para a balada, ele teria uma bela surpresa.

– Vai se foder – murmurou ele, soltando as cinzas do cigarro no cinzeiro cheio.

Mas as batidas retornaram e, dessa vez, não cessaram. Jogando o violão no sofá, Carter atravessou o apartamento descalço como um furacão até a porta. Girando a maçaneta, ainda murmurando palavrões, ele abriu a porta com tudo, pronto para socar qualquer desgraçado que estivesse perturbando sua desoladora festa de uma pessoa só.

Segurando a porta antes que ela batesse na parede, a expressão feroz em seu rosto afundou como uma pedra na água.

– P-Pêssegos?

Ela estava parada ali, parecendo levemente bêbada, de jeans preto justo e um moletom vermelho. Bizarramente, ela estava usando chinelos. Seu cabelo estava preso em um rabo bagunçado e os olhos estavam vermelhos e borrados de rímel, como se ela tivesse passado dias chorando, ou – pela maneira como ela estava balançando – bebendo.

– O que você está fazendo aqui?

Ela se apoiou no caixilho da porta e esboçou um sorriso, mas foi forçado e desapareceu rapidamente. Os olhos dela estavam vazios, sem seu brilho usual.

– Vim ver você – respondeu ela com uma cutucada brincalhona no nariz de Carter. Ele franziu a testa. – Posso entrar?

– Hum, sim, sim, claro – respondeu ele.

Ele a observou entrar como um animal tímido e fechou a porta. Mantendo a mão na maçaneta, ele fechou os olhos por um instante, tentando se recompor. Ele respirou fundo, se virou e a encontrou olhando diretamente para ele de uma maneira que fazia seu coração disparar.

– Pêssegos – começou ele –, como você sabia onde...

As palavras de Carter foram engolidas pela boca de Pêssegos quando ela a pressionou contra os lábios dele. Ela o atacou com tanta força que as costas dele bateram com tudo na porta atrás. As mãos dela estavam repentinamente por toda parte: seu cabelo, seu rosto, seu peito – ah –, sua bunda.

Ela era deliciosa. Tão deliciosa, pressionada contra ele, ávida por ele, querendo-o. Ele ficou imaginado se ela estaria molhada e gemeu quando a língua dela veio ao encontro da sua. Ela grunhiu alto em resposta e pressionou os quadris contra os dele, implorando por ele. Ele queria possuí-la: com força, ali mesmo, espremidos contra a porta, mas tudo aquilo parecia simplesmente... errado?

Ela o beijava com um desespero que não era sexy. Era carente e cheio de pânico.

As mãos dele, apertadas na cintura dela, subiram até seu rosto, e ele a afastou. Ela ofegou no rosto dele, com os olhos fechados e os lábios ainda fazendo um biquinho delicioso.

– Pêssegos – ofegou ele antes de engolir em seco. – Droga. Só... espere um segundo.

– Não – respondeu ela, seus olhos queimando nos dele. – Eu quero você. Quero você agora. – Ela lambeu o pescoço dele. – Dentro de mim, me fodendo, me possuindo.

– Caraaaalho – gemeu Carter, girando os quadris contra ela, pressionando sua ereção na barriga macia de Pêssegos.

– Isso! – Ela prendeu o lábio inferior dele entre os dentes. – Sei que você está com tesão, Carter. Diga que você me quer. Diga que você me quer e que você quer isso tanto quanto eu.

– Querer? – rosnou ele, incrédulo.

Ele se abaixou, agarrando a parte posterior das coxas dela, e a ergueu do chão para que as pernas dela se enrolassem em sua cintura, o calor dela pressionado perfeitamente contra o umbigo dele, os chinelos dela caindo no chão.

– Pêssegos, eu não quero isso.

Ele pressionou o rosto contra o pescoço dela, inspirando o aroma de seu cabelo de pêssegos, e mordeu sua pele, fazendo-a ofegar. Ele chupou o lóbulo de sua orelha.

– Meu Deus.

Ele ergueu o rosto e posicionou o nariz ao lado do dela.

– Eu *preciso* disso, porra.

Seus lábios se encontraram de novo, apaixonados e primitivos. Carter nunca tinha vivenciado nada parecido. Era arrebatador, inebriante. Aquilo tomou o corpo dele, pronto para entrar em erupção como um vulcão: pronto para entrar em erupção dentro dela.

As mãos dela agarraram sua nuca enquanto Carter atravessava a sala de estar, tropeçando no sofá. Ele se apoiou no sofá por um segundo enquanto suas mãos subiam e passavam por debaixo do moletom dela, sua pele macia nas mãos dele.

Voltando a se mover com um grunhido, enquanto Pêssegos levava sua boca até o maxilar dele e começava a mordiscar do jeito mais sexy e sensual possível, Carter foi para o quarto, querendo por tudo o que era mais sagrado que a cama fosse encontrá-los na metade do caminho.

Carter estava mais excitado do que já tinha estado em toda a vida quando seus joelhos bateram na lateral da cama. Pêssegos afastou os lábios dos dele e puxou seus ombros com força, derrubando-o e fazendo-o cair na cama, em cima dela. A sensação das pernas dela enroladas na cintura de Carter enquanto ele a prendia na cama era incrível. Ele inclinou o pescoço dela para trás e começou a beijar, lamber e morder do pescoço até a clavícula e até o pescoço de volta. Ele ficou repentinamente frenético com a necessidade de consumi-la: cada parte dela.

Não havia palavras para descrever o gosto de Kat. Nenhuma fantasia tinha sequer se aproximado. "Perfeição" parecia insanamente adequado.

Ele grunhiu, pressionando os quadris contra o corpo dela de novo, faminto por qualquer atrito e observando-a, surpreso, enquanto ela curvava as costas de prazer. Ele tinha que penetrá-la, precisava possuí-la, tinha que senti-la em torno dele.

Carter ergueu o tronco e analisou o rosto dela em busca de qualquer sinal de hesitação. Se ele encontrasse algum, ficaria devastado, mas precisava saber que Kat tinha certeza. Podia sentir o cheiro doce de Amaretto em sua respiração, o que significava que ela não estava tão sóbria quanto ele gostaria, mas a maneira como respondia ao seu toque sugeria que estava tão pronta quanto ele.

Seus olhos se conectaram e um lampejo de algo de cortar o coração atravessou o verde das íris dela. Ele se afastou, preocupado.

– Pêssegos – murmurou ele, mas os dedos dela pressionaram seus lábios com força.

– Não – sussurrou ela. – Não pense. Por favor. Preciso que você não pense e só fique comigo.

Ela puxou o rosto dele de volta para o dela e sufocou-o com beijos demorados que deixaram Carter em chamas.

Ele tentou ouvir seu instinto, tentou ouvir a parte sensível de seu cérebro, mas a boca e as mãos dela o distraíam demais.

Engolindo sua consciência em um único e longo gole, ele pegou no zíper do moletom dela e o abriu em um movimento fluido.

Deus.

Sem sutiã.

Ele lambeu os lábios e só ficou olhando. Ela era maravilhosa; seus mamilos enrijecidos ansiavam pelos lábios e pela boca de Carter.

– Você é... Deus, você é perfeita.

Antes que ela pudesse responder, a boca de Carter envolveu o seio direito, onde ele esvaziou as bochechas e chupou o mais forte que conseguiu. Frutas doces. Os seios dela eram tão perfeitamente pesados e volumosos em suas mãos. Com um gemido gutural, as pernas de Pêssegos se apertaram ainda mais em torno dele e suas unhas arranharam o tecido de sua camiseta. Ela ofegou e choramingou nos cabelos raspados dele.

– Preciso sentir você – grunhiu ela, puxando a bainha da camiseta dele. – Por favor, me deixe sentir você contra mim.

Sem hesitar um segundo, Carter soltou o mamilo dela, agarrou a gola da camiseta e a arrancou. Ele a esmagou de volta no colchão, grunhindo com a sensação da pele desnuda dela contra a dele.

Enquanto ele continuava idolatrando-a, ela liberou os braços do moletom e, então, ele agarrou

suas mãos e as puxou para cima da cabeça, prendendo-as no colchão.

Suas línguas se encontraram de novo em pleno ar, contorcendo-se e dançando em meio a gemidos suaves e confissões silenciosas de sensações grandiosas e assustadoras demais para serem ditas em voz alta. Pêssegos entrelaçou os dedos nos de Carter e ergueu a cabeça da cama, buscando urgentemente o que Carter estava mais que disposto a lhe dar. Ele queria dar a ela tudo, qualquer coisa.

Porra, ele já tinha dado. Ele sabia, em seu coração, que era dela.

– Diga – disse ofegante contra o rosto dele quando ele começou a lamber seu maxilar. – Diga que você me quer. Eu preciso... Eu preciso ouvir. Preciso ouvir.

Carter rosnou no peito dela.

– Eu quero você. – Os dentes dele rasparam no esterno dela. – Sempre quis.

Minha vida toda.

– De novo – grunhiu ela, sua voz trêmula. – Me diga que isto é certo. Me diga que nós estamos certos.

Carter, perplexo com as palavras dela, olhou para cima.

O que ele viu sugou cada grama de ar que havia dentro dele. Os olhos dela estavam fechados, apertados, seu rosto era quase uma careta de dor e um pequeno brilho podia ser visto no canto interno de seu olho direito.

Ela estava chorando.

– Pêssegos – sussurrou ele, erguendo o tronco, apavorado de ter feito algo errado, algo que ela não queria. – O que aconteceu? Eu... Eu fui bruto demais?

Droga, ele tinha tentado ser carinhoso.

Ela balançou a cabeça de um lado para outro, mantendo os olhos fechados.

– Você jamais me machucaria – murmurou ela. – Não é, Carter? Eu sei que você nunca me machucaria nem mentiria para mim. Certo?

– Nunca – respondeu ele, sua garganta se fechando de medo e confusão. – Por favor, olhe para mim.

Ela permaneceu em silêncio, mantendo os olhos fechados, mas a lágrima solitária que escorria por seu rosto falava muito.

– Por favor, Katherine – implorou Carter com uma voz que nem ele mesmo reconheceu. – Por favor, fale; você está me assustando.

Os olhos dela, então, se abriram. O fogo que havia neles era tão forte que por um momento Carter ficou sem palavras.

– Do que você me chamou?

Carter ficou olhando para ela, perplexo. Ele deu de ombros.

– Chamei você de Katherine – disse ele em um tom calmo. – Por quê?

– Você nunca me chama assim – retrucou ela venenosamente.

– Eu sei, eu só... Simplesmente saiu.

– Saia de cima de mim.

Carter hesitou.

– O quê?

– Saia. De. Cima. De. Mim!

Ela se desvencilhou das mãos dele e o empurrou com tanta força que ele caiu de costas, quicando no colchão.

– Mas que porra aconteceu?

Ela não respondeu. Em vez disso, pegou o moletom, as mãos tremendo e o rosto retorcido de raiva. Carter a observou, desamparado.

– Pêssegos! – gritou ela, colocando o moletom. – Você sempre, sempre, sempre me chama de Pêssegos!

– Eu sei, mas...

– Só minha mãe me chama de Katherine! Minha mãe. Por que hoje, hein? Por que você me chamou de Katherine hoje?

Ela nem sequer olhava para ele enquanto se atrapalhava para fechar o zíper. Ela parecia perto de perder o controle.

– Não sei – berrou Carter de volta. Ele esfregou as mãos no rosto, frustrado. – Será que você pode respirar por um segundo? Que *porra* está acontecendo?

Os olhos dela se voltaram para ele, enormes e ferozes.

– O que está acontecendo? Vou dizer o que está acontecendo. Vim aqui para uma transa boa e forte, que eu achava ser algo certo, e tudo o que consigo é essa porcaria dessa sua boca. É isso que está acontecendo, Carter.

Mesmo que as palavras dela machucassem, a fúria dentro dele pesava mais que qualquer outra coisa. Ele saiu voando da cama, chegando antes dela à porta do quarto, bloqueando a passagem com cada centímetro de seu corpo.

– Saia da minha frente! – exigiu ela, indo para a direita e tentando passar por debaixo do braço dele. Ela era forte, mas Carter não ia ceder.

– Não até que você me conte qual é o seu problema – rosnou ele, sabendo que, se gritasse, as paredes iriam desmoronar.

– Você é o meu problema.

Ela empurrou de novo. Ele permaneceu firme e, pela primeira vez desde que eles tinham entrado no quarto, Carter viu um relance de luz brilhar nos olhos dela. Ele a tinha surpreendido.

– Converse comigo.

Ela foi para a esquerda e empurrou.

– Não!

– Abra a boca e fale, porra!

– Não!

Ele analisou o rosto de Kat, vendo apenas lágrimas, raiva e uma tristeza profunda.

– Por quê? Por que você está no meu apartamento, parecendo um caco, depois de ter me ignorado por dois dias?

A força dos braços dela desapareceu e seus dedos começaram a se agarrar à pele dele. Aquilo doía, mas Carter estava determinado.

– Por que está aqui, querendo que eu coma você, hein? Isso é um jogo? Sou algum tipo de piada doentia de reabilitação para você?

Ela se endireitou e o fitou.

– Uma piada – repetiu ela. – Meu Deus, Carter. Você pensa que acho alguma coisa engraçada nessa situação?

– Como é que vou saber? – perguntou Carter secamente. – Você não me diz nada. – Ele bateu a mão na porta, frustrado. – Sou ignorado ou ouço meias-verdades e mensagens confusas.

Ela inspirou fundo e se afastou dele, puxando as mangas por cima das mãos. A expressão dela era desolada e sofrida, e Carter tinha certeza, pela dor implacável dentro de si, de que estava sofrendo cada pedacinho daquilo.

– Que diabos aconteceu com você esta semana? – disse ele.

Tudo em que ele conseguia pensar era que alguém a tinha machucado e, se isso fosse verdade, o desgraçado ia pagar pelo que tinha feito.

Ela começou a andar de um lado para outro, resmungando palavras truncadas. Carter, ignorando o comportamento atípico que estava presenciando, deu um passo hesitante na direção dela, afastando-se lentamente da porta.

Assim que ela percebeu seu movimento, tentou uma fuga louca em direção à liberdade. Carter se moveu para pará-la e, em sua pressa para se livrar dele, ela escorregou no chão de madeira e caiu em cheio nos braços de Carter, expulsando todo o ar do corpo dele em um sopro alto.

– Pêssegos, por favor – implorou Carter quando os dois caíram desajeitados, um por cima do outro, no chão.

Ela ainda estava lutando contra ele, exigindo que a soltasse, mas ele não cederia.

– Não posso – soluçou ela. – Você... Você precisa me deixar ir.

As mãos dela empurravam o peito desnudo dele, mas sua força foi diminuindo à medida que os soluços a dominavam.

– Não vou deixar você ir. Não ligo a mínima para o que fizer.

Ele segurou os pulsos dela, para que parassem de se agitar, e olhou fundo em seus olhos banhados de lágrimas.

– Não posso. Não posso ficar aqui. Tudo. Todo mundo odeia... Estou sofrendo, eu... Carter.

Carter aninhou a cabeça dela sob seu queixo e acariciou seu cabelo em uma tentativa de acalmá-la.

– Shhh. Estou aqui. Estou aqui. Não vou deixar você. Nunca vou deixar você.

Os pequenos ombros dela tremeram e, quando Carter afrouxou os dedos que envolviam seus pulsos, ela jogou os braços em torno do pescoço dele e o abraçou com toda a força. E aquilo era bom. Ele queria que ela o abraçasse. Ele queria acalmar a dor que ela estava sentindo e, então, encontrar o culpado e fazê-lo pagar caro.

– Quero meu pai – choramingou ela no pescoço dele, deixando sua pele molhada de lágrimas.

Carter congelou, suas mãos ficando imóveis no corpo dela.

– O quê?

– Meu pai. Eu sinto tanta, tanta falta dele.

A voz dela era rouca e fraca, mas a dor desesperada que permeava suas palavras era como uma sirene.

– Eu sei. – Carter fechou os olhos e deu um beijo carinhoso na cabeça de Kat. – Eu sei, meu bem.

– Eu lamento. Eu lamento muito – repetiu ela, cada palavra pontuada por um soluço leve.

Carter continuou acariciando seu cabelo, dando beijos suaves em sua cabeça.

– O que você lamenta?

– Eu... Eu não podia ajudá-lo. Não podia pará-los. O que eles fizeram com ele. Eu não podia pará-los. – Os braços dela apertaram o pescoço de Carter ainda mais. – Ele me disse para correr. Eu não devia ter corrido.

O coração de Carter quase explodiu. Ela se lembrava? Ela sabia que ele a tinha afastado de lá, que a tinha salvado?

– Hoje – sussurrou ela. – Faz dezesseis anos hoje e eu sinto muito, sinto demais a falta dele Carter.

Por fora, Carter estava imóvel. Por dentro, o cérebro se movia a mil quilômetros por segundo. Já fazia dezesseis anos desde que eles tinham se encontrado pela primeira vez, sob circunstâncias tão violentas e pavorosas.

– Foi hoje?

Os dedos de Kat pressionaram a nuca de Carter e seu nariz deslizou pelo maxilar dele.

Carter fechou os olhos. Puta merda. Ele a abraçou mais forte, enterrando o rosto no espaço entre o pescoço e o ombro dela. Ela era tão perfeita nos braços dele, tão macia e delicada. Imagens e sons daquela noite horripilante surgiram por trás de suas pálpebras e retumbaram dentro da cabeça dele: seus gritos, seu choro, o tiro, a cor de seu vestido e a palidez de sua pele.

– Eu senti tanto a sua falta – choramingou ela. – Senti tanto a sua falta esta semana, Carter. Não consegui parar de pensar em você. – Ela deu um beijo no ombro dele. – Estava com toda a família à minha volta e tudo o que eu queria era você.

Os olhos de Carter se abriram com o som das palavras dela e a sensação dos lábios dela em sua pele.

– Shhh, você está aqui agora – respondeu ele. – Vou cuidar de você.

Após um instante de silêncio, Carter enfiou o braço livre por debaixo dos joelhos dela e a pressionou contra si, em segurança. Depois de algumas tentativas, sobre pernas oscilantes, ele conseguiu se levantar, carregando-a nos braços. Caminhou lentamente até a cama, o nariz pressionado contra a bochecha molhada dela, enquanto sussurrava palavras reconfortantes.

– Estou aqui. Está tudo bem. Se segure em mim.

Sem deixar nenhuma parte dela escapar, ele se deitou na cama e a abraçou forte.

E, assim como tinha acontecido dezesseis anos antes, à porta de um edifício abandonado no Bronx, ele abraçou sua Pêssegos com toda a força enquanto ela chorava pelo pai que tinha sido tirado dela tão cruelmente.

20

Kat abriu os olhos e teve certeza de duas coisas. Primeiro, ela não estava na própria cama. Era confortável e grande demais para ser a sua. Segundo, ela não estava sozinha. Estava sendo abraçada, e muito bem abraçada, por um corpo masculino bem grande e bem quente.

Kat permitiu que seus olhos passeassem pelo braço desnudo e musculoso que estava firmemente enrolado em sua cintura; deixou que subissem lentamente pelo cotovelo até o preto, o cinza e o vermelho das tatuagens que decoravam a pele macia: uma águia, chamas e vinhas que se espalhavam por cima do músculo forte. Kat, então, fechou os olhos à medida que as lembranças da noite anterior a assolavam.

Ela havia se comportado como uma lunática, envergonhando a si mesma e tratando Carter como um saco de pancadas. Tinha ficado louca? Meu Deus, onde ela estava com a cabeça quando decidiu pegar um táxi e ir até o apartamento dele bêbada?

Por falar nisso, sua boca tinha gosto de cabo de guarda-chuva e seus olhos estavam grudentos das lágrimas que tinha derramado ao longo dos três últimos dias. Como é que ela podia ter deixado que Carter a visse daquele jeito? Ele grunhiu baixinho no cabelo dela, fazendo com que a região entre as pernas de Kat esquentasse com a lembrança dele em cima dela, esfregando-se nela, chupando, lambendo e sussurrando palavras deliciosamente depravadas.

Deus, eles quase transaram!

Óbvio, esse tinha sido seu plano desde o minuto em que ela, estúpida e bêbada, ligara para Jack para pedir o endereço de Carter e chamara um táxi, mas essa não era a questão. Ela não estava pensando direito.

Ela esfregou a mão no rosto e se mexeu um pouco mais, segurando o pulso de Carter da maneira mais gentil possível enquanto retirava o braço dele de sua cintura. A resposta foi rápida e imediata. Ele a apertou ainda mais, pressionando o corpo dela contra o dele. Kat sentiu a pelve dele deliciosamente encostada em sua bunda e mordeu o interior do lábio para impedir que o gemido de surpresa escapasse.

Ele estava com tesão?

Carter murmurou um palavrão na nuca de Kat.

– Aonde você vai?

A respiração dele era quente e sua voz, rouca de sono.

– Hum, banheiro?

Carter não a soltou de imediato. Em vez disso, ele cheirou seu cabelo e murmurou algo

indecifrável antes de erguer o braço e se deitar de barriga para cima. Kat tentou ignorar a sensação de vazio que penetrou em sua espinha quando o ar frio atingiu suas costas e removeu as cobertas com um suspiro.

Suas pernas estavam meio bambas quando ela se levantou da cama e cambaleou em direção ao banheiro, sem ousar olhar para trás, para o homem que tinha deixado lá. Fechou a porta com um ruído suave e encostou a testa nela. O que ela estava fazendo?

Bem, a resposta para aquilo era bastante autoexplicativa. A mulher tinha feito de pinico os ouvidos de Carter e o usara como um disk-foda para eliminar de sua cabeça a raiva e a dor que a haviam estraçalhado no dia em que fora embora da casa da avó. Ela dirigira 15 horas ininterruptas de Chicago a Nova York. E isso depois de ter esmagado o celular na calçada porque ele não parava de tocar.

Por que sua mãe ou Beth pensavam que ela iria querer falar com alguma delas de novo?

Kat se afastou da porta, dando uma olhada no lindo piso de mármore e no chuveiro maravilhoso, e se arrastou até o espelho retangular pendurado na parede. Nossa, ela estava um caco. Pegou um pouco de papel higiênico e o colocou debaixo da torneira antes de esfregá-lo vigorosamente debaixo dos olhos, em uma tentativa de limpar a mancha gloriosa causada pelo rímel. Seu rosto espelhava o que ela sentia: cansaço, raiva e solidão.

Jogou o papel na privada e se apoiou na pia. Não, pensou ela. Aquilo não era verdade. Não estava sozinha. O fato de estar no apartamento de Carter provava isso. Ele era o único que parecia entendê-la, que parecia saber do que ela precisava ou mesmo queria. Ele a conhecia como ninguém, de um jeito que tanto a entusiasmava quanto a alarmava.

Ela só queria ter pensado um pouco mais nas consequências antes de aparecer na porcaria da porta de Carter e pedir a ele que a fodesse.

Mas, na realidade, a única coisa em que tinha pensado enquanto dirigia aquela noite era encontrar Carter. A única pessoa que ela queria ver era Carter. Os únicos braços que queria em torno de si, o único peito no qual queria descansar o rosto, a única boca que queria contra a sua e o único cheiro que queria sentir eram de Carter.

Ela usou o banheiro, lavou as mãos, enxaguou a boca e foi até a porta, colocando o ouvido nela, buscando pelos sons de Carter do outro lado. Tudo estava quieto. Ela girou a maçaneta o mais silenciosamente que conseguiu e abriu a porta, espiando por trás dela.

A voz de Carter era suave e grave.

– Oi.

Ele estava sentado sobre as cobertas, contra a cabeceira da cama, sem camisa e amarrotado, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos. A calça jeans se acomodava confortavelmente abaixo de seu umbigo, exibindo uma trilha de pelos grossos e escuros que iam desaparecendo, bem, lá para baixo.

Percebendo que não tinha reparado na arte daquele corpo quando estava se jogando para cima dele, o olhar de Kat passeou pelos ombros largos que eram cobertos pela tatuagem em seus braços. Do pescoço, a arte passava pela clavícula e descia até seu abdômen forte. Ele era uma obra-prima.

Era musculoso, claro, mas não berrava *corpo escultural*; berrava *força e segurança*. Tinha um punhado de pelos no meio do peito que parecia um ponto de exclamação de sua masculinidade.

Kat limpou a garganta e voltou para o quarto. Ela parou a meio metro da beirada da cama, sem saber ao certo o que deveria dizer ou fazer. Ela entrelaçou as mãos em cima da barriga. Eventualmente, ergueu os olhos e viu que a expressão de Carter era gentil, sem nenhuma expectativa. Ela respirou com um pouco mais de tranquilidade e deu um sorrisinho a ele.

– Como você está?

– Bem.

Ele ergueu uma sobrancelha perspicaz.

– Você é uma péssima mentirosa. – Ele balançou a cabeça e passou a mão pelo colchão, no espaço ao seu lado. – Venha cá.

Kat corou.

– O quê?

Carter simplesmente continuou passando a mão na cama.

Ele parecia muito atraente e safado, mas também havia uma ternura enorme em seus olhos e Kat não podia fazer nada a não ser confiar nele. Ela deu mais um passo hesitante e Carter tirou as cobertas para que ela pudesse se deitar. Ela parou de novo, pensando se seria uma boa ideia voltar para a cama dele.

– Carter, eu...

– Pêssegos – interrompeu ele, abaixando o rosto. – São seis e meia da manhã de um domingo. Não sei quanto a você, mas eu com toda a certeza poderia dormir por mais algumas horas.

Kat riu da expressão dele. Ela estava tão cansada. Todo o seu corpo estava exausto.

– Está bem – murmurou ela.

Ela se ajoelhou na cama e se enfiou deselegantemente debaixo das cobertas. Carter a cobriu. Ela congelou por um momento, apreciando a maciez do colchão e dos travesseiros, antes de virar a cabeça na direção de Carter. Ele a estava observando, debruçado no braço. O carinho dos olhos dele se dissolveu em algo que deixou a boca de Kat seca. Ele parecia faminto.

– Achei que você também ia dormir – disse ela, apontando para a cama com a cabeça.

Seus olhos pareceram retomar o foco e ele franziu a testa em resposta, claramente confuso.

– Eu vou.

– Então por que não está debaixo das cobertas?

As bochechas de Carter se tingiram de rosa e ele se afastou dela, os músculos de seu peito se contraindo.

– Pois é – murmurou. Ele olhou para baixo, para si mesmo. – Não queria que você se sentisse desconfortável. Vou ficar aqui. Estou bem.

Depois de observar o rosto dele por alguns segundos, Kat soltou uma risada de descrença. Aquele homem não tinha estado no meio de suas pernas, com a boca em seu mamilo sete horas antes? Ela não tinha chorado e soluçado no pescoço dele enquanto dizia o quanto precisava dele e o quanto sentia sua falta, enquanto ele prometia que jamais a deixaria?

Ela bufou cansadamente, acomodando-se no travesseiro debaixo de sua cabeça.

– Carter, cale a boca e venha para baixo das cobertas.

Ele permaneceu onde estava por um instante, mas ela podia sentir a cama balançando, como se ele estivesse sacudindo o pé ou algo assim. Será que estava nervoso? Quando estava prestes a se virar e dizer para ele se mexer de uma vez, as cobertas foram erguidas e o corpo dele deslizou para debaixo delas. Ele estava perto o suficiente para que Kat sentisse o calor irradiando de seu corpo, e ela instintivamente se moveu para trás.

– Você está com frio?

A voz dele, apesar de preocupada, parecia firme.

– Um pouco.

Ela puxou as cobertas para cima, até o pescoço.

Após um minuto de silêncio e uma imobilidade pesada, Kat sentiu a mão de Carter deslizar, hesitante, por sua cintura. Ele tocou de leve a pele de seu quadril antes de puxar o corpo dela contra o seu; e logo estavam de conchinha, exatamente como se encontravam quando ela acordara.

Em um primeiro momento, Kat ficou tensa, e desejou em silêncio que seu corpo se acalmasse e ficasse quieto. Era embaraçoso só de pensar em quanto o toque dele a afetava. Seu coração disparou, sua pele amorteceu e a junção entre suas coxas palpitava com uma ânsia dolorosa.

Mas, à medida que sentia a solidez de Carter pressionada contra suas costas e seu braço musculoso enrolado em sua cintura, o corpo de Kat começou a derreter e relaxar.

– Está bem assim? – sussurrou Carter, sua respiração acariciando a pele do pescoço de Kat como seda.

– Sim – respondeu ela.

Com um sorriso contente, Kat colocou a mão em cima da de Carter – contra sua barriga – e entrelaçou os dedos, de pouquinho em pouquinho, nos dele.

Ela não ficou surpresa pelo fato de eles se encaixarem perfeitamente.

■ ■ ■

Pouco antes das onze horas Carter abriu os olhos novamente. Por uma fração de segundo, ficou pensando onde estava, até que percebeu que o cabelo de Pêssegos cobria seu rosto como uma máscara ruiva com aroma da fruta. Ele afastou a cabeça. Uma pontada de contentamento atingiu seu estômago quando ele notou que eles não tinham se movido de sua posição original e suas mãos ainda estavam entrelaçadas, pressionadas contra o corpo dela. Como um tarado, ficou observando-a dormir até que ela começou a se mexer.

Após uma xícara de café constrangedora, durante a qual eles ficaram trocando olhares fugazes e sorrisos tímidos, e depois de ela concordar que ele a levasse para casa, Carter levou Pêssegos, que parecia nervosa, até a garagem no subsolo de seu prédio.

– Você já andou de moto antes, né? – perguntou ele, tentando ao máximo esconder a excitação cheia de luxúria que pulsava em seu corpo.

– Já – respondeu ela enquanto eles se aproximavam de Kala. – Mas andar de moto com você?

Isso é um pouquinho diferente.

Carter entregou um capacete a ela.

– Por quê?

Ela apontou docilmente com a mão na direção de Carter, fazendo-o olhar para baixo, confuso: coturnos pretos, jeans escuros, camiseta azul vintage do Led Zeppelin, jaqueta de couro.

Ela o estava observando de um jeito que fazia sua calça parecer apertada. O fato de ela estar usando um dos moletons dele também não ajudava em nada. Ele arqueou a sobrancelha e limpou a garganta para chamar sua atenção. Os olhos dela se ergueram de imediato e ele riu por trás da mão.

– Então, Pêssegos – rosnou ele, virando a gola da jaqueta para cima. – Acha que estou sexy agora?

As bochechas dela ficaram vermelhas.

– Cale a boca – murmurou ela, colocando o capacete na cabeça.

Ele bufou.

– Você é fácil demais.

Ele jogou a perna por cima de Kala e colocou os óculos de sol. Carter inclinou a cabeça para trás e sorriu.

– Você vem?

Com um movimento ágil, ela estava em cima do banco, suas coxas contra as dele. Carter sacudiu a cabeça com as imagens explícitas que passaram por sua mente e resmungou alguns palavrões selecionados enquanto girava a chave na ignição. Ele podia senti-la pressionada contra ele e só podia imaginar como seria virar-se e possuí-la naquela mesma posição.

– Pronta? – perguntou por cima do ronco do motor.

– Mais pronta impossível – respondeu ela.

Carter sorriu quando os braços e as pernas de Kat o apertaram enquanto ele começava a acelerar. Com o calor do corpo dela pressionado contra o dele, o cheiro da gasolina e o som do ronco do motor de Kala, ele estava bem pertinho do paraíso.

Na saída de seu prédio, onde ventava muito, Carter olhou para ambos os lados, engatou a marcha e arrancou, atravessando a cidade em direção ao apartamento de Pêssegos.

▪ ▪ ▪

Carter devia ser o homem mais casualmente sexy que Kat já tinha conhecido. Ele transbordava sensualidade sem se esforçar, quer estivesse usando os macacões da prisão, quer uma camiseta azul do Led Zeppelin que destacava a cor de seus olhos. Ver Carter em uma moto era pegar aquela sensualidade casual, multiplicar por um bilhão e servir com um acompanhamento de sexo quente e orgasmos de uma hora de duração.

Ele ficava sensacional montado naquela porcaria daquela moto e Kat tinha que se esforçar muito para tentar se manter na linha. Seu desejo por ele tinha atingido novos níveis de ridículo, o que a motivara, de uma forma toda confusa, a convidá-lo a subir até seu apartamento.

Ela destrancou a porta e indicou que Carter passasse na sua frente. Ele deu um sorriso contido e entrou. Ela o seguiu e o viu colocar os capacetes na mesa lateral. O silêncio era estrondoso e a tensão entre eles, parados de frente um para o outro, mudava do tesão para a ansiedade.

– Algo para beber?

– Claro. Suco de laranja?

A voz dele era rouca e intensa.

Ele a seguiu até a cozinha, preenchendo o apartamento com toda aquela altura e seus ombros largos, esperando enquanto ela lhe servia um copo de suco. Ela sentia que ele a estava observando, assim como ela o observara na cozinha dele aquela manhã. Era bizarra a consciência que Kat tinha de sua presença. Todo o seu corpo parecia gravitar em direção ao dele. Mas sempre tinha sido daquele jeito; só que ela estava ocupada demais tentando manter uma postura profissional para ter percebido antes.

– Está com fome? – perguntou ela enquanto ele perambulava pela sala de estar, seus olhos pausando na coleção de aquarelas de Kat.

Ele riu.

– Estou morrendo de fome.

E esfregou a mão na barriga.

Ela largou o próprio copo e foi até a geladeira.

– Vamos ver o que eu tenho aqui.

Não havia muita coisa, apenas o suficiente para fazer omeletes de bacon e tomate. Carter não pareceu muito convencido com a oferta, mas ela garantiu que era expert em qualquer tipo de prato que incluísse ovos.

Kat colocou todos os ingredientes no balcão.

– Ei, Carter, você sabe assar bacon?

Carter revirou os olhos. Ele tirou a jaqueta.

– É claro. Por quê?

– Preciso que você faça o bacon enquanto tomo um banho. – Ela se virou para ele e sorriu. – Acha que consegue?

– Por favor – respondeu Carter, pegando o pacote de bacon. – Vá tomar seu banho e deixe isso comigo.

Ele segurou os ombros dela e a tirou do caminho.

– Vá de uma vez – disse com firmeza, empurrando-a para fora da cozinha.

Ele gesticulou para que ela fosse e deu um sorriso que deixou seu rosto contorcido.

Kat conteve um suspiro e se virou na direção do quarto. Quando entrou, tirou o moletom que Carter tinha lhe dado. Com uma olhada rápida para a porta – para garantir que estava bem fechada –, Kat segurou o moletom no rosto e inspirou o perfume dele. Era luxuriante e inebriante. Ela afastou a roupa do nariz, dobrou e a colocou sobre a cama.

De banho tomado e roupas novas – jeans pretos e uma camiseta do Blondie – e com os cabelos úmidos presos em um coque, Kat voltou para a cozinha e encontrou Carter apoiado no balcão, lendo *Walter the Lazy Mouse*. Ela o observou virar a página, parecendo absorto.

– A quantas anda o bacon?

– Shhh – respondeu ele. Seus olhos não deixaram a página quando ele colocou o indicador na boca. – Walter está dormindo.

Kat sorriu. Pegou uma tigela, uma frigideira e uma faca para picar os tomates.

Carter deu a volta nela e colocou o livro perto do vaso de flores, onde ele estava desde que Kat o deixara ali, dois dias antes. Ao retornar de Chicago, tinha lido o livro em voz alta para uma plateia encantada – uma foto emoldurada de seu pai e uma garrafa de Amaretto.

Bons tempos.

Kat ficou surpresa ao ver como Carter se virava bem na cozinha. Ele parecia domesticado, o que era, para dizer o mínimo, sexy pra caramba.

– É indelicado ficar olhando – apontou ele enquanto ela o observava bater os ovos.

– Desculpe.

Ela nem tinha percebido que estava olhando; é que os músculos de seu antebraço e a maneira como eles se contraíam enquanto ele se movia a fascinavam. Aquilo, associado às tatuagens, era uma visão a ser admirada. Ela coçou a nuca com a mão suada, limpou a garganta e continuou picando os tomates.

– Você está toda vermelha.

A voz calma de Carter veio de detrás dela, falando em seu ouvido esquerdo.

As costas de Kat se endireitaram instantaneamente. Ele largou a tigela no balcão, ao lado da tábua de cortar, e se debruçou nele, prendendo-a entre os braços.

– Quer me contar no que você está pensando? – perguntou ele com um estrondo que ela podia sentir em seu peito, pressionado contra as costas dela.

Ela jogou a cabeça para trás, repousando-a no ombro dele.

– Não.

Carter riu e deslizou o nariz pelo maxilar dela, até sua orelha.

– Pela cor da sua pele – sussurrou ele –, aposto que é algo bom pra caralho.

– Hum.

Ele riu silenciosa e sensualmente.

– Pêssegos.

As mãos dele passearam até a cintura dela.

– Sim?

– O bacon está queimando.

Os olhos de Kat se abriram de imediato, suas narinas percebendo o cheiro de carne queimada. Ela passou correndo por Carter, que se divertia, e tirou a frigideira do fogo. Estava fumegando e um pouco queimado, mas ainda dava para salvar. Kat olhou para Carter, que estava tentando ao máximo parecer inocente, sem sucesso algum.

Pelos dez minutos seguintes, enquanto Kat fazia as omeletes, Carter lhe perguntou sobre Arthur Kill. Perguntou sobre os alunos dela e falou da visita de Riley ao seu apartamento depois de ter conseguido a condicional. Era visível que a paixão por carros e por qualquer coisa que envolvesse metal e velocidade havia aproximado Riley e Carter.

Isso fez Kat perguntar sobre a origem de seu amor por motos. Ela adorava como o rosto dele se iluminava quando falava de Kala. Carter explicou que o pai de Max tinha sido mecânico e que ele praticamente morara em sua oficina desde que tinha 9 anos, observando e ouvindo os carros e as motos que chegavam lá, vendo serem desmontados e remontados repetidamente. Carter tinha aprendido ali tudo o que sabia sobre motores.

Apesar de seus protestos iniciais, Carter devorou a omelete que ela colocou na frente dele, com alguns grunhidos e palavras de apreciação. Era estranhamente natural ter Carter sentado à sua mesa de jantar.

Os dois tinham terminado, com os pratos vazios à sua frente, e estavam discutindo sobre quem era melhor, Beatles ou Stones, quando o telefone fixo de Kat começou a tocar. O barulho fez o coração de Kat disparar.

Carter se virou e ficou olhando com cara de bobo para o aparelho, que ainda tocava. Kat podia ver que ele estava curioso com relação a por que ela não tinha atendido, mas Carter não disse nada – ponto para ele. Kat cerrou os punhos no colo quando a secretária eletrônica atendeu.

"Katherine, é sua mãe. Sei que está em casa. Nana me contou. Precisamos conversar. Eu... Há coisas que precisam ser ditas, resolvidas, e a maneira como você foi embora... Beth está desesperada e ainda muito chateada. Não entendo você. Me ligue."

O bipe do fim da mensagem reverberou pelo apartamento e chacoalhou o peito de Kat. Se sua mãe achava que ela iria pedir desculpas a alguém, estava redondamente enganada. Kat não tinha feito nada de errado. Nenhum deles entendia seu coração. Nenhum deles.

Carter apoiou os braços na mesa. Seu rosto demonstrava preocupação, com uma pitada de raiva em torno dos olhos azuis.

– Você está bem?

Kat assentiu com a cabeça, não confiando na própria voz.

– Quer conversar sobre isso?

Ela balançou a cabeça com firmeza, mas deu um sorriso de desculpas. Ele se recostou na cadeira, os olhos ainda nela. Ela envolveu os braços em torno de si mesma e expirou por entre os lábios fechados em uma tentativa de se acalmar. Estava com vergonha por Carter ter ouvido sua mãe, mas também se sentia reconfortada pela proteção que ele emitia. No fundo de seu coração, estava muito feliz por ele estar ali.

– Pêssegos?

Ao ouvir a voz de Carter pronunciar seu apelido, duas lágrimas pesadas caíram sobre o braço dela.

– Quer sair daqui? Ir a algum lugar?

Ela secou o rosto.

– Aonde?

Carter deu de ombros e sorriu.

– Sei lá.

Kat sorriu de volta.

– Quer? – perguntou ele de novo. – Só eu e você?

Ela concordou sem hesitar, ciente de que tudo o que queria era estar com ele, longe de tudo o que estava acontecendo ao seu redor.

– Quero.

Ele se levantou determinado, empurrando a cadeira para trás com as pernas, e foi até Kat. Ofereceu a mão para ela e esperou com olhos pacientes.

Assim que a mão de Kat tocou na de Carter, ela se sentiu melhor, mais calma, mais livre. Era a sensação mais estranha do mundo, mas ela experimentou a necessidade repentina de dizer que se sentia em casa quando estava com ele. De dizer que eram os gestos simples dele que tinham o maior efeito em seu coração.

Carter a levantou e segurou seu rosto com as mãos.

– Só eu e você – repetiu ele num sussurro.

Os olhos dele analisaram o rosto dela enquanto seus dedos mexiam em uma mecha de seu cabelo.

– Por um dia. Vamos esquecer tudo e ser só eu e você.

Kat olhou para cima, para o rosto transparente de Carter, e viu tudo o que um dia quis ou desejou.

Quero você.

Quero ficar com você.

Preciso tanto de você.

Acho que amo você.

Fechando os olhos com o calor daquela percepção, Kat pressionou as bochechas nas mãos de Carter e sorriu.

– Você e eu.

21

Carter não fazia ideia de para onde levar Pêssegos, mas ela parecia tranquila com relação a isso, o que era um alívio enorme. Carter não fazia ideia do que era um gesto romântico ou íntimo, ele só queria devolver o sorriso ao rosto dela. Teria que se virar ao longo do caminho e rezar para que o que quer que ele achasse legal e perfeito fosse perfeito para ela também.

Carter dirigiu por horas, voando pela Ponte do Brooklyn ao lado de um Porsche irado que tentou desbancá-lo. Carter girou a mão direita para trás e acelerou Kala para ultrapassar o idiota. Ele gostou quando Pêssegos riu atrás dele.

Eles dirigiram até o East New York, atravessaram o Cypress Hills, passeando pelo parque e pela Broadway, até retornarem a Manhattan. Era a primeira vez que Carter realmente esticava as pernas de Kala desde que fora solto, e aquilo era demais. Ele estava achando o máximo ter Pêssegos atrás dele, em torno dele, em especial quando o vento os açoitara ao passarem por cima da água, de volta à ilha. Eles não podiam conversar, mas Carter sabia que aquilo era provavelmente o que ela queria, apesar de ele ter rido alto quando ela deu um grito e riu enquanto ele acelerava pela Rua 47, costurando por entre o tráfego.

Ele podia sentir as mãos dela pela jaqueta e – em duas ocasiões – colocou a mão na dela, acariciando e apertando. Ele queria reconfortá-la, certificar-se de que estava bem e, em ambas as vezes, ela havia segurado os dedos dele em resposta.

Eram quase seis da tarde quando Carter entrou na Quinta Avenida, perto do Central Park. Tinha começado a chuviscar, mas não parecia ser relevante. Se aquilo significava que haveria menos pessoas em volta, então Carter estava achando ótimo. Ele ficou sentado por um momento com Pêssegos ainda agarrada a ele, ouvindo o motor de Kala pipocar enquanto esfriava debaixo dele.

– Tudo bem aí atrás? – perguntou ele, destravando o capacete.

– Sim – murmurou ela. – Estou tão relaxada que quase peguei no sono.

Ele esfregou as mãos dela, que ainda estavam segurando seu tronco, e virou a cabeça em sua direção.

– Quer que eu leve você para casa?

Para seu alívio, ela balançou a cabeça.

– Não. Não estou pronta para ir para casa ainda.

– Ótimo – respondeu ele com um leve sorriso. – Nem eu.

Carter ajudou-a a descer da moto, segurando sua mão. Ele fez menção de soltá-la, mas Pêssegos continuou segurando, deslizando os dedos por entre os dele. Seus olhos se arregalaram, surpresos.

Ela olhou para ele, apertando o lábio entre os dentes.

– Tudo bem?

Carter sorriu. Aquilo estava mais do que bem.

Caminhar despreocupadamente pelo Central Park, de mãos dadas com Pêssegos, era uma experiência estranha. Carter se sentia com três metros de altura e, ao mesmo tempo, pequenino e vulnerável. O caos em que seu corpo se encontrava o fazia se sentir radiante e extremamente assustado. Era intenso.

– Você ainda está aqui comigo? – perguntou Pêssegos enquanto eles caminhavam até a estátua de Alice no País das Maravilhas, que já tinha se tornado deles, mesmo após uma única visita.

– Sim – respondeu ele. – Por quê?

– Você parece, sei lá, nervoso.

Carter riu um ruído estranho, estrangulado.

– Hum, estou bem.

Ela o fitou, em dúvida, mas não pressionou.

A chuva abrandou. Eles tiraram as jaquetas e se sentaram sobre elas. Carter observou a estátua de Alice no País das Maravilhas por um instante. Era assombrosamente linda.

– Aqui.

O ar no peito de Carter explodiu para fora de seu corpo quando Pêssegos bateu um livro com força contra ele.

– Mas que...

– Não ouço você ler há uma semana – disse ela com a mão no quadril. – Então, leia.

Reconhecendo e exemplar de *Adeus às armas*, ele riu.

– Sim, senhora.

Enquanto procurava a página onde eles tinham parado na última aula, Pêssegos se acomodou apoiando-se nele, com a cabeça em seu ombro e o braço repousando em sua coxa. Encorajado, Carter passou o braço pela cintura dela e a manteve próxima. À medida que as palavras de Hemingway rolavam de sua boca, ela se aproximou ainda mais, relaxando e derretendo-se nele. Ela era quente em oposição ao ar gelado. Ele encostou o rosto no cabelo de Kat enquanto acariciava seu braço.

– Adoro ouvir você ler – sussurrou ela quando ele terminou o capítulo. – Sua voz é...

Carter largou o livro na grama úmida.

– O quê?

– É familiar para mim, como se eu a conhecesse melhor do que a minha própria.

O coração de Carter disparou. É claro que ela conhecia a voz dele. Foi tudo o que ele tinha pensado em usar para mantê-la calma na noite em que o pai dela havia morrido.

– E isso é bom?

– Sim. É bom.

O sorriso dela era largo e sincero. Carter deixou que seus braços circundassem a cintura dele e repousou o queixo em seu ombro, inspirando o cheiro dela.

– Me conta mais sobre a estátua e seus pais?

Carter se mexeu e soltou um grunhido.

– Eu, hum, não sei...

– Tudo bem se você não quiser – disse ela. – Só estava curiosa.

Carter olhou para a estátua de novo. Ele queria compartilhar com ela.

A única maneira possível de eles seguirem adiante com o que quer que estivesse acontecendo entre eles seria se ambos conhecerem coisas a respeito um do outro. É, a família dele seria um bom tópico para começar.

Carter manteve os olhos fixos nela, a ansiedade subindo por sua espinha, mas tudo o que ele via era encorajamento e afeição. Não havia julgamento algum, nenhuma condescendência, nenhum truque.

– Meu pai conheceu minha mãe quando eles tinham 18 anos – disse ele com um longo suspiro. – Eles eram jovens, estúpidos e de mundos muito diferentes. Minha mãe era de uma família muito rica. O pai dela – meu avô, William Ford – era dono de uma das primeiras empresas de comunicação do país, a WCS. James Carter, meu pai, por outro lado, não tinha um tostão furado e o pouco que ganhava era de tocar em boates e pintar.

Carter revirou os olhos com a conotação romântica daquilo tudo.

– Foi assim que ele conheceu minha mãe. Ela o ouviu tocar piano uma noite e foi até ele. – Carter estalou os dedos. – Foi isso.

Pêssegos brincava distraidamente com a bainha da camiseta dele; seu silêncio o encorajou a contar mais, a contar tudo.

– Para a família da minha mãe, meu pai nunca foi bom o bastante. Ele era encrenca, um vagabundo, um inútil, mas minha mãe se rebelou e eles ficaram juntos. Se instalaram em um apartamento barato e nojento depois que meu avô cortou a mesada da minha mãe e, passado um ano, ela estava grávida de mim. – Carter massageou entre as sobrancelhas para amenizar a dor de cabeça, provocada pela tensão, atrás de seus olhos. – Ela escondeu a gravidez por um bom tempo. – Carter riu sem graça. Ele abaixou a mão. – Ela me escondeu.

A mão de Pêssegos segurou o queixo dele e ergueu seu rosto.

– Ei, está tudo bem.

Exausto com o tumulto de emoções que o assolava, Carter pressionou sua testa na dela. Ela pressionou de volta, forte e estável.

– Minha mãe voltou para a família dela – continuou ele. – Como meu pai não tinha dinheiro, ela retornou correndo como uma covarde. Meu avô disse para ela abortar e ela chegou a considerar a possibilidade. Foi só porque meu pai apareceu na casa da família, berrando e exigindo seus direitos, que eles cederam. Meu avô não queria um escândalo.

– Carter.

– Para resumir, minha avó, mãe da minha mãe, ficou enojada com o comportamento da filha. Ela lutou por mim e disse que minha mãe tinha que assumir suas responsabilidades. Um fundo fiduciário foi criado para mim e o pátrio poder foi conferido ao meu pai. – Carter zombou. Com uma voz baixinha, acrescentou: – A vaca nem sequer lutou. Por mim.

Após uma pausa, ele prosseguiu.

– Sem o conhecimento do meu avô – disse com um sorriso satisfeito –, minha avó colocou as

ações dela da WCS no meu nome no dia em que nasci. Ela fez os advogados redigirem um contrato secreto e inviolável, que eles nunca conseguiriam reverter. Meus primos ainda estão tentando revertê-lo para me tirar da empresa.

Pêssegos ficou tensa.

– Eles só ficaram sabendo do contrato no dia em que ela morreu. Foi há dezesseis anos e, mesmo naquela época, as ações dela valiam pouco menos de... 50 milhões de dólares.

Ele esperou. Pêssegos piscou.

– Cinquenta?

Carter assentiu com a cabeça.

– Milhões? Caramba. – Ela sacudiu a cabeça, abismada. – Carter, por que você está aqui? Você tem tantas coisas ao seu dispor. Com esse dinheiro todo, poderia ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa que quisesse, e recomeçar.

Carter deu de ombros.

– Não tenho acesso à grana. Está atrelada às ações e... Eu não ligo. Não tem importância alguma. Não preciso do dinheiro deles.

Os Fords – leia-se seu primo Austin – tinham conseguido congelar as posses dele quando Carter foi preso pela primeira vez. Filho da puta. Aparentemente, mesmo já adulto, Carter ainda causava desordem na família.

– Você costuma ver sua mãe?

Carter balançou a cabeça.

– Ela morreu de câncer quando eu tinha 8 anos.

– Meu Deus, Carter, sinto...

– Não sinta pena – censurou ele. – Ela não merece.

– Você não está falando sério.

– Não estou? – Ele respirou fundo. – Tudo o que ela fez foi me rejeitar. Ela não me queria. O único motivo de ficar comigo a cada duas semanas era o fato de minha avó ter exigido, em seu testamento, que o fizesse. Exigido. Ela só gostava de irritar o pai. Passou por uma fase rebelde e acabou engravidando.

– E seu pai?

Carter contraiu o maxilar.

– Ele mora em Connecticut com a nova mulher. Não falo com ele. Podemos... Podemos falar sobre outra coisa?

Ele moveu o pescoço rapidamente para o lado de modo que sua orelha tocou o ombro e grunhiu quando estalou alto.

– Preciso me mexer.

Ele se levantou, sacudindo os braços. Estava com um monte de energia acumulada que precisava ser extravasada. Pegou o maço de cigarros e acendeu um, tragando fundo. Ele se virou e viu Pêssegos sentada, segurando as canelas e com o queixo apoiado nos joelhos, observando-o. Carter precisava mudar o foco de atenção. Não se sentia confortável sendo analisado e, apesar de saber que ela não

perguntava com a intenção de se intrometer, contar coisas pessoais a Pêssegos ainda era difícil para ele.

– Então, você vai me contar o que aconteceu nessa última semana em que você esteve longe?

Olho por olho e aquela coisa toda.

Pêssegos retorceu as mãos, constrangida, e apertou os lábios. Carter esperou, vagamente ciente de que tinha começado a chover de novo.

– Minha mãe é uma mulher difícil – sussurrou ela.

Carter se perguntou o que a mãe de Kat achava do trabalho da filha. E pensou em como ela reagiria ao namoro deles.

– Ela ainda me vê como uma criança de 9 anos em vez de uma mulher de 25. Ela pensa que qualquer um com uma ficha criminal é cruel como aqueles homens que mataram meu pai.

Carter se recostou em uma árvore, fumando em silêncio.

Bem. Aquilo esclarecia suas dúvidas.

– Ela não concorda com as escolhas que fiz na vida. Acha que não posso tomar minhas próprias decisões; e, se as tomo, nunca são as certas, mesmo minha profissão.

– Você é uma professora incrível, Pêssegos.

– Obrigada. – Ela abaixou a cabeça. – Bom, era isso que meu pai queria para mim.

Carter não conseguia tirar os olhos de sua garota, tranquila e deslumbrante sob o crepúsculo. Eles tinham compartilhado tantas coisas nas últimas poucas horas, mas Carter sabia que ainda havia muito para contar a ela. Ele só não fazia ideia de como tocar no assunto.

Eles precisavam se reconectar de alguma forma, encontrar o que tinham deixado no apartamento dela enquanto faziam omeletes. Decidido, Carter jogou fora o cigarro, afastou-se da árvore e foi até ela. Ele lhe estendeu a mão.

– O quê?

Ela inclinou a cabeça.

– Venha cá.

Ele sorriu.

Sem hesitar, ela colocou a mão na dele. Seu toque fez o sangue de Carter ferver e seu coração disparar. Ele a levantou, guiando-a até ficarem ao lado da estátua de Alice. Puxou-a para perto de si e ergueu a mão esquerda dela na sua direita, observando a confusão se instalar em seu rosto.

– O que está fazendo?

Ele ergueu o braço e a girou lentamente por debaixo dele.

– Estou dançando com você.

Ele apertou sua cintura um pouco mais forte e a inclinou tanto para trás que ela gritou e se agarrou aos ombros dele. Ambos riram quando ele a trouxe de volta e Carter ficou feliz da vida quando ela pressionou o rosto contra ele.

– Isso é... Isso que você está cantarolando é Otis Redding?

A vergonha cutucou o pescoço de Carter.

– Hum... sim, acho que sim. “These Arms of Mine”, acho. Não sei. Por quê?

Ela riu.

– Eu nunca imaginaria você como um fã de Otis.

Ela olhou para a camiseta do Led Zeppelin que ele usava.

– Pare com isso – reprimiu ele, pressionando o rosto dela contra seu peito, sorrindo da risada abafada dela.

Enquanto ele continuava a cantarolar, eles se moviam juntos lenta e elegantemente, de um pé para o outro, em um círculo completo, abraçados sob a chuva leve.

– Meu pai adorava Redding – sussurrou ela. – Ele costumava tocar "(Sittin' on) The Dock of the Bay" no último volume na época. Deixava minha mãe e eu malucas.

– Ele tinha bom gosto.

– Ele tocou essa música no carro, no caminho... Na noite em que...

Os braços de Carter a apertaram ainda mais, instintivamente.

Ela limpou a garganta.

– Como são estranhas as coisas de que a gente se lembra, né?

O estômago dele doeu. Será que este era o momento pelo qual ele tinha esperado? Será que esta era a hora certa de contar quem ele era, o que tinha feito? Será que este era o instante em que ele devia colocar na beira de um penhasco tudo o que eles tinham construído juntos e ficar esperando pela queda inevitável?

Fechando os olhos, ele deixou as palavras fluírem.

– Você se lembra da noite em que ele... Você sabe... Quando ele faleceu?

Ela ergueu os olhos para o céu noturno.

– Me lembro de tudo.

O estômago de Carter foi parar em seus pés.

– Lembra?

– Sim, tudinho – murmurou ela. – Me lembro da viagem de Washington. Do hotel, de visitar o centro de reabilitação dele, a caminhada até a lanchonete, do momento em que eles o atingiram com o taco de beisebol.

Ele pressionou os lábios no cabelo dela.

– Eu lamento muito.

Ele odiava o fato de que ela estava sofrendo. Odiava não ser, na época, forte o suficiente para impedir aqueles idiotas de matarem o pai dela. E odiava saber, no fundo de sua alma, que Pêssegos também o odiaria por isso.

– Não lamente – disse ela. – Ninguém poderia ter salvado meu pai. Nem mesmo eu, apesar de eu ter tentado ao máximo.

– Você tinha 9 anos.

Ele sabia que ela teria tentado, se pudesse. Ela teria lutado com todas as forças para impedi-los de machucar seu pai.

– Eu corri – sussurrou ela. – Fugi quando ele precisava de mim.

O rosto de Carter desabou.

– Não faça isso consigo mesma. – Ele esperou. Respirou. – Ele disse para você... correr, Kat.

Ela congelou nos braços dele. Carter fechou os olhos e entrelaçou as mãos nas costas dela, com

um medo repentino de que ela fosse fugir correndo. Ele não podia deixá-la escapar de novo. Não podia perdê-la.

– O quê?

Carter prendeu a respiração.

– Ele disse para você correr.

Ela jogou a cabeça para trás. Seus olhos mostravam a ele que as peças estavam se encaixando, lenta mas assertivamente, e tudo o que Carter podia fazer era torcer para que ela esperasse, ouvisse e tentasse entender.

– Carter. – A voz dela era trêmula. – Como... Como você sabe disso?

Ele ficou olhando para ela, rezando para não precisar dizer aquilo em voz alta, mas sabendo, com cada centímetro de seu corpo, que precisava dizer. Ele tentou falar.

– Você me disse noite passada.

Ela não pareceu convencida.

Ela ergueu o queixo, analisando o rosto de Carter. Sua mente fervilhava por trás dos olhos verde-esmeralda. Eles brilharam de dor e choque ao mesmo tempo que ela ofegou alto, empurrando-o, interrompendo o abraço. Ela cambaleou para trás.

O coração de Carter se despedaçou.

– Eu... Eu quero saber do que você se lembra.

Os braços dele ficaram parados ao lado do corpo. Eram inúteis sem ela neles.

– Por quê? – pressionou ela, com raiva em sua voz. – Por que quer saber? Por que, Carter?

Ele deu um passo para a frente e ela, instintivamente, um para trás. Carter apertou os dentes.

– Porque – começou ele, esfregando as mãos no gorro, apavorado – eu estava... Porque... Pêssegos.

– Puta que pariu – gritou ela. – POR QUÊ?

O grito dela ricocheteou em torno deles enquanto a chuva começava a desabar e os céus se abriam acima deles. Mas não importava. Carter estava amortecido. Ele ficou olhando para Kat e ergueu os braços por um instante antes de deixá-los cair, derrotado. Ele abaixou o rosto e se recompôs, o medo martelando em sua cabeça.

– Porque eu estava lá.

A expressão no rosto dela destruiu Carter, deixando suas pernas bambas. Meu Deus, ela parecia doente. Ela começou a tremer e a ofegar enquanto resmungava palavras que ele não conseguia decifrar. Ela fechou os olhos enquanto sua boca continuava a balbuciar incoerentemente.

– Não. Não. Não – repetia ela. – Não foi... Não dá.

A chuva esmagava Carter.

– Era eu – sussurrou ele. – Era eu, Kat.

Ela emudeceu. Chegou a abrir a boca, mas ele não a deixou falar.

– Eu estava na região do centro de reabilitação de seu pai. Eu estava com Max, mas tínhamos brigado e eu... eu o deixei na casa de um amigo. Eu estava fumando um cigarro e ouvi um grito, então fui ver o que estava acontecendo e... e os vi. Vi você. Vi quando eles bateram nele com o taco.

– Pare – rosnou Kat.

– Vi o cara bater em você...

– Pare, Carter.

– Seu pai gritou para você correr e você não correu. Por que você não correu?

– Pare, porra!

– NÃO!

Carter deu três passos em direção a ela e a segurou em seus braços. Ela começou a lutar contra ele. Sua pele estava escorregadia por causa da chuva, tornando difícil para ele segurá-la. Ela bateu no peito e nos braços dele enquanto gritava para que a soltasse. Mas ele não soltou. Não podia soltar.

– Eu agarrei você – gritou ele sob os protestos dela. – Agarrei e corri com você. Eu nunca tinha ficado tão assustado, Kat. Eu tinha que arrastá-la dali; você lutou pra caralho contra mim. Lutou como está lutando agora, como lutou ontem à noite. Mas eu não podia deixar você ir. Não podia. Eles teriam matado você, assim como o mataram.

Kat soluçava nos braços dele, seus joelhos estavam cedendo.

– Caímos no chão, e o seu cabelo, Kat. Meu Deus. Cabelo com cheiro de pêssegos. Minha Pêssegos.

A cabeça dela se ergueu de repente e ela berrou no rosto dele.

– ME LARGUE!

Com a fúria da voz dela, Carter a soltou e deu um passo para trás, só para receber um tapa quente no rosto.

Por alguns segundos, o único barulho em torno deles era o da chuva caindo nas árvores. Ele não aguentava olhar para ela e ver o ódio em seus olhos. Estava paralisado, desolado, mas não conseguia parar de contar tudo para ela. Tinha que contar.

– Eu segurei você – murmurou ele – por duas malditas horas, à porta de um edifício abandonado, sob um frio congelante, e conversei com você.

– Você – acusou Kat. – Você me impediu de... – Ela mal conseguia falar em meio aos soluços. – Eu podia ter... Eu podia ter... Ele era meu pai!

Carter se voltou para ela, suas lágrimas magoadas e raivosas se misturando silenciosamente à chuva que escorria pelo rosto dele.

– Ele disse para você correr. Eu não podia ficar observando eles matarem você.

– Você não tinha o direito!

– Não tinha o direito? – argumentou ele, seu tom de voz aumentando, igualando-se ao dela. – Seu pai queria você em segurança, Kat. Eu... Eu salvei você!

– Não, não salvou, Carter! – gritou ela de volta. – Não salvou porque eu morri naquela noite também, porra!

Carter ficou olhando boquiaberto para ela. Era como se ela tivesse dado um soco em seu estômago. Como ela podia pensar aquilo?

Uma calma perigosa a envolveu. Ela olhou em volta.

– Eu... Eu preciso... Eu.

Ela o afastou e foi pegar a jaqueta e a bolsa, seus pés afundando nas enormes poças que tinham se formado por causa da chuva.

– Kat – implorou Carter. – Não... Por favor!

Ele tentou segurar seu braço, mas ela se desvencilhou e o empurrou para longe.

– Não! – gritou ela com o dedo no rosto dele. – Seu mentiroso! Você é exatamente como todos eles! Não!

Ele piscou para ela. Perplexo.

– Eu nunca menti! – berrou ele, a raiva se espalhando por seu corpo. – Do que é que você está falando?

– Você nunca me contou! – Ela o empurrou de novo. – Há quanto tempo você sabia e nunca me contou? Isso faz de você o quê? A porcaria de um mentiroso!

A devastação arqueou os ombros de Carter.

Kat levou as mãos à cabeça.

– Eu... Eu não posso ficar... não... em nenhum lugar perto de você. Preciso...

Ela virou as costas para ele, pegou a bolsa e saiu correndo.

Carter disparou atrás dela, pedindo que ela parasse, gritando que ela pensasse no que estava fazendo, no escuro, no meio do Central Park; mas ela o ignorou. Ele poderia tê-la alcançado facilmente. Poderia tê-la derrubado no chão assim como tinha feito dezesseis anos antes, mas qual seria o sentido?

Ela o odiava e não queria ficar perto dele.

Ela o chamara de mentiroso.

Será que ele era?

Carter congelou com aquele pensamento e assistiu impotente enquanto ela corria dele. Sem ar, todo seu corpo parecia esfolado. Ele colocou a mão no peito em uma tentativa fútil de parar o coração dilacerado que se contorcia ali dentro. Sem conseguir respirar, inclinou a cabeça para trás e rugiu alto para o céu, liberando a frustração e a raiva que se agitavam em seu corpo. Ele chutou o tronco de uma árvore próxima algumas vezes, berrando palavras e ruídos que ele mesmo nunca tinha usado enquanto rezava ao inferno para que a dor parasse.

Exausto, Carter apoiou as mãos nos joelhos, enquanto seus olhos seguiam o caminho que ela havia tomado.

Quando já não conseguia mais vê-la e sua voz estava completamente rouca, ele cambaleou de volta até a jaqueta e os capacetes e voltou aos tropeços até Kala.

22

Carter não sabia ao certo quanto tempo tinha andado de moto pela cidade. As únicas coisas que sabia era que ele estava completamente encharcado e que havia uma garrafa de Jack Daniel's com três quartos de uísque em sua mão.

Ele levou Kala de volta à garagem e estacionou, acionando o descanso lateral para que ela parasse em pé. Carter se debruçou nela, passando a mão pelo banco de couro onde Kat tinha se sentado atrás dele, em torno dele, com ele. A mão de Carter tremia, então ele tomou um bom gole de uísque, sibilando com a queimação. O único conforto que Carter encontrava no calor da bebida era que ele o lembrava de que Carter ainda era capaz de sentir alguma coisa.

Ele bufou de desdém e deu mais um gole.

Mentiroso. Porcaria de mentiroso.

Com os pés pesando como chumbo e o corpo vazio, Carter pegou as escadas, subindo os seis andares até seu apartamento. Ele não ligava para quanto tempo aquilo iria levar ou para o fato de que teria sido mais fácil pegar o elevador. Tudo o que importava para ele era conseguir chegar até sua cama com seu Jack Daniel's e rezar para dormir por dias a fio. Ele abriu a porta da escada com o ombro, cambaleando um pouco, e congelou.

Sentada, enrolada como uma bola na porta de seu apartamento – totalmente encharcada e tremendo –, estava Kat.

Carter soltou o corpo contra a parede. Um alívio que quase o fez desfalecer desceu por suas costas como água quente. Apesar do rímel que cobria metade de seu rosto e do cabelo pingando por todos os lados, ela nunca tinha estado tão linda.

Ficaram olhando um para o outro por uma eternidade, palavras flutuando entre eles: palavras grandes demais para um corredor tão pequeno como aquele onde se encontravam. Com uma força que não sabia que tinha, Carter se afastou da parede e começou a se aproximar dela – lenta e cautelosamente –, como se estivesse indo em direção a um animal selvagem.

Ele estava a poucos centímetros quando ela se levantou e largou o peso do corpo, molhado e pesado, contra a porta do apartamento dele. Ela parecia tão cansada quanto ele.

Com os olhos fixos nos dela e sem dizer uma palavra, Carter pegou as chaves no bolso e a enfiou na fechadura para destrancar a porta. Ele não tinha certeza, mas achava que a tinha ouvido inspirar fundo quando ele se aproximou. Mas ele não ligava. Queria que ela fizesse aquilo. Queria qualquer coisa que ela estivesse disposta a lhe dar.

Se ele era a porcaria de um mentiroso, então seria a porcaria de um mentiroso *dela*.

Kat entrou meio hesitante no apartamento. Carter largou a garrafa de uísque no balcão ao lado das xícaras de café que ainda estavam ali desde aquela manhã, quando tudo eram flores e arco-íris, e se virou para ela, tirando a jaqueta. Ela estava ensopada e tremendo de frio.

– Merda – murmurou ele. – Você precisa de uma toalha.

Ele fez menção de sair dali, de ir ao banheiro, mas ela o impediu colocando as mãos com firmeza em sua cintura e pressionando a testa com força no peito dele. O corpo de Carter tremeu com aquele contato. Ele não podia se mexer. Não sabia o que fazer. Na última vez em que tentara tocá-la, ela havia gritado e fugido. Ele não poderia suportar aquela situação de novo.

Ficaram ali sem se mexer. Os ombros dela sendo sacudidos por seus soluços. Ele queria acarinhar as costas dela ou tocar em seu cabelo... Mas, porra, ele não ousaria.

– Me desculpe – sussurrou ela.

Suas mãos apertaram as laterais do corpo dele com força, a água de sua camiseta escorrendo por seus dedos.

A garganta de Carter se fechou.

Gradualmente, as mãos dela deslizaram pelo peito dele, até seu pescoço. Ela ergueu a cabeça.

– Me desculpe mesmo. – Seus pequenos dedos se agarraram à pele dele e sua respiração era quente na clavícula de Carter. – Me... Oh, Deus, Carter. Me desculpe.

Carter tentou se livrar do nó enorme e emocionado que bloqueava sua garganta enquanto ela continuava sussurrando pedidos de desculpas. A cada palavra dela, mais um pedaço da muralha de machão que Carter tinha construído em torno de si caía a seus pés.

– Não preciso de uma toalha. Preciso de você. – O corpo dela tremeu no dele. – Preciso tanto de você.

A cabeça de Carter desabou na dela.

– Pêssegos. – Ele enrolou os braços em torno dela. – Você me tem. – Ele agarrou a parte de baixo da blusa dela com as mãos. – Sempre teve.

Ela mordeu o lábio. Seu rosto se contraiu e ela passou a mão com cuidado pela bochecha na qual ela havia batido.

– Assim como você me tem.

Ficando na ponta dos pés, ela pressionou os lábios quentes debaixo do olho dele, murmurando mais uma vez palavras de desculpas. Dizendo como ela iria implorar pelo perdão dele. Quanto ele significava para ela. Seus lábios perfeitos beijavam lenta e carinhosamente todo o rosto dele, suas sobrancelhas, seus olhos, e, descendo pela bochecha, o canto da sua boca.

Carter congelou quando a língua dela raspou no lábio inferior dele. Suas mãos automaticamente seguraram a cintura dela para que ele conseguisse se manter de pé sobre os joelhos oscilantes. Ele a queria tanto. Deus, será que um dia ela saberia quanto ele era louco por ela?

Ele se abaixou, desesperado pelo toque dela, e seus lábios se encontraram no beijo mais suave, mais lento e mais sensual do mundo. Ele abriu a boca para receber a dela, o ar saindo de seu corpo em ofegos e grunhidos trêmulos quando sua língua encontrou a dela novamente. Ele fechou os lábios em torno dela e a chupou delicadamente enquanto suas mãos subiam por debaixo de sua blusa.

As mãos dele deslizavam com facilidade pela pele molhada, e o beijo ficou mais intenso, com

grunhidos emitidos pelos dois. Carter engoliu cada suspiro que ela deu, apossando-se de cada um deles, e a puxou mais para perto, querendo que ela sentisse como ele estava duro e quanto ansiava por estar dentro dela.

Precisava estar dentro dela, consumido por ela.

As mãos dela encontraram a bainha da camiseta de Carter, tentando puxá-la. Ele se afastou para que Kat pudesse retirá-la. Sua boca estava imediatamente no peito dele, lambendo e beijando, mordiscando e deixando-o louco.

Perfeitos. Os lábios dela eram perfeitos.

– Me desculpe – murmurou ela na pele dele.

Carter ficou repentinamente desesperado por sentir ainda mais o gosto da boca de Kat, e espremeu os lábios dela com os seus mais uma vez, forçando a língua para dentro. Ela gemeu alto, abraçando-o apertado. Ele se afastou para tirar a blusa, lamentando os poucos segundos em que os lábios dela não estavam pressionados nos dele.

O sutiã azul-claro foi o próximo a ser removido. Carter gemeu ao ver os mamilos que ele tinha conhecido tão bem na noite anterior. Eles estavam rijos e esplendorosos, e reagiram instantaneamente quando os polegares dele os acariciaram.

– Ai, Deus – murmurou Kat.

Ele repetiu. A cabeça dela caiu para trás, elegante e linda.

– Gosta disso?

Ele a beijou novamente. Ela agarrou os ombros dele em resposta. Suas unhas se afundaram na pele de Carter e ele grunhiu de prazer. As mãos dele agarraram os seios firmes dela, massageando vigorosamente a pele macia enquanto os mamilos dela se enrijeciam sob suas palmas.

– Sim – respondeu ela quase sem fôlego. – Por favor. Por favor. Me desculpe. Me desculpe mesmo.

Carter interrompeu as palavras dela com a boca.

– Pare. Você está aqui agora. Só você e eu.

Ele segurou seu rosto, acariciando a pele molhada sob os olhos, e a beijou. As mãos dela seguraram os braços dele com firmeza, permitindo que ele a guiasse. Carter tentou controlar seu desejo – porra, ele tentou ao máximo –, mas logo o fogo entre eles começou a crescer, a paixão de um pelo outro deixando seus corpos em chamas.

Com um rosnado gutural, que se parecia com o nome dela, Carter se abaixou e a pegou no colo, sorrindo quando suas pernas e seus braços se enrolaram firmemente no corpo dele. Ele segurou a bunda de Kat e grunhiu quando seu seio nu deslizou pelo peito dele, a água da chuva funcionando como um lubrificante natural.

Sem tropeçar dessa vez, Carter a carregou pelo apartamento até a cama e se ajoelhou, deitando-a e esparramando-se protetoramente em cima dela. Ele deixou que suas mãos deslizassem pela pele dela, subindo pelas laterais, passando pelos seios, pelo pescoço e pela barriga, enquanto ambos ofegavam e gemiam em meio aos lábios grudados.

Incapaz de continuar resistindo, a boca de Carter eventualmente seguiu o mesmo caminho de suas

mãos, faminta e ávida por mais do corpo de Kat. Ele rosnou quando ela se curvou, e ele pressionou os quadris com força contra os dela quando ela agarrou sua bunda.

Ele mordeu a face interior do seio direito e ela gritou antes de gemer de prazer.

– Mais – choramingou ela nos cabelos dele. – Por favor, Carter. Mais.

– O que você quiser.

A mão dele desceu rapidamente até o botão da calça jeans dela e o abriu.

Ele abriu o zíper e engatou os dedos no cós do jeans. Carter esperou, repentinamente nervoso, querendo se certificar de que ela estava bem, de que isso era o que ela realmente queria. Ele olhou para ela.

Diga que você quer isto. Diga que você quer isto tanto quanto eu.

Ela deu uma olhada para ele e fez um carinho em seu rosto.

– Não pare.

Ela ergueu os quadris e ele começou a puxar a calça dela. Carter deixou as articulações de seus dedos deslizarem pelas coxas e panturrilhas de Kat e riu quando chegou aos tornozelos e percebeu que ela ainda estava de botas.

– Desculpe.

Ela riu.

Ele começou a abri-las.

– Não tem problema – respondeu ele, beijando o tornozelo dela enquanto removia uma bota e uma meia, e depois as outras.

Finalmente livre de quaisquer obstáculos, arrancou a calça dela e se ajoelhou na beirada da cama, admirando-a. Ela era de tirar o fôlego. Feminina. Sexy. Maravilhosa. A pele era pálida e imaculada e parecia tão macia quanto ele sabia que era sob as pontas de seus dedos.

Ele gemeu baixinho, incapaz de se mover, feliz de simplesmente olhar para ela.

– Carter – sussurrou Kat, preocupada. Ela se ergueu sobre os braços e o fitou, abaixando a cabeça. – Se você não quiser fazer isso, eu vou entender que depois do que eu disse, e fiz, eu...

Carter engoliu as palavras dela com uma boca faminta.

– Eu quero – ofegou ele dentro de sua boca. – Eu quero demais. – A mão dele deslizou pela cintura dela, desceu até o quadril e brincou com a lateral da calcinha, hesitando. – Posso? Posso tocar você?

– Tudo o que eu quero são seus dedos em mim.

– Deus.

Ele enfiou a mão por baixo do algodão da calcinha dela e deslizou os dedos pelos lábios macios e sem pelos.

– Molhada – grunhiu ele enquanto sua mão passeava para cima e para baixo.

Kat gemeu, largando-se na cama, puxando Carter consigo.

– Por você.

Como se as palavras dela fossem querosene em chamas expostas, os dedos de Carter escorregaram pelos grandes lábios dela em busca de seu clitóris. Ele o encontrou com o polegar e

grunhiu. Ambos gemeram com o contato. O indicador de Carter deslizou para baixo e escorregou facilmente na umidade sedosa da região.

Fechando os olhos, ele mordiscou o ombro dela e respirou contra sua pele. A ponta de seu dedo circundou a entrada dela provocativamente, fazendo com que ela sussurrasse. Os movimentos fluidos dos quadris de Kat, juntamente com os ruídos roucos em sua garganta, o excitavam. Ele não podia esperar mais. Penetrou-a com o dedo. Quente. Molhado. Transcendente.

Ela gritou quando os dedos dele começaram a se mover lentamente para dentro e para fora dela, até o fim.

Ele abaixou a cabeça e circundou o mamilo dela com a ponta da língua. Kat grunhiu, agarrando os ombros dele.

Ela ofegou enquanto girava os quadris, desenhando um oito preciso e desesperado.

– Mais.

Carter penetrou mais um dedo nela e imediatamente aumentou a velocidade. Kat gritou e suas mãos apertaram os ombros dele com força. Carter fechou os olhos e ficou ouvindo os barulhos molhados que preenchiam o quarto enquanto ele movia os dedos dentro dela e se deleitava gulosamente em seu corpo delicioso. Era a sinfonia mais sexy que já tinha ouvido.

O polegar dele encontrou o clitóris dela novamente e mais um dedo começou a penetrá-la. A última coisa que ele queria era machucá-la, mas, porra, ele queria tanto de si dentro dela de uma vez que não conseguia parar. Carter manteve os olhos no rosto dela enquanto bombeava.

Gentilmente. Cuidadosamente.

As costas de Kat se arquearam e um gemido longo e gutural saiu dela quando Carter começou a mover os dedos.

Céus, ela era magnífica agitando-se e debatendo-se.

Mais.

O bíceps de Carter se contraiu.

Mais forte. Mais rápido.

Ele queria o orgasmo dela. Queria ouvi-lo.

Saboreá-lo. Cheirá-lo. Possuí-lo.

– Carter. – Kat tentou segurá-lo. – Oh, eu vou...

– É isso mesmo, gata – ofegou ele, lambendo o pescoço dela, sentindo o gosto forte e salgado de seu suor. – Se entregue. Eu quero. – Ele mordiscou o lóbulo da orelha dela, sentindo gosto de damasco e bala. – Você é tão gostosa nos meus dedos. – Ele lambeu seu maxilar: mel. – Caralho, o seu gosto é ótimo. – Ele chupou o mamilo dela com força: baunilha.

Desesperado para que ela gozasse, Carter começou a inserir os dedos com mais força, esfregando e fazendo círculos e dando batidinhas em seu clitóris. Ela o segurou e Carter gemeu quando ela gozou com força, pulsando e se contorcendo e se agitando debaixo dele.

– Caralho... – ofegou ele quando o corpo dela apertou seus dedos.

Ela esmagou os lábios nos dele, choramingando em sua boca.

– Caramba – murmurou Carter.

Ele deixou que sua mão deslizasse e provocasse enquanto ela ofegava e sussurrava no ouvido

dele. As palavras dela eram baixinhas e emaranhadas, mas o tremor do corpo dela dizia a Carter tudo o que ele precisava saber: ele a tinha feito gozar bonito. Kat brilhava debaixo dele. Ele diminuiu a velocidade da mão e encheu o peito dela de beijos, subindo até seu maxilar. A pulsação dela acelerou. Ela era resplandecente.

– Você está bem?

Ele deu um beijo delicado na boca aberta de Kat.

Ela riu e colocou a mão na garganta. Seus olhos se fecharam, mas Carter podia ver que eles se moviam debaixo das pálpebras.

Ela expirou e abriu um olho para vê-lo em cima dela.

– Carter, seus dedos são brilhantes.

Disso, Carter teve que rir. Ele tirou a mão da calcinha dela e balançou os dedos na frente dela. A pele de seus dedos brilhava sob a luz e, Carter tinha que admitir, aquilo era a coisa mais sensual que ele já tinha visto. Bom, isso foi até que Kat colocou os dedos dele na boca e os chupou como um aspirador de pó. Os quadris de Carter se mexeram por conta própria ao mesmo tempo que ele gemeu obscenamente alto.

– Oh, Deus!

A boca de Kat contornava cada digital. Ele desabou na cama, desesperado pelo clímax.

Ela tirou os dedos dele da boca com um estalo bem alto e se moveu para beijá-lo, segurando seu rosto entre suas mãos pequenas. Ele podia sentir o gosto dela em sua língua.

– Que diabos você está fazendo comigo? – grunhiu Carter.

Ela afastou a boca da dele e começou a beijar seu rosto.

– Quero fazer você se sentir bem – sussurrou ela. – Eu quero você há tanto tempo, Carter.

Ele a abraçou forte enquanto seus toques e beijos começaram a mudar de suaves e ansiosos para desesperados e frenéticos, seus breves gemidos lentamente se transformando em soluços altos.

– Foi você – murmurou ela entre lambidas e mordidas no ombro dele. – Meu Deus, Carter, foi você.

– Shhh – apaziguou ele. – Kat, está tudo bem. Está tudo bem.

– Você me salvou. – Ela chorava na pele dele. – Eu sabia que você era real. Eu sabia. Todo mundo disse que eu tinha imaginado aquilo, que você não era real. – Ela contornou o lábio inferior dele com o dedo. – Mas você é.

Os ossos de Carter se dissolveram com as palavras dela. Kat havia entendido. Aonde quer que ela tenha ido, o que quer que ela tenha feito depois de ter fugido dele, tinha percebido que o que ele disse era verdade. Ele a tinha salvado. As pernas dela se enrolaram nele, prendendo-o a ela enquanto ela chorava em seu ombro.

– Desculpe ter batido em você – disse, enchendo a bochecha dele de beijos. – Me perdoa, por favor?

Ela continuou a tocá-lo enquanto as palavras de agradecimento e compreensão rolavam de sua boca. Carter não a interrompeu. Ele precisava ouvi-la dizer tudo o que tinha para dizer. Precisava daquele momento. Kat empurrou os ombros dele e girou seus corpos, montando sobre ele. Carter manteve os olhos fechados, com as mãos em seus quadris largos, e permitiu que seus outros sentidos

o dominassem, focando-se em cada outra parte dela: o calor entre suas pernas, o som de sua respiração, o poder de seu toque e o aroma de seu perfume.

– Você me abraçou. – As mãos dela exploravam a barriga dele. – Me lembro do seu cheiro. – Ela enfiou o nariz na curva do pescoço dele e inspirou fundo. – Era você. Você sussurrou no meu ouvido, me dizendo que eu estava a salvo. Agora eu sei. Sei por que sua voz me faz sentir tão protegida.

Ela encostou a testa na dele e deixou que seus lábios roçassem nos dele.

Ele *tinha* conversado com ela – em meio aos cabelos dela –, até que sua voz sumiu e as sirenes se aproximaram. Os olhos dele começaram a arder sob as pálpebras. Ele os fechou. As mãos dela deslizavam por sua pele, subindo pelas laterais até seu pescoço e descendo de volta, memorizando-o.

– Kat – ofegou Carter, soltando-se mais a cada momento. – Continue me tocando. Toque em todo o meu corpo. – As mãos dele seguraram as laterais do corpo dela e subiram, acariciando a pele, até as costelas. – Céus, não pare.

Ela balançou a cabeça, seu cabelo caindo em volta dele.

– Nunca.

Seus lábios se encontraram de novo, delicadamente, mas com uma paixão avassaladora.

– Seus braços – murmurou ela contra o pescoço dele. Suas mãos deslizaram pelos bíceps dele. – Parece que os conheço tão bem.

Ele podia sentir as unhas dela deixando arranhões em sua pele enquanto ela as deslizava por seus antebraços até as mãos, onde ela entrelaçou os dedos de ambos.

– Fortes e protetores.

Ela deu um beijo em cada cotovelo dele.

– Eu nasci para os seus braços, Carter – disse ela, o ardor de volta à sua voz. – Senti falta deles. Senti falta de você. – Ela sussurrou ao ouvido dele. – Senti sua falta a vida toda.

Carter se aninhou no pescoço dela, lambendo a delicada coluna até seu maxilar.

– Eu também senti sua falta. Minha Pêssegos.

Ela sorriu contra o rosto dele.

– Sempre.

Carter expirou alta e ansiosamente quando as mãos dela desceram aos poucos pelo corpo dele, contornando os entalhes de sua barriga musculosa e os pelos abaixo de seu umbigo. Quando finalmente chegou aos botões da calça, a mão de Kat o segurou por cima do jeans e alisou todo aquele comprimento, forte e lentamente. Os quadris de Carter se ergueram, ávidos, para ir ao encontro do toque incrível da mão dela. Aquilo era insanamente erótico, Kat esfregando seu pau da maneira que ela estava fazendo, ciente de que ele estava nu por baixo; a mão dela podia estar na pele dele em poucos segundos, masturbando e fazendo-o suplicar.

Puta merda, como ele iria suplicar. Ele suplicaria qualquer coisa para ela.

Kat manteve o movimento da mão: para cima e para baixo, pegando e esfregando, ronronando e suspirando e salpicando beijos no peito dele.

O abdômen de Carter começou a ficar tenso.

– Você vai me fazer gozar se... se continuar fazendo isso.

Ela sorriu e o segurou com mais força.

– E isso é ruim?

Ele segurou o rosto dela e puxou-lhe a boca até a sua, quente e faminta.

– Prefiro muito mais estar dentro de você quando isso acontecer.

– Céus, sim.

Ela moveu aquela bunda deliciosa para cima das coxas dele.

Com olhos bem abertos e excitados, Kat olhou para a braguilha dele e começou a abrir cada botão, de maneira lenta e cuidadosa. Agarrando os lençóis, ele aguardou que as mãos dela o tocassem, esperou pela maciez da palma dela em sua pele. Aquilo seria bom demais. Ele girou os quadris impacientemente.

Foi então que Carter a olhou e o que ele viu ateou fogo em cada nervo de seu corpo. Ela estava boquiaberta com o pau dele, que estava explodindo por trás da braguilha aberta, e, Cristo, ela parecia faminta por ele.

Como um animal. Como se ela quisesse devorá-lo.

Ele queria que ela o devorasse, que o dominasse, intensamente, desesperadamente. Mas ele tinha que ter certeza.

Carter se sentou, pegando Kat de surpresa, e a envolveu em seus braços.

– Não precisamos fazer isso – murmurou ele, esfregando o nariz no dela em um gesto que ele esperava que fosse reconfortante. Ele afastou o rosto e tirou o cabelo ainda úmido do rosto dela. – Eu quero você. Sempre quis. Mas quero que seja certo. Quero que seja perfeito.

A expressão dela suavizou.

– Nós fomos feitos para ficarmos juntos. Você não sente isso?

– Kat – disse ele, incrédulo, beijando o ombro dela. – Eu senti no momento em que você me reencontrou.

Ela segurou o rosto dele com as mãos.

– Então não tenha medo – insistiu ela. – Simplesmente fique comigo.

E eles se beijaram.

E Carter se perdeu nela.

Cada. Maldita. Parte. De. Si.

Ele se deitou, trazendo-a consigo com as mãos em seus cabelos, segurando-a o mais perto que conseguia. Ela se derreteu nele, curvando-se em seu corpo: um encaixe perfeito em cima dele. Lentamente e com a boca ainda fixa na dela, Carter se virou, encobrindo-a novamente, enrolando-se nela dos pés à cabeça; seus membros alinhados com precisão.

Soltando os lábios dela com um movimento rápido da boca e um beijo carinhoso em seu queixo, Carter se ergueu sobre as mãos e se moveu de modo a ficar na beirada da cama. Mantendo os olhos nos dela, ele tirou os coturnos e as meias. As mãos dele estavam no cós da calça jeans quando ele viu que os dedos dela estavam segurando a calcinha.

Sem pronunciar nenhuma palavra, eles tiraram as próprias peças de roupa e se viram – nus – pela primeira vez.

O olhar de Carter desceu pelo corpo dela enquanto os olhos de Kat faziam o mesmo com ele. Ela

era perfeita, cada contorno e cada curva. Ela estava corada. Nua. E ávida por ter a boca dele em todo seu corpo. Carter respirou trêmulo, vendo que ela estava igualmente cativada e encantada por ele.

Ela sorriu, provocando.

– Você é muito sexy.

Carter riu, amenizando a tensão nervosa, antes de se ajoelhar na cama entre as pernas dela, desejando conseguir manter a compostura. Ele estava tão duro que doía e pulsava a cada respiro.

Ele nunca tinha ficado tão louco assim por uma mulher.

Ele a queria toda de uma vez só. Cada parte dela. Queria fazê-la sua. Marcá-la. Gozar dentro dela. Queria fodê-la, lambê-la, deleitar-se nela. Queria que ela ofegasse, gemesse, gozasse, e alto. Queria-a rápido, forte, suave e gentil. Queria-a em cima dele, debaixo dele, na frente dele, ao lado dele. Ele passou as duas mãos trêmulas pela cabeça, apavorado de permitir que elas a agarrassem com força demais. Ele as soltou ao lado do corpo, impotente, e prendeu a respiração.

– Kat, eu... Eu quero...

Em um movimento que fez a cabeça de Carter flutuar, Kat pegou a mão dele e a levou até seus lábios. Ela deu pequenos beijinhos nas pontas de seus dedos e em suas articulações, acariciando a mão dele e inspirando o aroma de seu pulso antes de colocá-la no rosto. Seus olhos se encontraram e cada grama de ar que ele estava segurando saiu de seu corpo apressadamente, deixando o coração de Carter palpitando e gaguejando e seus joelhos tão fracos que, se ele estivesse em pé, com certeza teria caído.

Ele tinha caído. Caído de quatro por ela.

Ela ergueu a cabeça; sua beleza quase o cegou.

– Você e eu.

Ele concordou com a cabeça, boquiaberto e com o coração disparado.

– Você e eu – respondeu Carter.

O polegar dele acariciou a bochecha dela. Ele a observou se deitar de volta e se ajoelhou entre as coxas dela.

Segurando o tornozelo dela com a mão, Carter o ergueu até a boca e deu vários beijos suaves em torno dele, seguindo para baixo, para o pé, onde sua língua deslizou pela parte interna. A próxima parada foi a panturrilha, em seguida a curva atrás do joelho. Ela riu quando a língua dele apareceu para experimentá-la ali, mas grunhiu quando as mãos dele escorregaram pela pele dela, deixando um rastro de arrepios.

Demorando-se o tempo que queria, Carter engatinhou para cima dela, beijando cada parte de pele que encontrava pelo caminho. Mas as coxas dela eram torneadas e viçosas e ele passou um tempo extra beijando-as e mordiscando-as enquanto colocava o nariz na prega de sua virilha. Ele cheirou, mas não se permitiu prová-la. Queria guardar aquela iguaria e saborear cada momento mais tarde.

Kat gemeu e o segurou e, quando ele chegou na barriga e sua língua estava no umbigo dela, ela estava se erguendo debaixo dele e puxando seu rosto em direção à sua boca.

– Carter. – Ela grunhiu quando ele resistiu às suas mãos impacientes. – Pare de provocar.

Ele riu no seio direito dela e apertou o esquerdo. Ele foi até ela e roçou a língua em seus lábios. As mãos dela agarraram a bunda dele, beliscando a pele com as unhas.

– Puta merda. Isso é bom – murmurou ele no pescoço dela.

Ela fez de novo, ergueu as pernas até a cintura e repousou os calcanhares na lombar dele.

Carter gemeu e jogou a cabeça para trás quando a cabeça de seu pau roçou na umidade dela. O calor dela era extraordinário. Sus mãos seguraram o rosto dela e ele passou os lábios nos dela, lenta e veneravelmente.

Caramba, ele mal podia esperar para estar dentro dela. Kat moveu os quadris minuciosamente.

Isso, tão fundo, molhado, apertado e...

Ah!

Ele deitou o rosto no ombro dela com uma batida pesada e gritou alto na pele dela enquanto seus quadris recuavam. Seu pau parou, pesado e duro, na coxa dela.

– Carter? – perguntou Kat nervosamente.

As mãos dela acariciaram as costas dele. Ele bateu a mão no colchão ao lado da cabeça de Kat, pronto para se jogar debaixo de um ônibus, ou de um táxi, ou dos dois mesmo e ergueu a cabeça, evitando o olhar dela.

Ele fumegou de raiva em silêncio, olhando fixamente para o travesseiro acima da cabeça dela.

– Eu... Merda, não tenho nenhuma camisinha.

E por que ele teria? Ficara preso na maior parte do tempo nos últimos dois anos. Não havia muitas mulheres disponíveis por lá.

– Kat? – perguntou ele, confuso. Ela parecia nervosa e estava com certeza ficando vermelha. – O que foi?

– Bom, eu... – Ela limpou a garganta e começou a fazer pequenos círculos no ombro dele com a ponta do dedo. – Eu estou protegida, digo, você sabe. E sou sadia.

– Protegida? – repetiu ele.

– Sim. E você tem feito os seus check-ups, certo? – perguntou ela, ao que ele concordou com a cabeça como um retardado mudo. – Então, nós sabemos que você é sadio. E eu confio em você. Isto é, se você confia em mim?

Ela estava adoravelmente irrequieta quando terminou a frase e seus olhos estavam em todos os lugares, menos no rosto de Carter. Ele ergueu o queixo dela e a beijou.

– Eu *sou* sadio – disse ele, os olhos fixos nos olhos dela. – E confio, sim, em você. – Ele deu um beijo nos dois lados de seu rosto. – Confio minha vida – acrescentou ele baixinho. – Mas só vou fazer isso se você tiver certeza.

Ela pareceu dar um suspiro de alívio e apertou os calcanhares na bunda dele mais uma vez, erguendo os quadris até os dele.

– Tenho muita, muita certeza.

Carter gemeu e retornou à sua posição original. A ponta de seu pau deslizou por ela.

Kat choramingou na boca dele.

– Quero sentir cada centímetro seu.

Com um grunhido alto, Carter colocou os braços debaixo dela, agarrando seus ombros, ancorando-se, esmagando-a contra ele. Ele precisava se agarrar a algo por medo de perder a cabeça quando a penetrasse.

– Está pronta para mim? – perguntou ele, acariciando o rosto dela.

– Sempre estive pronta.

Ela pressionou os lábios contra os dele.

– Caramba, você é linda – ofegou Carter quando suas testas se encontraram.

Ele sabia que devia ter dito algo mais profundo, mas as palavras lhe faltavam. Mantendo os olhos nos dela, Carter esperou. A mão de Kat o segurou, guiando-o na direção de seu calor. Quando ela o soltou e sorriu, Carter empurrou lentamente e a cabeça de seu pau deslizou para dentro dela.

Ambos ofegaram com a sensação e Kat ergueu os quadris. Carter segurou os ombros dela com força, abriu a boca na dela, respirando e ofegando, tudo era respiração quente e lábios molhados. Kat miou e fechou os olhos. Carter penetrou um pouco mais e grunhiu no rosto dela.

Kat se curvou debaixo dele quando – incapaz de se controlar – ele a penetrou com mais força, deslizando mais fundo, até que seus quadris estavam alinhados com os dela e ele a encobria plenamente. Kat gritou alto, apertou as coxas na cintura dele e colocou os braços em torno de seu pescoço.

– Carter – gemeu ela, beijando o pescoço dele quando ele jogou a cabeça para trás, em êxtase.

Ele revirou os olhos.

– Você é... Isto é...

– Perfeito.

Sim, era perfeito, e Carter não podia fazer mais nada além de se deliciar em ter Kat toda enrolada nele.

– Se mexa dentro de mim.

Aproximando a cabeça da dela, observando seu rosto à medida que ele se contorcia e se contraía maravilhosamente, Carter recuou os quadris aos pouquinhos antes de investir mais uma vez. Um gemido trêmulo rimbombou pelo corpo dele com o esforço da concentração para não mover os quadris com vigor. Ele recuou novamente, o corpo dela envolvendo e acariciando o dele. Aquilo era magnífico.

Deslizando a mão do ombro ao quadril dela, Carter continuou com as investidas longas, deliberadas e pacientes enquanto sua boca começava a devorar a mulher em seus braços. Kat estava igualmente faminta pela boca de Carter. Ela chupava os lábios dele enquanto ele se movia dentro dela. Kat choramingou, empurrando os seios para cima, roçando os mamilos no peito dele. Seu rosto era espetacular enquanto ele a penetrava fundo. Suas sobrancelhas se enrugaram sobre olhos sombrios, cheios de luxúria, e ela apertou os lábios. Carter podia ver pequenas gotinhas de suor no rosto dela, que brilhavam quando a luz do corredor as atingia.

Carter ofegou. Ele lambeu o pescoço dela até a orelha e deu outra investida. Kat mordeu o lábio antes de erguer os quadris, fazendo Carter gemer. Ele nunca tinha sido tão vocal durante o sexo antes, mas caramba, nenhum sexo tinha sido tão bom assim.

A cabeça de Kat despencou para trás e suas mãos puxaram a cintura dele, cheias de urgência.

– Você é tão gostoso dentro de mim, Carter.

– Puta merda. – Carter cobriu a boca de Kat com a sua. – Não – murmurou ele, balançando a cabeça.

As palavras safadas dela o enlouqueciam.

– Você pode ir mais rápido?

Ele respondeu com uma investida rápida que fez Kat ficar sem ar e erguer o corpo.

– Mas se eu for, não vou conseguir parar.

Ele deu uma olhada para baixo, para seus corpos, para se observar penetrando-a.

Ele se contraiu com a visão.

– Você é gostosa demais.

Ele tirou a mão de seu quadril e agarrou sua coxa, empurrando a perna dela mais para cima, de modo que o joelho dela estava perto de seu ombro. O ângulo deve ter sido bom, porque o grunhido que saiu dela foi deslumbrante.

– Aqui? – perguntou Carter entre ofegos profundos e altos. – É bem aqui que você quer?

Ele penetrou com tanta intensidade que pegou Kat de surpresa. Deslizou ainda mais fundo. Seus quadris começaram a se mexer mais rápido.

Kat gritou.

– Não pare!

Carter estava certo de que nem uma manada de cavalos selvagens conseguiria fazê-lo parar.

– Está gostoso?

A boca dele grudou no pescoço dela, onde ele começou a chupar e lamber.

– Sim. Sim.

Ele gemeu e deu duas investidas, precisas e fortes, fazendo as costas de Kat se erguerem da cama. Ela o abraçou forte, suas unhas cravando grandes arranhões na pele das costas dele. Ele queria que ela o marcasse. Queria a marca dela em si.

Os quadris dele começaram a bater na parte posterior das coxas dela, forte.

– Eu quero...

A sensação dela em torno dele, seus ruídos e os cheiros eram demais. Ele estava começando a se perder e não sabia se deveria se sentir extasiado ou apavorado.

– Qualquer coisa. – Ela mordeu o lóbulo da orelha dele, sentindo seu pânico. – Você pode ter qualquer coisa.

– Preciso mais forte. – Ele largou o outro ombro dela e colocou a mão no colchão, ao lado de sua cabeça. – Quero você com mais força.

Kat passou os dedos pelos cabelos dele.

– Você quer me foder, Carter?

Tudo o que ele conseguiu fazer foi gritar um palavrão como resposta. Ele queria mais. Girou os quadris e a penetrou com tudo. Kat berrou e Carter sentiu seu corpo começar a aquecer de dentro para fora, à medida que suas investidas se tornaram firmes e precisas. Os olhos dele se fecharam por conta própria.

Seu corpo não era mais seu. Pertencia a ela. Ele estava sugando o ar por entre os dentes, cada músculo de seu corpo berrando pelo clímax. Os lençóis estavam prestes a rasgar, tamanha a força com a qual ele os estava agarrando, e a cabeceira da cama começou a bater com força na parede.

– Por favor. – Kat segurou o rosto dele e trouxe a orelha até seus lábios macios. – Eu quero que

você me foda.

Carter se ajoelhou de imediato, puxando Kat consigo e esmagando o corpo dela no seu, espremendo seus seios entre eles, segurando-a pelo quadril e pelo ombro, ele começou a dar investidas profundas e poderosas, que fizeram Kat gritar. Ela o agarrou com as unhas enquanto a boca dele mordia o quanto ele conseguia dela, enquanto gritos de "caralho", "mais forte" e "Kat" preenchiam o quarto, até que as paredes mal conseguiam contê-los.

Carter simplesmente não conseguia parar de foder aquela mulher linda em seus braços. Ele não queria parar. Queria aquilo para sempre. Queria *Kat* para sempre. Ele queria aquele momento se repetindo sem parar pelo resto de sua vida. O gosto dela. O cheiro dela. Os gritinhos de prazer que ela estava ofegando em seu ouvido. Os gritos por mais e os ruídos de seus corpos se unindo.

Ele ofegou quando as bocas deles se encontraram de novo, dentes e línguas em todo lugar.

E, então, Carter sentiu.

No fundo de seu estômago, à medida que suas bolas se contraíam de novo e suas coxas ganhavam vida própria.

Ele estava gozando.

Ele tentou contar a ela. Mas Kat simplesmente o abraçou e foi ao encontro de cada investida. Carter enterrou o rosto no cabelo dela e grunhiu em sincronia com o som delicioso dos corpos batendo um no outro. Mas, repentinamente, o corpo de Kat mudou. Ela ficou rígida em seus braços.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

– Oh, Deus. É... É bem aí.

Carter cerrou os dentes, querendo que o orgasmo se contivesse. Era com aquilo que ele tinha sonhado: Kat, em seus braços, gozando nele. E ele não podia, de jeito nenhum, perder um segundo daquilo.

Ela jogou a cabeça para trás e girou os quadris, buscando qualquer tipo de atrito. O polegar de Carter estava imediatamente nela, dando batidinhas, beliscando e esfregando, buscando o prazer dela. Ela estava tão molhada. Carter ofegou o nome dela.

– Por favor – implorou ele, mordendo o ombro dela. – Por favor? O que eu posso fazer? – As investidas de Carter começaram a ficar desleixadas e fora de ritmo. – Puta merda, Kat, me diga.

Ela ergueu a cabeça. Seus olhos semiabertos, sombrios e cheios de paixão.

– Me beije.

E foi o que ele fez. Com o nariz espremido no rosto dela, Carter esmagou a boca na dela, deslizando a língua para dentro e para fora, possuindo-a de todas as maneiras possíveis. Ela respondeu quase instantaneamente. Seus braços apertaram o pescoço dele com mais avidez e suas pernas tremeram ao lado do corpo dele, enquanto suas coxas apertavam a cintura dele com uma força de quebrar os ossos.

– Isso. Isso – rosnou Carter, tentando ao máximo manter o ritmo irregular.

A cabeça de Kat despencou para trás e Carter a observou respirar fundo e gritar com todas as forças quando o orgasmo a atingiu.

– WES!

Ao som de seu nome saindo aos berros da garganta dela, a espinha de Carter estalou e ele

explodiu dentro dela com tanta força que caiu, aterrissando sobre o corpo de Kat. Ondas de um alívio eufórico se espalharam por ele, deixando-o sem ar, grunhindo e gritando por sua Pêssegos enquanto ela murmurava palavras ininteligíveis em seu pescoço e ombro, cobertos de suor.

Nunca algo tinha sido tão bom. Nada jamais se aproximaria daquilo. Nenhuma mulher jamais chegaria perto. Com uma sensação estranha de contentamento, enquanto experimentava o melhor orgasmo de sua vida, Carter percebeu que estava arruinado. Kat o tinha arruinado. E ele não poderia estar mais feliz.

– Céus. Céus. Não consigo.

Carter estava voltando lentamente à Terra, sem saber ao certo se seus membros estavam todos no lugar e funcionando adequadamente. Ele percebeu, contudo, que todo o peso de se corpo estava pressionando Kat na cama, e isso era inaceitável. Ele começou a sair de cima dela com braços e joelhos trêmulos, mas ela o segurou apertado, espremendo-o contra si.

– Ainda não – murmurou ela. – Não saia de mim ainda. Fique só mais um pouquinho.

Carter estava sem energia para argumentar. "Tá bem" foi o que ele conseguiu dizer com a cara no travesseiro ao lado da cabeça dela, ao que Kat riu, um som alto e delicioso.

As mãos e os dedos dela dançavam felizes pelas costas dele. Ele lutou contra a vontade de cair no sono. Com um suspiro e um beijo rápido no ombro dela, Carter afastou seu corpo, que começava a amolecer, do dela. Apesar de ainda estar em cima dela, ele se sentiu instantaneamente carente.

– Caralho, mulher. Isso foi...

Ele fez uma pausa. E abriu os olhos, precisando de inspiração.

– Foi – terminou ela por ele.

Ela estava adorável envolta em seu brilho pós-coito. Carter a beijou de novo.

– Sabe – disse ele, soltando seus lábios e olhando para ela. – Talvez Donne estivesse certo.

Ele traçou um caminho com o indicador de seu nariz até aqueles lábios maravilhosamente inchados.

Kat tentou conter o sorriso, claramente se recordando de sua aula no Central Park.

– Ah é? Com relação a quê?

Ele colocou uma mecha de cabelo enrolado atrás da orelha dela e contornou seu lóbulo com o polegar.

– Com relação a estar com alguém – murmurou ele. – Com relação a isso ser como o paraíso. – Kat fechou os olhos ao ouvir aquelas palavras. – Falei demais? – sondou ele com cautela na voz.

Ela balançou a cabeça.

– Não – respondeu Kat. – Foi exatamente assim.

Ela reabriu os olhos.

O olhar de Carter desceu da testa até o queixo dela, assimilando cada linha e cada contorno delicado. Ele percebeu que seu sorriso tinha aumentado.

– É indelicado ficar olhando – brincou ela.

Ele riu por ela ter usado as mesmas palavras que ele utilizara mais cedo aquele dia e esfregou o nariz no dela.

– Não vou me desculpar.

Ele a observou atentamente por um instante, buscando por quaisquer sinais de arrependimento.

– Você está bem? – perguntou ele. – Quero dizer, quanto ao que contei a você hoje. Quanto a quem eu sou.

– Estou mais que bem.

Ele puxou os lábios dela até os seus e os beijou.

Carter fechou os olhos e suspirou de contentamento. Suas línguas se tocaram de forma breve e carinhosa, e os lábios de Carter ainda estavam se movendo quando ela se afastou. O coração dele parou por um instante.

Física e emocionalmente exausto, Carter deitou o corpo de Kat e repousou a orelha em seu peito úmido, sorrindo ao ouvir o coração dela bater atrás das costelas. Os dedos dela se moveram sem pressa dos ombros à cabeça dele. Ele estava quase dormindo quando a ouviu suspirar seu nome.

– Carter?

– Sim?

As mãos dela ficaram imóveis.

– Obrigada.

Ele franziu a testa.

– Pelo quê?

Ela não respondeu e nem se mexeu.

Ele ergueu a cabeça e apoiou o queixo no esterno dela.

– Meu bem, pelo que você está me agradecendo?

Uma lágrima solitária escorreu pela têmpora de Kat. Ela engoliu em seco antes de responder.

– Por salvar minha vida.

23

Carter congelou, seu queixo áspero repousando na pele lisa e macia dela. Seus lábios se contraíram para dar uma resposta, mas nem pela própria vida ele fazia ideia do que dizer. Com um suspiro suave, ergueu o corpo dela e segurou seu rosto com as mãos, apoiando o peso dos braços dos dois lados de sua cabeça.

– Kat – sussurrou, com o nariz a centímetros do dela. Esperou que ela olhasse para ele. – Você está aqui. – Contornou sua bochecha rosada com o polegar e observou a cor se intensificar com o toque dele. – Isso é tudo o que importa.

Havia conflito nos olhos dela: medo, afeição, mágoa. Carter sentiu um certo desconforto. Ele sabia que ela não tinha se arrependido do que eles haviam feito. A maneira como ela o abraçara, montara nele e sussurrara palavras deliciosas em seu ouvido o asseguravam disso. Mas ele estava irremediavelmente ciente dos perigos que a cercavam por causa das ações de ambos.

O fato de ele gostar de Kat não iria fazer diferença em como as pessoas, em especial a mãe dela, o enxergariam. Ele era um ex-presidiário e, assim, alguém nada confiável. Nenhuma palavra bonita ou frase sofisticada poderia mudar aquilo. Ela jamais o veria de outra forma. Seu medo e sua mesquinhez a cegariam para o que ele realmente sentia pela filha dela.

O coração de Carter ficou apertado. Rezava para que aquilo que haviam experimentado juntos fosse suficiente para manter Kat ao seu lado pelo máximo de tempo possível. Queria mais com ela, dela, e estava disposto a assumir os riscos para conseguir isso. Ela valia toda aquela merda que seria atirada contra ele, e ele estaria lá para protegê-la da melhor maneira que pudesse.

Kat saiu do banheiro e voltou para a cama, deixando que Carter envolvesse seus ombros com o braço, puxando-a para junto dele. Ela abraçou sua cintura com carinho. A mão dele massageou suas costas em círculos reconfortantes enquanto os dedos dela dançavam em torno dos mamilos dele. Por mais nova que fosse aquela sensação de ficar abraçadinho com uma mulher na cama, a familiaridade de fazer aquilo com Kat era tão calorosa quanto as cobertas em torno dos dois.

Carter pressionou os lábios contra a cabeça dela.

– Onde você foi hoje à noite?

Ele não queria chateá-la, mas estava ansioso por descobrir o que a tinha levado até a porta do apartamento dele depois de ter gritado com tanta raiva. O que tinha engatilhado a percepção de que ele a tinha salvado em vez de tê-la impedido de ajudar o pai?

– Fiquei perambulando por um bom tempo. – Seus dedos apertaram a cintura de Carter. – Não sabia o que fazer. Eu estava... Simplesmente doía. Tudo doía.

Carter a abraçou forte.

– Então cheguei em casa. – Ela fez uma pausa. – Acho que peguei um táxi. – Os lábios dela tocaram a pele dele. – Liguei para minha mãe.

A mão de Carter interrompeu o movimento nas costas dela.

– O quê?

Kat bufou.

– Eu sei. Eu devo ser burra demais por ter ligado para ela, né?

– Pêsse...

– Assim que ouviu minha voz – interrompeu Kat com firmeza –, ela começou a dizer quão decepcionada estava com o que tinha acontecido na casa da minha avó. Disse que sou ingrata com as pessoas ao meu redor, com quem se preocupa comigo. Que ela só quer o melhor para mim e que sou muito egoísta e estou muito envolvida com você para perceber.

Ele engoliu em seco.

– Ela sabe sobre mim?

Kat se ergueu para olhar para ele. Ela estava tão perto que Carter teve que afastar o rosto para conseguir enxergá-la melhor.

– Ela sabe que eu gosto de você. – O indicador dela deslizou pelo lábio inferior dele. – Sabe que nós nos beijamos.

Um calafrio desceu pela espinha de Carter à medida que a última semana começou a fazer sentido.

– Foi por isso que você fugiu da sua família e dos seus amigos. Foi por isso que você voltou de Chicago. – Ele sorriu de maneira irônica. – Eles sabem.

Kat balançou a cabeça.

– Eles acham que sabem o que está acontecendo, mas não sabem. Não fazem a menor ideia. – A raiva era clara em sua voz. – Carter, você precisa entender, minha própria mãe pensa que minhas escolhas estão erradas e que ainda sou uma criança que não conhece nada. Ela não sabe quanto amo meu trabalho, quanto amo o que faço todos os dias, quanto amo... – Os olhos dela queimavam de fúria. – Você é a única pessoa que me trata como se eu fosse eu mesma, que me faz sentir que o que faço é correto e significativo. Não há balelas, não há segredos com você.

Os lábios dele se contraíram com o esboço de um sorriso.

– E comecei a enxergar como deve ter sido difícil revelar para mim quem você era. – A mão dela escorregou pelo maxilar dele. – Carter, sei que só não me contou porque teve medo. Você é a única pessoa deste planeta que sabe o que passei. E quer saber de algo realmente irônico? – Os olhos de Kat expressavam raiva. – Minha família, meus amigos, a polícia, o idiota do meu terapeuta, todo mundo disse que você não era real, que era uma invenção da minha cabeça, um resultado de estresse pós-traumático. – Kat acariciou o rosto dele. – Mas você é a coisa mais real na minha vida.

Carter não conseguia responder. Estava sem palavras e louco pelo toque dela. "Kat" foi tudo o que ele conseguiu murmurar antes de colar sua boca na dela. Três palavrinhas eram sussurradas de maneira incansável pela mente de Carter, borbulhando furiosamente, deixando-o sem ar. Engolindo essas palavras e o medo que sempre as acompanhava, Carter deitou Kat de barriga para cima e se

acomodou ao seu lado, colocando uma das pernas dela em cima de seu quadril. Apesar de ela ter gemido, o movimento não tinha uma intenção sexual. Ele a queria de novo, mas queria mais ainda garantir a ela que ele era real e que sempre seria daquele jeito com ela.

– Fique comigo esta noite. – Ele jogou o cabelo dela para trás, precisando ver seu rosto inteiro. – Por favor, Kat, só... só esta noite.

Ele buscou por uma resposta nas profundezas dos olhos dela.

– Mas não fique porque está chateada. Fique comigo porque você quer.

As palavras suplicantes saíram de lugar nenhum. Tudo o que Carter sabia era que estava falando sério e precisava que ela dissesse "sim".

O sorriso que surgiu no rosto dela poderia ter iluminado toda a Broadway.

– Não vou a lugar nenhum.

■ ■ ■

O lobby da WCS Communications era exatamente como Carter se lembrava: pretensioso, repugnante e fedendo a dinheiro. Até a porcaria da mobília parecia desconfortável, como se aquela porcaria tivesse sido roubada de uma câmara de tortura. Carter riu da ironia daquele pensamento em particular. O fato de estar naquele prédio já era uma tortura por si só. Porra, ele estava quase subindo pelas paredes.

Respirando fundo, caminhou na direção da mulher de cabelos negros na recepção, odiando o barulho alto provocado por seus coturnos no piso de madeira brilhante e esperou pacientemente que ela encerrasse uma ligação.

– Tenho uma reunião às duas com o Austin – resmungou ele quando ela desligou o telefone, esfregando o maxilar com a mão.

– Sr. Ford.

Carter piscou.

– Como?

– Sr. Ford – repetiu ela. – Você tem uma reunião às duas com o Sr. Ford. Não Austin.

Ela sorriu arrogantemente.

– Tanto faz – censurou ele. – Só faça o seu trabalho e diga ao babaca que Carter está aqui, sim? – O som do queixo dela caindo ecoou por todo o amplo recinto. – Obrigado, docinho.

Ele seguiu na direção do odioso sofá creme situado a três metros da recepção e se jogou nele. Carter tentou ficar confortável, mas as almofadas finíssimas eram tão gostosas quanto enfiar vidro no rabo. Todo aquele lugar parecia construído para deixar seus ocupantes irrequietos – e funcionava. Não era de admirar que a recepcionista estivesse tão irritada.

– Wes.

Os pelos do pescoço de Carter se arrepiaram e o canto de seu lábio se ergueu em um rosnado animalesco ao som da voz de seu primo. O desgraçado sabia que Carter odiava o primeiro nome, mas ainda insistia em usá-lo sempre que estavam na companhia um do outro.

– Estamos prontos para você – disse Austin, sua cara de paisagem já instalada.

Carter seguiu Austin até seu escritório e tentou não vomitar com a arte intrincada nas paredes, a mesa ostentosa e a vista ridiculamente incrível do restante do distrito financeiro de Nova York.

O filho da puta estava com certeza compensando por alguma coisa.

Havia três outros homens na sala: Adam, que acenou de maneira cordial com a cabeça para Carter quando ele entrou, e dois outros que ele nunca tinha visto antes.

– Sente-se – disse Austin, apontando para uma poltrona de couro de encosto alto situada perto da mesa gigantesca.

Carter se sentou deselegantemente, repousando o tornozelo no joelho. Expirou com impaciência e tamborilou os dedos nas coxas.

– Então – disse ele, dando uma olhada em torno da sala. – Quem são vocês?

Ele apontou para os dois homens de terno em pé perto da janela.

– Este é Steve Fields, advogado da WCS, e David Fall – respondeu Austin. – Ele é diretor de finanças e contabilidade.

– E aí, Dave? – Carter sorriu ao não receber nenhuma resposta. – Sou o Carter. – Ele apontou para si mesmo antes de sussurrar alto. – Seu chefe.

Austin tossiu.

– Bom, na verdade, Wes...

– Pode parar com essa ladainha de "Wes", Austin – latiu Carter, perdendo a paciência. – Só me diga por que diabos estou aqui para que eu possa ir embora o mais rápido possível. Mal estou conseguindo tolerar toda a pretensão e bajulação por aqui.

A raiva enfureceu os olhos de Austin.

– Está bem – respondeu ele. – Você está aqui para que possamos discutir a diluição imediata das suas ações da WCS Communications.

– Ah é? – perguntou Carter, inclinando a cabeça para trás.

Austin ergueu as sobrancelhas em resposta e deu a volta na mesa para se sentar em seu trono de couro e madeira.

– E como você acha que isso vai ocorrer, Austin? – continuou Carter. – As ações estão em meu nome. Foram dadas a mim por nossa avó. O contrato que foi redigido é legalmente irretocável em um nível que mesmo esse seu timinho de advogados não vai conseguir alterar. – Ele gesticulou de maneira indiferente na direção dos advogados. – Você não pode diluir as ações por causa das cláusulas que as regem. Vovô tentou por anos. Não vai rolar.

Austin olhou para Steve e David. Os dois homens se sentaram à direita de Carter. Adam permaneceu em pé à sua esquerda. Carter estava sendo encurralado. Eles estavam usando táticas descaradas de intimidação.

– É por isso que você está aqui. – Austin deu um sorriso sem mostrar os dentes. – Para que possamos discutir as cláusulas em detalhes.

Carter sorriu torto.

– Você quer discutir quanto vai custar para que esses idiotas se livrem de mim, certo? Não dá para ter um ex-presidiário como dono de uma empresa bilionária, né? O que os jornais iriam dizer? –

Carter meneou a cabeça e se virou para olhar pela janela. – Deve ser um pé no saco de vocês o fato de eu possuir a maior parte das ações da empresa que deveria ser sua, hein?

– Não tanto quanto deve ser um pé no seu saco o fato de que controlamos o seu dinheiro todos os meses. – A cabeça de Carter se voltou de imediato para Austin, cujo rosto estava contraído e severo. Ele se inclinou para a frente. – Eu levaria isso em consideração antes de começar com essa sua balela hipócrita, Carter. Eu mantive você fora da prisão uma vez; posso com certeza garantir que você volte para lá.

Carter ficou imóvel.

– Está me ameaçando, Ford?

– Não – respondeu Austin. – Apenas lembrando você de que não é o único com cartas para jogar.

Carter ficou em silêncio por um tempo considerável antes de continuar em um tom baixo e firme.

– O dinheiro que eu recebo, tenho total direito a ele. É meu. Na verdade, eu deveria receber mais...

– Você receberia, se não tivesse um histórico criminal.

Carter escondeu a pontada de raiva que coçou em sua garganta quando Austin o interrompeu. Na verdade, Carter não dava a mínima para a grana. Nunca tinha dado. Ele só se importava com o fato de ser o herdeiro legítimo das ações sobre as quais Austin estava falando. Adam, colocando um documento que parecia bastante formal na frente de Carter, interrompeu o jogo de "quem pisca primeiro" entre Carter e Austin.

– Você não trouxe nenhum apoio legal – disse Adam. – Seria melhor se...

– Eu sei ler, Adam. Só explique o que o documento diz e vamos direto ao ponto – latiu Carter, fazendo seu primo se encolher. – Meu advogado pode analisar esta porcaria com calma.

Adam ficou mexendo nos punhos da camisa e expirou.

– Ao diluir suas ações atuais, o dinheiro que você recebe mensalmente seria triplicado. Por toda a vida – informou ele. – Em vez de pagar por uma aquisição das ações, estamos oferecendo a você novas ações da empresa. Ações equivalentes a cerca de cinco milhões...

Carter bufou, desdenhoso.

– Cinco milhões? Estão de palhaçada comigo?

Ele olhou incrédulo de Adam para Austin e de volta para Adam. Ambos permaneceram em silêncio. Carter esfregou as mãos no rosto, sem acreditar, ávido por um cigarro.

– Todos nós sabemos que as ações que eu possuo hoje passam de *quinhentos* milhões – zombou ele. – Eu esperava me sentir impressionado com sua oferta, não insultado. – Carter empurrou os papéis sobre a mesa de Austin e se largou de volta na poltrona. – Tentem de novo.

Austin ficou visivelmente enfurecido e inspirou tão fundo que fez seus ombros se erguerem.

– Para alguém que afirma não dar a mínima para o negócio, você com certeza parece ser bem protecionista e bem informado sobre ele.

– Austin. – Carter se enfureceu. – Há uma diferença grande pra caralho entre não dar a mínima e não gostar de ser ludibriado por um idiota que pensa ser um presente de Deus só porque usa um terno caro. Fui para a prisão, não para a porra de uma escola de retardados. Sua oferta é uma merda. Você sabe. Eu sei. Então, como eu disse, tente de novo.

O silêncio foi ensurdecedor.

– Está bem – resmungou Austin. – Vou reunir minha equipe financeira e os advogados para reavaliar e entramos em contato com você de novo.

– Mal posso esperar – retrucou Carter. – Posso me retirar? – perguntou ele com as mãos nos braços da poltrona.

Austin não respondeu, mas abaixou o queixo por um instante, seu olhar penetrante e raivoso.

– Porra, ainda bem – grunhiu Carter. – Tenho uma aula de literatura para assistir.

Quando Carter se levantou, percebeu que seus dois primos reagiram instantaneamente às palavras dele. Adam, que ainda estava em pé ao lado de Carter, se mexeu com certo nervosismo, enquanto Austin esfregava uma mão na outra.

– Ah, sim – disse Austin quando Carter começou a atravessar o escritório. – Como está Kat?

Carter congelou com a mão na porta e apertou o aço gelado com os dedos. A pergunta ficou pairando no ar como um cheiro podre. Era, para qualquer um mais desinformado, uma pergunta simples e educada. Para Carter, ela fedia a uma possessividade que ninguém, além dele, tinha nenhum direito de sentir. Como é que ele conhecia Kat?

A cabeça de Carter doía. Ele se virou de maneira lenta, tentando manter uma expressão neutra. Mesmo assim, quando seus olhos encontraram os de Austin, Carter soube que estava pisando em ovos. O desgraçado sabia. O que, exatamente, não era claro, mas ele sabia de alguma coisa. Os olhos de Carter se voltaram para Adam, que agora parecia fascinado por seus próprios sapatos.

Carter respirou.

– Kat – respondeu ele, com a garganta apertada – está muito bem.

Como uma cobra pronta para dar o bote, Austin sorriu.

– Ah, que bom – disse ele com entusiasmo demais. – Eu esperava que ela estivesse bem.

– Esperava, é? – perguntou Carter, fervendo de raiva.

Seu olho direito se contraiu e suas narinas se inflaram.

– Certamente – respondeu Austin, levantando-se. Ele deu a volta na mesa. – Ah, você não sabia? Adam está noivo de Beth, que conhece Kat há anos. Somos amigos, Kat e eu. Eu sabia que ela ia visitar a família em Washington e Chicago, então não a vejo desde sua festa de aniversário.

Carter engoliu em seco e mordeu a língua com tanta força que pôde sentir o gosto de sangue.

– Festa de aniversário?

– Sim, sim – respondeu Austin. – Saímos para jantar. Depois, eu a levei para casa. Nos divertimos muito – falou o babaca, com um sorrisinho. – Ela adorou meu presente. É uma menina ótima. Linda, também, mas acho que... você sabe disso.

Carter tremia com uma violência feroz.

Austin e Kat tinham jantado juntos? Ela havia saído com ele. Estivera no carro dele. Sozinha? Será que ela o tinha convidado para subir? Isso significava que eles...?

A ânsia subiu pela garganta dele ao mesmo tempo que uma dor agonizante se espalhava por seu corpo.

Austin continuou.

– Estou planejando convidá-la para sair de novo, sabe? Um encontro para aliviar a cabeça dela

do trabalho e de questões menos importantes. – Austin apontou para Carter e sorriu. – Como os alunos.

Em meio à névoa vermelha da fúria, Carter podia ver que aquele filho da puta o estava instigando, provocando, como uma criança com um pedaço de pau entre as barras da jaula de um leão, esperando pela explosão inevitável, querendo que ele perdesse a cabeça e caísse direitinho nas mãos gananciosas de Austin.

Era fato que a corda da sanidade na qual Carter estava se segurando começava a se dissolver de forma rápida, enquanto a força com que ele se agarrava a ela era, na melhor das hipóteses, tênue. Tudo o que ele mais queria era pegar Austin pelo pescoço, arrancar as bolas dele com as próprias mãos e arremessá-lo da janela do escritório.

Mas, e daí, como ele iria ficar depois disso? Como Kat ficaria? Ele seria mandado de volta para a prisão antes mesmo que pudesse dizer *Vá se foder, Ford*. A condicional seria algo do passado. Ele e Kat seriam algo do passado.

Com um esforço digno de Hércules e a imagem de sua Pêssegos na noite anterior, retorcendo-se e implorando que ele a fodesse em sua cama, Carter respirou fundo.

– Está bem, Austin – disse ele entre os dentes. – Vou dizer à Kat que você perguntou por ela.

Austin ficou perplexo. Carter se voltou novamente para a porta.

– Mas eu esperaria sentado por essa ligação – acrescentou Carter, dando uma olhada para o primo por cima do ombro.

– Ah, é? – desdenhou Austin, não mais escondendo o ciúme agressivo em sua voz. – E por quê?

– Bem, como você mencionou, ela está ocupada com seus alunos. E comigo – ele olhou para a própria braguilha antes de olhar para Austin com um sorriso presunçoso no rosto –, as mãos dela estão sempre ocupadas.

Sem esperar por uma resposta, Carter escancarou a porta do escritório, fazendo as dobradiças gemerem em protesto. A batida inevitável atrás dele foi tudo o que Carter ouviu enquanto atravessava o lobby como um furacão, passando pela vaca de cabelos negros na recepção, enquanto acendia um cigarro e mostrava o dedo do meio para a placa de "Proibido fumar" na saída da WCS.

■ ■ ■

Quando o relógio marcou 16h05, Kat estava sozinha na sala de leitura da biblioteca, brincando com seu iPhone recém-comprado.

Ela havia tido algumas horas livres entre as aulas em Arthur Kill e a de Carter e conseguira passar em casa para fazer upload de todas as coisas de que precisava nele. Ela não podia viver sem suas músicas. Nem mais um dia.

Tinha ficado muito hesitante em colocar o cartão SIM resgatado de seu antigo telefone e, assim que o novo celular começou a bipar incessantemente com chamadas perdidas, mensagens de voz, e-mails e mensagens, ela logo percebeu o porquê. Ela deu uma olhada em tudo. Os nomes de Beth, de

sua mãe, de Ben, de Adam e de Carter, todos figuravam ali. Depois de ouvir cinco mensagens de voz de sua mãe, deletou as outras seis, não querendo nem precisando ouvir o ódio dela mais uma vez.

O único nome no qual ela parou foi o de Carter. Ele enviara uma série de mensagens nos dias em que ela estava voltando de Chicago para Nova York, e cada uma delas parecia mais desesperada que a outra. As mensagens de Beth, por outro lado, eram curtas e sucintas:

Me ligue.

Precisamos conversar.

Me desculpe.

Kat não se permitiu ficar zangada. Beth não valia a pena e, além disso, qualquer coisa que ela tivesse para dizer a essa altura não adiantava porra nenhuma.

As mensagens de Austin, como sempre, eram encantadoras e preocupadas:

Oi, Kat, espero que você esteja bem. Me ligue.

Kat, Adam ligou. Ele e Beth estão preocupados com você. Eu também estou. Independentemente do que eles me contaram, estou aqui se você precisar de um amigo. Bjo

Estou pensando em você. Austin. Bjo

– Puta merda – murmurou Kat, deletando cada uma delas antes de jogar o celular na bolsa.

Apesar de ele ter omitido seu parentesco com Carter, Austin era um cara educado, bonito e carismático. Ela apreciava a companhia dele e tinha gostado do beijo que eles tinham dado. Tinha sido... agradável.

Em retrospecto, Kat percebeu que nunca houve com ele aquela paixão ardente que ela sentia toda vez que estava com Carter. As pequenas centelhas de atração que sentia por Austin não eram nada em comparação ao inferno em chamas que acontecia toda vez que Carter a tocava, beijava, fodia.

As entranhas de Kat se contraíram com a lembrança daquele corpo grande e rijo entre suas coxas, sua respiração pesada e os gemidos de *mais* em seu ouvido, as mãos que não largavam seus quadris e a expressão deliciosa no rosto dele quando ele buscava e curtia cada orgasmo. Céus, ele era glorioso. Apagava todos os amantes que Kat já tinha tido, deixando-a febril de desejo e faminta por mais. As dores de prazer que ele deixara em músculos que ela sequer sabia que existiam eram deliciosas.

Sua pele corou com a lembrança dos beijos sôfregos e da sensação dos anéis dele, que tinham

beliscado suas coxas enquanto ele investia nela com tudo, deixando marcas vermelhas intensas que ele lambera como forma de se desculpar. Puta merda.

Ela olhou para a porta vazia da sala de leitura. Onde diabos ele estava? Kat sabia que Carter tinha "coisas" para fazer e, até onde ele sabia, ela ainda estava sem celular, o que explicava o silêncio.

Mesmo assim, Kat foi atingida abruptamente por um pensamento preocupante. Será que Carter iria começar a descuidar das aulas agora que eles tinham ficado íntimos? Será que ele pensava que ela não iria esculachá-lo por toda a Manhattan por ter se atrasado só porque ele tinha lhe dado tantos orgasmos?

A perna de Kat começou a se contrair à medida que sua raiva aumentava. Ele teria a maior surpresa se esse fosse o caso. Irritada e agitada, Kat se levantou e começou a perambular pela sala de leitura, indo em direção à sua seção favorita: poesia.

Com a ponta do indicador tocando nas lombadas dos livros, Kat serpenteou pelo corredor entre duas estantes enormes de mogno. O cheiro de couro, tinta e madeira era complexo e reconfortante, e a lembrava da biblioteca de seu pai na casa que eles tinham em Westchester. O pai de Kat costumava ler Rossetti e Blake para ela desde que ela era bem novinha, e sempre que estava chateada ou magoada. Ela parou quando chegou nos poetas românticos, especificamente Woodsworth, precisando das descrições dele do interior da Inglaterra e de seus narcisos ao vento para acalmar seus pensamentos.

Já mais calma e bastante nostálgica após ler três dos poemas dele, Kat colocou o livro de Woodsworth de volta na prateleira e pegou um livrinho de capa preta com fonte dourada, recheado de sonetos, poemas e declarações de amor. Segurando o livro com uma das mãos, ela folheava as páginas amareladas com a outra quando, de repente, cada pelo de sua nuca se arrepiou.

Alguém estava atrás dela.

Antes que pudesse pensar em quem era ou no que a pessoa estava fazendo, uma mão grande segurou seu ombro e a girou, pressionando suas costas contra as prateleiras da estante. O livro que estava segurando caiu no chão, fazendo um barulho alto.

Tonta por ter sido girada tão rápido, Kat levou um momento para conseguir encontrar seu equilíbrio e se concentrar no rosto à sua frente e, quando o fez, quis imediatamente não tê-lo feito.

A ponta do nariz de Carter estava a centímetros do dela, enquanto sua respiração se espalhava por cima dela em ondas fortes e quentes. Seu peito largo pressionado firmemente contra ela.

Mas não foi isso que fez a garganta de Kat se fechar, em pânico. Foi a expressão no rosto dele. Seus olhos estavam tão sombrios que o azul era quase indistinto e os cantos de sua boca perfeita estavam curvados em um rosnado odioso. Ele estava furioso. Kat abriu a boca para falar, mas a mão de Carter a cobriu de imediato, segurando suas palavras na palma que cheirava a cigarro e menta.

– Não – disse. Ele fechou os olhos e sacudiu a cabeça. Suas narinas se inflaram e ele segurou Kat com mais força. – Simplesmente não fale.

Os olhos de Kat se arregalaram, mas ela assentiu com a cabeça, fazendo com que o metal dos anéis dele roçasse em sua pele. Ela o observou, fascinada por seu maxilar, que se apertava e se

contraía, coberto de gotículas de suor espalhadas ao longo da linha do cabelo e das costeletas. Kat conhecia o gosto daquele suor.

Ele soltou o ar por entre lábios cerrados antes de finalmente começar a falar.

– Acabo de chegar de uma reunião muito... interessante.

Ele disse cada palavra em voz baixa, olhando para os próprios pés.

Com a mão direita ainda cobrindo a boca de Kat e a esquerda apertando seu quadril, Carter ergueu a cabeça e deixou seu olhar se fixar no dela. Os olhos dele estavam repletos de todas as emoções concebíveis. A vontade esmagadora de abraçá-lo e sumir com a dor que permeava suas palavras atingiu Kat no estômago.

– Sabe com quem foi a reunião?

Kat franziu a testa, balançando a cabeça. O sorriso de Carter era lúgubre. Ele se aproximou dela, parando apenas quando seus lábios estavam ao lado da bochecha dela.

– Meu primo – sussurrou. Ele se afastou para que ela pudesse ver seu rosto. – Austin Ford.

Um calafrio percorreu o corpo de Kat quando a fúria nos olhos dele se acendeu com aquelas palavras. Ela sabia que seu próprio rosto tinha ficado pálido de náusea. O que será que Austin tinha dito? A resposta de Carter foi imediata. Seu maxilar relaxou ao mesmo tempo que sua mão soltou a boca de Kat. A mão esquerda dele permaneceu segurando-a, seus dedos apertando o quadril dela com mais força.

– É verdade? – murmurou Carter por entre lábios que mal se moviam.

Um pequeno V surgiu entre suas sobrancelhas enquanto seu olhar esvoaçava questionador pelo rosto dela.

Kat respirou fundo. Mesmo tendo sido pega de surpresa pelo comportamento dele, precisava permanecer calma pelo bem de ambos.

– É verdade?

O barulho da conexão do punho de Carter com a estante de mogno ao lado da cabeça de Kat ecoou pela sala como uma bomba nuclear.

– Não brinque comigo, Kat! – explodiu Carter. – Não ouse brincar comigo, porra!

– Não estou brincando – respondeu ela com calma, piscando para assimilar as palavras raivosas dele.

– Simplesmente sim ou não – continuou Carter. – É tudo o que eu quero.

O coração de Kat se apertou. O pavor subiu por sua espinha.

– Não sei, Carter. O que você está me perguntando?

– Austin. Aquele desgraçado... – Ele soltou um longo sibilo, equilibrando-se ao apoiar seu corpo no de Kat. – Ele disse que... que vocês... Você fez?

– Fiz o quê? – sussurrou ela.

Os olhos de Carter alternaram rapidamente entre a luz e a escuridão.

– Você fez sexo com ele?

A boca de Kat se abriu, fazendo um ruído audível.

– Querido.

– NÃO! – latiu ele. – Não faça isso. Não agora. Só diga sim ou não.

Ele deu um chute na prateleira debaixo antes de abaixar a cabeça e murmurar no ombro de Kat.

– Você fez sexo com ele?

Kat ficou parada, paralisada, com Carter respirando na pele de seu pescoço.

– Fez, Kat? – perguntou ele de novo em um tom quase derrotista. – Por favor, me conte.

Lentamente, como que para não alarmá-lo, Kat ergueu a mão, que estava parada sem vida ao lado de seu corpo, até o rosto de Carter. Ele se encolheu com o toque dela. Sem se abalar ela continuou e logo as pontas de seus dedos estavam dançando de forma delicada sobre a bochecha e o maxilar de Carter.

Ele olhou para ela, sua expressão era furiosa.

– Não – murmurou Kat, descendo a mão do rosto dele até o pescoço. – Não fiz.

Ela traçou um pequeno círculo com a mão, torcendo para que aquilo o acalmasse.

O alívio dele ficou evidente apenas na maneira como ele diminuiu a força com que segurava o quadril de Kat. O rosto dele ainda continha mil e uma emoções e perguntas. Ele lambeu os lábios e trocou o peso do corpo de um pé para o outro.

– Não fez?

– Nunca, Carter.

Os olhos dele desceram pelo corpo dela. Não era do jeito sexual com o qual Kat tinha começado a se acostumar; era como se ele a estivesse vendo pela primeira vez desde que a tinha girado e prensado contra os livros.

– Você não fez – sussurrou ele, aparentemente vendo o que precisava ver.

Ele deu um passo desequilibrado para trás, soltando Kat, e ficou olhando para ela de uma maneira que a fazia querer rir e chorar ao mesmo tempo. Estava desgastado e cansado, tinha se tornado a antítese completa da criatura raivosa que era antes. Kat se endireitou e fez menção de dar um passo em direção a ele.

Carter ergueu a mão para pará-la. Os olhos dele fitaram seus pés.

– Não – disse ele, franzindo a testa. – Eu estou... Eu... Só fique aí.

Mesmo com o coração partido, Kat se afastou. Ela ficou ali parada, observando Carter se transformar lentamente no homem que ela conhecia. O aperto em seu maxilar se dissolveu, assim como a tensão de seus ombros, mas a tristeza em seus olhos permaneceu.

– Eu não sabia – murmurou ele. – Não sabia que você o conhecia. Que você...

– Ele não é importante...

– Você jantou com ele.

Carter ergueu o queixo, desafiando-a a negar.

Kat apertou os lábios em uma linha fina.

– Estávamos em um grupo. Comemorando meu aniversário. Não foi um encontro nem nada do tipo...

– Ele levou você para casa – acrescentou Carter.

Kat confirmou, e o rosto de Carter se comprimiu como se ele estivesse sofrendo de uma terrível dor de cabeça.

– Você ficou sozinha com ele.

Kat mordeu o lábio e suas mãos se fecharam em punhos na cintura. Como ela havia sido estúpida de esconder aquilo dele. Tinha xingado a própria família por não ter sido honesta com ela e fizera exatamente o mesmo com a pessoa mais importante de sua vida. Ela não era nada diferente deles.

– Me desculpe – disse ela. – Me desculpe por não ter contado, mas só descobri que vocês são parentes na semana passada, na casa da minha vó.

Ele olhou na direção do teto.

– Aconteceu alguma coisa?

Kat expirou. O ruído foi a única confirmação que ela deu.

– Você o beijou?

Os olhos dela encontraram os dele brevemente quando ela suspirou um "sim" baixinho.

A cabeça de Carter se ergueu de imediato. Ele a bateu com força nos livros atrás dele.

– Merda.

– Carter. – Kat deu um passo hesitante na direção dele. – Por favor, converse comigo.

– Não há nada para conversar – retrucou ele, olhando por cima da cabeça dela.

– Há muito o que conversar – falou Kat com firmeza. – Você está chateado e eu quero consertar as coisas. Você precisa me deixar explicar.

– Explicar o quê? – censurou Carter. – Explicar que enquanto eu estava na prisão, querendo você mais do que já quis qualquer coisa na vida, você estava deixando meu primo enfiar aquela língua nojenta dele na sua garganta?

– Ei! – Kat deu mais um passo, apontando um dedo para o rosto de Carter. – Isso não é justo. Eu não sabia que ele era seu primo e não sabia que você me queria! Você me tratava como uma maldita pária toda vez que eu o via. Como é que eu ia saber?

Carter evitou os olhos dela e ficou arrastando o pé pelo chão.

Kat abaixou o dedo enquanto as palavras dele penetravam em seu coração... *Querendo você mais do que eu já quis qualquer coisa...* Ele a queria tanto assim mesmo naquela época? Ela se aproximou dele e colocou as mãos timidamente em seus quadris.

– Carter. – Ela subiu as mãos para seus ombros. – Olhe para mim.

Ele a ignorou. Estava apertando os punhos com tanta força que suas articulações estavam brancas. As mãos de Kat continuaram subindo até o pescoço dele, que estava vermelho de nervosismo, e seguiram até seu maxilar marcado e coberto por aquela barba por fazer que a tinha arranhado tão maravilhosamente.

– Carter, olhe para mim. – Kat puxou o rosto dele para perto do seu. Os olhos dele fitavam o queixo dela. – Por favor.

Ele se mexeu mais uma vez, relaxando a postura para que Kat não ficasse mais nas pontas dos pés. Ele ficou olhando para ela, sem falar. Carter colocou as mãos em sua cintura, apertando-a uma vez antes de fechar os olhos.

– Odeio o fato de ele ter tocado em você – sussurrou ele.

– Ele não tocou.

Uma expressão mistificada passou pelo rosto dele. Kat desceu a mão pela têmpora de Carter.

– Ninguém nunca me tocou como você. – Ela deslizou o nariz pelo queixo dele, inspirando seu

cheiro delicioso. – Ninguém nunca me beijou como você.

– Kat – choramingou Carter, pressionando a testa na dela.

– Eu nunca o quis.

– Pêssegos.

– Carter, me escute – pediu ela, segurando as mãos dele. – Eu gostava dele; ele era atraente. – Carter fez menção de se afastar, mas Kat o segurou com firmeza. – E sim, nós nos beijamos. Mas sabe por que não fizemos mais nada? Por que eu não consegui fazer mais nada? Por que sempre que ele me chamou para sair, me recusei a responder?

Carter ficou olhando para o chão.

– Me pergunte por quê.

Um grunhido baixinho ribombou na garganta dele.

– Por quê?

– Porque toda vez que estava com ele, cada vez que ele me tocava, eu pensava em você.

Os olhos de Carter estavam desesperados por acreditar nela, mas algo na maneira como sua boca se contraiu e sua sobrancelha se ergueu lhe mostrava que ele estava em dúvida.

– É a verdade – acrescentou ela. – Juro. Eu também queria você. Há tanto tempo. Eu ainda quero tanto. Eu...

– O quê?

– Eu lamento muito que ele tenha chateado você e feito você me odiar.

– Eu não odeio você – repreendeu ele. – Não poderia. É ele que eu odeio. Odeio o que ele transmite: a ganância, a arrogância pretensiosa. E o fato de, desde que éramos pequenos, ele querer coisas que são minhas que ele não tem direito nenhum de querer, porra.

O duplo sentido das palavras dele envolveram os pulmões de Kat.

Minhas.

Baixinho, Carter contou a ela o que tinha acontecido na reunião, detalhando as intenções de Austin de remover Carter da empresa da qual ele era proprietário legal.

– Austin e eu nunca nos demos bem – explicou ele. – Adam e eu temos idades mais próximas, então, quando crianças, nos encontrávamos e brincávamos juntos. Austin era o primogênito da nossa geração, aquele que iria assumir a empresa do nosso avô. Estava sendo preparado para aquilo e se tornou presunçoso e arrogante. Aos 15 anos já era um babaca metido a espertalhão.

Carter fez uma pausa e, então, continuou.

– Me lembro de um dia específico em que minha mãe tinha me buscado com meu pai para passar o fim de semana com eles; estávamos na casa dos meus avós, o que era um pesadelo de qualquer forma, porque meu avô não suportava olhar para mim.

Carter sacudiu a cabeça.

– Minha avó era completamente diferente. Era legal. Fazia biscoitos e me comprava presentes incríveis de Natal e aniversário. Ela era o único motivo pelo qual passávamos tanto tempo na casa deles. Minha mãe me largava lá e vovó e eu nos divertíamos juntos.

Carter coçou a cabeça.

– Acho que era Dia de Ação de Graças. Austin começou no minuto em que chegou. Ele era um

esperto, aquele desgraçado. Sempre dava a entender, com seus comentários, como eu não era querido, como ele tinha ouvido minha tia dizer que eu era uma decepção para toda a família. Ele era implacável. Adam simplesmente ficava parado ali, sem dizer uma palavra. Quando estávamos só nós dois, ele pedia desculpas pelo irmão; mas nunca fazia isso na frente dele.

Carter sorriu ironicamente.

– Nada muda. Os comentários sobre meu pai e o fato de que eu era meio que um segredo continuaram por todo o fim de semana. E, então, eu explodi. Dei um soco na cara dele. Ele caiu no chão, mas eu não conseguia parar. Dei socos, tapas, chutes e, o tempo todo, tudo em que conseguia pensar era que queria que ele sofresse tanto quanto eu. Meu avô me tirou de cima dele e acabou levando uns golpes na confusão. Até que ele me bateu também. Disse que eu deveria ter sido dado para adoção e que eu não faria nada a não ser trazer vergonha à família. Assim como eu tinha feito desde o dia em que tinha sido concebido.

– Oh, Carter – sussurrou Kat, colocando a mão no pescoço dele.

– Minha avó ficou uma fera. – Carter riu de leve. – Acho que puxei o temperamento dela. – Kat sorriu. – Ela me tirou dali e me levou para sua casa na praia. – Ele fez uma pausa, perdido na lembrança. – Ela chorou, eu me lembro. Chorou e pediu desculpas. Eu não sabia por que ela estava pedindo desculpas. Ela não tinha feito nada de errado. – Carter olhou para as próprias mãos e sacudiu a cabeça. – Eu odiava vê-la chorar.

– Quantos anos você tinha?

– Seis. – Carter pigarreou. – Dois anos depois, minha mãe morreu – continuou ele. – E eu fui enviado para um colégio interno, de acordo com o pedido da minha mãe em seu testamento. Meu pai simplesmente aceitou...

Carter divagou, claramente desconfortável.

– Fui expulso da maioria dos colégios que frequentei. Eu odiava cada minuto daquela merda. Se não era expulso, fugia. Quando mais velho ficava, mais começava a perceber que se fizesse barulho suficiente, causasse problemas suficientes, maiores eram as chances de os Fords terem que lidar comigo em vez de me mandar para longe na esperança de que eu nunca mais voltasse.

Kat traçou círculos com a mão no ombro de Carter. O coração dela se partiu perante o menininho que residia naquele homem à sua frente.

– Não sei como ele foi com você, Kat – disse Carter –, mas Austin Ford é perigoso. Ele é egoísta e ganancioso. – O ódio se acendeu em suas íris. – E eu fico enojado só de ele ter estado perto de você.

– Desculpe.

O que mais ela poderia dizer?

Sem ligar para onde eles estavam, Carter enrolou os braços na cintura dela.

– Desculpe também. Desculpe por ter assustado você.

– Você não me assustou.

– Assustei, sim. – Carter deslizou a mão pela lombar de Kat. – E me desculpe. Eu só estou...

– Eu sei.

Ela sabia quanto estaria magoada se tivesse sido com ela.

Ele apertou os lábios.

– Pensar em você com qualquer outra pessoa me faz querer destruir a cidade toda – confessou. – Mas com ele? – Carter balançou a cabeça lentamente. – Pensar que você tinha estado com ele quase me matou.

O coração dele palpitava debaixo da mão dela.

– Estou com você – sussurrou ela. – Prometo. – Não quero mais ninguém.

Os olhos dele brilharam.

– Também não quero mais ninguém. É tão perfeito quando estamos só nós dois, longe de tudo.

Kat lutou contra a névoa de satisfação que as palavras dele causaram, pensando por um instante.

– Sabe, tenho um amigo... Ben.

A sobrancelha de Carter se enrugou, o perigo saltitando em seu rosto.

– Ben? Um amigo, é? Devo me preocupar?

Kat afastou a ansiedade deliberada envolta na pergunta dele revirando os olhos.

– Nem um pouco. Ele é advogado, entre outras coisas. – Ela mordeu o interior do lábio. – Ele pode ajudar você. Com relação a Austin.

– Como?

Kat riu.

– Ben consegue descobrir os podres de praticamente qualquer um. Esse é o trabalho dele. – Ela deu de ombros. – Sei lá. Talvez ele consiga encontrar algo que você possa usar contra ele.

Os lábios de Carter se contraíram.

– Combater fogo com fogo, você diz.

– Vale a pena tentar, certo?

Carter considerou a oferta.

– Sei que Austin é conhecido por fazer negócios com uns caras de caráter duvidoso. O Adam sempre limpou a barra dele.

Kat sorriu.

– Parece ser a especialidade do Ben.

Carter a fitou atentamente.

– Você faria isso por mim?

– Quero que você tenha o que é seu de direito. Você merece isso.

Ele suspirou um tanto trêmulo.

– Você é de outro mundo, sabia? – Seu polegar tocou no lábio inferior dela. – Obrigado. Fico devendo uma. – Ele fez uma pausa. – Talvez eu possa fazer algo por você. – E mordiscou o lábio dela, hesitante. – Podíamos... Eu posso levar você... Digo, você quer... O que, hum, eu estava pensando. Eu... Droga. – Ele esfregou as mãos no rosto. – Sou um fiasco nisso.

Kat fez menção de se afastar, para lhe dar um pouco de espaço, mas a mão dele foi direto para sua cintura, interrompendo-a.

Carter fechou os olhos e falou em um longo suspiro.

– Tem planos para este fim de semana? Porque, se não tiver, eu gostaria de levar você a algum

lugar. Se não quiser, vou entender; mas eu realmente gostaria que viesse comigo. Quero passar algum tempo com você. Quero dizer, não sei...

Ele resmungou uma série de palavrões variados antes de enfiar as pontas dos dedos nos bolsos da calça.

Kat entrelaçou uma mão na outra.

– Só nós dois?

Os olhos de Carter se ergueram de imediato, brilhando azuis e esperançosos.

– Sim.

Ela segurou o rosto dele, sorrindo calorosamente.

– Eu adoraria.

Carter piscou, sem nem tentar esconder sua surpresa.

– Sério?

Kat riu.

– Foi o que eu disse, não foi?

O peito dele ribombou com uma risada baixinha, zombando de si mesmo.

Ele deu uma olhada para a porta vazia da sala de leitura e segurou a mão dela, apertando-a gentilmente entre seus dedos grossos.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Sei que é contra as regras das aulas, mas, caralho, eu estou morrendo de vontade de beijar você.

Kat lambeu os lábios instintivamente.

– Só um beijinho. – O polegar dele se infiltrou debaixo da blusa dela, roçando em sua barriga, fazendo seu sangue ferver. – Só uma provinha.

Kat gemeu ao ouvir as palavras que ele tinha dito na primeira vez em que a tinha beijado. Assim que seus lábios se encontraram, o corpo dela relaxou. Ela se esqueceu das regras e dos riscos. Também se esqueceu de Austin, de sua mãe e de Beth.

Tudo o que importava eram as mãos dele no rosto dela, a força de seu corpo e a maneira como a língua dele possuía cada centímetro de sua boca. Ela agarrou o cinto da calça dele e o puxou mais para perto, nem aí para se alguém visse.

24

Kat atendeu o celular quando tocou pela terceira vez.

– Ben, como você está?

O sorriso dele podia ser ouvido em sua resposta.

– Estou ótimo. E você?

– Estou bem.

– Isso é bom. Isso é bom. Então, hum, Beth me ligou ontem à noite. Ela disse que vocês ainda não conversaram.

Kat suspirou.

– Não.

Ben emitiu um ruído de compreensão.

– Kat, eu...

– Eu sei, Ben – interrompeu Kat bruscamente. – Vou falar com ela quando eu estiver pronta, tá?

– Está bem.

Kat pressionou os lábios e respirou fundo, tentando afastar a tristeza que a dominava cada vez que ela deixava de atender as ligações de Beth ou de sua mãe.

– Então, você recebeu o e-mail de Carter? – perguntou ela, mudando logo de assunto. – Os detalhes foram suficientes?

Ben riu.

– Ah, sim. Foi por isso que liguei. Está tudo pronto para a reunião com Ford amanhã. O que Carter mandou foi fantástico. Agradeça a ele. Como é que ele conseguiu aquilo?

– Não faço ideia. Não ousei perguntar.

– Bom, rendeu uma leitura bem interessante. Parece que nosso Austin tem brincado com quem não devia. A polícia federal iria se divertir à beça. E, se os acionistas ficarem sabendo, ter um ex-presidiário na diretoria da empresa será o menor dos problemas dele.

Kat não tinha dúvidas. Desde que ela pedira a Ben para ajudar Carter com a reivindicação de sua empresa, Ben tinha trabalhado como um cavalo, cobrando favores e fuçando qualquer tipo de sujeira que pudesse encontrar.

E não levou muito tempo para achar.

– Vocês vão se encontrar amanhã? – perguntou Kat, entrando em seu carro no estacionamento de Arthur Kill.

– Sim. – Ben riu. – Austin deve estar curioso para ter marcado uma reunião em um sábado.

– Você me mantém informada?

– É claro.

– Ótimo. – Kat repousou a cabeça no banco do carro. – Obrigada, Ben. De verdade. Você não tem ideia do que isso significa para mim.

– Claro que tenho, Kat. Por que você acha que concordei em fazer isso?

Kat sorriu.

– Você é meu herói.

– Eu sei. Só se lembre disso quando seu namorado milionário quiser emprestar um dos seus carrões.

– Ele não tem nenhum carrão, Ben – respondeu Kat, rindo.

– Então ele é um bobo. Cuide-se, tá?

– Está bem. Mande um beijo para Abby.

Kat deixou Arthur Kill com uma bagagem no porta-malas e um alvoroço no coração. Depois de encerrar a ligação, ela desligou o celular, ignorando as duas mensagens de voz de sua mãe. Elas não se falavam havia mais de uma semana e, apesar de Kat sentir sua falta, o alívio de não ter que ouvir seu discurso diário incansável era maior que tudo. A culpa tinha ameaçado aparecer, mas Kat a empurrara para o fundo do abismo que continuava aumentando entre as duas.

Este fim de semana seria dela e de Carter. Todo o resto era irrelevante.

A excitação floresceu dentro dela. Ele tinha sido incrivelmente misterioso com relação ao que havia planejado e sobre o lugar onde iriam ficar, dando a ela indicações breves e dicas enigmáticas que ela passara toda a semana tentando desvendar.

Por sorte, o trajeto foi bastante fácil. Kat não era muito boa com direções, mas sabia que estava seguindo rumo à costa, especificamente aos Hamptons, o que a confundia bastante, para dizer o mínimo. West Hampton Dunes era uma região extremamente próspera, repleta de pessoas que faziam mais o estilo labrador, cachimbo e chinelo do que metais, tatuagens e couro. Kat sorriu; tinha certeza de que Carter destoava por completo dali.

Quanto mais perto chegava do endereço indicado no GPS, maiores as casas pareciam. Não que ela devesse ficar surpresa após a confissão de Carter quanto à sua fortuna. Ele poderia bancar, com facilidade, qualquer casa na costa leste e ainda teria grana de sobra. Não que ela ligasse para nada daquilo. Ele podia ter apenas cinco dólares no bolso e ela ainda o ama...

O sorriso dela se alargou, sem medo do rumo que seus pensamentos tinham tomado. Ela aumentou o volume do rádio e cantou junto.

O céu se tornou um rosa e alaranjado deslumbrante acima do agitado mar cinzento e as dunas se estendiam por quilômetros. Apesar de estar frio, Kat abriu a janela e, depois de colocar os óculos de sol, deixou que a brisa do oceano soprasse dentro do carro. O cheiro era maravilhoso. Tinha cheiro de liberdade e diversão. Tinha o cheiro do seu pai. Deus, como tinha sentido falta da praia. Fazia tempo de mais.

Virando uma esquina, Kat deparou com um terreno imenso de areia sobre o qual havia uma linda casa branca de dois andares com telhado azul. A casa era extraordinária, feita de painéis brancos

com uma varanda em torno e sacadas no andar superior. O lugar fazia Kat se lembrar daquelas casas de família enormes que tinha visto no sul quando era criança com Nana Boo.

Parando o carro, Kat desligou o motor e abriu a porta devagar. O ar redemoinhou em volta dela, jogando os cabelos em seu rosto e atirando areia em sua pele. Ela olhou para a paisagem perfeita à sua frente, querendo nada mais que entrar correndo no mar.

■ ■ ■

Carter tinha perdido a conta de quantos momentos em sua vida ele havia sentido decepção ou frustração. Desde o dia de seu nascimento, as duas emoções pareciam segui-lo por onde quer que fosse, correndo paralelamente a tudo o que fazia e a cada decisão que tomava.

Do desejo de sua mãe de "se livrar" dele e sua consequente intolerância com o filho quando criança até o dia em que seu próprio pai o mandara para um colégio interno quando ele tinha apenas 9 anos – apesar de o menininho de cabelos escuros ter suplicado para não ir –, Carter tinha aprendido a se tornar imune à dor.

Ele estava acostumado, deixava para lá e, de muitas maneiras – por mais cínico que parecesse –, Carter tinha começado a esperar o pior das situações e das pessoas. Ao menos dessa forma nunca seria pego de surpresa, e a armadura arrogante e imprudente com a qual se cobria continuaria a protegê-lo de todo o sofrimento que aquela gente à sua volta quisesse lhe causar.

Carter era um cara raivoso e aceitara esse fato específico anos atrás. Ele não gostava disso e odiava sua origem, mas, porra, como é que deveria se sentir depois de tudo pelo que havia passado? Tinha se resignado a ser daquele jeito para sempre.

Bem, isso até Pêssegos ressurgir em sua vida.

Kat.

A mulher fora um enigma para ele desde o princípio. Ela o tinha deixado completamente louco – ainda deixava –, mas, a partir da sua saída da prisão e das mudanças em seu relacionamento com Kat, Carter tinha começado a perceber que, por mais que ela às vezes pudesse irritá-lo, quando a aconchegava, adormecida em seus braços, na cama, Carter vivenciava algo que até então era desconhecido para ele: paz.

Não era como se seu cérebro se desligasse quando ela estava por perto ou como se ele tivesse tido algum tipo brega de iluminação espiritual ao gozarem juntos. O fato era que Kat parecia ajudar a abaixar o volume de seu cérebro. A frustração, a raiva e a decepção que se contorciam dentro dele eram entorpecidas pela presença dela. Podia respirar melhor, relaxar, sentir-se mais ele mesmo – e Carter tinha se deleitado desavergonhadamente com essa recém-descoberta fatia de serenidade.

É claro que sua Kat era um paradoxo. Seu toque e suas palavras o estabilizavam, ao passo que seus beijos o faziam flutuar. Em certos momentos, ela o fazia querer quebrar a cidade toda de raiva, mas também conseguia fazê-lo sorrir como ninguém. Os abraços e carinhos dela o aturdiam tanto quanto os tapas verbais furiosos, e Carter ainda não tinha decidido se a raiva inflamada de Kat o excitava mais do que sua paixão sexual.

A justaposição era intensa e, para Carter, absolutamente perfeita. Assim como ela.

O fogo e a força de Kat, bem como sua ternura e sensibilidade, eram o que a tornava tão especial. Ela podia ser feroz, mas também conseguia ser delicada e calma: fogo ardente e calor relaxante. Carter adorava o fato de ela o manter alerta. Adorava a espontaneidade e a paixão que faiscavam entre eles, e adorava o fato de ela corresponder, com a mesma intensidade, a cada toque, beijo e investida dele.

Ela era tudo o que ele queria ou precisava. No entanto, por mais que devesse estar assimilando seus sentimentos por aquela mulher espetacular, Carter se via completamente apavorado em relação a eles.

Ele era um cagão, sabia disso, mas era o desconhecido, a falta de familiaridade e a vulnerabilidade aos quais ele tinha se aberto que causavam um brilho de suor em sua testa e um alvoroço em seu coração. Sua armadura fora arrancada quando ele se perdeu no corpo de Kat aquela noite.

Kat não a retirara com cuidado e delicadeza. Não. Ela a tinha estraçalhado com uma fome selvagem, toques frenéticos e palavras sussurradas que o abateram, expondo seu peito e seu coração de uma forma perigosa.

Carter não conseguia mais imaginar sua vida sem Kat, e pensar em perdê-la o enchia de um medo quase sufocante. Decepção e frustração não eram nada comparadas à dor inevitável que a ausência dela causaria. Apesar daquela banca de machão agressivo e da atitude não-estou-nem-aí, Carter se abrira completamente. Kat se infiltrara em todos os espaços que ele achava estarem perdidos e selados dentro de si, trazendo-os de volta à vida.

Depois de observá-la pela enorme janela da frente da casa de praia, ele saiu em silêncio pela porta lateral e atravessou a ampla varanda. Ela parecia perplexa. Carter torcia para que fosse de felicidade. Nossa, como ele estava nervoso. Nunca tinha feito algo assim antes e queria que o fim de semana fosse perfeito, uma chance para eles se reconectarem. Respirando fundo, correu até ela. Seu peito se aqueceu quando ela sorriu.

Ele retirou os óculos de aviador dela com delicadeza.

– Aqui está a minha menina – sussurrou ele. – Então, o que achou? – perguntou ele, apontando para a casa com o queixo.

– É maravilhosa – respondeu ela. – Fazia tanto tempo desde a última vez que vim para a praia...

– Imaginei. – Ele coçou o queixo e limpou a garganta. – Lembrei que você falou sobre a praia, sobre seu pai, sobre não vir para cá há muito tempo, e achei que iria gostar.

Kat se atirou nos braços dele, quase o derrubando no chão. Ela jogou os braços em torno de seu pescoço e deu um beijo sedento em seus lábios. Carter a envolveu e a abraçou com força, inspirando cada centímetro dela, todo o seu corpo queimando.

Ele cambaleou para o lado, parando apenas quando seu quadril bateu no carro. Carter grunhiu na boca de Kat quando suas línguas se entrelaçaram e fez um meio círculo para pressionar o corpo macio dela contra o carro. Ela acariciou seu rosto. Carter se esfregou nela como um gato. Não tinha estado dentro dela desde sua noite juntos e estava prestes a enlouquecer. Quando seus quadris giraram nos dela, ela arfou e enrolou as pernas nas coxas dele, querendo-o mais perto. Carter

correspondeu agarrando a bunda de Kat. Sentira falta de tê-la tão perto, tão receptiva. Ele lambeu e mordiscou até que Kat ofegasse e murmurasse seu nome.

– Precisamos parar – sussurrou Kat.

Seu corpo traiu suas palavras quando ela segurou o rosto dele, puxando a boca de Carter de volta para a sua.

– Por quê? – perguntou ele, arqueando a sobrancelha. – Não há ninguém por aqui num raio de quilômetros. Se quisesse foder você aqui mesmo – ele moveu os quadris, fazendo-a arfar –, eu poderia.

Os lábios dela se curvaram para cima contra o rosto dele antes de dar um beijo delicado bem no meio de sua bochecha.

– Obrigada – sussurrou ela.

Carter a fitou, intrigado. Ela estava sensacional com os lábios inchados e o cabelo bagunçado pelo vento.

– Por ter me convidado para vir aqui. Por saber que eu iria adorar.

– Você adorou?

– É tão lindo.

O alívio acalmou o coração disparado dele.

– Quer ver lá dentro?

Com um beijo rápido nos lábios de Kat, Carter a segurou até que seus pés tocaram o chão novamente. Ele pegou a mala de Kat e a guiou pela varanda até a porta de entrada.

Ela deu passos hesitantes pelo corredor, olhando para a escada de madeira que levava ao primeiro piso. Estava calada quando tirou a jaqueta, atravessando a sala de estar, com Carter a seguindo em silêncio. Ela deu uma volta, parando na janela de frente para o mar e os bancos de areia cobertos de grama comprida e amarelada.

Recostando-se na porta, Carter a observou. Ela estava perfeita ali na casa dele. Pensara a mesma coisa ao vê-la pela primeira vez em seu apartamento, mas, de alguma forma, desta vez era diferente. O presente dele estava se fundindo com o passado, deixando Carter estranhamente sossegado.

Depois de levar a mala de Kat até o quarto no andar de cima, Carter voltou e encontrou-a examinando as obras ecléticas nas paredes. Ele sabia, de ter visto os quadros dela, que Kat gostava de aquarelas, mas sua garganta se fechou de pânico quando ela ficou imóvel em frente a uma seleção de fotografias em preto e branco que enfeitava a parede acima da lareira acesa.

– Este é você – murmurou ela, apontando para a foto de um menino usando short e construindo um castelo de areia enorme.

– Sim – assentiu ele, aproximando-se dela. – Eu tinha 7 anos.

Os dedos dela deslizaram pela imagem dele.

– Você está tão feliz. Quem tirou?

– Minha avó – respondeu. – Esta casa era dela. A casa sobre a qual eu falei a você; ela deixou para mim. – Ele deu uma olhada em volta. – Este era o nosso lugar. – Ele ergueu e abaixou um ombro só. – Vínhamos bastante aqui. Só nós dois.

– Ela traz boas recordações para você?

– Sim, as poucas que eu tenho da minha infância são daqui. – Ele engoliu em seco. – Eu queria dividir isso com você.

Ela deu um beijo suave no ombro dele.

Carter beijou o topo da cabeça dela.

– Venha – sussurrou ele. – Vou pegar algo para você beber. Está tudo pronto para começar a preparar o jantar. Você gosta de mariscos, certo?

Quando Kat assentiu com a cabeça, Carter quase encostou sua boca na dela.

– Ótimo, estou morrendo de fome.

As palavras dele eram carregadas de uma ambiguidade inegável, mas Carter não iria se iludir. Os próximos dias não serviriam só para ficar pelado com ela. Tratava-se de mais do que isso. Tratava-se de verdade, honestidade e amadurecimento. Agora que ela havia destruído sua armadura de machão, Carter sabia que precisava mostrar a Kat tudo o que existia debaixo dela. Era desencorajador e assustador, mas ele faria isso por ela. Ele precisava.

Eles se beijaram novamente, com carinho, mas com uma paixão prometida.

– Por que você não vai lá para cima e coloca uma roupa bem quente para não ficar com hipotermia enquanto eu preparo o jantar?

Estranhamente, ela não discutiu nem o questionou.

– Terceira porta à direita – informou ele. – Coloquei sua mala na beirada da cama.

– Obrigada – disse ela antes de desaparecer escada acima.

▪ ▪ ▪

– O que mais?

Kat mordeu o lábio enquanto pensava.

– Anchovas e azeitonas. – Ela fez uma cara de "eca". – E limões. Odeio coisas de limão: torta de limão, molho de limão. – Ela fez uma careta e tremeu.

– Você bebe Sprite – ponderou Carter em meio a uma nuvem de fumaça.

– Isso é diferente – retrucou Kat com um tom que encerrava a conversa.

Carter revirou os olhos.

– O que você odeia? – perguntou ela.

– Tomates – respondeu ele rapidamente –, anchovas, abacaxi, qualquer tipo de peixe exceto mariscos, e macarrão com queijo.

– Macarrão com queijo? – Kat riu. – O que há de errado com você?

Carter franziu a testa.

– Eu odeio aquele troço.

– Certo – aceitou Kat. – Comida preferida?

– Pêssegos.

– Claro, claro.

– Estou falando sério – defendeu ele. – Pêssegos e Oreo. – Ele sorriu. – Filme preferido?

– Não consigo escolher um só.

– Está bem, dois.

– *Os Goonies* e *Forrest Gump*. Você.

– *Os fantasmas se divertem* e *Pulp Fiction* – respondeu Carter enquanto apagava o cigarro. – Disco preferido?

– *Rubber Soul* e *Revolver*, dos Beatles. Sempre foram um álbum só para mim. – Ela gesticulou para que ele respondesse.

– Para mim também. – Ele fez uma careta. – Esses e *The White Album*, empatados.

Eles estavam jogando o jogo das perguntas havia mais de uma hora. Kat observava, de seu lugar na varanda dos fundos, enrolada em um grande cobertor de lã, aconchegada e quentinha, enquanto Carter preparava o jantar na grelha e respondia cada pergunta que ela lhe lançava. O cheiro dos mariscos a rodeava com o vento fresco, misturando-se à maresia e à fumaça do cigarro de Carter.

Além de estar inacreditavelmente sexy com um blusão de lã preto de tricô e jeans escuros, Kat não conseguia acreditar em como ele estava calmo. Parecia estar no lugar a que pertencia, acomodado e livre, como se o peso que carregava consigo na cidade tivesse sido varrido pelas ondas que quebravam na praia a menos de cem metros dali.

– Você parece em paz aqui.

Carter terminou a cerveja.

– É assim que me sinto. Há algo especial na praia. Faz eu me sentir diferente.

– Diferente para melhor?

– Sim. – Os olhos dele brilhavam, tranquilos e gentis. – Fico tão feliz por você estar aqui.

– Eu também.

A comida estava incrível. Kat disse a Carter repetidamente quão boa estava e ele, em resposta, fez comentários obscenos sobre como já tinha ouvido aquelas palavras da sua boca antes. Kat tinha se convencido de que ia ser difícil se adaptar ao Carter brincalhão; estava tão acostumada com o Carter inquieto, sério, malcriado e pavio curto – e ela o amava tanto – que o Carter fofo e querido parecia ridículo. Kat percebeu, nesse caso, que adorava estar errada. A honestidade e o sorriso dele se tornavam cada vez mais fáceis à medida que eles conversavam, empurrando Kat cada vez mais fundo para o mar de emoções que já não a assustavam. Sua única preocupação era se elas iriam assustá-lo.

Depois de lavarem tudo, tarefa durante a qual Carter ficou deslizando as mãos pela bunda de Kat, ele a levou pela varanda até a praia. Estava escuro, mas pequenas luzes cintilantes localizadas dos dois lados da trilha e a lanterna de Carter indicavam o caminho.

Enquanto Kat colocava a cerveja e a sacola que Carter tinha entregado para ela carregar de lado e se sentava na areia fria, Carter começou a acender uma fogueira em um buraco repleto de troncos e toras, utilizando uma lata de fluido, um fósforo e muito entusiasmo. Kat rolou de rir quando viu a expressão extasiada dele ao conseguir fazer o troço pegar fogo.

– Mim. Homem. Fazer fogo para mulher – gritou ele, batendo no peito e apontando orgulhosamente para a fogueira.

Kat o chamou de perdedor completo, o que encorajou Carter a atacar as costelas dela sem

piedade com seus dedos longos e ligeiros. Ele grunhiu no pescoço dela enquanto fazia cócegas e riu quando ela tentou fazer cócegas nele também. Riu alto – uma risada genuína, que veio do âmago.

Foi maravilhoso.

Carter se moveu para que suas costas ficassem encostadas em uma pedra convenientemente localizada ali e puxou Kat entre suas pernas, colocando o cobertor em torno dos dois. Ele pegou as cervejas e um pacote de marshmallows, bolachas salgadas e chocolate em uma sacola. Kat ficou olhando de olhos arregalados para o pacote na mão dele.

– Você trouxe marshmallows?! – exclamou ela.

Carter fez cara de paisagem.

– Hum, temos uma fogueira aqui, Pêssegos. É claro que eu trouxe! Precisamos derretê-los para fazer sanduíches de marshmallow com biscoito e chocolate na praia. – Ele brincou: – É a lei.

Eles comeram ao menos três cada um antes de Kat jogar a toalha e se soltar sobre o corpo de Carter.

– Estou tão cheia. Você sempre me faz comer demais. Vou ficar muito gorda.

Carter estalou a língua perto do ouvido dela.

– Que besteira. – As mãos dele deslizaram por debaixo das camadas de roupa e seguraram a cintura dela. – Você é totalmente perfeita. Adoro sentir você. Além disso, eu ajudo a queimar as calorias depois.

– Tenho certeza disso – respondeu Kat, rindo ao ouvi-lo gemer. – Primeiro, me conte mais sobre a casa e a vida com sua avó.

Carter lhe deu outra cerveja. Ela já estava na quarta e precisava ir com calma. Se o objetivo de Carter era deixá-la bêbada para levá-la para a cama, então ele não estava muito longe de conquistá-lo.

– Fale sobre seus amigos, suas namoradas... Me conte tudo.

Carter riu. Eles continuaram observando as chamas flamejarem e dançarem sob a luz do luar. O vento tinha parado e o céu estava limpo, baixando a temperatura, de modo que a respiração deles era visível. Mas Kat não conseguia sentir o frio, envolvida em sua bolha abençoada.

– Está bem. – Carter esfregou as mãos na barriga dela. – Bom, meus amigos mais próximos trabalham comigo na oficina.

– A oficina de Max? Me fale de Max. Há quanto tempo vocês se conhecem?

Carter sorriu.

– Quase vinte anos.

– Ele é um bom amigo?

– É, sim. Ele morreu de rir quando eu disse que ia trazer você aqui.

Ele parecia confuso, quase triste.

Com uma amizade de duas décadas, era óbvio que havia mais na história deles, mas Kat decidiu não forçar a barra. Assim como descascar uma cebola, ele se revelava para ela de pouquinho em pouquinho. Carter não podia ser apressado. Ele lhe contaria quando estivesse pronto. Tinha que confiar nisso.

– Nunca tive uma namorada – continuou ele. – Nunca estive com meninas tempo suficiente para

garantir um rótulo assim. Talvez seja difícil de acreditar, mas eu era um completo imbecil com as meninas quando era novo.

A autorridicularização dele era adorável.

– Não acredito.

– Acredite.

A diversão desapareceu do rosto dele quando a abraçou mais forte.

Suas palavras eram graves e sérias junto ao ouvido de Kat.

– Quero que saiba de uma coisa. – Ele respirou fundo. – Jamais vou ser desse jeito com você. Prometo. Você merece mais que isso. Estou longe de ser perfeito, mas juro que vou fazer o meu melhor.

Kat relaxou no peito dele.

– Você tem noção de como é uma boa pessoa, Carter?

Carter tocou a ponta de seu nariz no dela.

– Não sou uma boa pessoa, Kat...

– Besteira.

Ela se virou nos braços dele.

Antes que Carter pudesse argumentar, Kat continuou:

– Você salvou minha vida. – Ela contornou os lábios dele com a ponta dos dedos. – Nunca mais me diga que você não é bom.

■ ■ ■

Carter a abraçou ainda mais forte. Ela era tão quente e macia.

– Sentir você é incrível. – Ele traçou um caminho de beijos do pescoço à clavícula dela, lambendo a pele delicada. – Seu gosto é tão bom. Seu cheiro é tão bom. – Kat ofegou o nome dele. – Me diga que eu posso me perder em você esta noite.

Sem dizer uma palavra, ela mexeu a mão e o tocou por cima da calça. Ele grunhiu e mordeu o lóbulo dela. Ela o esfregou com firmeza, causando ofegos de desejo no peito dele, quase fazendo-o gozar com seus movimentos perfeitos. Abruptamente, Kat se mexeu até ficar de joelhos entre as pernas dele, deixando-o duro e dolorido com a pequena distância entre eles. Carter não gostou quando Kat se levantou. Ela pegou o lixo e o cobertor e, com o som de sua risada se espalhando pelas dunas de areia, correu na frente dele em direção à casa.

Ela queria que ele a perseguisse? Que. Comece. O. Jogo.

Deixando que o fogo morresse por si só, Carter pegou o restante do lixo e a cerveja e correu, da melhor maneira que conseguiu, de pau duro, atrás dela, chegando na porta dos fundos quando o vento a bateu. Abrindo-a com um resmungo e largando tudo no chão, ele voou pela casa, sorrindo a cada peça de roupa amassada de Kat pelo caminho.

Seu gorro, suas botas, suas meias, seu cachecol, seu casaco... seu sutiã.

Ela gritou quando os pés pesados dele subiram a escada rapidamente atrás dela, mas tudo o que

Carter conseguiu ver foi um relance de cabelo ruivo enquanto ela corria para o quarto.

Caramba, ela era rápida.

Chutando a porta do quarto e fazendo Kat gritar em um pânico excitado, ele conseguiu segurar o braço dela, puxando as costas desnudas contra seu peito. Ela tentou puxar o ar, mas os gemidos se tornaram densos e rápidos quando a boca de Carter se fechou faminta em seu ombro. Ela ergueu os braços e segurou o pescoço dele, agarrando-o e suplicando por qualquer parte do corpo dele no seu.

– Você vai pagar por isso, minha Pêssegos.

Carter a girou e entrelaçou os dedos em seus cabelos, abafando a boca de Kat com a sua, e, em três passos longos, ele a prensou contra a parede do quarto. Ambos expiraram profundamente. As mãos de Kat estavam em todo lugar. Ela batalhou contra a braguilha dele e envolveu seu pau em sua mão perfeita e quente assim que o libertou. Ele largou sua boca e deixou a cabeça cair para trás. Carter gritou quando o polegar dela passou por cima da ponta úmida, inspirando longamente por entre os dentes.

– Não se eu fizer você pagar primeiro – ronronou ela, lambendo os lábios e se ajoelhando lentamente.

Carter engoliu em seco quando a língua dela o tocou.

– Puta merda.

Essa é a minha garota.

25

O vento estava fresco e o céu, azul na tarde seguinte enquanto Carter e Kat pilotavam Kala por Westhampton. Mais uma vez, ele tinha mantido segredo quanto ao lugar aonde a estava levando, adorando a maneira como ela reclamara por não saber de todos os detalhes. Kat Lane parecia não gostar de surpresas. Ela havia trocado de roupa três vezes só para frisar isso, enlouquecendo-o aos pouquinhos. Ainda bem que ela era bonita pra caramba, ou ele teria lhe dado uns bons tapas para que deixasse de ser atrevida. Ele tinha dito isso a ela, o que a fez rir lindamente, beijando-o com tanta intensidade que ele calou a boca.

Eles rodaram por quase uma hora até Carter começar a ver outras motos à sua frente, seguindo na mesma direção.

Reduzindo a velocidade para poder entrar em uma rua larga de pedras, Carter sorriu quando o cheiro denso de diesel atingiu suas narinas e o som pesado do rock ecoou em torno deles. Em meio a grandes barracas e pequenas tendas havia uma fila de carros possantes que se estendia a perder de vista e, ao lado deles, estavam as Harleys, as Triumphs, as Yamahas, as Ducatis e todos os outros tipos de motocicletas dignas de deixar Carter de pau duro.

Ele estacionou ao lado de um glorioso Corvette amarelo 1969 e desligou o motor. Desafivelou o capacete e o retirou. Kat se mexeu atrás dele. Ele se virou para olhar para ela. Estava adorável, com bochechas rosadas e olhos sonolentos.

Ele acariciou a maçã do rosto dela com o polegar.

– Você dormiu em mim de novo?

Ela resmungou e tirou o capacete.

– É tão relaxante ficar abraçada em você enquanto andamos de moto. É ótimo.

As palavras dela se derreteram em partes secretas e caladas dele.

Kat deu uma olhada em volta.

– Que lugar é este?

Carter se levantou da moto, puxando a perna por cima dela com cuidado, e se espreguiçou.

– Este é o paraíso.

Ele se ofereceu para ajudar Kat e colocou os dois capacetes em um baú removível no banco de trás de Kala.

– A meca dos apaixonados por carros.

– Aqueles carros são lindos – murmurou Kat, olhando para a fila de Mustangs e GTs.

Carter enfiou as mãos nos bolsos e mexeu o corpo sem sair do lugar.

– Max e eu costumávamos vir aqui com o pai dele quando éramos crianças. Eu queria mostrar a você onde meu amor por isso tudo floresceu.

Kat deu um pequeno passo em direção a Carter.

– Então me mostre.

Eles andaram e andaram, e analisaram os carros e as pessoas malucas em torno deles. Carter mostrou suas motos e seus carros preferidos, explicando modelos, torques e potências como uma criança numa loja de doces, babando em uma Vincent Black Night rara.

– Para que são as barracas e as tendas? – perguntou Kat enquanto eles passavam por um belo Ford Torino.

– As maiores pertencem a negociadores de carros e especialistas: GT, Harley e GMC. Eles vendem peças a preços mais baixos que os das lojas. Eles as usam para fazer promoções e para contratar mecânicos, coisas assim. – Ele deu uma olhada complacente para ela. – Riley costumava ter sua própria tenda aqui, sabia?

– Sério?

Carter respondeu apertando a mão dela.

– Ele é meio maluco, mas é um empresário perspicaz. E nunca se gabava disso. Conseguiu alguns belos acordos em peças para mim e me ajudou com minhas outras motos e tal.

Carter a puxou na direção das outras barracas. Ele sorriu quando, após andarem por dez minutos, ela parou na entrada de uma tenda específica que Carter conhecia bem. Kat permaneceu em silêncio enquanto eles observavam uma jovem loura fazer uma tatuagem do lado direito do quadril. Era o emblema da Big Dog Motorcyles e Carter tinha que admitir que era sexy pra caramba.

– Está pensando em fazer uma? – perguntou ele enquanto a envolvia em seus braços.

Ela deu uma espécie de tossida e balançou a cabeça sob o queixo dele. Carter riu.

– Que pena. Acho que você ficaria linda com um pouco de tinta nesse seu corpo maravilhoso.

Ele se esfregou na bunda dela.

– Não dói? – questionou ela, aproximando-se alguns passos, com Carter ainda conectado a ela como uma concha de caracol.

– Nã... Bem, depende da parte do corpo em que você vai fazer, mas é mais um desconforto do que uma dor.

– Em qual parte sua doeu mais?

– Debaixo do bíceps.

Aquela tinha sido sinistra. As do peito também tinham doído, mas Kat não precisava saber disso. Nenhum desgraçado com uma agulha iria chegar nem sequer perto dos seios dela.

Ele colocou o braço por cima do ombro dela, sorrindo quando ela enfiou a mão no bolso de trás da calça dele, e a guiou de volta à multidão, em direção à barraca de comida e bebida. Petey, um cara que Carter conhecia de sua vida de amante de motos, estava de pé em frente à grelha gigantesca, servindo coxas de galinha, bifes, hambúrgueres, costelas, salsichas, costeletas de cordeiro e chili que ele pegava de uma panela enorme. Ele era grande como um mamute, cheio de tatuagens e careca, o que ele sempre escondia debaixo de uma bandana vermelha.

Ele deu um sorriso largo, exibindo os três dentes de ouro.

– Carter!

Carter apertou a mão de Petey.

– Sr. Yates.

– Quanto tempo, meu amigo! Ouvi dizer que você estava em Arthur Kill.

– Infelizmente. Ganhei condicional há algumas semanas.

Petey sorriu.

– Está aqui com Max? Não vejo aquele lá há um tempão. – O rosto dele ficou severo. – Soube o que aconteceu com Lizzie. Que merda complicada.

– É, foi mesmo. – Carter se virou e viu Kat parecendo bastante constrangida e pegou a mão dela, puxando-a para seu lado. – Mas, não, estou aqui com minha...

Que diabos ele deveria dizer? Minha Pêssegos. Minha Kat. Minha mulher. Minha professora?

Ele pigarreou.

– Minha amiga Kat Lane. Kat, este é Petey. Ele é uma lenda por estas bandas, está aqui desde o início dos tempos.

Kat sorriu para Petey e esticou a mão.

– Prazer em conhecê-lo.

– Igualmente. – Petey analisou Kat de forma apreciativa. – Bom, posso com certeza entender por que você é amiga dele. Você é deslumbrante, menina. – Ele deu uma olhada para Carter. – Nunca tinha visto Carter com uma garota antes. Este filho da puta deve gostar muuuito de você.

– É, é – respondeu Carter mostrando o dedo do meio, fazendo Petey e Kat rirem. – Cale a boca e nos alimente, mané.

Com comida no prato e uma cerveja cada um, eles se sentaram em um banco e conversaram, comeram e observaram o mundo girar. Kat fez perguntas sobre o tempo que ele tinha passado com Max e o pai de Max e em que tipo de confusão eles tinham se metido. Ele contou a ela histórias sobre a primeira vez que eles encheram a cara no banco de trás do Camaro vintage primeira geração do pai de Max e como Max tinha passado a manhã seguinte de ressaca, limpando o vômito respingado no volante.

– Parece que vocês dois se envolveram em algumas confusões – concluiu Kat, sorrindo com a cerveja na boca. – Você gosta muito dele, não é?

– Max é osso duro de roer, às vezes. Mas a intenção dele é boa. Ele já passou por muita coisa que não desejo para ninguém.

Carter respirou fundo, forçando-se a contar toda a história, torcendo para que ela não fugisse.

– Você sabe que fui pego com cocaína e, por isso, me mandaram para Arthur Kill por três anos, certo?

Kat assentiu com a cabeça.

– Não era minha.

– O quê?

– Quando tínhamos 16 anos, Max salvou minha vida – explicou ele. – Me tirou do caminho de uma bala durante um roubo de carro que deu errado.

– Meu Deus.

– Eu devia a ele. – Carter ficou olhando para o horizonte. – Antes de eu ser preso, Max tinha uma mulher, Lizzie. Estavam juntos havia anos. Ele idolatrava o chão em que ela pisava. – Carter tomou um gole de cerveja. – Para resumir, Max conseguiu se meter em umas coisas bem sinistras. Drogas. A cocaína com a qual fui preso era uma armadilha. Não era dele; ele não tinha nada a ver com aquilo. Nenhum de nós tinha; mas algum traficante safado, com rancor por sabe-se lá que motivo, avisou a polícia. Fiquei com a fama e os 36 meses de detenção.

Kat piscou.

– Por quê?

Carter expirou pesadamente.

– Lizzie estava grávida.

– Oh.

– Com seu histórico na polícia, se Max fosse pego com aquilo, ficaria detido por anos. Eu não podia deixar aquilo acontecer. Um homem precisa estar com a mulher quando ela carrega um filho dele.

– Então você foi para a cadeia no lugar dele. – Os olhos de Kat cintilaram. – Assim, simplesmente?

Carter prendeu o lábio entre os dentes.

– Não tinha muita coisa rolando na minha vida naquela época. Nada de importante. Não como agora.

– Isso foi... Uau, Carter. Não sei o que dizer.

– Não tem o que dizer. – Ele deu de ombros. – Não fez muita diferença. Pouco tempo depois de eu ter ido para Arthur Kill, Lizzie o deixou.

– E a criança?

A tristeza apertou o coração de Carter.

– Ele morreu.

– Ele?

Carter assentiu com a cabeça.

– Christopher. Filho do Max.

– Meu Deus.

– Noivos, grávidos, planejando a vida juntos, e daí... – Carter fechou os olhos. – Assim, simplesmente. Lizzie ficou muito abalada. Os dois ficaram. – Carter passou a mão na cabeça. – Então ela foi embora. Depois de prometer que ficaria com ele para sempre, ela foi embora sem dizer nada, sem deixar um bilhete. Nada. Max nunca superou perder Christopher e, depois, Lizzie. Agora ele tenta encontrar a resposta para tudo no álcool, na cocaína e nas mulheres. – Carter sacudiu a cabeça. – Ele está em uma espiral para baixo e não faço a menor ideia de como ajudá-lo. Ele não admite que precisa de ajuda. O triste é que também perdi algo no dia em que a Lizzie foi embora.

– O quê?

Os olhos dele encontraram os dela.

– Meu melhor amigo.

Kat deslizou a mão pelo banco e segurou o mindinho de Carter. Sem nenhuma palavra

pronunciada, o toque dela era suficiente.

Ao longo da hora seguinte, ela ficou sentada com o queixo na mão, observando Carter com atenção, sem julgar, interromper ou comentar as coisas que ele lhe contava. Era libertador, purificador, quase como uma terapia se abrir e ser honesto com Kat. Ele parou de falar e deu um sorriso constrangido. Ele a estava entediando horrores com a história de sua vida.

– Nossa, desculpe. Me mande calar a boca.

– Nunca. – Ela suspirou. – Adoro ouvir você. Quero que me fale sobre tudo. Carter, você é... diferente de todo mundo que já conheci. – Kat olhou para as mãos deles, entrelaçadas em cima da mesa. – Tenho uma coisa para perguntar.

– Manda.

– Você sabe que contei à minha avó, Nana Boo, sobre você... e eu.

– Sim – disse Carter, sentindo seu coração apreciar aquelas palavras.

Ele havia gostado da atitude dela. Aquilo tornava o que eles tinham juntos mais real, como se o que compartilhavam fosse válido e verdadeiro.

– Bem...

Ela hesitou e desviou o olhar.

– O que é?

Kat abaixou o rosto e falou com um suspiro longo.

– Ela convidou você para ir a Chicago passar o Dia de Ação de Graças com ela, conosco... Quero dizer, você e eu, nós dois... e eu gostaria muito de levar você para conhecê-la, mas vou entender se não quiser ir. Eu compreendo, eu realmente...

Carter interrompeu a linda tagarelice dela com um beijo ardente. Ele se afastou e sorriu quando viu que seus olhos permaneciam fechados e seus lábios ainda faziam um biquinho carente.

– Você fica maravilhosa quando divaga.

– Para – retrucou ela, abrindo os olhos.

Carter riu.

– Então, está me perguntando se eu gostaria de passar o Dia de Ação de Graças em Chicago com você e com sua avó.

Kat concordou com a cabeça.

– Ainda estou com o carro dela, que preciso devolver; podemos dirigir até lá.

Carter expirou, uma pontada de ansiedade subindo por sua espinha.

– E sua mãe? Ela vai estar lá?

Kat balançou a cabeça.

– Não. Eles sempre passam o Dia de Ação de Graças com a família do Harrison. E o Natal com Nana Boo.

Carter assentiu com a cabeça, embora não conseguisse afastar a sensação de precaução que pulsava em seu peito. E ele tinha que reconhecer: Kat não parecia nem um pouco preocupada. Estava linda e com esperança de que ele dissesse "sim", mas Carter não tinha 100% de certeza da resposta que deveria dar.

– Você não precisa tomar uma decisão agora – disse Kat, percebendo a inquietação dele. – Pense

a respeito.

– Vou pensar – prometeu ele. – Obrigado por me convidar.

– Imagine.

Sombras de palavras não ditas nublaram os olhos em geral cintilantes de Kat.

– Você está bem?

– Sim. – A voz dela era pequenina. – Estou... Estou ótima. Mesmo. Mas quero você só para mim por um tempo. Podemos voltar para casa?

Carter se inclinou no banco e a beijou mais uma vez.

– Sou todo seu. – Ele pegou a mão dela. – Vamos dar o fora daqui.

■ ■ ■

Austin Ford olhou atentamente para seu reflexo no espelho dourado do banheiro privativo de seu escritório e sorriu para o que viu. Ele tinha que confessar: era um cara bonito pra caramba. Seu cabelo era farto e escuro, com um toque grisalho que lhe dava um ar de sofisticação, em vez de velhice. Seu rosto era firme, com rugas de risadas ao redor dos olhos – que lhe conferiam calor –, e seu corpo era magro e elegante, adornado de maneira fantástica por um terno Armani.

No geral, a vida estava uma beleza.

Sim, ele ainda tinha problemas com um membro da família que sempre seria uma pedra em seu sapato. Mas aquela porcaria também seria administrada. Com os amigos que tinha e os favores que lhe deviam, Wes Carter logo estaria atrás das grades novamente. Era só uma questão de tempo. Uma explosão de cabelos ruivos ondulados e grandes olhos verdes brilharam no fundo da cabeça de Ford.

Kat.

Austin sempre se considerara um cara atraente, e perder o afeto de Kat para seu primo imbecil doía mais do que estava disposto a admitir. Que diabos Carter tinha que ele não tinha? Quem dera ele soubesse. Além disso, assim que o bandidinho estivesse atrás das grades e Kat percebesse que furada Carter era, iria querer um ombro amigo para chorar, um cavaleiro para salvar o dia. Os batimentos cardíacos de Austin se aceleraram e suas mãos transpiraram, mas ele organizou as ideias rapidamente. Agora não era hora de pensar em mais nada, só de se preparar.

Ele ajustou o nó da gravata de seda e respirou fundo.

Hora do show.

Austin saiu do banheiro e acenou com a cabeça para Adam, que estava, como sempre, parecendo um garotinho perdido.

– Recomponha-se – censurou Austin. Ele apertou o botão para chamar a secretária no telefone na ponta da mesa. – Precisamos resolver isso.

– Sim – disse seu irmão.

– Pode mandá-lo entrar – ordenou Austin.

Apoiando-se na mesa, Austin olhou bem nos olhos de seu gerente de contabilidade e do

advogado, ambos com expressões sérias de negócios que teriam feito qualquer homem maduro cagar nas calças.

Tudo estava perfeito.

Houve uma batida forte na porta antes de a maçaneta girar e um homem alto e louro, usando um terno Gucci fabuloso, entrar confiantemente no escritório. Austin ficou um pouco consternado com a maneira tranquila como ele entrou, mas disfarçou com um sorriso decidido e esticou a mão.

– Sr. Thomas – cantarolou ele. – Bem-vindo.

– Sr. Ford – respondeu Ben.

▪ ▪ ▪

Ben apertou a mão de Austin com firmeza, mantendo contato visual o tempo todo. Ele não era nem um pouco cagão; já havia estado em escritórios como aquele muitas vezes e estava acostumado a lidar com caras como Ford. Mas o que ele estava prestes a fazer não era nada parecido com o que já tinha feito e, se não fosse tratado com cuidado, poderia ser uma catástrofe total e completa. Pessoas de quem gostava contavam com ele para manter a calma.

Ele engoliu em seco e se acomodou em uma das poltronas ridiculamente luxuosas próximas a uma mesa de vidro enorme.

– Água? – ofereceu Ford enquanto também se sentava.

A boca de Ben estava mais seca que o Saara, mas ele não iria dar a Ford a satisfação de ver quão desconfortável estava.

– Não – respondeu de forma casual, abrindo a maleta e mantendo os olhos fixos no que estava fazendo. – Estou bem. Isto não deve demorar.

Ele ignorou o ruído sarcástico que veio de Ford.

– Sim, tenho certeza que não. Mas você foi um tanto vago nos detalhes quando nos falamos e marcamos esta reunião. Será que poderia fazer o favor de nos explicar exatamente por que está aqui?

– Estou aqui em nome do meu cliente. Sr. Wesley Carter.

O olhar de Ben pregou Ford à poltrona. Ele colocou a pasta em cima da mesa de vidro e observou a aura de arrogância e controle penetrar lentamente no rosto de Ford.

– O motivo pelo qual fui vago com relação a esta reunião, Sr. Ford – começou Ben, apoiando com bastante calma as mãos na mesa –, é porque, como você pode depreender, a situação é delicada.

Ford permaneceu sem mover um músculo.

– Como assim?

Ben sorriu com a tentativa de indiferença e abriu o arquivo de Carter.

– Como sabe, seu maior acionista é o Sr. W. Carter de Nova York, conforme foi determinado pelo testamento da avó de... – Ben olhou para Austin com um brilho no olhar – de vocês.

Ford se recostou na poltrona e cruzou a perna direita sobre a esquerda, pronto para atacar.

– Estou plenamente ciente disso, Sr. Thomas. O que está querendo dizer?

– Estou querendo dizer que meu cliente pediu, em inúmeras ocasiões, que sua participação na

empresa fosse reconhecida com um salário adequado e que sua opinião fosse levada em consideração em todas as decisões da empresa, incluindo aquelas de nível de diretoria. – Ben esperou. Não teve nenhuma resposta além de olhares severos e silêncio. – Ele não obteve nada disso.

– Sr. Thomas – começou Ford em um tom cauteloso. – Seu cliente foi preso e solto várias vezes nos últimos doze anos, sob acusações que variaram de tráfico de drogas a roubo de carros. Tenho certeza de que o senhor compreenderá que não é de interesse da empresa divulgar um comportamento tão inescrupuloso.

Ben deu um sorriso formal.

– É claro, mas, mesmo assim, independentemente de os outros acionistas ficarem sabendo – sobre o que falarei daqui a pouco –, você não acha que é importante pagar ao meu cliente um valor correto ou ao menos oferecer um gesto de boa vontade?

Ford se mexeu na poltrona.

– E o que seria um gesto de boa vontade?

– Um aumento de 60% na renda anual dele, voz ativa nas decisões da diretoria e a garantia de que as ações dele não serão diluídas com ou sem a ameaça de chantagem.

O ar em torno dos dois se tornou sufocante. Um dos homens de terno que estava em pé nos fundos da sala se mexeu, inquieto. Alguém pigarreou.

– Eu tomaria cuidado com a escolha das palavras, Sr. Thomas – alertou Ford. – As paredes têm ouvidos, você sabe.

– Ah – concordou Ben, inabalável. – Eu sei.

Ele largou um punhado de fotos em preto e branco na mesa.

Ford o fitou duramente.

– O que é isto?

– Um seguro – respondeu Ben com muita calma. – Para garantir que esses pedidos serão atendidos sem retaliações ao meu cliente.

– Retaliações? – repetiu Austin.

– Sim.

Ben colocou o dedo na fotografia de cima, que mostrava Austin em um jantar sorrindo e apertando a mão de Raphael Casari, um criminoso condenado pelo FBI por lavagem de dinheiro e tráfico de drogas.

– Pelo que sei, o Sr. Casari não é o tipo de sujeito que alguém iria querer envolvido em um negócio como o seu, a não ser que existissem, vamos dizer, questões mais desonestas por trás.

Ben sorriu.

– Fotografias não provam nada – disse Ford com indiferença.

Ben sorriu do novo.

– Verdade. Mas isto aqui talvez prove.

Ele jogou outras duas pastas na mesa.

Os olhos de Ford passaram por cima delas.

– O que é isto?

– Extratos. – Ben se inclinou para a frente. – Extratos financeiros que, por algum motivo, foram

bem mais difíceis de encontrar que os outros. Sr. Ford, a palavra "desvio" significa alguma coisa para você?

Com aquele soco peso pesado, Ben sabia que o chão sob os sapatos de dois mil dólares de Austin Ford tinha ficado instável. Ele deu mais uma olhada para as fotos e para a pasta e apertou o peito com a mão. Fitou Ben duramente. A ameaça que se espalhava por sua expressão, beliscando e aguçando, era apavorante. Ele não era mais o macho alfa. Estava pressionado contra a parede e não estava gostando.

– O. Que. Você. Quer? – perguntou por entre os dentes.

Os olhos de Ben encontraram o olhar furioso de Austin.

– Meu cliente é proprietário de 60% da WCS Communications, o que é equivalente a 600 milhões de dólares. – Ele arqueou uma sobrancelha. – Se ele fosse sacar essas ações em dinheiro, seria um grande baque para os seus investidores, não é?

– O. Que. Você. Quer? – repetiu Ford em um ofego que transbordava raiva.

– Quero que vocês honrem a proposta benevolente do Sr. Carter, efetivando-a imediatamente. Quero uma confirmação escrita em três vias dessa promessa, assinada por você e pelo seu diretor financeiro, enviada por fax para meu escritório e para meu cliente ao final desta reunião hoje. Quero que os fundos sejam transferidos para uma conta da escolha dele na mesma hora e que seu nome seja colocado de novo na lista pública dos acionistas.

Foi a vez de Ben se inclinar para a frente. Ele abaixou a cabeça e fitou Ford com olhos severos.

– Se isso não acontecer, Sr. Ford, tenho certeza de que a polícia ficaria interessada em saber que tipo de negócios você tem com Casari. – Ele ergueu uma fotografia. – Considerando que ele é procurado pela polícia federal por crimes que datam de uns trinta anos.

Ben soltou a foto, de modo que ela planou elegantemente de volta à mesa, flutuando de um lado para outro em um silêncio gracioso. Ele pegou sua maleta e se levantou ao mesmo tempo que Ford saltou de sua poltrona, chegando tão perto que Ben pôde sentir a respiração dele em seu queixo.

– Vocês estão jogando um jogo muito perigoso, Thomas – rosnou Ford. – Você e Carter. E é melhor que saibam de uma coisa: eu não perco. Eu sempre ganho. Sempre ganho, porra.

– Bom – declarou Ben em voz baixa, olhando-o cara a cara. – Não parece ser o caso desta vez, não é? – Ben se aproximou. – E, um pedido mais pessoal, fique longe de Kat.

Após um instante de silêncio tenso, Ben deu as costas para Austin Ford e caminhou em direção à porta do escritório.

– Isto não terminou, Thomas – disse Austin, fervilhando. – Diga ao seu cliente que isto não terminou!

– Vou dizer – falou Ben em tom casual. – Ah, e aliás – acrescentou, alegre, abrindo a porta e virando-se para Austin –, você pode guardar as fotos e os extratos. Eu tenho cópias.

26

As nuvens se aproximavam escuras e estrondosas quando Carter e Kat chegaram de volta a casa. Os dois correram e gritaram, rindo em meio a palavrões quando os céus se abriram sobre eles. O brilho de um raio fez Kat berrar quando eles finalmente entraram, fazendo Carter rir. Kat mostrou o dedo do meio a ele e começou a tirar as roupas encharcadas enquanto o cabelo escorria em seu rosto.

Ela subiu para se trocar e Carter a seguiu, após ter acendido a lareira na sala de estar, a preocupação marcando cada passo seu. Ela não era a mesma desde que eles haviam saído da convenção. Carter não era o homem mais entendido em comportamentos femininos, mas algo estava errado.

Ele ficou tentando se lembrar em que momento ela havia ficado tão quieta, tão distante. Será que era por causa do que ele contara sobre Max e seu passado? Será que ela se chateara com aquela coisa de ele tê-la apresentado como uma "amiga"?

Com os olhos fixos na porta do banheiro onde ela estava se trocando, ele tirou o jeans e a camiseta e, depois de enxugar a cabeça com uma toalha, colocou a calça cinza de estimação e um moletom azul-escuro do departamento de polícia de Nova York. Ah, que ironia.

Kat ressurgiu momentos depois e largou as roupas molhadas em uma sacola.

– Ben mandou mensagem. A reunião correu bem. Segundo ele, aquelas informações que você passou sobre os negócios de Austin com Casari foram tiro e queda.

– Claro que foram. Nem mesmo Austin é imune a um pouquinho de chantagem.

Kat balançou a cabeça e colocou as mãos nos quadris. Seu rosto ficou vermelho de irritação. Ela estava sexy demais.

– Não consigo acreditar que Beth tentou me juntar com esse cara. Ele é muito mais criminoso que você... E ela ainda tem a audácia de ficar criticando você e...

– Ei. – Foda-se aquilo tudo. Carter não queria perder nem mais um minuto pensando em Austin Ford. – Kat, já passou, está bem? – Ele esfregou as mãos nos braços dela.

– Eu fico tão brava...

– Eu sei. Também fico. Mas ele não vale a pena.

Kat bufou, mas concordou com a cabeça.

– Então ouça – continuou ele. – Acendi a lareira na sala e tenho uma coleção imensa de DVDs. Que tal a gente ver TV, se esquentar, e esquecer aquele imbecil, hein?

O sorriso dela era fraco.

– Me parece ótimo.

Franzindo a testa, ele envolveu a cintura dela com o braço.

– Tem mais alguma coisa incomodando você?

Ela enterrou o nariz no pescoço dele, escondendo o rosto.

– Não.

Carter não estava convencido. Mesmo assim, conteve o desejo de forçar a barra. Ele não estava gostando daquilo, mas que escolha tinha? Confiava nela o suficiente para se abrir; e precisava ser paciente para que ela fizesse o mesmo.

■ ■ ■

De volta ao andar de baixo, Carter serviu um pouco de vinho tinto enquanto Kat permaneceu perto da porta de vidro, observando aquelas nuvens maravilhosas passearem por cima do mar. O céu estava completamente preto.

– Adoro ouvir a chuva quando estou confortável e quentinha do lado de dentro – disse em voz baixa quando um trovão ribombou acima deles.

Carter entregou uma taça a ela.

– Eu também – confessou ele, tomando um gole de vinho. – Vovó e eu costumávamos fazer muito isso aqui.

– Ah é? Eu e meu pai também.

Depois de pegar um monte de petiscos na cozinha, Kat se acomodou enquanto Carter travava uma luta contra o DVD player. Kat riu quando ele mostrou a capa do filme que iriam assistir: *Os fantasmas se divertem.*

– Não acredito que você tem isso! – exclamou ela. Ele se sentou e colocou as pernas dela em seu colo. – Ei, Carter, 1988 ligou. Querem o filme deles de volta.

– É excelente – disse ele casualmente, colocando o filme para rodar. – Cale a boca.

Carter logo ficou envolvido pelo filme, mas tudo o que Kat conseguia fazer era observá-lo. Podia ver a criança que habitava dentro dele em cada ronco de risada. Parecia tão relaxado; em momento algum tirou a mão do joelho dela, acariciando-o com o polegar enquanto bebia, comia e fumava com a outra.

A conexão deles era maravilhosa e permitia que Kat refletisse sobre o dia que haviam compartilhado. Descobrir que ele tinha sido preso no lugar do amigo deixara Kat boquiaberta. Ele era mais leal e altruísta do que Kat poderia imaginar. A confiança e a honestidade dele para com ela eram a coisa mais linda e seu coração precisava lhe dizer isso. Ela deixou os olhos passearem pelo perfil marcante de Carter, sentindo-se pesada com aquela emoção esmagadora.

– No que você tanto pensa aí? – perguntou Carter, os olhos ainda grudados na TV.

– Nada – respondeu ela, pegando um punhado de Pringles.

– Mentirosa. – Ele se endireitou no sofá e a fitou. – Eu já disse antes, você é péssima nisso. O que foi?

Ela balançou a cabeça, o que só fez o sorriso de Carter se alargar ainda mais.

– Tenho maneiras de fazer você falar, sabe disso – ameaçou ele com um brilho malicioso nos olhos.

Ele colocou a taça de vinho na mesa e se moveu como um predador por entre os joelhos dela, abrindo suas pernas e subindo o moletom que ela estava usando até o peito. Com um sorriso, deu um beijo acima do umbigo de Kat. Ela deslizou a mão pela textura aveludada da cabeça dele. As mãos de Carter subiram por sua cintura e a acariciaram lentamente, seus dedos ásperos tocando-a como se ela fosse quebrar.

Kat fechou os olhos.

– Tenho tantas coisas para dizer a você – confessou ela com um longo suspiro.

Carter acariciou sua barriga.

– Então vai me contar o que está incomodando você desde que voltamos?

Kat lambeu os lábios, observando Carter subir pelo seu corpo, dando beijos no caminho.

– Kat – grunhiu Carter, frustrado, subindo até ficar deitado entre as pernas dela, com os braços posicionados dos dois lados de sua cabeça. O rosto dele se contorceu. – Você não gostou de hoje?

– É claro que gostei! – exclamou Kat. – Foi fantástico. Eu me diverti tanto! Adorei ter passado o dia com você. Eu...

Carter brincou com as pontas dos cabelos dela, esparramados pelas almofadas do sofá.

– Foi o que eu disse para o Petey sobre você ser minha amiga?

Ele fez uma careta.

Kat riu.

– Não. Por quê?

– Porque soou ridículo pra caralho. Fui pego de surpresa – respondeu ele. Depois, murmurou no pescoço dela: – Precisa saber que você é muito mais que isso para mim.

O coração de Kat palpitou. Ela colocou as mãos no rosto dele e puxou a boca de Carter para a sua.

– Tire seu agasalho – pediu ela com firmeza. – Quero sentir você.

Carter tirou o moletom imediatamente e a observou admirado enquanto ela também tirava o dela, ficando seminua. Transpirava sensualidade; e a cor de sua pele de porcelana sob a luz fraca despertava nele a vontade de lambê-la dos pés à cabeça.

– Sente-se – ordenou ela roucamente.

Ele obedeceu, boquiaberto, enquanto Kat montava nele e atacava sua boca. Ele gemeu. A sensação da nudez dela contra ele era incrível. Os mamilos de Kat enrijeceram, marcando a pele dele com linhas invisíveis de posse, assim como sua boca declarava sua possessão com cada movimento da língua e dos lábios. As mãos dele se emaranharam nos cabelos dela, segurando-a bem perto.

– Meu Deus, Carter – ofegou ela, enviando faíscas de luxúria pela pele dele. – Quero mostrar a você. Quero...

Ela se levantou de repente, deixando as mãos de Carter segurando nada a não ser ar, e tirou a calça, que formou uma poça a seus pés. Carter gemeu, reconhecendo a expressão no rosto dela, o desejo sombrio em seus olhos. Ela se aproximou da orelha dele e passou a língua no lóbulo. Os dedos dele se moveram entre as pernas dela.

– Nada de provocar – sussurrou ela, afastando-o. – Eu te quero tanto.

Ainda bem.

Ele tirou o pau da calça, segurou os quadris dela com firmeza, fazendo-a montar nele, e a puxou para baixo, deslizando com facilidade para dentro dela. Ambos ofegaram em uníssono quando as luzes piscaram com a força do temporal. Prendendo a respiração, Carter se moveu lenta e profundamente, arrancando um gemido da garganta dela enquanto Kat agarrava seus ombros e cavalgava. Ele segurou o rosto dela com as mãos, grunhindo quando seus lábios se encontraram. Ela tinha gosto de vinho e desejo.

O estouro alto de um trovão sacudiu a casa.

Kat forçou-se para baixo, recebendo-o com movimentos breves e giros lentos da pelve, circundando-o enquanto ele deslizava as mãos pelas curvas de sua cintura até a protuberância deliciosa de sua bunda.

Ela com certeza era uma visão a se admirar. Kat movia-se sobre ele, controlada, gananciosa, dominadora e intensa, deixando-o sem ar. Ele nunca a tinha visto daquele jeito antes. Havia algo nos olhos dela, uma paixão que fazia o coração de Carter disparar e seus quadris se mexerem, e, quando suas bocas se encontraram, aquilo ficou ainda mais quente e poderoso. O fervor com que ela o fodia trouxe todas as emoções concebíveis à tona. Ela estava se soltando de uma maneira que ele nunca tinha visto, selvagem e desavergonhada.

Era magnífico.

Era diferente.

Eles dois juntos era diferente. Era primitivo, quente e arrebatador como sempre, mas o desespero entre eles era tão denso que Carter quase podia sentir o gosto. Como se estivesse lendo seus pensamentos, Kat cavalgou com mais força, arranhando a pele dele com as unhas, curvando as costas, recebendo-o ainda mais fundo, fazendo todo o corpo de Carter pegar fogo.

– Bom pra caralho – disse ele, a voz rouca. – Não pare. Vá até o fim.

Ele continuou murmurando palavras incoerentes, suplicando enquanto envolvia o tronco dela com os braços e movia os quadris para cima, com força. Ela estava sensacional, com a cabeça jogada para trás, gritando, o pescoço alongado. O orgasmo de Carter começou a aflorar, intenso entre suas pernas, subindo para seu estômago, que tensionava e relaxava em microespasmos enquanto eles fodiam.

– Você consegue sentir? – ofegou ela.

Kat se moveu com mais força, fazendo Carter revirar os olhos. Ele pressionou os lábios no ombro úmido dela, concordando com a cabeça, grunhindo.

– Somos nós. Somos eu e você – completou ela.

Ele tentou segurar o orgasmo, mas as palavras dela e a maneira como seu corpo o possuía tornavam qualquer tentativa fútil. Ambos o destruíam completamente de maneiras maravilhosas. Carter lambeu o maxilar de Kat, enrolando os cabelos dela em seus punhos, o prazer vibrando em cada veia, em cada órgão.

Ela se sentou novamente nele, com força, ávida.

Caralho! Carter se perdeu nas sensações que o corpo dela provocava, deliciando-se nela, no que

ela dava a ele.

A umidade, o calor, o coração acelerado quase explodindo no peito.

Os ofegos, os gemidos, as palavras pervertidas, o orgasmo praticamente levando-o à loucura.

E, então, ela estava gritando o nome dele, agarrando-o, contraindo-se em torno dele.

Os quadris dele se movimentaram para cima.

– Goze comigo.

A boca de Kat buscou a dele, faminta e molhada, enquanto os braços envolviam seu pescoço. Ela gemeu e arfou.

– Agora. Agora. Oh!

Quando toda a energia de Carter começou a se desviar para seu pau, ele se largou no sofá, observando, com uma admiração ofegante, Kat continuar a se mover nele. Ela subia e descia, ela pedia e suplicava, ela rebolava e se contraía, ela se movia e arfava, até que, com um berro furioso, Carter se despedaçou dentro dela. A garganta de Carter se fechou enquanto o orgasmo explodia dentro dele como um foguete e sufocava seu corpo com um calor branco, o nome dela saindo de seus lábios em um gemido agonizante.

Luzes ofuscantes o cegaram, enquanto seu corpo se contorcia e tremia debaixo dela. Ele a segurou com firmeza, torcendo para que ela o mantivesse preso à Terra e impedisse que seu coração parasse de uma vez por todas. Ela se contraiu em torno dele, fazendo-o ejacular. Ele jogou a cabeça para trás com um grito de prazer quase doloroso.

– Deus do céu!

– Wes – gritou ela, desmoronando, se debatendo e se retorcendo no colo dele. – Wes. Oh, Deus. *Oh, Deus*. Eu amo você!

Com o clarão de um raio e um estouro ensurdecedor de um trovão, a sala foi imersa na escuridão.

27

Enquanto eles iam parando gradualmente, ainda enrolados um no outro, suas respirações pesadas e ofegantes preenchiam a sala, iluminada apenas pela lareira que ainda flamejava. Os olhos de Carter foram se abrindo, à medida que as palavras de Kat pairavam sobre eles.

Como uma estátua, Kat permaneceu no colo dele. Seus braços continuaram envolvendo o pescoço de Carter e seu rosto se manteve colado no dele. O cérebro de Carter se movia a mil por hora, e ele podia sentir o coração dela batendo no mesmo ritmo do seu.

Ele moveu o polegar com delicadeza, tocando as covinhas deliciosas na lombar dela, e respirou fundo.

– Pêsse...

– Shhh – interrompeu ela em um tom baixo e ansioso. – Só isso. Shhh. Não diga nada.

Ele fez menção de mover a cabeça para poder olhar para ela, mas ela o segurou firme.

– Não se mexa. Por favor.

Confuso, Carter continuou abraçado a ela na mesma posição, aconchegado no calor dela. Ele expirou um tanto trêmulo, preocupado, ao ver que ela permaneceu imóvel e em silêncio. Por que ela estava tão quieta, droga? Será que tinha se arrependido de dizer aquelas palavras para ele? Talvez tivesse sido um mero impulso inspirado pelo sexo incrível que tinham acabado de fazer.

Talvez ela não estivesse falando sério.

Surpreendentemente, o coração de Carter parou com aquele pensamento em particular.

– Kat – suspirou ele. – Por favor.

– Desculpe.

A voz dela era trêmula.

Carter engoliu em seco. Ele a ouviu fungar e tentou mexer a cabeça para olhar para ela, mas Kat era forte demais.

– Kat – suplicou ele. – Olhe para mim.

– Não consigo.

– Por que não?

– Porque eu... não consigo. Eu não devia...

Ao ouvir aquelas palavras, ele segurou os pulsos dela atrás de seu pescoço e os afastou, mantendo o corpo dela próximo ao dele com uma das mãos em seu rosto. O olhar dele perambulou, questionador, pelo rosto de Kat. Viu que ela estava chorando, sua expressão era de dor, e imediatamente uma sensação enorme de desconforto se alojou dentro de Carter.

Ele afastou os cabelos úmidos do rosto dela.

– O que você não devia ter feito?

Se tinha sido apenas um tropeço, então ele queria ouvi-la dizer. Por mais masoquista que isso parecesse, se Kat falara aquelas palavras sem ter a intenção, ele precisava saber. Queria acreditar nela, de verdade, mas havia muitas coisas em sua cabeça que o faziam duvidar. Odiava ter qualquer dúvida, mas não conseguia evitar. Ele havia sido programado daquele jeito: para ser desconfiado e descrente. Carter fechou os olhos por um momento, tentando ao máximo se livrar da incerteza que estava se espalhando por ele.

Kat olhou para baixo, para seus corpos ainda conectados.

– Eu não devia ter dito aquilo.

Carter desabou e a observou enxugar as lágrimas. Ele deixou que suas mãos caíssem ao lado do corpo, derrotadas. A sensação quente de pós-coito dentro dele ficou fria.

– Está tudo bem – disse ele em uma voz rouca. – Acontece.

Ele não fazia ideia se aquilo era verdade, mas queria fazê-la se sentir melhor.

– O que acontece?

Kat colocou a mão carinhosamente no peito dele, contornando a tinta preta cursiva com as pontas dos dedos.

Mantendo os olhos nas chamas que tremulavam na lareira, ele respondeu:

– Tenho certeza de que as pessoas dizem coisas assim o tempo todo. Você sabe, quando se deixam levar pelo momento.

Houve um segundo de silêncio total em que Kat ficou tensa em seus braços. Raios iluminavam a sala.

Os olhos de Carter se fecharam quando a mão dela tocou seu queixo, aproximando o rosto dele do dela.

– Você acha que me deixei levar pelo momento?

Ele deu de ombros.

Kat balançou a cabeça de um lado para outro e limpou a garganta.

– Não me deixei levar, Wes.

O nome dele nunca soava tão bem quanto na voz de Kat. Ele fixou os olhos nos dela, buscando por qualquer relance de mentira, mas tudo o que seus lindos olhos diziam era a verdade.

– Não deixou?

A cabeça de Kat continuava balançando, enquanto ela fazia um "não" silencioso com a boca.

O peito dele se agitou enquanto tentava recuperar a linha de pensamento e a habilidade de falar.

– Por... – Sua garganta se fechou e ele não conseguiu falar. Carter engoliu em seco e tentou de novo. – Se você não se deixou levar pelo momento – murmurou –, por que está pedindo desculpas?

Kat desenhou círculos invisíveis em torno do umbigo de Carter. Ela ficou em silêncio por uma era, deixando-o uma pilha de nervos.

– Pedi desculpas porque não queria ter dito daquela maneira. Eu não sabia se você ia querer ouvir. Estava com medo de que não quisesse ouvir.

Aos poucos, ela ergueu a cabeça.

– Eu não queria falar quando estivéssemos juntos desse jeito.

– Por quê?

– Porque é clichê. Piegas.

– Kat.

Ele segurou os pulsos dela e a empurrou para trás, saindo de dentro dela. Pegou as mãos dela e colocou-as sobre o próprio peito. Carter respirou, se recompondo.

– Você estava falando sério?

A voz dele parecia tão estranha. Ele se sentiu pequeno. Minúsculo. Fraco. Frágil.

Kat encostou a testa na dele. Ela tremeu.

– Sim – sussurrou ela. – Estava. Por tudo o que sou, eu estava falando sério.

■ ■ ■

Dizer aquelas três palavras para ele – por mais assustador e inesperado que tenha sido – havia deixado todo o corpo de Kat mais leve. Ela o amava com cada pedacinho de si, dentro e fora, bom e mau, passado e presente.

Os dedos dele estavam repentinamente no rosto dela, tocando seus lábios.

– Quero ouvir. – Ele sacudiu a cabeça, atônito. – Eu não sabia quanto até agora. Nunca mais se desculpe por dizer isso.

– Mas...

Ele a interrompeu de novo com um beijo ardente que fez seus dedos do pé se apertarem. Era cheio de desejo, gratidão e um gemido longo que vinha de suas entranhas. Queria ouvi-la dizer que o amava. Queria que ela o amasse. O corpo de Kat se aconchegou no dele, aliviado.

– Posso confessar uma coisa? – perguntou Carter baixinho quando seus lábios se separaram. – Você é a primeira pessoa, a primeira pessoa de toda a minha vida a dizer essas palavras para mim.

Kat piscou.

– Mas sua família... – começou ela, provocando uma expressão surpresa e sardônica nele. Certo. É claro que não. – Sua avó? – arriscou ela. – Amigos?

Os olhos de Carter fitaram a boca de Kat.

– Eu sempre fui o "tesouro" da vó; e ela, de fato, me amava, mas nunca disse as palavras. E meus amigos? – Ele riu. – Não somos exatamente do tipo que abraça e troca afagos. Max é como um irmão para mim, mas... Não, não dizemos isso um para o outro.

Kat estava abismada. Como é que o homem à sua frente nunca tinha ouvido alguém lhe dizer que ele era amado? Que tipo de pais permitiriam isso? Como é que ele tinha conseguido viver por tanto tempo sem que lhe dissessem como ele era especial?

Sem palavras, ela o beijou novamente.

– Não se desculpe, pelo amor de Deus – pediu ele. – Ouvir essas palavras de você... Não importa onde ou como as disse. O que importa é que simplesmente disse.

Ela o abraçou forte. Com os lábios perto do ouvido dele, Kat sussurrou mais uma vez:

– Eu amo você.

Ele a apertou e lhe deu um beijo carinhoso no pescoço.

– Obrigado por ter sido minha primeira.

Ela enterrou o nariz nos cabelos raspados dele.

– Obrigada a você por ser o meu primeiro.

Carter se afastou, olhando questionador para ela.

– Eu já disse a outras pessoas que as amava – esclareceu ela. – Você sabe, família. Mas nunca tinha me sentido assim com relação a ninguém, Carter.

O sorriso de Carter iluminou a sala.

– Uau. – Ele lambeu os lábios e soltou a cabeça no encosto do sofá. – Olhe só para você.

Ele continuou encarando-a, mantendo-a prisioneira. Às vezes sua boca se abria para falar, mas ele a fechava de novo.

– Está tudo bem – acalmou ela, descendo as mãos pelas laterais do corpo dele. – Pare de pensar tanto nisso.

O corpo dele tremeu com a risada. Ele beijou a testa dela.

– Você me conhece tão bem.

– Conheço.

Ela se endireitou. Kat conseguia ver a batalha: o medo de acreditar nela e a esperança de que fosse verdade. Seu coração ficou apertado.

– Eu não disse aquilo para ouvir nada de volta. Está tudo bem.

– Mas...

– Não, Carter, é sério, não preciso ouvir isso de você. E não quero que pense que precisa dizer.

Ela acariciou seu rosto.

Carter a encarou.

– Por que você me ama, Pêssegos?

A incompreensão completa na expressão dele doeu em Kat. Ela deslizou o polegar pelo maxilar dele enquanto um trovão estourava no céu.

– Eu o amo porque você é muito especial. – Ela deu um beijo na bochecha direita dele. – Você é generoso. – No nariz. – Atencioso. – No lábio superior. – Intenso. – No lábio inferior. – E você é, sem dúvida, o homem mais lindo que já vi.

Ele encostou a testa no queixo de Kat.

– Deus, eu...

Carter ergueu a cabeça de supetão, os olhos ferozes.

– Preciso mostrar a você quanto... Por que eu... Tem mais.

Ela segurou o rosto dele em uma tentativa de acalmá-lo.

– Me mostre o que quer que queira me mostrar. Não vou a lugar algum.

Ele a ergueu de seu colo. Com o celular iluminando o caminho no escuro, ela correu com as roupas para o banheiro do andar de baixo, se limpou, e voltou para ele a tempo de ele enrolar um grande cobertor em seus ombros. Carter estava segurando uma lanterna.

Ele esticou a mão para ela.

– Venha comigo.

Kat pegou na mão dele e deixou Carter guiá-la escada acima e pelo corredor. Ele parou em frente à terceira porta depois do quarto deles e colocou a mão na maçaneta. Ele a girou e abriu a porta. Ela rangeu alto, como se não fosse aberta há muito tempo. Kat foi atingida por uma rajada de ar gelado e um aroma mofado e antigo.

Com apenas a lanterna e o brilho intermitente da lua em meio às nuvens da tempestade, era difícil enxergar muita coisa. O pequeno quarto estava decorado com papel de parede escuro, interrompido apenas por pôsteres de carros e jogadores de beisebol. Um painel de cortiça estava pendurado ao lado do guarda-roupa, coberto de desenhos e canhotos de ingressos. Lençóis brancos para proteger da poeira escondiam a mobília e a pequena cama estava desarrumada, com o colchão à mostra e sem uso. Kat se virou para olhar para Carter, que a fitava pacientemente.

– Este era o seu quarto – afirmou ela.

Ele iluminou as paredes com a lanterna, parando em uma imagem de uma Triumph. Os dois ficaram em silêncio até que Carter colocou um braço em torno dos ombros de Kat e a levou até a cama, onde ela se sentou. Ele passou a mão nos cabelos dela mais uma vez antes de ir até o guarda-roupa. Resmungou e xingou quando o abriu e começou a tirar caixas de vários tamanhos. Remexeu-as até pegar um livro pequenino preso por um elástico de borracha.

Carter se levantou e voltou para a cama, sentando-se ao lado dela, respirando fundo. Ele colocou o livro nas pernas, agora cruzadas, de Kat, olhando fixamente para ele, como se o livro fosse saltar e atacá-lo. Kat colocou a mão no joelho direito de Carter e deu um aperto reconfortante.

Carter coçou o queixo com a lateral do polegar.

– Isto é uma espécie de... É um diário – gaguejou. – Parece idiota, eu sei, mas depois... – Ele fez uma pausa. – Só acho que vai explicar melhor as coisas.

– Você quer que eu leia?

Carter riu sem alegria alguma.

– Sim, eu... Porra, Kat, não sei.

O nervosismo dele era desconcertante.

– Ok.

Com dedos tensos, ela removeu o elástico do livro enquanto Carter abria a pequena janela do quarto e acendia um cigarro. Kat colocou o elástico na cama e abriu a capa.

O que ela viu a fez piscar de surpresa e engolir um ofego de choque.

A cabeça dela se voltou de imediato para Carter, que ergueu os ombros, desculpando-se.

Colado torto na primeira página amarelada estava um artigo reportando a morte do senador Daniel Lane. Havia uma foto em preto e branco dele e da mãe de Kat tirada no dia de sua eleição. Ele estava tão feliz e tão bonito. Eva estava linda também. Trazia no rosto um sorriso que Kat não via fazia muito tempo. O coração de Kat ficou apertado com a saudade da mãe que tinha dito à filha que ela podia ser o que quisesse.

Os olhos de Kat leram rapidamente o artigo, sabendo o que iria encontrar, os detalhes que iria ler. Palavras saltavam em frente a ela sob a luz da lanterna: “pavoroso”, “perturbador”, “hemorragia

cerebral", "polícia atirou em dois suspeitos". Ela engoliu em seco e deixou que seus dedos deslizassem pelo rosto de seu pai.

Com muito cuidado, certificando-se de não danificar o papel, Kat virou a página. Havia mais artigos detalhando o funeral, a fundação criada em homenagem a seu pai e os eventos a que Eva tinha ido em memória de Daniel. Em cada foto granulada de sua mãe, Kat percebeu como ela envelhecera. A beleza e o resplendor, tão notáveis na primeira fotografia, tinham desaparecido por completo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Enquanto eles percorriam o artigo, Kat percebeu que, todas as vezes que seu nome aparecia, estava sublinhado ou circulado. Era a mesma coisa em todos os artigos, inclusive no primeiro.

Ela continuou folheando o diário em silêncio, observando os artigos que ele tinha coletado. Parou ao deparar com uma página coberta de garranchos. A primeira data era um mês após a morte de seu pai.

Sonhei com ela de novo. Toda vez que fecho os olhos, ela está lá. Ela me assombra e não sei por quê. Desde aquela noite, ela está dentro do meu cérebro. Queria poder tirá-la dali como vovó costumava fazer com o sorvete de chocolate no freezer, mas aí... Acho que eu sentiria saudades dela.

Duas semanas depois:

Senti o cheiro dela hoje. Eu estava com Max e passamos por uma banquinha. Pêssegos. Pêssegos doces. O cabelo dela tinha cheiro de pêssegos. Comprei alguns. Max me chamou de louco. Acho que ele tem razão.

Dois dias depois:

Estou louco mesmo. Sei que estou. Eu a vi. Sei que vi. Mas é impossível.

Natal:

Briguei com meu pai. Ele me chamou de ingrato. Eu o chamei de babaca. Ele encontrou meus cigarros. Fiquei deitado na cama e fechei os olhos e a vi e senti o cheiro do cabelo dela de novo. Doideira, né? Aquilo me acalmou. Acho que se a ajudei aquela noite, então talvez ela não se importasse se eu a usasse dessa forma. Talvez ela não ligasse. Talvez ela nem sequer se lembre de mim.

Kat continuou lendo. As passagens eram curtas, não mais que cinco linhas cada, mas colossais em seus significados. A mão que cobria sua boca aberta e incrédula ficou molhada de lágrimas. Ao

mesmo tempo, a cama se mexeu com o peso de Carter. Ele abraçou os próprios joelhos. Ficou atipicamente imóvel ao lado dela.

Ano-novo:

O mundo, para mim, é o mundo apenas, Graciano:
Um palco onde cada homem representa um papel.
E o meu é triste.

Fevereiro:

Em Belmonte está uma jovem que há pouco recebeu grande herança.
É muito linda e, mais do que esse termo,
De virtudes admiráveis.

– Carter – soluçou Kat ao ler as palavras de *O mercador de Veneza*.

– Me desculpe. Merda. Eu não devia ter... Eu só queria que você entendesse.

– O que você queria que eu entendesse?

Ela precisava que ele explicasse. Ler os pensamentos mais profundos dele era quase demais.

Ele pegou o diário das mãos dela, folheando-o, sorrindo ironicamente de algumas de suas palavras e fechando os olhos com outras.

– Aquela noite – começou ele em voz baixa. – A noite em que nos conhecemos. Foi a mais longa, a mais assustadora da minha vida. – Ele sorriu. – Mas eu não mudaria nadinha, por nada no mundo. – Ele tocou no diário quase como uma reverência. – Eu comecei isto quando tinha 11 anos. Dezesseis anos atrás.

A voz dele parecia distante para os ouvidos de Kat.

Os olhos de Carter pousaram nos cabelos dela.

– Kat, seu cheiro era... Foi como se ele tivesse tomado conta do meu cérebro. Eu não conseguia pensar em mais nada. Ele me acalmava quando eu estava prestes a matar meu pai, e, mesmo quando estava em Arthur Kill, eu retornava àquela noite e pensava em você. Aquelas eram as noites em que eu dormia melhor.

Ele colocou o diário de lado e segurou as mãos dela.

– Não quero assustar você com isso, não mesmo; mas ouvir aquelas palavras e não conseguir dizê-las de volta... – Ele sacudiu a cabeça. – Eu esperava que isto fosse ajudar você a enxergar. – Ele olhou para ela. – Entende, Kat? Entende o que significa para mim?

A emoção a impediu de responder.

– Hoje, quando a apresentei ao Petey – continuou ele com um sorriso torto –, não fazia a menor ideia do que dizer para ele. Pensei em dezenas de rótulos, incluindo "minha namorada", mas isso simplesmente... não parecia *grande* o suficiente. – O rosto dele se contraiu para demonstrar seu

desgosto pela palavra. – E eu não podia dizer "minha Pêssegos" porque esse jeito de chamar você é exclusivamente meu.

Sim. Ela era completamente *dele*.

– Kat – sussurrou ele, puxando-a para mais perto. Suas testas se tocaram e Carter fechou os olhos. – Não sei o que vai acontecer quando voltarmos à cidade. Não faço ideia. Mas o que sei é que não quero mais ninguém além de você. Quero ficar com você pelo tempo que me quiser. Quero mais noites como esta e quero poder andar na rua segurando sua mão e sabendo que, uma vez na vida, todos os outros caras invejam o que é meu.

Kat apertou o moletom com as mãos.

Carter a envolveu em seus braços e sussurrou em seu pescoço:

– Você é tudo para mim, Pêssegos. Sempre foi. *Sempre*. Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. – Ele a beijou. – Você é *meu* tudo.

28

Ir embora da casa de praia foi difícil para Kat. Tantas coisas tinham acontecido naqueles dois dias que eles passaram lá. Ela se agarrou a Carter ao lado do carro, sem querer nunca mais ficar longe dele, mas sabendo que a vida real esperava pelos dois.

A volta para a cidade foi longa e sem muitos acontecimentos, com exceção da hora em que Carter passou com Kala pelo carro de Kat, voando como um morcego fugindo do inferno, costurando por entre o tráfego como um lunático. Ela não sabia ao certo se ele tinha reparado nela, mas como ele ficava sexy pilotando aquela coisa...

Depois de mandar uma mensagem para Carter avisando que tinha chegado bem em casa, ela se preparou para uma noite entediante desfazendo a mala. Ele havia prometido dar um pulo por lá mais tarde, o que, depois de um fim de semana inteiro juntos, ainda provocava um delicioso frio na barriga de Kat.

Fred sorriu quando ela se aproximou do balcão do hall de entrada, a mala fazendo ruídos ao ser arrastada pelo piso de mármore.

– Boa noite, Srta. Lane – cantarolou ele. – Como você está?

– Estaria melhor se me chamasse de Kat – aconselhou ela com um olhar brincalhão.

– Perdão. Kat.

– Meu amigo, o Sr. Carter, virá aqui mais tarde. Pode deixá-lo subir direto, ok?

Fred pegou uma caneta e fez uma anotação.

– É aquele cavalheiro alto com as... tatuagens?

Kat deu um sorriso torto.

– Sim, o próprio; mas ele realmente não é tão assustador quanto parece.

Fred ergueu as sobrancelhas.

– Vou confiar em você.

Kat riu.

– Boa noite, Fred.

– Boa noite, Kat – respondeu ele, tocando no boné.

Ela se virou de costas para a portaria, seguindo na direção dos elevadores. Enquanto Kat apertava o botão para chamar o elevador, uma silhueta se moveu atrás dela, chamando sua atenção. Quando percebeu de quem se tratava, Kat se virou, cheia de raiva.

– O que está fazendo aqui? – repreendeu ela.

O rosto de Beth não demonstrou nenhum sinal de surpresa pela reação de Kat.

– Vim conversar com você.

Kat soltou uma risada sarcástica.

– Não temos nada para conversar.

Ela se virou de novo para o elevador e apertou o botão que já estava aceso, torcendo para que ele se apressasse.

– Você parece bem – murmurou Beth. – Parece muito bem.

– Por que você se importa? – questionou Kat sem mudar o tom de voz. Ela se virou, cruzando os braços defensivamente. – Olha, é melhor ir embora logo. Tenho certeza de que Adam e Austin estão ansiosos para que você volte correndo para contar a eles todos os meus segredos perversos.

– Eles não sabem que estou aqui – respondeu Beth, a ansiedade visível em seus olhos arregalados. – Eu disse a Adam que ia comprar sorvete.

A raiva de Kat se transformou em confusão.

– Lamento muito, Kat. De verdade.

Kat permaneceu indiferente.

– E...? – perguntou ela, erguendo os ombros com desinteresse.

Ela estava intrigada quanto ao que tinha causado aquele ataque repentino de consciência em Beth – e se aquilo fosse uma armadilha, ah, ela iria ver só.

– E eu queria que você soubesse disso.

– Ok – disse Kat, apertando o botão do elevador mais uma vez. – Já pediu desculpas. Agora sua consciência está limpa e você pode ir embora.

Geralmente, a atitude brusca de Kat a faria se sentir mal, mas um pedido rápido de desculpas não apagaria os segredos que pairavam no ar entre as duas como um gás tóxico.

– Você está apaixonada por ele, não está?

Kat ficou imóvel, sem piscar, torcendo para que sua cara de paisagem fosse suficiente.

– Sei que está – disse Beth baixinho. – Posso ver. – Ela se aproximou. – Ele é bom para você? Ele a trata bem?

Kat mordeu o interior da boca. Ela permaneceu em silêncio, lutando contra a vontade de sair correndo para longe dali. Sabia que confiar em Beth seria um erro.

– Você parece feliz – continuou Beth em um tom de que Kat se lembrava com carinho. – O amor lhe cai bem. Sei que ele deve ser um bom homem para fazer você brilhar desse jeito. – Os olhos dela se ergueram até o rosto de Kat. – Sei que pode ser um pouco tarde demais, mas consigo admitir quando estou errada. – Ela suspirou com desânimo. – Adam me explicou algumas coisas. Ele me contou sobre Carter e Austin. A maneira como Austin agia quando eles eram pequenos.

– É – retrucou Kat secamente. – Carter também me falou sobre isso.

O remorso se espalhou pelo corpo de Beth, pesando em seus ombros, deixando-a menor.

– Sei que Carter não é má pessoa e que você está segura com ele. Eu deveria ter confiado no seu julgamento e não confiei. Por isso, peço desculpas.

A paranoia subiu pela espinha de Kat.

– Então agora você pode ir confirmar tudo para o Austin, não é?

– Não foi por isso que eu vim – murmurou Beth para o chão antes de começar a remexer em sua

bolsa. Ela pegou duas pastas marrons. – Eu queria entregar isto a você.

Kat olhou para as pastas.

– E o que é isto?

– São empregos.

Kat arqueou uma sobrancelha, incrédula.

– Empregos de professora com datas de início para depois do Ano-Novo – acrescentou Beth. – Um desses é na escola onde estou trabalhando atualmente. Acho que você se encaixaria perfeitamente... – Ela limpou a garganta e olhou para o teto. – Sei que entendi tudo errado e vou sempre lamentar isso, mas quero que seja feliz e sei que Carter a faz se sentir assim. Mas, se vai ficar com ele, precisa tomar cuidado. Se Austin souber que vocês estão apaixonados, ele pode usar isso...

– Como é que é? Foi você que tentou me juntar com esse cara. Por que, se sabe como ele é?

– Ele não é má pessoa, Kat – respondeu Beth com firmeza. – O que não quer dizer que ele não tome decisões ruins. Ele precisa dar satisfação a muita gente importante, que quer Carter fora de cena também. Ele está sob muita pressão. Ouvi falar da visita de Ben ao escritório. Austin está ficando louco tentando encontrar um jeito de tirar Carter do caminho. Adam disse que nunca viu o irmão tão bravo assim, tão perigoso e... – Ela colocou a bolsa no ombro, respirando fundo. – Só dê uma olhada nas ofertas. Se você é professora do Carter e vocês estão juntos, ambos estão correndo risco. Pense em Ward, na diretoria, na política de não confraternização com a qual você concordou. Há muitas coisas em jogo.

– Você acha que não sei...

Kat calou a boca. Ela já tinha falado demais.

O sorriso de Beth era pequeno, mas consciente.

– Pense a respeito. Estou aqui se você quiser conversar. Podemos ir tomar um café ou... – Beth esticou a mão na direção de Kat, mas a abaixou antes de tocá-la. – Me desculpe, sinto sua falta.

Beth hesitou antes de fechar o casaco. Com mais um olhar arrependido, ela se virou, atravessou o saguão e foi embora.

■ ■ ■

Carter deu um beijo nos cabelos de Kat e acariciou sua têmpora. Eles estavam completamente vestidos, debaixo das cobertas, na cama dela. Carter a colocara ali depois de ela quase tê-lo sufocado quando ele chegou ao apartamento meia hora antes. Ela havia se agarrado a ele, que precisou acalmá-la e tranquilizá-la enquanto ela explicava o que tinha acontecido com Beth.

– Estou com tanto medo, Carter. Tenho medo de que ela esteja fazendo isso para ter provas de que estamos juntos. Tenho medo de que ela vá falar com Austin e ele use isso contra você. Eu nunca pensei que mandar Ben lá fosse... Estou morrendo de medo de que ele o ameace e tire você de mim. E eu não posso... Não posso perder você, eu...

Carter a beijou, engolindo suas preocupações. Os tremores de medo subiam pela espinha dela

sob o toque dele. Ele odiava aquilo. Iria matar Austin se ousasse tirar sua Pêssegos dos seus braços. Ele que tente, aquele filho da puta.

– Ele não pode fazer nada; não vou deixar. – Sua voz ficou sombria, ameaçadora. – Se ele quer a porra daquela empresa, pode ficar com ela. O dinheiro não significa nada. Só o que eu quero é você.

Ela assentiu com a cabeça, sem esperança, transformando a raiva de Carter em pânico. Ele a estava perdendo.

– Não podemos deixar que ele vença – disse, erguendo o queixo de Kat. – Depois desse fim de semana, tem que me prometer que não vai deixar que ele vença.

Ela balançou a cabeça, mas não o convenceu. Carter segurou o maxilar dela.

– Me prometa, gata. Preciso ouvir.

– Não vou deixar que ele vença. Prometo.

Ele grunhiu uma mistura de frustração com desejo.

Sua língua repousava flácida e inútil dentro da boca. Ele apertou os dentes. Por que não conseguia lhe dizer como se sentia? Seu corpo estava em combustão com o turbilhão de emoções que experimentava por ela e ele simplesmente não encontrava palavras para expressar nenhuma delas. Ele beijou seu pescoço e enrolou os dedos em seus cabelos, xingando a si mesmo em silêncio.

– Se eu aceitar algum daqueles empregos, não serei mais sua professora – murmurou Kat tristemente contra a bochecha áspera dele.

Ele pensaria em ter uma nova professora e no antagonismo que sentiria com relação a ela depois. Agora não era hora.

– Mas eu ainda teria você, certo?

Ela deslizou a mão pelo rosto dele.

– Você me teria por inteiro.

Ele agarrou a parte de trás do joelho dela e a puxou para cima, até seu quadril. Ela enfiou as mãos debaixo de sua camiseta, as unhas arranhando as costas dele, enquanto colocava a língua dentro da boca de Carter. Ele podia sentir o gosto do medo de Kat e se afastou com a mesma veemência para acalmá-la.

– Fodam-se eles, Kat – rosnou Carter. – Volte para mim. Fique aqui *comigo*. Agora mesmo – exigiu. – Não pense neles. Pense só em nós.

Havia tanta coisa a discutir. Tanto para pensar. Havia tanta coisa que podia separá-los. Carter apertou os olhos, enviando seu pavor para o mais longe possível. Enquanto estivessem juntos, tudo estaria bem.

– Me faça esquecer. *Por favor* – implorou ela. – Me faça esquecer todos eles.

Carter a deitou, subindo em cima dela.

– Qualquer coisa.

29

Os dias se passaram, se transformando em semanas, e Kat e Carter iam se apegando mais e mais. Com cautela e cuidado, continuaram a se encontrar na biblioteca três vezes por semana, fazendo o que deviam fazer, enquanto à noite idolatravam o corpo um do outro em uma tentativa de manter longe as coisas que ameaçavam destruí-los. Durante aquelas horas deliciosas e abençoadas em que seus membros se emaranhavam e seus nomes se tornavam ofegos frenéticos de prazer, tudo se distanciava, deixando-os imaginar como seria estar juntos sem preocupações nem recriminações.

Carter observava sua Pêssegos atentamente, ciente de que a tensão da situação tinha começado a macular a resolução dela. Por fora, ela parecia a mesma, linda e controlada. Mas ele percebera que, quando estavam juntos, ela o abraçava com um pouco mais de força, o tocava com mais frequência, com mais fervor, como se estivesse morrendo de medo de que o que eles haviam construído fosse desmoronar à sua volta a qualquer segundo.

Carter não era ingênuo. Sabia dos obstáculos e se preocupava tanto quanto ela. Seu primo era um imbecil da pior espécie e com certeza estava planejando uma retaliação que seria certeira e rápida. Max ainda estava se rendendo à cocaína sem se importar com aqueles que se preocupavam com ele, e a mãe de Kat telefonava incessantemente, apesar de Kat insistir em não querer falar com ela.

Toda essa merda em torno da bolha deles não era nada boa. Carter sabia que tinha que ser forte pelos dois. E faria qualquer coisa que o ajudasse a ver aquele sorriso que tanto adorava no rosto de Kat. Esse foi o motivo de ele insistir para que ela desse uma olhada nas pastas de ofertas de emprego, frutos das boas intenções de Beth, quando, duas semanas depois, elas ainda permaneciam intocadas na mesa de centro do apartamento. Foi também o motivo pelo qual ele havia concordado em acompanhá-la quando ela foi devolver o carro da avó em Chicago, a tempo das comemorações do Dia de Ação de Graças.

Ter concordado com aquilo e fazer aqueles programas familiares horrorosos indicavam o quanto ele estava maluco. Mas, na verdade, pensar em Kat longe dele por qualquer período de tempo era torturante. Ele simplesmente teria que agir que nem homem e calar a boca.

A mão pequenina de Kat atravessou o console central do carro e repousou na perna de Carter, que sacudia para cima e para baixo. Sem poder pular do Jaguar de Nana Boo e correr de volta para seu apartamento, Carter se contentou em aniquilar a unha do polegar, que ele roía deselegante e enlouquecidamente.

– Querido, relaxe. – Kat olhou para ele e, depois, tornou a olhar para a estrada. – Vai ficar tudo bem.

Carter bufou.

Bem? *Bem?* Ela estava louca?

A confiança que ela depositava tanto nele quanto na situação era motivadora, mas o cérebro de Carter estava em ritmo acelerado desde que eles tinham deixado o apartamento. Meu Deus, o vômito nervoso e atrapalhado de palavras que com certeza aconteceria quando ele conhecesse o membro da família preferido de Kat era suficiente para revirar seu estômago. Seus nervos estavam prestes a explo...

– Eu amo você.

Os olhos de Carter se fecharam por um breve momento antes de se virarem para a criatura de tirar o fôlego ao seu lado. Sua mão caiu ruidosamente sobre seu colo.

– E Nana Boo também vai amar. – Ela sorriu, os olhos brilhando. – Eu sei.

Como é que ela fazia aquilo? Sabia exatamente o que dizer para acalmá-lo e, apesar de a necessidade de saltar do carro ainda pesar em seu estômago, suas palavras tornavam tudo mais tolerável.

Ele deu um beijo em sua testa.

– Obrigado.

Apesar de o agradecimento parecer um tanto grosseiro e inadequado perante a maneira como ela o fazia se sentir, era tudo o que Carter tinha a oferecer. Ele se recostou no banco, segurando a mão dela com firmeza em sua coxa, os dedos entrelaçados, protegendo-se nela. Respirando fundo, ele ficou olhando pela janela do carro, observando o mundo passar. Eles tinham um longo trajeto pela frente: nove horas, uma parada para passar a noite em um hotel e mais seis horas até Chicago.

Ele olhou para o relógio.

Só faltavam mais oito horas e meia.

Maravilha. Tempo mais que suficiente para se irritar.

O celular tocou no bolso de sua calça. Ele deu uma olhada na tela: Max estava ligando.

– Fala, cara.

– Onde diabos você está?

As palavras de Max eram altas, agudas e mal articuladas.

O idiota estava cheirando às nove da manhã. Aquela merda estava saindo de controle.

Carter suspirou.

– Estou a caminho de Chicago, Max. Onde você está? – O som distante da voz de uma mulher ressoou ao fundo. – Quem está aí com você?

Ignorando a pergunta, Max respondeu:

– O que é que você está indo fazer lá, porra?

O tom de voz dele fez Carter se enervar.

– Dia de Ação de Graças – respondeu com firmeza. – Kat me convidou. Eu contei, lembra? Você disse que ficaria numa boa na casa do Paul.

Max riu, apesar de ter soado sem alegria alguma.

– Ah é. Você e Kat. O casalzinho feliz do caralho.

Lá vamos nós de novo. Houve um ruído na ligação, algo caindo no chão, e risadas agudas que só

podiam ser fruto de agentes químicos.

– Max. Você está bem? O que está acontecendo?

– Não importa – disse ele em tom de censura. – Você claramente tem coisas melhores para fazer, meu irmão. Sempre tem.

Carter se enfureceu.

– Não é verdade. Não seja babaca, Max!

Mas a linha ficou muda. Carter ficou olhando para a tela do celular, incrédulo e raivoso. Ele e Max tinham conversado pouco sobre seu relacionamento com Kat, em especial porque a amargura e a raiva de Max por Lizzie embaçavam sua capacidade de enxergar como Carter estava feliz. Quanto mais apaixonado Carter ficava por Kat, mais ressentido Max parecia ficar. A alegria de Carter aparentava ter pouca importância para Max, que estava envolvido demais em sua própria aflição. E a quantidade de cocaína que ele usava diariamente só exacerbava a situação.

Carter estava de mãos atadas.

Toda vez que se oferecia para ajudar – fosse com dinheiro ou apoio moral –, encontrava resistência. O orgulho de Max era quase tão difícil de penetrar quanto sua teimosia. Carter e Paul tinham discutido uma intervenção – a única saída para Max agora era a reabilitação –, mas ambos sabiam que aquilo só podia acabar mal.

– Está tudo bem?

A expressão de Kat era ansiosa.

– Não.

Carter enviou uma mensagem para Cam e Paul, pedindo a eles que fossem à oficina e se certificassem de que Max não tinha se afogado no próprio vômito ou algo do tipo. Irritado, Carter começou a remexer no rádio, brincando de trocar de estação por uns bons cinco minutos, grato pelo fato de Kat não ter insistido em saber mais.

– Não se esqueça de que você precisa ligar para Diane quando atravessarmos a fronteira – disse ela.

– É, eu sei – concordou ele, recostando-se no banco de couro do Jaguar XJ e deixando que o som de "Good Riddance (Time of Your Life)", do Green Day, relaxasse seus ossos. Carter cantarolou junto e tocou os acordes invisíveis da música na veia azul do pulso de Kat. Ele levou a mão dela até seus lábios e deu um beijo na articulação de seu dedo.

– Me conte o que está preocupando você – murmurou ela.

Ele respondeu com uma erguida rabugenta dos ombros, como se aquilo fosse desencorajá-la a fazer perguntas. A verdade era que não havia como escapar de Kat e de qualquer coisa que ela lhe indagasse. Ele iria continuar preso a um banco de couro creme, afivelado, viajando pelo país a 110 quilômetros por hora.

Que ótimo.

– Me conte.

Carter massageou entre as sobrancelhas.

– Muitas coisas me preocupam. Não consigo pensar em apenas uma.

– Certo. – Ela tentou tranquilizá-lo. – Mas você deveria saber que na realidade não há motivo

para...

A paciência dele se esgotou, as palavras explodindo apressadamente.

– Pelo amor de Deus, sou um criminoso, Pêssegos. É claro que tenho motivo para me preocupar.

Ele não queria ter sido grosso, mas estava mais que irritado. Sua espinha doía e seu estômago estava cheio de nós, alternando entre o medo e o pânico. É, ele estava um caco.

Kat permaneceu em silêncio.

Ele se arrependeu de imediato.

– Olha, merda, me desculpe, gata...

– Não, está tudo bem – interrompeu Kat. – Isso é complicado para você. Desculpe se não lidei com isso de forma adequada, desculpe mesmo. – A sinceridade dela deixou o peito de Carter apertado. – É só dizer que dou meia-volta, se for demais para você. Não quero que se sinta desconfortável assim.

O que ele tinha feito para merecer essa mulher?

– Não quero que dê meia-volta. – Ele respirou fundo, virando-se para vê-la melhor. – Não que não aprecie o gesto, mas quero passar o fim de semana ao seu lado. – Carter passou a mão pela cabeça. – Só quero que sua avó veja que não sou só um... – Ele torceu os dedos no peito, pensando em uma lista de adjetivos não muito lisonjeiros. – Você sabe... E que eu gosto de você.

Kat diminuiu a velocidade quando eles se aproximaram de um cruzamento.

– Ela vai ver. Minha avó é a melhor pessoa que conheço. Ela não julga. – Kat colocou a mão no pescoço de Carter, deslizando o polegar por seu maxilar. – Podemos ser nós mesmos. Você e eu.

– Promete?

– Prometo.

▪ ▪ ▪

Eles estavam a apenas vinte minutos da casa quando o estômago de Carter começou a dar cambalhotas. Suas costas também estavam suadas, o que era ridículo, considerando que estava um frio desgraçado lá fora. Tinha até nevado um pouco.

– Você está bem?

Carter repousou a cabeça no banco, observando Kat dirigir.

– Vou ficar – murmurou ele, pressionando a bochecha no encosto. – Vou ficar observando você até chegarmos lá.

Ela sorriu com os olhos ainda na estrada.

– Como quando você toma vacina contra a gripe, né?

Carter franziu a testa.

– Como?

Kat olhou no retrovisor, trocando de faixa.

– Quando eu era pequena, meu pai me levava para tomar vacinas e sempre dizia que, se eu não olhasse, ia doer menos. Não era tão assustador quando você não sabia o que estava por vir. – Ela

sorriu novamente, seus olhos melancólicos. – Eu me escondia no pescoço dele e rezava para que acabasse logo.

– Funcionava?

– Todas as vezes.

Os cantos da boca dele se ergueram. Ela havia falado muito sobre o pai desde que eles saíram de Nova York. Carter não podia negar que gostaria de ter conhecido Daniel Lane, independentemente de como o homem teria reagido a Carter namorando sua filha.

– Você acha... – Carter enrolou o polegar no mindinho de Kat, esperançoso. – Acha que ele teria gostado de mim?

Kat parou o carro no semáforo, que estava vermelho, e se virou para olhar para ele.

– Acho que você e meu pai são mais parecidos do que eu mesma consigo perceber. Ele teria achado você incrível.

Céus, como ele queria que aquilo fosse verdadeiro o suficiente para apagar o medo sombrio que espreitava debaixo de sua pele.

– Você acredita mesmo nisso?

– Sim – respondeu ela, sem qualquer sombra de dúvida na voz. – Me dá um beijo?

Carter se mexeu para que seus lábios encontrassem os dela. Mantendo os olhos abertos, ele observou os olhos de Kat revirarem. Ele contornou o lábio inferior dela com a língua e suspirou quando ela se afastou e continuou dirigindo.

– Não me lembro de ter tomado minhas vacinas – confessou ele baixinho.

Kat olhou para Carter.

– Não?

Ele balançou a cabeça, tentando se recordar.

Kat arqueou os ombros, fazendo uma voz alegre e indiferente, mas Carter sabia que ela estava com pena dele. A empatia pinicou sua pele como uma picada de urtiga, fazendo seus molares rangerem.

– Talvez isso seja bom – sugeriu Kat. – Tomar vacina é horrível.

Parecia uma coisa tão ridícula de se lembrar. Ele expirou com força ao trazer de volta suas lembranças. Dor. Lágrimas. Solidão. Ódio. Foda-se, pensou ele, quando a raiva começou a crescer. Não havia como mudar o passado. Precisava olhar para a frente, e ter Kat ao seu lado era um passo gigantesco na direção certa. Ele apertou a perna dela, os dedos deslizando pela costura do jeans que contornava a parte interna de sua coxa.

– Carter?

Ela engoliu em seco.

Ele sorriu.

– Sim?

– Chegamos.

Carter virou a cabeça de imediato e viu uma casa de tijolos enorme no final de uma longa entrada de pedras, rodeada de jardins. Seu coração deu um salto ressonante por trás das costelas. Ele ficou

repentinamente desesperado por um cigarro. Passando a mão de maneira frenética pelo próprio corpo, encontrou o maço no bolso da calça e ficou aliviado. Graças a Deus.

De repente, um pensamento terrível passou por sua cabeça: e se a avó de Kat odiasse fumantes?

– Carter?

A voz de Kat parecia estar a quilômetros de distância e, quando se virou para olhar para ela, Carter teve a sensação estranhíssima de estar debaixo d'água, incapaz de respirar.

Kat desafivelou o cinto de segurança.

– Você está bem? Parece um pouco pálido.

Carter esfregou o centro do peito, querendo que suas vias aéreas se abrissem. Não ajudou. Uma onda de suor frio se espalhou por ele, descendo por suas costas como garras geladas. Ele não conseguia respirar. Deus. Seus pulmões estavam se comprimindo.

O que ele estava fazendo? Por que tinha concordado com aquela palhaçada? Não queria fazer isso. Ele não era de conhecer famílias. Era digno de risada, na verdade, pensar que a avó de Kat o aceitaria. Ela jamais o aceitaria porque ele não era bom o suficiente. Ele jamais seria bom o suficiente.

Seu idiota imbecil.

– Ei – disse Kat, tirando as mãos dele de seu rosto e colocando no colo dela.

– Kat, eu... Eu não... – Ele ofegou. – Não consigo.

– Está tudo bem. Estou aqui e está tudo bem. – Kat colocou as mãos no pescoço dele e massageou com os polegares. – Me diga – murmurou ela, beijando as pontas dos dedos da mão direita dele. – Me diga que você sabe o que significa para mim.

Os pulmões dele tremiam.

– Eu sei. Eu sei. Mas...

Kat encostou a testa na dele, segurando-a, segurando-o.

– Não. Nada de "mas". É só nisso que você tem que pensar.

Viu? Era o que sussurrava o tom de voz dela. *Fácil.*

Respirando fundo três vezes, o coração de Carter desacelerou. Focando-se nos dedos de Kat, que desenhavam círculos em sua pele, ele conseguiu se sentar um pouco mais ereto. Precisava se recompor. Não podia permitir que seu medo fosse a primeira coisa que a avó de Kat iria ver. De jeito nenhum.

Ele se inclinou para a frente, capturando os lábios de Kat.

– Desculpe.

– Não tem por que se desculpar. Você está bem agora?

Ele abaixou os olhos para o chão do carro.

– Só não me deixe sozinho, tá?

– Não vou deixar – respondeu Kat com firmeza, dispensando a carência dele com a mesma rapidez com que ele a tinha apresentado. – Venha.

Antes que Carter pudesse pará-la, ela saiu do carro tamborilando animadamente no capô.

– Isso vai dar merda.

Carter abriu a porta do carro e saiu.

Fechou a porta e enfiou as mãos nos bolsos por conta do ar gelado e das memórias repentinas e ainda mais gélidas da casa de sua mãe; aquele presságio que se instalava em seus ossos cada vez que era deixado na porta da frente e via a expressão no rosto dela quando a abria, arrependida e incomodada. Deus, ele era só uma criança, assustada pra caramba e sozinha. Ele engoliu em seco e lutou contra as lembranças. Elas logo foram esquecidas quando a porta da frente se abriu e um cachorro preto e branco enorme saiu correndo, abanando o rabo e balançando a língua.

■ ■ ■

– Reggie! – gritou Kat, abaixando-se.

O cachorro ganiu e latiu de felicidade.

Ela fez um carinho na barriga do vira-lata até que suas patas traseiras estavam se coçando e chutando como um lunático.

– Eu também senti sua falta – arrulhou ela.

– Kat!

Ela ergueu os olhos e viu Nana Boo, usando uma parca enorme, vindo correndo da porta, maravilhosa como sempre. Trevor, seu ajudante, a seguiu com um sorriso caloroso.

– Nana – ofegou Kat, instantaneamente em paz.

Ela se levantou e deixou que a avó a envolvesse em um de seus abraços.

– Meu anjo. – Nana Boo sorriu em meio aos cabelos de Kat. – É maravilhoso ver você.

– Você também.

Kat deu um beijo em seu rosto antes de se afastar. Ela deu uma olhada na direção de Carter, que estava se mexendo sem sair do lugar. Pegou na mão dele e o puxou para junto de si. Carter segurava sua mão com tanta força que doía, mas ela aguentaria tudo para garantir que ele se sentisse protegido e confortável.

– Nana – falou Kat, abaixando o rosto –, este é Carter. Ele é o meu... Wes.

A cabeça de Carter quase caiu dos ombros de tão rápido que ele olhou para ela. Seus olhos estavam arregalados de surpresa, mas o sorriso que ameaçava nos cantos de sua boca perfeita diziam a Kat que aquelas tinham sido as palavras certas.

– É um prazer conhecer você, Carter.

Nana Boo esticou a mão para ele e deu um sorriso eufórico que enrugava seu rosto de mil maneiras diferentes.

Carter limpou a garganta.

– É um prazer finalmente conhecê-la também – declarou ele ao apertar sua mão.

Os braços ávidos de Nana Boo circundaram a cintura de Carter. Ela pressionou o rosto nele e apertou.

– Hum, oi – murmurou Carter enquanto olhava para Kat por cima do chapéu de lã da velha senhora.

Kat sorriu.

– Eu estava tão ansiosa para conhecer o homem que roubou o coração da minha Kat – sussurrou Nana Boo.

Ela deu um passo para trás e passou um dedo sob os olhos lacrimejantes.

– Ai, céus. – Ela riu, notando as lágrimas em sua pele. – Velha boba.

– Nem um pouco – disse Carter com um meio sorriso.

Nana Boo colocou a mão no rosto dele de forma carinhosa.

– Querido, você é mesmo tão lindo quanto ela descreveu.

Ela riu da expressão emudecida no belo rosto de Carter e enganchou o braço na curva do cotovelo dele.

– Vamos entrar. Está frio demais aqui fora. Kat, dê as chaves a Trevor. Ele vai pegar as malas.

Carter puxou Kat, segurando a mão dela como se sua vida dependesse daquilo. Ela deslizou a mão para cima e para baixo em seu braço, acalmando-o. A angústia era quase visível em torno dele, cruel e implacável. Kat sabia de onde ela vinha; ele a carregava consigo como um fardo.

Kat mordeu o interior da boca. O ódio que nutria pela família dele fez seus dentes estalarem. Eles o tinham ameaçado com tanta sordidez. Nunca o amaram, se preocuparam ou cuidaram dele à medida que crescia, e agora ele se achava inferior, sem a menor noção do homem incrível que se tornara. Aquilo era dolorosamente trágico.

– A viagem foi boa? Tudo certo com o carro? – perguntou Nana Boo.

Ela fechou a porta e tirou o chapéu.

– Sim. – Kat se aproximou de Carter, sabendo da necessidade dele por contato físico. – Ele não reclamou de mim como motorista nenhuma vez. – Ela sorriu quando o viu revirar os olhos, seu dedo enrolando uma mecha do cabelo de Kat em seu ombro. – Talvez você o tenha transformado em um fã de Jaguares.

Os olhos de Nana Boo se iluminaram.

– Você gosta de carros?

Carter coçou o pescoço.

– É, eu, hum, eu manjo um pouco.

– Carter gosta de motos também – interferiu Kat, ignorando a olhada severa que ele deu para ela.

Nana Boo arfou.

– Um Steve McQueen da vida real! Oh, acalme-se, meu pobre coração.

Kat riu no ombro de Carter e adorou quando o ouviu soltar uma gargalhada.

– Eu não acho que é para tanto – murmurou ele. – Mas eu gosto, sim.

– Bom, vou lhe mostrar a Triumph que tenho na garagem depois. – Nana Boo piscou para ele. – Vocês precisam de uma bebida quente, crianças.

Carter ficou olhando a velha mulher se afastar a caminho da cozinha.

– Ela tem uma Triumph?

Seus olhos azuis brilhavam.

Kat riu.

– E um Aston antigo. Venha, Steve – provocou ela. – Ela faz um chocolate quente dos deuses.

Sentados ao redor da enorme mesa de madeira de Nana Boo, Kat permitiu que o calor da casa de

sua avó, o amor e a aceitação penetrassem nela, preenchendo as lacunas de vergonha e insegurança que tinham se aberto nos últimos meses. Carter, cuja mão livre estava sempre tocando nela, ficou sentado ouvindo enquanto – antes, durante e depois do jantar de enchiladas e cheesecake de Oreo – Nana Boo contava a ele história após história sobre Kat e suas aventuras de criança. Histórias detalhando Kat caindo de cavalos, subindo em árvores e atirando bolas de beisebol em janelas mantiveram Carter entretido.

Vê-lo tão relaxado, ouvi-lo rir e observá-lo notar, lentamente, que não havia nada a temer era tudo o que Kat poderia ter sonhado. Tudo o que ela queria do fim de semana deles com Nana Boo era que ele percebesse que se encaixava em sua vida. Queria que ele visse que havia pessoas que não se importavam com seu passado e com os erros que ele tinha cometido. Era essencial que Carter entendesse que nem todo mundo os usaria contra ele. Eles não o definiam.

Ela ouviu Nana Boo perguntar a ele sobre seus hobbies, sorrindo quando Carter ficou todo tímido e modesto com relação à sua musicalidade e à sua paixão por todas as coisas velozes e de metal. Ele falou sobre Kala e seu desejo de comprar outra moto, o que levou Nana Boo a contar histórias sobre Kat e seu pai pilotando para cima e para baixo pela praia por horas, simplesmente para ter o som do motor em seus ouvidos e o vento em seus rostos.

– Ela não mudou – pontuou Carter, sorrindo para Kat, fazendo suas bochechas corarem.

Nana Boo foi incrível, rindo e brincando, e sem fazer perguntas que poderiam deixar Carter desconfortável. Ela ouvia com total atenção. Aos poucos, os ombros de Carter relaxaram e seu sorriso começou a aparecer com mais facilidade. Ele passou até mesmo a apertar a mão de Kat com menos força.

Apesar disso, ele ainda tinha que resolver uma questão em particular e Kat sabia que aquilo o estava deixando louco.

Ela sorriu, perspicaz, quando o viu se contorcer pela milésima vez.

– Você sabe que pode ir fumar um cigarro, né?

Carter deu uma olhada de desculpas para Nana Boo.

– Estou bem.

– Trevor costuma fumar na varanda dos fundos, querido – disse Nana Boo, ignorando-o, enquanto colocava uma tigela de Doritos e outra de molho *sour cream* sobre a mesa. – Por favor, sinta-se à vontade. Você está de férias.

Carter analisou os olhos de Kat, buscando permissão.

– Está tudo bem – garantiu ela, achando aquela timidez cativante pra caramba.

– Ok – cedeu ele. Tamborilou os dedos longos na borda da mesa, hesitando. – Preciso ligar para Max também. Eu vou... Não vou demorar.

Ele se levantou e caminhou até a porta dos fundos. Reggie, cujas unhas arranhavam avidamente o piso de madeira, se levantou do lado de Nana Boo e o seguiu. Carter olhou para o cachorro ao seu lado, erguendo uma sobrancelha questionadora. Reggie se sentou e balançou o rabo com animação.

– Ele vai segui-lo – explicou Nana Boo. – Ele gosta de você.

– Certo – murmurou Carter, ainda olhando com alguma desconfiança para o cachorro antes de

abrir a porta e ambos saírem na noite fria de Chicago. Kat ficou olhando para a porta depois que ela fechou.

– Ele é maravilhoso. – Nana Boo bebericou seu vinho tinto. – Ele adora você, querida.

– Eu que *o* adoro – confessou Kat. Ela contornou o pé de sua taça. – Carter estava tão nervoso, Nana. Queria tanto causar uma boa impressão. Eu só queria que ele soubesse que não precisava se preocupar. Ele não consegue se ver com clareza.

– Ele verá com o tempo, Kat. Se ouvir isso o suficiente, ele verá. – Nana Boo sorriu para si mesma. – Carter me lembra tanto... – Ela sacudiu a cabeça.

Kat repousou o queixo na mão.

– Quem?

– Seu pai – respondeu Nana Boo. – Ele é exatamente como Danny quando sua mãe o trouxe aqui pela primeira vez, todo agitado e coçando-se por um cigarro.

– Meu pai fumava?

Kat tossiu na taça de vinho.

– Ele parou quando sua mãe engravidou de você.

Kat olhou para a mesa, sorrindo.

– Eu nunca soube disso.

– Há muitas coisas que posso lhe contar sobre seu pai.

– Por favor – encorajou Kat.

– Seu avô nunca aprovou a escolha de sua mãe. – Nana Boo sorriu, saudosa. – Ninguém era bom o suficiente para Eva.

Kat expirou de maneira sarcástica.

– É, deve ser de família.

Isso fez Nana Boo rir.

– Sim, sua mãe é muito parecida com o pai.

Kat pensou por um momento, considerando todas as formas que a mãe usou para fazê-la se sentir uma completa desgraçada por ter escolhido Carter, por ter optado por Arthur Kill.

– Ela é protetora porque ama você, meu anjo – murmurou Nana Boo, como se lesse os pensamentos de Kat. – Ela morre de medo de perdê-la.

– Ela já perdeu.

– Você não está falando sério, Kat – repreendeu Nana Boo, fazendo Kat se sentir instantaneamente arrependida. Ela girou o vinho na taça. – Então você tem uma entrevista para um novo trabalho – disse Nana Boo, mudando de assunto sem rodeios.

– Em um centro de detenção juvenil no Brooklyn – confirmou Kat. – É para começar no ano que vem.

Aquele emprego tinha sido um dos primeiros que ela encontrara na pasta que Beth lhe entregara e, embora Kat odiasse admitir, parecia perfeito. Eles haviam aceitado sua inscrição de imediato. Apesar de estar um pouco triste por deixar Arthur Kill, Kat estava animada.

– E é isso que você quer? – perguntou Nana Boo.

– Eu quero Carter.

Os olhos de Nana Boo brilharam com o romance daquilo tudo.

– Desde que você esteja feliz. Isso é tudo com que me importo. Sua mãe vai se conformar.

Havia tanta convicção na voz de Nana Boo que Kat quase acreditou.

Apesar das palavras dolorosas que ouvira da mãe e da animosidade que ainda persistia entre elas, Kat daria tudo para tê-la sentada à mesa, tomando uma taça de vinho, sendo compreensiva e feliz. Semanas haviam se passado e as duas ainda estavam em guerra. Para Kat, a raiva tinha dado lugar à tristeza e à aceitação. As coisas entre as duas jamais seriam as mesmas.

Ela mergulhou um Dorito no *sour cream* com a mão cansada, precisando de uma distração.

– Então, me conte mais sobre por que o vovô não gostava do meu pai.

Nana Boo riu.

– Danny tinha uns esqueletos escondidos no armário também, assim como o seu Carter. – Ela fitou Kat atentamente. – Antes de conhecer sua mãe, ele tinha feito coisas das quais não se orgulhava. E seu avô sempre pegou no pé dele por causa disso. Tenho algumas coisas lá em cima nas quais você pode dar uma olhada. Acho que seria mais fácil explicar desse jeito.

– Não é nada ruim, é?

– Não. Não é nada ruim. – Nana Boo hesitou. – Ao contrário de sua mãe, que acha ser desnecessário, acredito que esteja na hora de você saber mais sobre o que eles passaram para ficarem juntos. – Ela colocou a mão sobre a de Kat. – Garanto que não é nada assustador e vai fazer sentido quando você vir o que tenho aqui. – Ela olhou na direção da porta dos fundos. – Só saiba que Carter e seu pai são muito parecidos em vários sentidos.

Antes que Kat pudesse perguntar mais, a porta dos fundos se abriu e Carter entrou correndo, cheio de bolotas de neve cobrindo seu cabelo escuro, seguido por Reggie, que parecia estar congelando.

– Meu Deus, está frio pra caralho lá fora – grunhiu Carter. Ele esfregou a mão na cabeça, respingando água no chão. – Não consigo sentir meus malditos dedos! – Ele parou de repente, percebendo o que tinha dito e na presença de quem. – Merda. – Ele piscou. – Quero dizer, droga, desculpe.

Nana Boo bufou alto e colocou as mãos na boca para abafar os risos.

– Está tudo bem – conseguiu dizer por entre os dedos. – Já ouvi coisas bem piores. Fui casada com o avô de Kat por quase quarenta anos.

Os ombros de Kat sacudiam de tanto segurar o riso. Carter suspirou e voltou para o sofá, onde tomou um gole enorme de sua cerveja.

– Não se preocupe. – Nana Boo conteve uma risada, fazendo um carinho no joelho dele. – Simplesmente seja você mesmo. Você é perfeito do jeito que é.

▪ ▪ ▪

– Tem certeza de que não tem problema?

Carter observou Kat arrastar sua pequena mala de fim de semana para o quarto que eles

dividiriam sob o teto de sua avó, com a avó do outro lado do corredor.

– Sabe – cantarolou Kat –, para um criminoso condenado, você tem ideias pudicas com relação ao nosso relacionamento.

Ele revirou os olhos. Ela entrou saltitando na suíte, tirando o moletom. Pudicas? Claro, era por isso que ele já estava meia bomba só de ver as costas nuas dela.

– Não estou sendo pudico – defendeu-se. – Eu... É a casa da Nana Boo.

Ele se sentou na beirada da enorme cama, tirando os coturnos e as meias.

Carter estava esfregando o rosto, tentando afastar o cansaço, quando Kat emergiu do banheiro, se apoiando no caixilho da porta com uma expressão peculiar no rosto.

– Você a chamou de Nana Boo – sussurrou Kat, passando o dedo pela barra da camiseta da Harley Davidson que tinha colocado. A camiseta de Carter. A bainha tocava em suas coxas suculentas, ao passo que a gola V se estendia por entre seus seios.

– Sim – respondeu Carter, comendo-a com os olhos.

Kat andou até ele. Ela afastou seus joelhos com os dela e colocou as mãos em seus ombros, enquanto ele colocava as suas nos quadris dela.

Ela se abaixou e raspou o nariz na lateral do dele.

– Adoro o fato de você chamá-la assim.

Carter fez um ruído apreciativo quando seus lábios se encontraram, carinhosos e quentes.

– Está se sentindo melhor?

Ela colocou um joelho na cama, entre as coxas dele.

Carter sorriu junto ao pescoço de Kat.

– Estou, sim. – Ele se afastou um pouco, concentrando-se na maneira como os cabelos de Kat se curvavam nas pontas. – Me sinto ótimo. – Indicou a porta com o queixo. – Ela é incrível. – E sacudiu a cabeça, incrédulo. – Ela é simplesmente tão... Bem, a mulher me fez um cheesecake de Oreo! Isso é legal demais! – Ele beijou o maxilar de Kat.

Carter deslizou as mãos pela cintura de Kat e fez cócegas na parte de trás de suas coxas.

– Pela primeira vez em muito tempo – murmurou ele – eu não me sinto como se estivesse perdendo algo. – Ele colocou os lábios nos dela. – Sinto como se eu estivesse no lugar certo.

– Você está – disse Kat. – Seu lugar é ao meu lado.

As palavras dela deixaram o corpo de Carter mole. Ele a abraçou ainda mais e a beijou. Mas deu um pulo para trás, como se tivesse sido pego fazendo alguma coisa imperdoável, quando ouviu uma batidinha na porta. Kat deu um beijo na ponta de seu nariz, desmontou de cima dele e foi até lá para abri-la.

– Desculpe incomodar, querida – disse Nana Boo do outro lado da porta. – Mas eu queria entregar isto a você antes de dormir. São os detalhes sobre seu pai.

Carter inclinou o pescoço para ver além de Kat, mas só conseguiu enxergar um envelope pardo grande e amassado em sua mão.

– Obrigada, Nana.

– Boa noite, meu anjo – cantarolou ela. – Boa noite, Carter – acrescentou com um sorriso permeando suas palavras.

– Boa noite – respondeu ele.

Ela o fazia lembrar-se tanto de sua própria avó que era, às vezes, um pouco assustador. Até mesmo o cheiro dela o deixava nostálgico, todo doce e floral, com os grandes olhos verdes que ele sempre via a cada vez que olhava para sua Pêssegos.

Ele tirou o suéter e a calça jeans. Kat fechou a porta e bateu no envelope com as articulações dos dedos.

– O que aconteceu?

Ele ergueu as cobertas da cama e deslizou para debaixo delas.

– Nada. – Ela ergueu o envelope. – São só umas coisas sobre meu pai. Nana Boo queria que eu desse uma olhada.

– Que coisas?

– Não sei.

Kat segurava o envelope com as duas mãos.

Carter se inclinou para a frente e abaixou a voz.

– Você, hum, quer olhar junto comigo?

Uma expressão de amor intenso e gratidão iluminou o rosto dela.

Carter empurrou o edredom para o lado, passando a mão pelo colchão.

– Venha aqui.

Kat saltitou até a cama e se sentou ao lado dele. Ele colocou o braço sobre seus ombros e beijou seus cabelos enquanto ela abria o envelope. Fez um carinho em seu braço, observando-a pegar diversos recortes de jornal e colocá-los cuidadosamente sobre o colo. Ela os espalhou, parando em alguns que detalhavam a morte do pai, seu funeral e os diversos eventos em sua memória.

Carter puxou Kat para junto de si quando viu uma foto dela tirada na noite do assassinato. Ela estava de olhos arregalados, claramente apavorada, enrolada em um cobertor da polícia que engolia seu corpo pequeno.

– Você era tão pequena – sussurrou ele, passando o dedo pela foto em preto e branco. – Mas tão forte.

Eles passaram alguns minutos olhando os recortes antes de Kat arfar e soltar um palavrão.

– O que foi? – perguntou ele com um sorriso.

Sua boca suja era totalmente sexy. Ele gostava de incitá-la a isso.

– Olhe só.

Ela lhe entregou o jornal, ignorando seus olhares lascivos.

A foto do artigo era da mãe e do pai de Kat, vestidos para impressionar e parecendo como todos os outros casais de políticos que Carter já tinha visto. Contudo, a manchete capturou a atenção de Carter: “Senador Lane cumpriu pena por contravenções”.

Puta merda.

Ele olhou para Kat antes de pegar o recorte e começar a lê-lo. As contravenções iam de pichação, embriaguez, conduta desordeira e posse de narcóticos a – o mais impressionante – roubo de carros. As penas que ele cumprira tinham sido tranquilas, por conta da idade do senador no momento em que os crimes foram cometidos. E ficava claro, pelo tom do artigo, que o passado do

senador só tinha vindo à tona por conta de uma tentativa de manchar seu nome. Mas, mesmo assim, Carter não sabia se ficava satisfeito ou perplexo.

De qualquer forma, ele estava muito intrigado.

– Não consigo acreditar que minha mãe não me contou porra nenhuma – enfureceu-se Kat. – Depois de tudo. – Kat se jogou nos travesseiros. Sua voz ficou mais aguda. – Depois de tudo o que ela falou sobre meu trabalho, sobre você.

Carter pegou todos os recortes e os colocou com cuidado na mesa de cabeceira.

– Como ela pode ser tão hipócrita? – perguntou Kat entre os dentes. – Como pode dizer coisas tão horríveis sobre as minhas escolhas tendo feito exatamente as mesmas que fiz?

– Não são exatamente as mesmas – contrapôs Carter.

Kat arqueou uma sobrancelha.

Carter se mexeu.

– Olha, não estou defendendo o fato de ela não ter contado a você. Isso não é nada justo, mas seu pai roubou uns carros e pichou umas paredes. – Ele deu de ombros. – Comparado a mim, ele está limpo.

Os olhos de Kat ficaram sombrios.

– Não é essa a questão, Carter. Ela omitiu essa informação e fez eu me sentir um lixo por querer ficar com você e por desejar trabalhar em algo que me ajudasse a superar meus medos e me tornasse mais forte. Ela não fez nada além de diminuir a mim, a você e as decisões que eu tomei, enquanto, ao mesmo tempo, sabia que meu pai tinha um histórico criminoso.

Carter segurou seu rosto, numa tentativa de acalmá-la.

– Não se trata de uma competição baseada em quem fez a coisa pior ou cumpriu pena por mais tempo – continuou ela, enojada. – Aos olhos desses idiotas preconceituosos que andam por aí com o nariz empinado, julgando as pessoas, e você e meu pai são iguais. – Ela sacudiu a cabeça. – Minha mãe sabia disso. Por isso não disse nada.

Kat se aproximou de Carter, aconchegando o corpo no dele.

Ele passou com delicadeza o indicador pela ponta do nariz dela, seguindo o contorno do lábio superior que ele sabia que tinha gosto de framboesa.

– Você está brava com seu pai?

– Não – sussurrou ela, contornando o mamilo de Carter com o dedo. – Como poderia ficar? Ele tomou algumas decisões ruins quando era jovem. E daí? Ainda é um dos melhores homens que já conheci. – Ela hesitou. – Como você.

Carter não conseguia tirar os olhos dela. Suas palavras o desmontavam. Não havia como negar. Céus, ela estava tão linda, com seu fervor e seu calor esquentando o quarto ao redor dos dois.

De repente, seu peito se agitou e algo pareceu apertar suas entranhas. Ele se mexeu, tentando amenizar a pressão que crescia em seu corpo, subindo por seu estômago, por sua garganta. Tudo dentro dele ficou imediatamente grande demais, como se alguma força desconhecida estivesse fazendo seus órgãos incharem e se espremerem uns contra os outros. Aquilo o deixou sem ar e lhe deu um frio na espinha. Sua pele se arrepiou e seus dedos dos pés se curvaram em uma súplica ao que quer que aquela porra fosse.

– O que foi? – perguntou Kat, percebendo a angústia dele.

Carter esfregou os olhos com as mãos.

– Só uma indigestão, eu acho.

Kat deu um beijinho carinhoso no umbigo dele.

– Melhor?

Carter agarrou os braços dela, puxando-a mais para perto, para cima de seu corpo.

– Não. Você está longe demais.

Ele a beijou, precisando dela em cima dele, embaixo, cobrindo-o, engolindo-o.

Ele a beijou de forma intensa, inspirando a onda de vida que emanava de seus lábios, capturando o calor e a cor que ela havia trazido à sua vida miseravelmente cinza. Ela retribuiu o beijo, a preocupação evidente no toque gentil de seus lábios. Ela se afastou, seu olhar bailando, analítico, pelo rosto dele.

Carter engoliu em seco.

– Estou bem.

Ele tentou manter a voz calma, tentou mostrar, em seu rosto, que tudo estava às mil maravilhas e o caralho; mas, por dentro, um maldito festival estava acontecendo e, por tudo o que era mais sagrado, Carter não fazia ideia de como pará-lo, nem se queria pará-lo.

30

Kat acordou ao som de batidas que pareciam vir da porta de entrada da casa de Nana Boo. Carter se mexeu com um suspiro alto, seu braço enrolado protetoramente na cintura dela. Ele a segurara a noite toda. Eles não haviam feito nada a não ser ficar abraçadinhos e de conchinha, mesmo que sua ereção dissesse a ela que ele queria muito mais. Havia algo diferente. Ele estava diferente. Alguma coisa tinha aparecido em seus olhos. Alguma coisa irrevogável e grande demais para lidar naquele...

Com o rosto meio coberto pelo travesseiro, Kat olhou para o relógio e viu que eram pouco mais de dez da manhã. Como aquilo tinha acontecido? Deus, ela nem sequer se lembrava de ter pegado no sono.

– Quem é que está fazendo esse barulho, porra? – grunhiu Carter na nuca dela, pressionando sua ereção matinal deliciosa contra a bunda de Kat. – Eles precisam calar a boca e me deixar voltar a dormir, caralho. – Ele bocejou. – Eu estava tendo uns sonhos ótimos.

Kat bufou e se virou para ele, sorrindo ao ver seus olhos adoravelmente sonolentos e passando a mão pela pelve dele.

– Posso sentir o quanto eram bons.

Carter suspirou e ergueu os quadris da cama, buscando a mão dela.

– Não finja que não está adorando.

Kat franziu a testa quando as batidas cessaram de maneira abrupta e o som de gritos, com palavras inaudíveis, ecoaram até o quarto.

Um vinco de preocupação surgiu entre as sobrancelhas de Carter. Ele se ergueu sobre os braços.

– Que diabos está acontecendo?

Kat sacudiu a cabeça, odiando o medo intenso que subia por suas costas.

– Não faço ideia.

Carter ficou a postos, protetor e alerta.

– Vou dar uma olhada.

– Não – disse Kat, segurando seu braço enquanto ele afastava os lençóis. – Eu vou.

– Pêssegos – murmurou ele com um brilho irritado nos olhos.

– Está tudo bem, eu vou...

– KATHERINE!

A bolha em torno dos dois explodiu de forma apocalíptica quando a voz esmurrou a porta do quarto. A pele de Kat se arrepiou em um horror frio, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas, causadas pelo medo e pela fúria absoluta.

– Mamãe.

– O quê? – tossiu Carter, levantando-se de imediato, os olhos arregalados. – Sua... sua mãe?

Kat assentiu com a cabeça, como um robô, apertando as cobertas em suas mãos.

– Katherine, venha aqui! Sei que está aí com ele!

Kat fechou os olhos, incapaz de olhar para Carter; tinha medo de sair do quarto e espancar sua mãe até não poder mais.

– Eva, acalme-se.

A voz de Nana Boo passou por debaixo da madeira.

– Não, não vou me acalmar. Como você pode recebê-lo na sua casa? Como pode permitir que isso aconteça debaixo do seu teto?

– Porque é o *meu* teto, Eva, e sou sua mãe. Não devo obediência a você.

Houve um instante de silêncio; o tom ácido nas palavras de Nana Boo chiavam no ar.

– Melhor eu ir – murmurou Carter, dando a volta na cama.

O coração de Kat afundou até seu estômago.

– NÃO! – gritou ela, saltando da cama na direção dele, prendendo o pé no lençol. – Não, você não precisa ir a lugar algum. Por favor. Não vá.

Ele evitou os olhos de Kat, olhando para além dela, o alarme fazendo o músculo de seu maxilar pulsar.

– Não posso ficar aqui.

– Pode, sim – suplicou Kat, agarrando os braços dele. – Você tem tanto direito de estar aqui quanto eu.

– Kat...

– Se você for, eu vou com você.

Antes que Carter pudesse responder, a porta do quarto se abriu, batendo com força na parede por conta do ímpeto com que foi forçada. Kat se virou e viu a mãe olhando para os dois: Kat usando a camiseta de Carter e ele, apenas com suas tatuagens e uma cueca boxer preta.

– Saia daqui – grunhiu Kat.

– Não vou a lugar algum.

Os olhos de Eva analisaram o estado seminu de Kat.

– Eva – repreendeu Nana Boo. – Já chega.

– Vista alguma coisa e venha para baixo – insistiu Eva por entre lábios apertados, ignorando Nana Boo. Seus olhos lançaram dardos na direção de Carter, fazendo Kat se colocar protetoramente na frente dele. – Sozinha.

– Não vou fazer coisa alguma...

– Agora, mocinha – interrompeu ela.

Eva se virou como um furacão e saiu marchando para fora do quarto, batendo os pés na escadaria.

– O que ela quer, Nana? – perguntou Kat, desesperada para sentir os braços de Carter em volta de seu corpo. Ele não se mexeu.

A imobilidade e o silêncio dele eram assustadores.

– Não sei – respondeu Nana Boo, balançando a cabeça com desânimo. – Me desculpem. Ela ligou perguntando se eu tinha falado com você. Contei que vocês estavam juntos aqui. Eu não fazia ideia de que ela planejava vir... Me desculpem.

– Não se desculpe – disse Kat. – É ela, não você.

Dando uma olhada por cima do ombro, Kat sentiu o estômago revirar quando viu o rosto de Carter: zangado, amuralhado e fechado para todos ao seu redor.

Até mesmo para ela.

– Vou dar um momento a vocês.

Nana Boo saiu do quarto, fechando a porta.

Kat fungou e se moveu na direção da mala, ignorando as ondas de calma perigosa que emanavam de Carter. Quando começou a falar, as palavras saíram rápido, atropelando-se umas nas outras.

– Nós vamos embora. Não quero ficar aqui com ela. Nana pode nos emprestar o carro de novo e vou pegar minha mala; você pode pegar a sua...

– Não – interrompeu Carter.

Ela parou no meio do quarto, imobilizada pelo choque.

– Vá lá embaixo e ouça o que ela tem a dizer.

A voz dele era intensa e direta, mas seus olhos perambulavam pelo quarto, procurando por uma saída.

– Mas podemos ir embora juntos – insistiu ela.

Carter se abaixou para pegar o suéter.

– Não, você precisa conversar com ela, Kat.

A mágoa apertou o coração de Kat. Ela cruzou os braços, segurando-se.

– Por quê? Por que quer que eu converse com ela?

– Por que está na hora de você conversar.

Ela o observou se sentar e colocar as meias.

– Você... não pode ir embora – sussurrou ela. Sua voz se descompôs. – Preciso de você aqui.

– Kat.

– Por favor, Carter. Não dê ouvidos a ela. Tudo o que ela diz... não é verdade. Não é. Por favor.

Sua respiração começou a acelerar tão logo o pensamento de ele sair porta afora se tornou mais vívido em sua mente. Incapaz de se mover por causa do medo de desmoronar, ela ofegou:

– Por favor. Vou falar com ela se você prometer ficar.

Eles permaneceram em silêncio por uma era, olhando um para o outro, nenhum dos dois querendo falar. A atmosfera ao redor deles estava carregada e desconfortavelmente diferente de como costumava ser.

– Pêssegos, eu não posso...

– Você pode.

– Não sou bom o suficiente para vo...

– Não ouse dizer isso, porra! – A tristeza deu lugar à raiva. – Você é bom o suficiente! Céus, você precisa saber disso!

Carter não respondeu e continuou olhando para o chão.

O coração de Kat se fragmentou de dor. Deus, eles tinham voltado à estaca zero.

Kat deu um passo hesitante na direção dele.

– Prometa que vai ficar. Prometa que não vai embora.

Ele cerrou os olhos e mordeu o lábio inferior. Ela queria ouvir as palavras. Naquele momento, isso era a coisa mais importante. Nada mais.

– Carter.

– Ok – respondeu ele com uma voz sem vida. – Prometo.

– Prometo que não vou embora. Diga.

Ele ergueu a cabeça e a fitou, mas algo no fundo do coração de Kat lhe dizia que ele estava olhando através dela, e aquilo doía. Doía tanto.

– Prometo que não vou embora.

Ele estava devastado, destruído; e Kat odiava estar impotente e não conseguir ajudá-lo a se recompor.

– Certo – sussurrou ela. – Certo.

Em silêncio, ela deu a volta no quarto, colocou uma calça jeans e tênis. Amarrou a camiseta dele do lado direito e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo frouxo.

– Já volto. – Ela ficou parada na porta com o envelope pardo amassado na mão. – E aí nós vamos embora.

– Kat, eu...

Ela esperou que ele continuasse, mas, em vez disso, ele estalou as articulações da mão direita e sacudiu a cabeça.

– Não importa.

Com um peso enorme no estômago e o coração despedaçado, Kat abriu a porta do quarto.

– Já volto.

▪ ▪ ▪

Ela entrou com determinação e dignidade na sala de estar, incapaz de compreender quaisquer palavras da discussão obviamente acalorada que estava acontecendo entre Harrison e sua mãe perto da janela. A neve tinha caído durante a noite, cobrindo os jardins com uma manta invernal.

Nana Boo não estava presente, o que agradava Kat. Ela não merecia ver nem ouvir o que estava prestes a acontecer. O fato da mãe de Kat entrar na casa de Nana Boo daquele jeito, e no Dia de Ação de Graças, fez os dentes de Kat rangerem. Fala sério, quem era a mãe ali?

Kat parou com as costas eretas, os braços cruzados, quando Eva a viu.

– Achei que vocês estivessem na casa dos pais de Harrison. O que você está fazendo aqui?

Eva a fitou de volta.

– Não fale comigo desse jeito, Katherine.

– E não me diga o que fazer – retrucou ela. – Como ousa entrar no meu quarto, na casa de Nana, daquele jeito?

Eva sentiu uma pontada de remorso.

– Está tudo bem com Nana. É com você que estou preocupada; furiosa, na verdade.

– Por quê?

– Por quê? Porque minha filha não fala comigo, não atende minhas ligações. Minha filha, que não apenas trabalha em um maldito presídio, mas está andando por aí com... com aquele...

– Cuidado – avisou Kat quando Eva apontou na direção da porta.

Eva ficou branca e uma faísca de mágoa acendeu seus olhos.

– Estou aqui para pôr um basta nisso.

Kat bufou.

– Você tem noção de quão ridícula está sendo?

– Ridículo é você colocar toda a sua carreira, sua reputação e quem sabe até mesmo a sua vida em risco por causa de um delinquente, um desperdício de...

Kat voou na direção da mãe, parando a poucos centímetros dela.

– Não fale dele desse jeito!

A proximidade de Kat e a ferocidade que emanava de cada poro seu fez Eva recuar.

– Se acalmem – disse Harrison ao lado dela. Ele ergueu a mão na direção do ombro de Kat, mas a abaixou. – Vocês duas, por favor, se acalmem.

Eva engoliu em seco.

– Você pode não acreditar, mas estou fazendo isso porque amo você, Katherine. O presídio não é bom para você. Ele não é bom para você.

– Você nem sequer o conhece – censurou Kat. – Nunca deu a ele uma chance.

Eva estava incrédula.

– E como é que eu poderia fazer isso se você estava fazendo tudo pelas minhas costas? Tive que saber pela Beth e pela Nana!

– E é realmente um mistério o porquê de eu não ter contado a você!

– Porque sabia que era errado! – retrucou Eva. – Pelo amor de Deus, você poderia se complicar tanto.

– Acha que não sei disso?

O rosto de Eva se contraiu, confuso.

– Então por que está...?

– Você não fez nada além de me colocar para baixo desde que comecei a trabalhar em Arthur Kill. Nada do que realizei desde que aceitei aquele emprego foi bom o suficiente para você; até mesmo o homem que amo é uma decepção aos seus olhos.

Eva bufou.

– Oh, por favor, você não o ama.

– Com todo o meu coração – declarou Kat em tom de súplica. – Você não sabe o que tenho passado nesses últimos meses, mãe. Como é difícil encarar meus maiores medos em Arthur Kill, confrontar o que me manteve acordada nos últimos dezesseis anos.

Eva fez uma careta.

– Mas Carter esteve lá, comigo, me ajudando e cuidado de mim quando ninguém mais o fez. – Kat

virou o rosto na direção do teto, furiosa por sua mãe nem sequer ousar chorar. – Quando saí daqui naquela noite, foi Carter quem cuidou de mim, e nunca, em momento algum, ele disse ou fez nada comigo que justificasse essa mesquinharia da sua parte.

– Ele é um criminoso.

– Como meu pai?

Eva deu um passo cambaleante para trás. O rosto dela era de choque completo, mas os olhos brilhantes diziam a Kat que era um xeque-mate.

Kat empurrou o envelope amassado no peito da mãe.

– Fico imaginando... – disse Kat. – Será que o ódio do vovô fez você se afastar do homem que amava ou será que a jogou direto nos braços dele?

Eva ficou olhando para o envelope em suas mãos.

– Você devia ter me contado, mãe. Não era papel da Nana me contar sobre o passado do meu pai – falou Kat, com raiva. – Em vez de me julgar, de julgar o Carter, você deveria ter sido honesta comigo primeiro. – Ela desejou que as lágrimas retrocedessem. – Como pôde mentir? Como pôde fazer eu me sentir tão sozinha?

– Eu nunca quis isso – respondeu Eva. – Eu só... Só quero você protegida, Katherine. Você é tudo o que eu... Eu não contei porque queria o melhor para você.

– Carter é o melhor para mim. Talvez ele tenha tomado decisões ruins, mas é um bom homem e eu o amo.

Eva fechou os olhos.

– Não importa. Não posso perder minha filha também. Não vou perder. Você está se arriscando demais!

– Carter não é perigoso! – explodiu Kat. – Meu Deus, mãe. Ele me protege desde que eu tinha 9 anos!

A expressão de Eva se tornou perplexa.

– Como assim?

– Você não acreditaria em mim mesmo que eu contasse. Você não confia em nada do que digo.

– Isso não é verdade – argumentou Eva. – Eu só...

– O que, mãe? – Kat bufou, exasperada. – Se preocupa? Fica assustada? Adivinhe só. Eu também.

Eva se aproximou.

– Me ouça, Katherine. Venha para casa comigo. Vamos conversar. Não posso continuar brigando com você desse jeito. Quero que a gente volte a ser como era antes disso tudo. – Ela juntou as mãos. – Você não vê? Isso tudo é por causa daquele maldito emprego, por causa dele.

Kat mordeu a língua, contendo o sarcasmo que ameaçava sair.

– Preciso ficar com Carter.

Ela se virou e seguiu em direção à porta.

– Katherine, espere!

Kat parou, respirou, e se virou lentamente.

– Converse comigo – implorou sua mãe, a dor permeando seus traços. – Quero... melhorar essa

situação. – A frustração e a mágoa eram visíveis na forma arqueada de seus ombros. – Odeio o fato de estarmos assim. Eu quero... Quero minha filha de volta. Por favor. Eu amo você.

Kat lutou contra a vontade de correr para a mãe e buscar conforto em seus braços. Céus, ela estava cansada. Elas nunca haviam brigado daquele jeito antes, nunca tinham estado tão distantes uma da outra. Mesmo depois da morte do pai de Kat, quando Eva se enclausurou, as duas ainda compartilharam momentos de afeto e esperança. Parte do coração de Kat queria que houvesse uma solução para todos os problemas que as separavam agora, mas ela sabia que isso não iria acontecer. Coisas de mais tinham sido ditas. Não havia ponte longa o suficiente para atravessar o abismo que as separava.

– Até que você reconheça que Carter faz parte da minha vida, não posso aceitar isso, mãe.

Sem esperar que Eva respondesse, Kat correu escada acima, precisando voltar para Carter, para que ele dissesse a ela que tudo ficaria bem. Precisava dele por perto, precisava sentir o cheiro dele, sentir a pele dele na sua. Precisava dos lábios dele em sua boca e da voz dele em seu ouvido.

O corredor para chegar até ele pareceu de repente ter um quilômetro de distância. Ela esfregou a dor terrível que tinha se instalado em seu peito e abriu a porta do quarto, parando no vão, e prendeu a respiração.

Vazio.

Ela chamou o nome dele.

– Katherine, por favor – continuou a mãe dela do corredor, depois de segui-la escada acima.

Mas Kat não respondeu. Rapidamente, ela entrou na suíte.

Vazia.

Com o coração esmurrando suas costelas, ela voltou correndo para o quarto, gritando o nome dele.

A mala não estava lá.

Kat passou pela mãe, empurrando-a enquanto ela ainda murmurava palavras como “pazes” e “amor”, e voou escada abaixo, correndo para a porta dos fundos.

Cigarro. Ele está fumando um cigarro. Ele prometeu.

– Carter?

A porta dos fundos se escancarou, exibindo apenas uma camada grossa de neve nos amplos jardins.

Vazios.

– Kat?

Kat se virou, quase tropeçando em si mesma, quando viu o rosto gentil e preocupado de sua avó.

– Nana, onde ele está?

Ela balançou a cabeça, surpresa.

– Não sei, querida. Achei que estivesse no seu quarto.

– Não, ele não está lá. – Kat ofegou. – Ele me prometeu, Nana.

Kat pegou o celular no bolso e correu pela cozinha em direção à porta da frente.

– Por favor, atenda – murmurou ela antes que caísse na caixa postal.

Seu pânico atingiu proporções épicas quando ela abriu a porta da frente e só encontrou mais

quietude. O ar explodia de sua boca em grandes plumas cinzentas no ar frígido, enquanto seu olhar buscava desesperadamente o corpo alto e forte de Carter na vastidão branca.

Com olhos que derramavam lágrimas assustadas e raivosas, só o que Kat conseguia ver era um rastro de pegadas grandes que atravessavam a entrada de carros, indo para longe da casa.

Para longe dela.

■ ■ ■

A tela do celular de Kat iluminou todo o quarto quando ela apertou o botão de rediscagem mais uma vez.

Caixa postal.

Ela piscou as pálpebras pesadas sobre olhos pesados e molhados.

Ela não tinha notícias de Carter há doze horas. Nenhuma mensagem, nem ligação. Silêncio.

Sua cabeça latejava, seu coração estava dilacerado e seu corpo, exausto de preocupação. Cada parte de seu corpo doía. O vazio era paradoxalmente esmagador.

Mesmo assim, após muitas lágrimas derramadas e centenas de passos caminhados, ela não culpava Carter por nada daquilo. Como poderia? Não poderia culpá-lo por encontrar uma saída, uma escapatória. Foram necessárias seis horas, diversas ligações histéricas e um sem-número de mensagens de texto para que Kat reconhecesse isso. Mas ela havia reconhecido.

Carter botava uma banca de imperturbável, desprovido de emoções e indiferente, mas Kat sabia que ele não era nada daquilo. Ele era irremediavelmente sensível e frágil.

Se havia algum culpado, esse alguém era Kat, que o colocara em uma situação na qual ele se sentia claramente desconfortável. Ela devia ter ouvido seus instintos e lido a ansiedade nos olhos dele. Ela queria lhe mostrar que ele era bom o suficiente, provar a si mesma que podia ajudá-lo, que era forte o bastante para apoiá-lo.

Ela fora tão egoísta.

Sim, ele tinha prometido, Nana Boo disse quando Kat se deitou no colo dela. Sim, ela havia confiado que ele estava falando de coração, mas a verdade é que não estava. Ele só prometera porque ela o obrigara. Ele sabia que ela precisava daquilo e tinha dado a ela. Ela não teria falado com a mãe se ele não a tivesse obrigado e, em muitos sentidos, Kat estava feliz por terem conversado.

Não que houvesse obtido muito resultado.

Roma não se fez em um dia, afinal de contas. Suas conversas após a partida de Carter foram desconfortavelmente forçadas e curtas, mas pelo menos aconteceram. Kat tinha visto, claro como água, no rosto de sua mãe: ela sabia que sua presença tinha forçado Carter a ir embora. E, admitisse ela ou não, parte de Eva tinha que se sentir responsável.

Kat se virou de barriga para cima, apertando o celular com força contra o peito. Olhando pela janela, viu que a neve ainda caía. Não podia evitar certa angústia ao imaginar onde Carter se encontrava, se estava em segurança. Ela ligara para o aeroporto, mas o voo marcado não tinha sido

alterado. Não fazia ideia se ele tinha pegado outro voo para casa, mas algo dentro dela lhe dizia que não. Kat decidira, depois de arrumar a mala, que iria embora da casa de Nana Boo e pegaria seu voo agendado para a tarde seguinte.

Nana Boo, é claro, havia implorado que ela ficasse, dizendo que o Dia de Ação de Graças deveria ser passado com a família. Mas, na verdade, estar na mesma casa que sua mãe, depois de todos os acontecimentos, simplesmente não fazia sentido para Kat. Ela mandara uma mensagem para Carter dizendo a ele onde estaria, caso ele voltasse para procurá-la, e saiu de lá.

Família ou não, ela precisava de espaço, quietude, tempo para pensar.

Assim como Carter tinha precisado.

Deus, o que ele deve ter sentido, ouvindo a mãe de Kat dizer aquelas coisas? As palavras de Eva aniquilaram cada pedacinho de certeza e autoconfiança que Kat e Nana Boo tinham ajudado a construir em torno de Carter no dia e na noite anteriores. Ela fechou os olhos. Céus, ela só queria dizer que o amava.

Não importava se ele nunca mais quisesse ter nada com ela; Kat precisava que ele ouvisse isso.

Ela se permitiu derramar mais algumas lágrimas por um tempo. Eram lágrimas por Carter e pela dor que ele com certeza estava sentindo. Lágrimas de raiva da mãe por ter feito aquilo com o homem que ela amava; lágrimas por Nana Boo e a situação horrível na qual ela havia involuntariamente se envolvido; e lágrimas por seu pai.

Como sentia a falta dele!

Ela lamentava tanto que ele não estivesse lá.

Ela lamentava tanto por tudo. Estava tão triste e tão cansada.

Antes que pudesse pensar mais em toda a confusão em que se encontrava, um sono abençoado e silencioso a dominou.

▪ ▪ ▪

Houve um barulho.

Aninhado na beirada da consciência de Kat, em um local entre a sombra e a luz, entre a realidade e os sonhos, havia definitivamente um barulho.

Em meio a uma névoa sonolenta, Kat jogou o braço para fora da cama, em busca do relógio, em uma tentativa de desligar o...

Toc toc toc.

Piscando para afastar o sono que grudava seus olhos, Kat se levantou, desorientada, ficando ciente de sua localização.

A suíte favorita da Nana Boo. O Hotel Drake, Chicago.

Com o celular agora sem bateria ainda apertado em sua mão e as roupas quentes e úmidas do suor do sono, ela se moveu até a beirada da cama. Kat acendeu o abajur, submergindo o quarto em uma luz elegante. Ela prestou atenção, franzindo a testa de frustração, querendo que seu cérebro se sacudisse e acordasse para que ela conseguisse se concentrar adequadamente.

Não havia nada.

Silêncio.

É claro que só havia silêncio. Por que ela tivera esperanças de haver qualquer outra coisa?

Talvez tivesse sido um so...

Toc toc toc.

Kat se levantou da cama e atravessou o quarto até a ampla sala de estar da suíte, acendendo as luzes enquanto passava. Quem poderia ser? Ela não se lembrava de ter pedido serviço de quarto. Xingando-se por não ter reparado em que horas eram, Kat arrastou os pés até a porta, esfregando o rosto ao mesmo tempo que ajeitava o cabelo desgrenhado.

Toc toc toc.

– Só um segundo – disse Kat ainda sonolenta. – Estou indo.

Ignorando o olho mágico e resmungando sobre as várias fechaduras na porta, Kat ainda estava falando com os próprios pés quando finalmente abriu o troço.

– Desculpe – disse ela, suprimindo um bocejo. – Eu estava dormindo. Qual o prob...

As palavras de Kat morreram em sua garganta quando seus olhos viram a figura alta e inesperada em pé à sua frente. Ele sequer estava em pé, na verdade; estava apoiado na porta, com água pingando do queixo e das laterais de seu rosto cansado.

Seu rosto lindo, perfeito.

– Carter – gritou Kat, zonza, desequilibrada, e ainda acreditando que estava sonhando. – Onde é que... O que...

Os olhos dela desceram pelo corpo dele, incrédulos. Suas roupas estavam encharcadas, grudadas em seu corpo forte, e as articulações de seus dedos estavam brancas por conta do frio. Seus lábios estavam tingidos de azul-escuro e, enquanto o fitava com os olhos agora arregalados, Kat percebeu que ele estava tremendo.

– Meu Deus, você está congelando – exclamou ela, caindo em si. – Entre e...

– Não – censurou ele, sacudindo a cabeça e lambendo a água que caía em seus lábios. – Não posso.

O coração de Kat disparou.

– Por quê?

Ele manteve os olhos no chão. Tremia dos pés à cabeça e um ruído doído saiu de algum lugar fundo dentro dele.

– Carter, você vai ficar doente – ponderou Kat. – Por favor.

– Não! – disse ele em voz alta, alta demais para um hotel adormecido. – Eu preciso... – Ele abaixou a cabeça. – Tenho algo a dizer primeiro.

Os joelhos de Kat começaram a ceder. Era aquilo que ela mais temia. Ele a estava deixando de vez. Seu coração pulou e seus órgãos internos se contraíram, preparando-se para o impacto devastador das palavras dele.

Ela limpou a garganta e expirou.

– Por favor, me deixe dizer algo antes.

Ela entendeu o silêncio dele como uma aceitação, apesar de seus olhos permanecerem grudados

no carpete azul royal suntuoso sob seus pés.

Fechando os olhos e rezando para conseguir fazer aquilo, ela começou a pensar em todas as coisas que queria dizer a ele.

– Eu sinto muito, Carter – começou ela. – Sinto muito por tudo. Eu não devia ter trazido você aqui. Foi egoísta da minha parte. Minha mãe foi... Tudo o que ela disse é besteira, eu juro. Ela é a única que pensa aquilo. Eu a odeio pelo que ela disse. Odeio por ela fazer você duvidar de tudo o que eu já lhe disse. E não culpo você. Não o culpo por ter ido embora porque eu teria feito o mesmo, e sinto muito por não ter conseguido protegê-lo das coisas de que tinha tanto medo. Céus, eu sinto muito mesmo.

Kat apoiou a testa na porta, morrendo de medo de que aquela fosse a última coisa que diria para ele na vida. Mas ela falara o que precisava.

– Sinto muito também – disse ele, fazendo Kat erguer a cabeça. Ele ainda estava olhando para os próprios pés.

– Você não tem por que...

– Me deixe terminar, droga – repreendeu ele, fechando bem os olhos. – Preciso dizer isso sem você me interromper nem discutir comigo, está bem?

– Sim – concordou Kat de imediato.

– Tenho muitas coisas para me desculpar – disse ele entre os dentes, pressionando o punho cerrado contra a parede. – Eu estou... Isto é... Você é... Você é tudo para mim e sinto muito por ter sido tão idiota a ponto de acreditar que poderia ser bom o suficiente para você.

Kat apertou os lábios e colocou a mão na boca para impedir que as palavras de protesto saíssem.

– Sinto muito por ser fraco. Eu não consigo... Eu... Você me abala, Kat. As coisas que me diz. A maneira como... me ama. Elas provocam coisas em mim, suas palavras... me fazem sentir como ninguém nunca me fez sentir. Sinto muito por ter feito tudo errado, eu fui um desgraçado – *sou* um desgraçado. Nunca vou poder apagar meus erros. Odeio isso, mas jamais conseguirei apagá-los. Sou quem sou por causa desses erros.

Ele apoiou ainda mais o peso do corpo na porta. Kat ficou imóvel, desesperada para tocá-lo, reconfortá-lo.

– Sinto muito por ter ido embora – sussurrou ele. – Não devia ter ido, sei que prometi, mas foi... difícil pra caralho. – Ele pressionou a testa contra a parede. – Eu estava morrendo de medo que... ah, eu sabia que devia ter simplesmente ficado no quarto para não ouvir nada, mas eu queria saber o que ela... Peguei minha mala e fui embora – admitiu ele. – Saí de fininho como esse covarde desgraçado que sou. Não sabia o que mais podia fazer. As paredes estavam me comprimindo.

– Carter.

– Me senti enojado quando a ouvi dizer aquelas palavras – continuou ele. – Enojado porque sabia que ela estava certa. Sei que você não concorda, mas ela é sua mãe, Kat, e se preocupa com você. Ela não quer a filha com alguém como eu, e entendo isso; realmente entendo. Porra, isso me mata, mas... entendo. – Ele ergueu um ombro. – Concluí que seria melhor para todo mundo se eu fosse embora. – Seus cílios longos tocavam as maçãs de seu rosto. – Eu não devia estar aqui, caralho.

E ele ficou parado ali, calado, sem se mexer.

Tudo o que Kat ouvia eram as batidas de seu coração. Sua pele estava pegajosa e um pavor impotente apertava seu estômago sem parar.

– Então... Por que está aqui?

O canto da boca de Carter se contraiu.

– Sair daquela casa, Kat, foi a coisa mais difícil que já fiz na vida. – Ele colocou a mão no peito, sobre o coração. – Quando saí senti essa dor, como uma, não sei... Era... Me deixava sem ar. E quanto mais me afastava de você, mais dolorido ficava. Eu... pensei que estava morrendo.

Ela sabia exatamente do que ele estava falando. Não havia nada além de dor para Kat desde o momento em que percebeu que ele tinha ido embora.

– Eu andei e andei – continuou Carter. – Estava tão bravo comigo mesmo. Sabia que tinha que continuar andando; e tentei. Você tem que acreditar em mim. Tentei com todas as forças. Mas, meu coração... Deus, estava... se despedaçando.

Ele se endireitou tanto quanto seu corpo exausto permitia e olhou para Kat pela primeira vez.

Seus olhos se encontraram. Os dele estavam cansados, derrotados.

– Odeio ter causado tantos problemas para você – disse ele tristemente. – Você teve que se defender de pessoas que deveriam estar felizes por você. Tenho meus problemas, sou um cara nervoso e tenho uma personalidade terrível. Ainda tem umas merdas sobre mim que preciso contar e não faço ideia de por onde começar, porque morro de medo de você fugir de mim. E sei que ter esperanças de que você não fuja faz de mim um babaca egoísta, porque tenho consciência de que essa é a melhor coisa que você poderia fazer.

– Eu...

– Espere – interrompeu Carter, sem ar, dando um passo cambaleante na direção dela.

Ele estava tão perto que Kat teve que erguer a cabeça para vê-lo, os olhos na mesma altura do contorno acentuado de seu maxilar.

– Por favor, Pêssegos. Eu quero... – Ele expirou, frustrado. – Quero fazer a coisa certa. Sei que deveria ter ido embora. Deveria ter pegado um avião e ido para casa em vez de ficar parado do lado de fora deste hotel, na neve, por quatro horas. Sei que você merece coisa melhor. Sei de tudo isso, Kat. Mas a verdade é... A verdade é...

Kat fechou os olhos, inclinando-se na direção dele. Ela tremeu quando a mão gelada dele tocou em sua nuca e subiu para seu rosto.

– A verdade é – sussurrou ele, os lábios perto do ouvido dela – que morro de medo de ir embora. Não consigo. Fico desamparado sem você.

Kat apertou o braço dele, repousou a cabeça em seu bíceps e soltou um ruído baixinho e dolorido de alívio.

O nariz dele subiu até a têmpora dela.

– Sou seu. Você precisa saber disso. Céus. Me diga que você sabe.

– Eu sei – choramingou ela. – Eu sei.

O corpo de Carter caiu sobre o de Kat, empurrando-a para trás, cambaleando para dentro do quarto do hotel. Ela conseguiu fechar a porta com a ponta do pé enquanto ele enterrava o rosto em

seu pescoço e começava a tremer descontroladamente, resmungando palavras truncadas em sua pele. Os braços dele se enrolaram na cintura dela, apertando com mais força do que nunca.

– Kat – suplicou ele. – Eu... Não me faça ir embora. Por favor.

– Jamais – prometeu ela com fervor.

O corpo dele tremia violentamente.

– Vamos aquecer você. Por favor, me deixe ajudá-lo. Você está tão gelado.

Ele deu um passo relutante para trás para que ela pudesse abrir o zíper de sua jaqueta e retirá-la. Ficou parado em silêncio, olhando para baixo, a água pingando de seu queixo, enquanto ela começava a tirar sua roupa. Sem dizer nada, com o peito dele despido e arrepios eriçando os pelos de cada centímetro de sua pele, Kat pegou na mão trêmula de Carter e o guiou até o banheiro. Deixando-o na porta, ligou todos os cinco grandes chuveiros, até a água ficar quente. Ela retirou os coturnos e as meias dele, abriu sua calça e o ajudou a tirar a cueca antes de tirar as próprias roupas.

Por mais que estivessem nus juntos, não havia nenhuma conotação sexual, nenhum clima, nenhuma mão desesperada ou beijos maníacos.

Kat o pegou pela mão e o guiou até o chuveiro, saindo da frente para que a água atingisse primeiro o corpo dele. Permaneceram ali debaixo do vapor, e ela foi aumentando a temperatura gradativamente, evitando que o corpo dele sofresse com o choque do calor.

Ela o puxou para seus braços.

– Me deixe esquentar você.

Ele enrolou os braços nela, apoiando o rosto em seu ombro.

Carter sacudiu a cabeça no pescoço de Kat.

– Não consegui ir embora. Sei que devia ter ido, mas não pude.

– Eu sei. Está tudo bem.

– Estou com tanto medo. Caralho. Estou com tanto medo.

A voz dele se desestabilizou. Puxou-a mais para perto, seu corpo grande engolindo o dela, fazendo Kat se curvar para trás.

– Não tenha medo – insistiu ela, passando a mão nas costas dele. – Estou aqui.

Carter tentou chegar ainda mais perto.

– Não posso perder... Eu... Céus. Dói só de pensar nisso. – A voz dele ficou rouca. – Me ajude – implorou ele. – Me ajude. Não consigo...

– Carter – disse Kat. – Acalme-se. Por favor.

Enquanto mantinha os dois em pé e se mexia da melhor maneira possível, Kat conseguiu sentar-se com ele no piso do banheiro, uma massa de membros pesados que nunca se desenrolaram ou perderam contato.

Ela nunca o vira daquele jeito antes. Todas as barreiras que ele levantara e cada pedacinho da armadura que ainda restava – a arrogância, a indiferença, a raiva e o ódio – estavam se desintegrando à sua frente, deixando o corpo dele com as gotas d'água que o atingiam, deslizando por sua pele trêmula e desaparecendo no ralo.

Ela o aninhou, puxando-o mais para perto, envolvendo com os braços os ombros tatuados e

enrolando as pernas em torno de sua cintura, enquanto ele pressionava o rosto áspero no peito dela. Seus ombros tremiam e se agitavam com ofegos e soluços.

Ela o ouviu gemer ao mesmo tempo que seu corpo estremeceu.

Oh, Deus.

Ele estava chorando.

Ela subiu as mãos pelas costas e pelo pescoço dele, tentando acalmá-lo enquanto tentava se manter inteira.

– Você está bem, meu querido.

– Preciso... Preciso...

Ela deu um beijo no pescoço dele.

– Me diga do que você precisa.

– Deus, está... Está aqui. – Ele pegou a mão dela e a levou até seu coração palpitante. – Nunca senti nada assim antes. – Ele lambeu os lábios. – Dói.

– Seu coração dói?

O rosto dele desabou.

Kat observou a água quente escorrer pelo rosto dele.

– É seu. Todo ele. – Ele piscou com os cílios encharcados. – Agora eu sei.

Carter fez uma pausa.

– Kat, eu... – Ele ergueu a cabeça e, com o nariz ao lado do dela, os braços enrolados em seu corpo e o vapor da água formando um casulo em torno deles, abriu a boca, olhou nos olhos dela, e ofegou: – Eu... Eu... amo você.

31

Com os olhos passeando pelo rosto apavorado mas cheio de expectativa de Carter, Kat se viu sem palavras. Caramba, o que ela sentia por ele em seu coração, em sua mente e em sua alma estava além das palavras. Ela abriu a boca repetidas vezes para dizer algo memorável ou significativo, mas percebeu que a confissão dele a tinha deixado estupefata.

Ele me ama.

– Carter – ofegou ela, fechando os olhos. – Eu também amo você.

A mão dele tocou seu pescoço, acariciando delicadamente sua pele com as pontas dos dedos, contornando o ponto de pulsação de Kat que batia a mil por hora.

O olhar dele permaneceu fixo na clavícula dela.

– Minha Pêssegos. – Ele deu um beijo suave e molhado na garganta dela. – Você é minha – disse, com os lábios em seu maxilar.

Ela concordou com a cabeça, roçando o rosto no dele. A sensação da pele de Carter na sua fez partes de seu corpo se contraírem e se retorcerem, subjugados.

– Inteirinha – sussurrou ela de maneira apaixonada.

– Deus – murmurou Carter, junto a sua orelha. – É tão... Eu nem tenho palavras.

Ela sabia o que ele estava querendo dizer. O amor deles estava além das palavras, além da razão, além até mesmo deles dois. Era indescritível, inexplicável, mas inquebrável e inabalável. Sua conexão, o laço que compartilhavam, tinha levado dezesseis anos para ser construída. Mesmo que eles não tivessem se reencontrado, se houvessem seguido a vida, um dia monótono após o outro, ainda assim teriam sido parte um do outro, uma parte silenciosa e integral que sempre existiria, enquanto ambos vivessem.

Nenhum dos dois tinha o poder de parar ou negar aquilo.

Uma onda de força incrível tomou conta do corpo de Kat, bombeando adrenalina por suas veias já aquecidas pela declaração de Carter. Era uma sensação inspiradora, que ela não vivenciava havia muito tempo. Por um momento, com Carter em seus braços e a determinação preenchendo-a da cabeça aos pés, ela sentiu que nada poderia detê-la.

■ ■ ■

Kat chutou a manta de cima de seus pés. Estava um tanto sufocada, e, por mais gostoso que fosse ter o corpo de Carter pressionado contra o seu, ela precisou se mexer para se refrescar.

Dando uma olhada no relógio, Kat saiu da cama – onde ela e Carter estavam dormindo havia cinco horas –, tirou a camiseta e abaixou a temperatura do termostato de "sauna quente pra caramba" para apenas quente o suficiente. Ela correu para o banheiro, onde jogou um pouco de água fria no rosto e tirou a calça de moletom, trocando-a por um short de dormir.

A pele de Kat começou a resfriar de imediato. Com um copo d'água na mão, ela cambaleou de volta para o quarto e encontrou Carter, ainda deitado de barriga para cima, usando apenas a cueca boxer. Ela sorriu ao ver que ele também tinha chutado a manta para longe. Sua barriga definida subia e descia, hipnotizando-a, à medida que ele respirava.

Ele abriu um olho e esfregou a palma da mão no peito reluzente, enquanto ela voltava a se deitar a seu lado. Ele estava deliciosamente amarrotado.

Ela deslizou as pontas dos dedos sobre os pelos da barriga dele.

– Oi.

Carter virou o rosto abobalhado, e amassado por causa do travesseiro, na direção dela, sorrindo de maneira preguiçosa.

– Oi.

– Como está o seu coração?

Ele pegou a mão dela e a colocou do lado esquerdo de seu peito.

– Me diga você – pediu, fitando-a com um olhar intenso.

Kat mordeu o lábio.

– Está batendo forte.

– Sempre bate forte quando você está perto de mim.

Ela pegou o pulso dele e fez o mesmo, colocando a mão enorme acima do seu seio esquerdo. Sem pressa alguma, Carter se apoiou sobre o cotovelo, olhando para a própria mão e para o rosto dela com uma fascinação infantil.

– Está disparado.

O olhar dele subiu vagarosamente até a curva do pescoço dela, parando faminto em seus lábios. Seu silêncio fez os pelos da nuca de Kat se arrepiarem, enquanto o ar em volta deles engrossava e zunia.

– Eu faço isso com você? – perguntou ele, passando a mão nos pelos arrepiados do braço dela.

– Toda vez que olha para mim.

As pontas dos dedos dele dançaram delicadamente pela borda de renda do sutiã de Kat. Ela se agitou com aquela sensação deliciosa e seus olhos se fecharam por conta própria. Com toques leves como plumas, Carter passou a mão por cima do seio direito, contornando cada curva, acariciando de leve, enquanto pulava de propósito os lugares nos quais Kat ansiava que ele tocasse.

Aproximando o corpo do dela, Carter começou a desenhar oitos compridos na direção da clavícula de Kat, mapeando seu formato e pressionando os pontos de pulsação na depressão de sua garganta. Kat não conseguiu conter o gemido que aumentou de intensidade a cada toque daquela mão carinhosa. Ele escorregou o indicador pelo seu pescoço, serpenteando consciente e eroticamente por entre os seios, por cima do tecido do sutiã, até a pele macia da barriga.

Kat prendeu a respiração quando ele chegou ao umbigo. Carter o circundou duas vezes antes de

mergulhar o dedo nele de forma provocativa. Incapaz de continuar mantendo a cabeça ereta, Kat se apoiou nos travesseiros, entregando-se enquanto Carter continuava a exploração maravilhosa de seu corpo.

– Sua pele é tão macia aqui. – A mão dele deslizou pelo cós do short dela. – Tão macia.

Kat ofegou quando os lábios dele pressionaram o mesmo local e ronronou quando a língua de Carter lambeu o mesmo trajeto que seu dedo tinha acabado de traçar.

– Carter – gemeu ela.

– O que foi, gata?

Ele se moveu devagar até que seu corpo encobriu o dela.

As mãos de Kat escorregaram dos cabelos até seus ombros largos, que se flexionavam poderosamente sob seu contato. O peito dele pressionado contra o dela.

– Estou com saudades da sua boca.

O polegar dele dançou pelo maxilar dela enquanto seu olhar fixo queimava os lábios de Kat.

– Por favor.

As palavras escaparam dos lábios de Kat como um sussurro excitado.

O desejo desesperado borbulhou sob sua pele. A explosão inevitável de paixão, sempre tão presente quando ela ficava ao lado dele, estava apenas a um toque de distância.

– Me diga o que você quer – disse ele num tom rouco. – Continue olhando para mim desse jeito e juro por Deus que lhe darei o que quiser.

– Me beije – implorou ela. – Apenas me beije.

■ ■ ■

A boca de Kat, rosada, molhada e macia, enfeitiçava Carter. Eles já tinham se beijado um milhão de vezes, de milhares de jeitos diferentes, mas o pedido dela parecia tão enorme que, por uma fração de segundo, ele não conseguiu fazer nada a não ser olhar. Uma imagem divina daquela boca em torno de seu pau surgiu imediatamente à sua frente, fazendo sua garganta secar e levando-o a soltar o peso de seu corpo sobre o dela.

Pele na pele, excitadas e quentes.

Carter tentou se acalmar, mas parecia impossível. Era como se seu corpo não lhe pertencesse. Como se algo tivesse tomado conta, como se estivesse sendo controlado por alguma coisa.

Algo maior. Algo incompreensível.

Ele fechou os olhos e inspirou de forma calmante.

Quem ele estava enganando? Kat o tinha dominado. Kat detinha o controle sobre ele.

Ela o controlava desde que ele tinha 11 anos. Se não notara antes, com certeza percebia agora que a tinha amado cada segundo, minuto e hora durante aqueles dezesseis longos anos. Ele havia se perdido em uma rua solitária e escura em uma noite de partir o coração no Bronx, e hoje, enfim, entendia que jamais tinha tornado a se encontrar de verdade novamente.

Dezesseis anos. Cinco mil oitocentos e quarenta e quatro dias.

Deus, como sobrevivera sem ela por tanto tempo?

Ele a amava desesperadamente e, na realidade, aquilo o apavorava. Sentira sua falta sem nem sequer conhecê-la e fantasiara sobre ela sempre que se perdia nas merdas que o rodeavam ao passo que crescia. Se não estivesse tão hipnotizado, Carter teria rido da própria cegueira e da negação ridícula em que havia submergido desde que Kat retornara à sua vida.

O corpo dela se retorceu debaixo dele. Suas pernas se remexeram no colchão e seus quadris se ergueram, rebolando na direção dele, buscando qualquer tipo de atrito. Ela era extraordinária. Ele abriu a boca, ofegando com ela. Todo o seu corpo tremeu quando pressionou os lábios contra os dela e ele grunhiu quando ela o puxou para baixo, intensificando o beijo rapidamente.

Suas línguas se encontraram, saboreando e esfregando-se uma na outra dentro da boca de um; depois, da do outro. Carter segurou a cintura e o rosto de Kat à medida que a paixão dos dois estalava e chiava. Meu Deus, a ânsia dolorosa que latejava entre as pernas dele era torturante. Ele pressionou os quadris contra a barriga dela, mostrando o que ela fazia com ele. Não que ela fosse entender. Ela não fazia ideia.

Ele tinha sido tão estúpido de achar que conseguiria encontrar uma saída sem dizer aquelas três palavras para ela. As três palavras que jamais havia pronunciado para outro ser humano em toda a sua vida. Elas o pegaram de surpresa, mas o alívio que sentiu ao pronunciá-las era mais libertador do que qualquer carta de liberdade condicional.

Carter moveu a boca dos lábios de Kat para seu maxilar e depois desceu pelo pescoço. Ela arqueou o corpo para trás, curvando-se para que ele pudesse ter acesso a qualquer lugar que lhe interessasse em seu corpo maravilhoso. Ele começou com o peito, deslizando as alças do sutiã pelos braços dela de modo que pudesse puxar os bojos, libertando-a para suas mãos ávidas e sua boca exigente. Com os olhos fechados, Carter começou a lamber, chupar e provocar. E gemeu quando ela arranhou suas costas, puxando-o mais para perto enquanto sussurrava seu desejo por ele.

Carter deixou os lábios roçarem no quadril e na pele macia de sua barriga, todo o caminho até a borda da calcinha, que espiava tentadoramente por debaixo do short. Ele a queria em sua língua. Queria senti-la em sua boca e fazê-la gozar com tanta intensidade que ela veria estrelas. Queria devorá-la, enterrar todo o rosto ali e nunca mais sair. Queria que ela ofegasse e ficasse molhada. Queria...

– Senti sua falta – ofegou Kat.

Estarrecido com a expressão de dor no rosto dela, Carter repousou o queixo em seu quadril.

– Senti sua falta enquanto você estava longe.

O coração de Carter se despedaçou.

– Eu senti a *sua* falta. – Carter tirou os cabelos desgarrados do rosto dela. Ele balançou a cabeça. – Céus. – E a beijou. – Fui um idiota de ter fugido de você.

Fugir de Kat foi como ser queimado vivo. A dor o tinha aleijado, deixando-o imobilizado.

Quando os meninos o visitaram em Arthur Kill e tentaram explicar como Max tinha ficado arrasado com a partida de Lizzie, Carter encontrara dificuldade em compreender. Agora sabia exatamente que tipo de padecimento seu amigo havia encarado – e ainda estava encarando.

Carter não queria voltar a sentir aquela dor. Ele duvidava que pudesse sobreviver a ela uma

segunda vez.

– Eu sei por que você se foi – sussurrou Kat. – E se ir embora o ajudou a perceber que me ama – continuou ela em um tom apressado –, então fico feliz que tenha feito isso.

Deus do céu, ela estava certa. Ele partiu e ficou despedaçado, desprotegido. Na realidade, Carter não podia negar que admitir seus verdadeiros sentimentos tinha sido inevitável. E agora que aquela pose de machão cuidadosamente construída tinha ido pelos ares, ele finalmente aceitava quão exaustiva ela era.

– Carter. – Kat pegou a mão dele e a colocou em cima de seu coração. – Me mostre – sussurrou Kat. – Me mostre o quanto você me ama.

Enquanto os olhos de Carter analisavam o rosto dela, questionadores, seu cérebro fez uma retrospectiva de todas as vezes que eles gozaram em uníssono, pensando nas maneiras como a tinha tocado, beijado, se movido dentro dela. *Me mostre*.

Na casa de praia.

No sofá.

Aquela primeira vez que ficaram juntos, encharcados da chuva, desesperados, na cama dele até o amanhecer.

Ele a amava tanto já naquela época.

Sem se dar conta, Carter havia mostrado o que ela significava para ele usando seu corpo em vez de suas palavras inadequadas e insatisfatórias. Quando a sensação de ter o corpo dele dentro do dela se tornava esmagadora e se sentia incapaz de encontrar o ritmo em meio às nuvens espessas do desejo, ele simplesmente a respirava, a beijava ou a tocava em lugares que sabia que a fariam gemer seu nome.

Aqueles tinham sido seus momentos preferidos. Conectados um ao outro, mas sem se mover. Sem frenesi. Apenas estar ali. Aqueles eram os momentos em que Carter mais ficava em paz.

Ele colocou o cabelo dela para trás e a beijou. Com carinho, pressionou sua boca de leve, a língua roçando nos lábios dela, gentil e amável.

Você é tão linda, dizia o beijo dele. *Você me deixa sem ar.*

O gemido de Kat mostrava que ela tinha ouvido, sentido. Ele colocou a mão em sua nuca, erguendo-a até seus lábios. Ela nunca resistia. Era incrível em sua generosidade. Tirando a cueca, ele se moveu para cima dela, beijando seu queixo, seu pescoço e lambendo seu peito. Mordiscou e roçou os dentes na barriga dela. Suas mãos deslizaram pelas coxas de Kat, abrindo-as.

Eu sempre quis você.

As mãos dela agarraram os lençóis quando ele traçou um caminho de beijinhos de um lado a outro de seus quadris. Ele acariciou sua virilha e afastou as pernas dela ainda mais, à medida que elas acenavam para Carter, a pele desnuda ansiando por sua boca. Ele deu um beijo no topo do sexo de Kat, observando o brilho da umidade que se concentrava ali. Delicadamente, afastando os lábios dela com a boca, ele deixou que sua língua procurasse seu calor inflamado e começou a traçar círculos que fizeram os olhos dela revirar e sua espinha se curvar.

Puta merda. Ela era a coisa mais deliciosa que ele já tinha provado. Os dedos dele se moveram, escorregando com facilidade pela pele encharcada, provocando e pedindo mais com cada imersão,

giro e investida. Aos pouquinhos, Carter colocou dois longos dedos dentro dela e gemeu junto a sua pele quando ela gritou e girou os quadris no rosto dele. Ela era tão quente. Ele os tirou e os inseriu de volta enquanto a chupava e a lambia.

– Mais.

Eu daria o mundo a você, porra.

Ele gemeu e aproximou o rosto ainda mais, sacudindo a cabeça de um lado para outro, ronronando na pele dela quando suas unhas arranhavam a cabeça dele. Sua língua se moveu mais rápido e ele penetrou os dedos mais fundo, à medida que ruídos começaram a explodir dela, ofegantes e suplicantes.

– Oh, meu Deus. Você vai me fazer gozar.

Sim, era para isso que ele vivia. Ela agarrou os ombros dele, puxando e empurrando enquanto seus quadris rebolavam contra ele, encharcando o queixo de Carter. Ela gemeu e gritou, palavras sem sentido saindo de sua boca até que o orgasmo explodiu e fez tremer seu corpo. Carter segurou as pernas de Kat quando se fecharam em sua cabeça e ela tentava se afastar da sua boca voraz. Devorou tudo até que ela implorou que ele parasse.

Nunca vou deixar de amar você desse jeito.

Carter ergueu a cabeça e olhou para ela e para o brilho que inundava aquela pele sedosa. O peito de Kat se agitava numa respiração pesada e exaurida. Ele engatinhou sobre o corpo dela, salpicando sua pele de beijos, precisando do calor para se manter firme. Sabia que teria que ser delicado, carinhoso. A névoa de luxúria tinha começado a descer a ladeira, quente, frenética e densa, mas ele respirou e se conteve. Naquele momento, peito no peito, as mãos dela agarrando seus ombros e as coxas enroladas em sua cintura foram o suficiente para acalmá-lo.

Ele gemeu em sua boca quando ela o beijou, sentindo o próprio gosto nos lábios dele. Carter apoiou as mãos na cama, ao lado das costelas dela, com o pau preso entre seus corpos, molhado, desejoso e grosso. Cada vez que ela se movia, se esfregava em toda a extensão dele, deixando-o louco, fazendo seus quadris se mexerem e girarem. Ele grunhiu quando ela mordeu seu pescoço.

Sou seu, pode me marcar.

Ela ergueu as pernas e colocou os calcanhares na bunda dele. Ambos seguraram o pau dele, seu desespero transparecendo. Carter largou primeiro e observou Kat o guiar, roçando a cabeça de seu pau na pele molhada dela. Ele suspirou, franzindo a testa, extasiado. Ficar daquele jeito com ela deixava os ossos de Carter fracos. Ela estava encharcada e era tão macia. Carter empurrou os quadris mais para perto, com um pouco mais de força.

Ele puxou o rosto dela para o seu, mordiscando o lábio inferior carnudo. A mão de Kat empurrou de modo que – por um instante incrível – ele deslizou para dentro. A euforia que sempre vinha com a união deles se acendeu nas costas dele e deixou seus quadris frenéticos.

– Minha menina linda – sussurrou ele no pescoço dela, começando lentamente a penetrar seu calor apertado. – Isso. – Um pouco mais. – Puta merda.

Ele ergueu a cabeça e penetrou, de pouquinho em pouquinho, até estar completamente envolto por ela. Ele estava em casa. Um breve soluço escapou dela, mas Carter o capturou com seus lábios. O desejo de penetrá-la mais fundo era tanto que chegava a doer, e seus joelhos se moveram para cima,

afastando as coxas dela, de modo que ele pôde penetrar ainda mais fundo. Os dedos dos dois se entrelaçaram ao lado da cabeça de Kat quando Carter recuou, soltando um grunhido longo. Ele arriscou uma olhada para baixo, para onde eles se uniam, e ofegou com a visão dela toda em torno do pau dele, reluzente e linda.

Ele arfou, penetrando-a novamente.

– Sabe que eu faria qualquer coisa por você? – perguntou. – Sabe que penso sempre em você? Às vezes, acho que sou doido. Você me deixa louco. Fico louco quando não está comigo. Meu Deus, Kat, dói.

Ela se agarrou ao pescoço dele.

– Preciso tanto de você – continuou ele, sem fôlego. – Preciso de nós. Preciso sentir a gente assim, porque, juro por Deus, meu coração, ele só bate por você.

Ela apertou suas mãos e lhe deu um beijo no pescoço. Suas testas se fundiram e ele se perdeu nos olhos semiabertos de Kat. Carter continuou a se mover, de forma lenta, mas com firmeza, inclinando a pelve de modo a atingir aquele ponto dentro dela que a fazia prender a respiração. Deu uma investida brusca e agarrou o quadril dela com mais força do que provavelmente deveria. Carter grunhiu quando ela lambeu seu maxilar, mordiscando seu pomo de adão em resposta.

Ela o abraçou forte, braços envolvendo ombros, segurando firme. Carter nunca tinha estado tão próximo dela. Ela estava toda envolta nele e ele, à mercê dela, derrotado, mas vitorioso. Mas, acima de tudo, acima de sua necessidade de gozar e de sua jornada rumo ao êxtase eufórico, Carter se sentia total e inequivocamente amado. A sensação o envolvia da mesma maneira que Kat agora o fazia, assolando-o de uma forma fantástica e impossível de descrever.

Era a coisa mais estranha e mais incrível.

Era muito mais que fazer amor.

Era erótico, apaixonado, nu, de dentro da alma – o que em geral teria apavorado Carter.

Mas não agora. Não com aquela mulher em seus braços. Ao lado de Kat, ele poderia conquistar o mundo.

Carter nunca tinha se sentido tão exposto, mas tão seguro.

Nunca havia se entregado a alguém tão livremente, sem esperar nada em troca.

O corpo dele avançou ainda mais.

– Não consigo chegar perto o suficiente – confessou ele com um rosnado de frustração.

Investiu com mais e mais força, rangendo os dentes e emitindo sons um tanto desconexos, ficando logo fora de si. Ele a apertou com força.

– Vou gozar. Kat.

O pescoço de Carter se ergueu de repente e ele gritou e xingou. Seu pau pulsava com uma força deslumbrante à medida que o orgasmo ricocheteava por seu corpo – provocando flashes brancos por trás de seus olhos e trovões em seus ouvidos –, latejante, quente e implacavelmente forte, dentro dela. Ele arfou no ombro de Kat enquanto todo o seu ser palpitava, se retorcia e se contraía.

Ele respirou com mais facilidade. Sentia-se livre. Sentia-se bem. Será que ele ousava acreditar que era bom o suficiente?

Carter fechou bem os olhos, lutando contra a água salgada que ameaçava cair deles, entorpecido

com a mulher em seus braços, entorpecido com o que partilhava com ela, com o que partilhavam juntos. Ele deu um beijo no ombro de Kat. Seu corpo tremeu. Enterrou o rosto sob o maxilar dela e removeu o pau saciado de seu calor, acomodando-se no casulo formado pelos braços e pernas de Kat. O único som era o do coração dela ecoando em seu ouvido.

O coração dele bateu de volta, em resposta.

Eu te amo, ele batia. *Sou seu, mas, por favor, pelo amor de Deus, não me machuque.*

– Obrigado – sussurrou. – Obrigado por me perdoar. Por me amar. Não mereço nada disso, Pêssegos. – Ele a abraçou forte. – Obrigado.

Kat murmurou, um pouco sonolenta, ao lado da cabeça dele.

– Acho que isso nos deixa quites.

Carter fechou os olhos. Sabia que aquilo não era verdade. Por mais difícil que tivesse sido ficar longe de Kat, Carter havia tido tempo bastante para considerar suas opções, e a única opção descartada era aquela que o levaria a afastar-se dela.

Ele não iria; não conseguiria ir embora. Havia tentado e quase ficara destruído.

O que o deixava com apenas uma opção.

Ele ergueu a cabeça e tirou os cabelos do rosto adormecido dela.

– Pêssegos.

– Humm.

Carter desenhou um círculo invisível sob os cílios dela e por sua bochecha corada, considerando suas próximas palavras. Não havia mais como negar. Ele era responsável pela animosidade entre Kat e sua mãe. Eva, é claro, não dera uma chance a ele e certamente daria risada se ele tentasse explicar seus sentimentos por sua filha; mesmo assim, Kat já tinha perdido o pai e Carter não permitiria que ela perdesse a mãe.

– Temos uma coisa muito importante a fazer antes de voltarmos para Nova York amanhã. Eu tenho uma coisa a fazer.

Ela se aconchegou nele.

– É?

Carter limpou a garganta.

– Preciso conversar com sua mãe.

▪ ▪ ▪

Austin Ford andava de um lado para outro em seu escritório, como um leão enjaulado, apertando os dentes com tanta força que Adam estava convencido de que eles iriam quebrar. Bem, ia combinar com o vaso de quatro mil dólares que jazia em um milhão de pedaços aos pés deles. Depois da visita inesperada de Ben, um fax que gerou muita ansiedade tinha chegado da diretoria da WCS. A mensagem era clara: *Peguem suas trouxas, rapazes. Sua presença na WCS não é mais necessária*.

Adam, por um lado, não ficara surpreso; em muitos sentidos, aquilo tinha sido um enorme alívio. Ele havia seguido os passos do irmão por tempo de mais, pelos vales das associações agressivas e

aquisições intimidadoras. Tinha se mantido afastado e observado em um silêncio humilhado e constrangedor enquanto Austin permutava e assediava pessoas e empresas para benefício próprio.

Sim, ele era um baita de um empresário e tinha deixado a si mesmo e aqueles que estavam ao seu redor muito ricos. Mas, com o passar dos anos, foi se transformando em alguém pretensioso. Sua atitude era menos cordial e mais arrogante, e o sorriso irônico de decepção havia se tornado um escárnio que ninguém ousaria contestar ou encarar.

No entanto, Wes Carter tinha feito exatamente isso.

Apesar de ser a semana de Ação de Graças, Austin intimidou todos os advogados e pessoas que lhe deviam favores a ficarem à sua disposição assim que o fax deslizou pelo aparelho. Ele queria encontrar uma brecha, uma ponta solta, uma cláusula, um foda-se. Ele precisava encontrar. Adam sabia que Austin preferia morrer a deixar que Carter tomasse conta da WCS; mas era exatamente isso que estava acontecendo. Não havia como contornar, e um dos comparsas de Austin viera lhe dar a notícia.

O vaso tinha sido a primeira baixa.

Adam observou o irmão continuar sua jornada furiosa pelo escritório.

– Você está me dizendo – rosnou Austin – que não há jeito de parar isso?

O indicador dele bateu com tudo na mesa, pressionando o fax com força.

Rick, seu consultor, mexeu-se sem sair do lugar e limpou a garganta.

– Sim, senhor.

Os olhos de Austin ficaram ainda mais arregalados. Adam nunca tinha visto o irmão tão desgrenhado. Seu cabelo estava bagunçado e uma camada fina de suor cobria suas bochechas e sua testa.

– Não acredito nessa porra! – berrou ele. – Como é possível?

– Bom, senhor...

– Não me responda quando faço perguntas retóricas, Rick! – gritou Austin com raiva. – Eu sei ler, cacete!

Austin expirou pesadamente e esfregou a mão na boca.

– Pensei que tivéssemos feito tudo o que podíamos para acobertar isto. – Ele apontou para as fotos em preto e branco que Ben Thomas deixara ali. – Me disseram que as coisas estavam nos conformes para manter minha empresa em segurança.

A raiva de Adam veio à tona. E não pela primeira vez. Austin sempre tinha considerado a WCS sua. Durante todo o tempo em que esteve no comando, Austin jamais tinha reconhecido a ajuda de Adam ou o trabalho que fazia para manter o irmão limpo em todas as merdas em que ele se metia. É claro que havia os aumentos de salário obrigatórios e alguns uísques *single malt* que apareciam em sua mesa de vez em quando, mas nada disso compensava os milhares de vezes que Adam pagou ou fechou permutas com outras pessoas para manter a indiscrição de Austin fora do radar da diretoria; inclusive seus negócios com Casari. Adam preveniu-o de que Casari era má companhia, avisou que o cara estava sendo observado pela polícia federal, mas o irmão não lhe dera ouvidos.

Chega!

O cúmulo, para Adam, foi quando aquilo se tornou uma disputa ridícula por Kat, com Carter de

um lado e Austin do outro. Era patético, e Adam não queria se envolver. Não conseguia entender por que Austin não deixava Carter ter sua fatia do bolo. Aquilo simplificaria as coisas, mantendo Carter na dele. Mas Austin tinha outras ideias.

As fotos com Casari eram coisa de Austin, e Adam tinha chegado ao seu limite.

Porra, todo mundo comete erros, pelo amor de Deus; e não era justo fazer Carter reviver os dele indefinidamente. Kat estava, como Beth havia admitido, muito apaixonada por Carter. O cara tinha uma chance real de dar uma guinada na vida e ser feliz.

Adam não podia impedir que isso acontecesse. E nem Austin.

– Austin – murmurou Adam.

Os outros cinco homens na sala se mexeram e se inquietaram.

– Não, Adam – latiu Austin. – Precisamos dar um jeito nisso, decidir nosso próximo passo.

Adam piscou, confuso, e percebeu o olhar também perplexo de Rick. Suspirando, Adam caminhou, cauteloso, na direção do irmão.

– Não há próximo passo – disse ele em voz baixa. – Isso é concreto. Está acontecendo.

– Que diabos! – exclamou ele, incrédulo. – Onde estão os seus colhões? – Ele encarou de forma ameaçadora cada homem ali presente, retornando enfim a Adam. – Não acabou. Não está nem perto de acabar.

Adam revirou os olhos e enfiou as mãos nos bolsos.

– Acabou. Acabou já faz tempo. É hora de seguir em frente.

A expressão de fúria absoluta no rosto de Austin surpreendeu até mesmo Adam.

Ele apertou os punhos ao lado do corpo e abaixou a cabeça.

– Para fora, todo mundo!

Adam assistiu aos funcionários saírem rapidinho, fechando a porta com firmeza. A sala ficou opressivamente silenciosa durante os trinta segundos que Austin levou para se recompor. Adam sabia que ele estava furioso, mas não ligava a mínima.

– O que há de errado com você, porra? – murmurou Austin entre os dentes.

– Não há nada de errado comigo.

– Então o que está fazendo parado aí, dando de ombros? Você entende o que isto significa?

Ele ergueu o fax e o chacoalhou.

– Sei exatamente o que significa – respondeu Adam com calma. Ele deu mais um passo na direção do irmão. – Significa que você e eu podemos conseguir um acordo que nos garantirá que nunca mais precisaremos nos preocupar com dinheiro na vida e que Carter vai receber o que é dele de direito.

Austin ficou branco.

– Como é que é?

Adam meneou a cabeça.

– Ah, por favor, Austin. Deixe isso para lá. É assim que deve ser! Ele é o proprietário legítimo; estava escrito com todas as letras ao longo de todos esses anos. Ele merece que tudo volte para ele. E que não seja cobiçado por você!

Austin partiu para cima do irmão, mas Adam foi mais rápido. Nem sempre tinha sido assim, mas

a idade trouxe uma força que ele não tinha quando eram pequenos. Ele empurrou Austin até encostá-lo contra a parede.

– Fique na sua, Austin – rosnou Adam com o dedo apontado para a cara do irmão. – Não tenho 6 anos e esta empresa não é a porcaria do Comandos em Ação. Encare o fato de que, desta vez, seus comparsas não conseguiram livrar você e siga em frente com sua dignidade e seu nome intatos. – Ele se afastou e ajustou o paletó. – Meu Deus, cara, recomponha-se. Você está perdendo a cabeça.

Austin engoliu em seco. Seu rosto estava vermelho como um pimentão, os olhos arregalados.

Adam balançou a cabeça.

– O que aconteceu, Austin? – perguntou ele, triste. – Eu defendi você, porra. Coloquei Beth contra a melhor amiga por você! Nunca vou me perdoar por isso. Céus, cara. É sério, este não é você.

– Este *sou* eu – retrucou ele. – Este sou eu mantendo a empresa viva antes que um cheirador a arraste de volta para a sarjeta de onde ele veio.

Adam o olhou enojado.

– Como se você fosse perfeito. – Ele riu sem humor. – Como pode ser tão cheio de si quando faz as coisas que faz?

A coluna de Austin se endireitou e um brilho de cautela apareceu em seus olhos.

– É – sussurrou Adam, olhando para as fotografias. – Tenho certeza de que a diretoria ficaria interessada em saber com quem mais você faz negócios. Não preciso de fotografias para provar as merdas que sei.

Austin deu um sorriso irônico.

– Seu filho da puta.

– Talvez – disse Adam de forma sombria. – Mas estou avisando você: deixe isso para lá, Austin. Saia de cabeça erguida. Esqueça Carter, esqueça Kat; pegue suas ações, compre uma casa ou tire umas longas férias na puta que pariu, mas vá embora ou não me responsabilizo.

Adam deu as costas para o irmão, ajustando a gravata devagar enquanto o fazia.

– Ora, ora, Ads – falou Austin. – Isso parece uma ameaça.

Parando, Adam olhou para trás por cima do ombro.

– Não é uma ameaça – informou ele, antes de andar em direção à porta do escritório. Com os dedos na maçaneta, continuou: – É uma promessa.

▪ ▪ ▪

Enquanto dirigia para a casa de Nana Boo, Kat sentia que a tensão no carro era densa, muito parecida com a neve que encobria toda a cidade como um cobertor. Carter parou de bater o pé no chão do automóvel e estalou os dedos, na esperança de que a tensão que tinha se alojado em sua espinha fosse, de alguma forma, melhorar. Ele estava exausto. O fato de só ter dormido sete horas nas últimas 48 também não estava ajudando. Ele fechou os olhos.

– Você está bem?

Carter manteve os olhos fechados, arqueando uma sobrancelha de maneira sarcástica em resposta. Como um babaca, ele não tinha palavras reconfortantes para oferecer, apesar de saber que Kat precisava muito delas. Ela ansiava por segurança e apoio. Ele simplesmente não sabia como lhe dar isso. E se contentou em colocar a mão em sua perna.

O contato era bom.

Podia dizer, pelo tremor em sua voz, que ela se achava tão nervosa quanto ele com relação à conversa que estava por acontecer com Eva; e com toda a razão. Apesar de ter repassado diversas vezes em sua cabeça o que queria dizer, Carter sabia que estava indo direto para a cova do leão, vulnerável e morrendo de medo.

Ele só queria garantir que não deixaria a mãe de Kat controlar o diálogo – se é que esta era a palavra adequada para isso. É, seria um diálogo acalorado, para dizer o mínimo. Ele tinha que manter o controle e permitir que ela dissesse tudo o que tivesse vontade. Essa era a melhor estratégia para lidar com a situação. Carter não tinha nenhuma ilusão; ele entendia por que Eva se comportava daquele jeito.

Tudo se tratava de convencer Eva de que ele amava Kat com todo o coração, que faria qualquer coisa, seria qualquer coisa por ela. Ela estaria segura a seu lado, pois ele a protegeria e a estimaria até seu último suspiro.

Com sorte, aquilo seria suficiente. Meu Deus, ele torcia para que fosse.

Se conseguisse fazer a mãe de Kat enxergar que ele não se resumia à sua ficha criminal, e que erros não definem um homem, então estaria no caminho certo. Ele estava uma pilha de nervos. Carter pensou se teria tempo para fumar um cigarro antes de a batalha começar.

– Chegamos – murmurou Kat, desligando o motor.

Parecia que não.

Carter engoliu em seco e abriu os olhos.

– Pêssegos.

– Carter.

Eles falaram em voz baixa ao mesmo tempo, nervosos. Carter se virou para ela com um sorriso torto.

– Pode falar – pediu ele.

– Não – insistiu ela, balançando a cabeça. – Por favor, o que você ia dizer?

O que ia dizer? Não fazia ideia do motivo pelo qual o nome dela havia escapado. Talvez porque o som dele e a ciência de que ela estava perto o confortassem mais do que ele conseguia expressar. Carter pegou a mão de Kat e a levou até a boca, dando um beijo delicado.

Ele suspirou.

– Não importa o que ela diga, do que me chame ou me acuse. O que quer que aconteça, quero que você prometa que não vai dizer nada.

Os olhos de Kat se arregalaram.

– O quê?

– Você me ouviu.

Se ele ia fazer aquilo, tinha que fazer sozinho. Que tipo de mãe queria ver o homem que amava

sua filha como um idiota fraco e incapaz? A última coisa que precisava era que Kat o defendesse. Ele estava determinado a lutar sozinho.

– Não posso prometer isso, Carter.

– Por favor. Preciso que faça isso por mim.

Um fogo brilhou nos olhos dela.

– Se ela falar...

– Não vou a lugar algum – disse Carter com firmeza, interrompendo-a. – Olhe para mim. Não vou a lugar algum. – Ele deslizou os dedos pelo rosto dela. – Juro. Você confia em mim?

Ela assentiu com a cabeça.

– Mas estou morrendo de medo.

– Eu sei – sussurrou ele.

Ele deu um beijo nos dedos dela.

– Vou tentar ficar de bico calado – prometeu Kat com convicção. – Mas, se ela começar, começo também.

Era o máximo que ele podia esperar.

Parado na varanda de Nana Boo, esperando que alguém viesse abrir a porcaria da porta, Carter segurava a mão de Kat como se estivesse se afogando. Ele sabia que estava tentando trazer para si toda a força dela, mas tudo bem. Quando os pequenos dedos de Kat apertavam os dele, sabia que ela estava fazendo a mesma coisa.

O som da fechadura se abrindo fez seu pescoço formigar e sua garganta secar.

Ou tudo ou nada, certo?

Trevor abriu a porta com um sorriso largo e encantador enquanto Reggie balançava o rabo alegremente ao seu lado.

– Srta. Katherine. Sr. Carter. Que bom revê-los. Por favor, entrem.

Kat sorriu, mas Carter só conseguiu fazer uma careta. Ele teve que puxar os pés do chão para conseguir andar. Que sorte a dele: a confiança e a determinação que haviam tomado conta dele no dia anterior tinham desaparecido por completo agora que precisava delas. De repente ele se sentiu muito, muito estúpido.

Kat pegou as mãos dele nas suas. Ele apertou os lábios e suspirou de alívio, grato demais por ela estar ali com ele, ao seu lado, pronta para apoiá-lo do jeito que pudesse.

– Feliz Dia de Ação de Graças! – Nana Boo sorriu calorosamente para Carter e lhe deu um beijo no rosto. – É tão bom ver você.

– Feliz Dia de Ação de Graças. – Ele se afastou e a fitou com um olhar de desculpas. – Sinto muito por ontem. – A mão de Kat pressionou a lombar dele. – Sou um idiota e a última coisa que pretendia era deixar Kat chateada – murmurou ele. – Eu só... Eu queria... Desculpe ter ido embora, tá? E... é.

O rosto de Nana Boo se iluminou com um sorriso de admiração, apesar de Carter querer apenas que o chão se abrisse e o engolisse por completo. Ela colocou a mão em seu braço e fez um carinho, persuadindo-o a olhá-la. O calor de seus olhos e o carinho de seu toque encheram Carter de esperança nostálgica e amor. Por uma fração de segundo, ele tinha 7 anos de novo.

– Obrigada pelo pedido de desculpas. Mas não tem necessidade alguma. Se você e Kat estiverem bem, então fico feliz.

– Nós *estamos* bem – disse Kat, aproximando-se de Carter.

Ele podia ter facilmente se perdido nos olhos maravilhosos de Kat, e o teria feito com muita alegria se não fosse pelo som inesperado de um pigarro que reverberou pelo saguão cavernoso como um rugido cruel. Kat se virou de imediato para a direita, mas Carter se manteve parado, observando a curva delicada do rosto de Pêssegos. Ele não precisava olhar; sabia quem era e o que esperar quando olhasse.

O silêncio foi tão confortável quanto uma manta de vidro, e todos debaixo dela ficaram imóveis. Até mesmo Nana Boo, sempre tão vibrante e cheia de vida, permaneceu sem se mexer.

– O que é isso? – perguntou Eva com desdém.

Carter piscou e ergueu a cabeça para encarar a mulher que ele fora lá para encontrar. Ela estava parada na porta da sala, espetacularmente bonita e jovem com seus jeans pretos e suéter cinza. Um homem alto com cabelos escuros, usando um moletom dos Yankees, estava parado atrás dela. Ele colocou a mão no ombro de Eva e apertou de leve. Eva fez uma careta para Carter, cruzando os braços. Seu rosto era raivoso, defensivo, mas em torno de tudo aquilo havia uma aura de esperança. Se ela tinha esperança, ele se agarraria a isso como um bote salva-vidas. Poderia usá-la a seu favor. Poderia transformar aquela esperança em compreensão. Era só o que Carter pedia. Ele não precisava de sua bênção ou de sua aceitação. Só precisava que ela compreendesse.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Eva de maneira brusca.

Carter apertou ainda mais o braço de Kat, segurando a resposta que estava a caminho. Os olhos furiosos dela analisaram o rosto dele.

– Está tudo bem – respondeu Nana Boo, erguendo o queixo na direção de Eva, desafiando a filha a questionar sua atitude.

Carter soltou a mão de Kat e deu um passo à frente. Eva o observou atentamente enquanto ele se aproximava. O homem atrás dela, que Carter sabia ser Harrison, foi para o lado de Eva, num movimento sutil que dizia a Carter para ficar alerta. O rosto da mãe de Kat não denunciava emoção alguma quando ele chegou perto dela, parando a apenas meio metro. Mas, quando ele estendeu a mão para que a apertasse, uma faísca de descrença atravessou o rosto dela.

– Olá – cumprimentou Carter, meio engasgado. Ele limpou a garganta, irritado, mas manteve os olhos nos de Eva. – Sou Wes Carter.

As paredes do recinto pareceram se curvar e se contorcer sob a tensão que emanava de todos ao redor de Carter, inclusive de Eva, que ainda não tinha apertado a mão dele. Ele a manteve ali, contudo, determinado a mostrar que não era nenhum bundão, mesmo que suas entranhas estivessem prestes a explodir e ele quisesse sair correndo.

– É um prazer finalmente conhecê-la – acrescentou, quando o silêncio se tornou asfixiante.

O olhar de Eva foi intenso e perplexo. Carter não tinha certeza se ela o considerava maluco ou estúpido. Àquela altura, teria chutado a última opção. Ela deu uma olhada para a filha.

– Foi Katherine que obrigou você a fazer isso?

– Não! – gritou Kat atrás de Carter antes que ele pudesse respirar. – Não fui eu. E não consigo

acreditar que você está parada aí, ignorando a tentativa de civilidade dele como uma...

– Kat – disse Carter com firmeza, interrompendo o que ele sabia que seria algo nocivo e inútil.

Ele lançou-lhe um olhar severo e balançou a cabeça devagar. A raiva não foi embora de seu corpo tenso, mas, como uma boa menina, ela calou a boca.

Carter se virou para Eva, cujo olhar se dividia entre ele e Kat, e abaixou a mão.

– Kat não me obrigou a fazer isso – explicou ele. – Fui eu quem quis vir aqui hoje.

Eva permaneceu em silêncio, alerta e na expectativa.

– Eu queria voltar aqui e conversar com você.

– Sobre o quê?

Kat se mexeu ao lado dele. Observando Eva, Carter esticou a mão, encontrando a de Kat, e enrolou o indicador no mindinho dela.

– Queria uma chance de explicar.

– Explicar? – Eva bufou. – Explicar o que, exatamente? Você está aqui para explicar por que está colocando o futuro da minha filha em risco? Para explicar por que diabos eu deveria confiá-la a um criminoso condenado? Para explicar que perspectivas alguém como você poderia ter com uma mulher como Katherine? O que exatamente está aqui para explicar, Wes Carter?

O volume da voz dela foi crescendo a cada palavra. No entanto, Carter não deixou de notar o tremor por trás delas, e permitiu que isso acalmasse seus nervos, que se afloravam a cada corte que a língua dela fazia. A mão de Kat tremia. Ela estava ávida para explodir com a mãe, resistindo apenas porque ele tinha pedido, e Carter a amava ainda mais por isso.

– Posso explicar tudo, se é o que você quer – concordou ele em um tom mais agudo do que pretendia.

E, sem saber por que, deu mais um passo na direção dela. Ele viu os olhos de Eva se arregalarem, apesar de seu queixo se erguer de maneira desafiadora.

– Mas vim aqui para explicar que, apesar do que você pensa a meu respeito, ou de quaisquer conclusões a que tenha chegado sobre mim e minhas intenções, eu amo a sua filha. E, não importa o que você diga ou fale, não vou a lugar algum.

Carter podia ter jurado que viu o choque retorcer os cantos da boca de Eva.

– Ah, é assim, então?

– Sim – respondeu ele, fazendo um movimento afirmativo e incisivo com a cabeça, a determinação fluindo livremente por seu corpo.

Kat se aproximou e ele se reconfortou no calor e na segurança que aquele gesto trouxe. Eva também percebeu, o que a fez franzir a testa de forma severa mais uma vez. Ela encarou a filha, mas os olhos de Kat estavam em Carter, marcando-o como seu.

– Eu também amo você – disse ela, alto o suficiente para que todo mundo ouvisse.

32

– A que horas é o seu voo, querida? – perguntou Nana Boo, quebrando o silêncio que envolvia a sala de estar.

– Precisamos estar no aeroporto em algumas horas – respondeu Kat de seu lugar ao lado de Carter.

Ela desenhava círculos invisíveis nas costas da mão dele, que estava acomodada entre as dela em seu colo.

Eva, sentada na poltrona larga de pelúcia na frente deles, os encarava como se Carter estivesse pedindo que ela cedesse sua única filha virgem para um sacrifício humano público. Ele ficou olhando de volta para ela, forte e paciente, desejando que se queimasse com cada coisa que ele sabia que ela queria dizer.

Carter ficou imaginando o que ela via quando olhava para ele. Será que enxergava o amor que ele tinha por sua filha? Será que enxergava o conflito pelo qual ele tinha passado para ficar com ela? Será que enxergava que ele abriria mão da própria vida para mantê-la em segurança? Ou enxergava apenas sua lista de crimes? Será que o via como um exemplo perfeito do tipo inadequado para ela? Será que o considerava igual àqueles animais que tinham tirado a vida de seu amado marido?

É, pensou, pessimista. Era exatamente assim que ela o via.

– Sei que você tem muito a dizer – murmurou ele. – Sei que tem opiniões duras a meu respeito. – Ele ergueu as sobrancelhas. – Prefiro que me diga para que eu talvez possa mudá-las.

– Isso não vai acontecer – sibilou Eva.

– Você não sabe.

– Não ouse me dizer o que sei e o que não sei. Sei muito bem quem e o que você é.

Carter segurou apertado a mão trêmula de Kat.

– Será que pode me explicar? – Ele se inclinou para a frente. – Todo mundo merece a chance de se defender.

– Você já tem bastante experiência com isso – apontou Eva, enojada.

– Eva.

Todos os rostos se voltaram para Nana Boo, que olhava boquiaberta para a filha, de um jeito que fez Carter se afundar ainda mais no sofá.

Eva olhou para a mãe antes de abaixar os olhos respeitosamente.

– Sim – confirmou Carter. – Já cumpri pena.

– Mais de uma vez – retrucou Eva. Ela sacudiu a cabeça, perplexa. – Você acredita mesmo que

vou querer minha filha com um homem que considera um tempo na prisão umas férias estendidas de verão?

– Não vejo dessa forma. – Carter estava resoluto. – Não me orgulho do meu passado.

– Talvez – retrucou Eva. – Mas o passado de fato aconteceu.

– Como o passado do meu pai? – interferiu Kat.

Eva olhou para a filha por um instante, seus olhos se enchendo de lágrimas.

– Não ouse compará-lo ao seu pai – censurou ela. – Seu pai... Seu pai... – Ela mordeu o lábio e enrolou os braços no próprio corpo. – Ele pode ter feito coisas das quais não se orgulhava – continuou antes de voltar a olhar para Carter –, mas fez algo para se redimir depois. Tornou-se alguém que as pessoas admiravam, respeitavam, amavam...

– Carter já fez coisas que admiro e respeito – enfureceu-se Kat. – Você não faz ideia do que ele superou, contra o que ele lutou a vida inteira. Você não faz ideia da noite em que meu pai morreu, de como Cart...

– Kat – interrompeu Carter.

Ele não queria que Eva soubesse de sua participação na noite em que o senador tinha morrido. Não agora. Não se tratava de ganhar pontos. Um soluço abafado veio do outro lado da sala. Carter desviou o olhar de Kat e viu o rosto devastado de Eva e Harrison acariciando seu cabelo.

– Você acha que não faço ideia da noite em que seu pai morreu? – repetiu ela sem fôlego. – Como você pode... Katherine, aquela noite...

Ela meneou a cabeça, sem palavras.

– A noite em que seu pai faleceu foi a pior da minha vida – falou Eva. Lágrimas escorriam por seu rosto. – Não faço *ideia*? – repetiu ela, soltando um ronco agressivo de risada. – Nunca tinha sentido tanto medo quanto no momento em que recebi aquela ligação: um medo debilitante que se instala no peito, Katherine.

Kat abaixou a cabeça e fechou os olhos.

– Mãe, me desculpe. Não quis dizer...

– E não foi só porque perdi meu marido – continuou Eva, sufocada –, por mais que eu o adorasse, o amasse. Não.

Ela fitou Kat com os olhos cheios d'água e as lembranças devastadoras enrugando seu rosto.

– O momento em que fiquei mais assustada, Katherine, foi quando pensei que tinha perdido você.

Kat apertou a mão de Carter, mordendo o interior da boca.

– Eu sabia que seu pai não permitiria que alguém machucasse você, Katherine – insistiu Eva. – Ele teria destruído qualquer um que tentasse. Mas quando o médico no hospital olhou para mim com aqueles olhos empáticos... tive certeza de que você... – Ela apertou a xícara de chá. – Tive certeza de que aqueles monstros haviam tirado você de mim também.

– Eles não tiraram – murmurou Kat, secando o olho esquerdo. – Estou aqui.

– Sim, você está – retrucou Eva. – Com ele.

– É diferente. Carter não é um assassino! – censurou Kat.

– Não, é um traficante. Fico tão aliviada – replicou Eva, o desdém pingando de cada palavra. Antes que Kat pudesse responder, ela acrescentou:

– Você acha que seu pai ficaria feliz por você ter aceitado um emprego no presídio, trabalhando com o tipo de homens a quem ele entregou a própria vida para salvar você? Acha que ele estaria sentado aqui dando sua bênção a vocês dois? Se acha, está errada.

Antes que Carter pudesse pará-la, Kat se levantou abruptamente do sofá, os olhos em chamas, as lágrimas e as palavras gentis esquecidas.

– Ele me deu sua bênção, mãe! Ele me deu sua bênção no dia em que visitamos o túmulo dele.

Apesar da mão de Harrison e de sua tentativa de tentar segurá-la, Eva se levantou.

– Não seja ridícula, Katherine. Seu pai não toleraria isto. Eu não vou tolerar! Você é muito melhor que isso.

– Você não manda na minha vida, mãe. Tenho 25 anos!

– Você é minha filha e quero você em segurança!

– EU ESTOU EM SEGURANÇA!

– Como pode dizer isso? – Ela apontou um dedo acusador na direção de Carter. – Ele é um criminoso, preso por porte de cocaína, roubo de carros, posse de armas. Não é seguro estar com ele; não é quem eu quero ao seu lado!

– *Chega!*

A sala chacoalhou com a voz grave e estrondosa de Harrison.

Carter o olhou boquiaberto, surpreso por ele ter gritado tão alto quanto gritou, apesar de ele próprio estar prestes a fazer exatamente a mesma coisa. Harrison saiu de trás da poltrona de Eva, parecendo furioso.

– Chega, vocês duas.

Eva suspirou.

– Harrison, eu não acho...

– Não, Eva – interrompeu ele. – Já chega. – Ele esfregou as pontas dos dedos na testa. – Estou tão cansado de ver vocês duas discutindo e brigando. Me parte o coração. – Ele olhou para Kat. – Nunca vi vocês assim. Nenhuma de vocês, e não posso mais ficar calado.

– Eu concordo – murmurou Nana Boo de sua poltrona no canto da sala. – Eva, eu amo você, mas precisa parar.

– Parar? – repetiu Eva. – Sua neta está "apaixonada" por um homem cujo guarda-roupa está repleto apenas de macacões de presidiário.

Carter quase bufou com essa.

– Pode até ser – respondeu Nana Boo com raiva. – Mas o que você parece não perceber é que, quanto mais grita e bate o pé, mais você os aproxima. E, se não tomar cuidado, vai perdê-la de vez.

Eva piscou. Kat se virou para Carter com uma careta de desculpas. Ele pegou a mão dela e deu um beijo nas articulações de seus dedos.

– Kat, venha comigo e com Harrison – instruiu Nana Boo em um tom que não permitia argumentação. – Eva e Carter, fiquem aqui. – A expressão de seu rosto se suavizou quando encontrou o olhar de Carter. – Tenho certeza de que vai ser mais fácil para os dois conversar sem uma plateia.

Eva ficou branca.

– Não vou ficar aqui com ele.

– Por quê? – retrucou Nana Boo. – Está com medo de que ele tente lhe vender um pacotinho de pó?

Os olhos de Eva se arregalaram e ela emudeceu, enquanto Carter deu um sorriso torto.

– Fiquem aqui – ordenou Nana Boo. – Conversem.

Ela tirou Kat e Harrison da sala, e encarou Eva. Carter não podia negar que estava surpreso por Kat ter permanecido quieta, sem discutir. Ele fixou os olhos em Eva, que andava de um lado para outro na sala como um animal enjaulado. Ele estudou o grande bar de mogno do lado oposto da sala e rezou para que tivesse uísque ali.

Bingo.

– Bem, não sei quanto a você – disse Carter, exausto, levantando-se e indo até o bar. – Mas eu preciso de uma bebida.

Eva o observou colocar dois dedos no copo de cristal. Ele estendeu o copo na direção dela.

– Não, obrigada – agradeceu ela, sentando-se de novo. – É um pouco cedo para mim.

Carter tomou um gole e fechou os olhos. Coragem escocesa nunca tinha tido um gosto tão bom. Eva evitou fitá-lo, olhando para todos os lugares, menos para Carter, e permaneceu irritantemente calada.

Quinze minutos se passaram da mesma maneira até que Carter não conseguiu mais suportar.

– Kat é bem parecida com você, sabe?

Eva ergueu uma sobrancelha nada impressionada.

– Ela é – continuou ele. – Cuidadosa, determinada, intensa. Teimosa pra caramba.

– Se essa é a sua forma de ganhar uns pontos comigo – retrucou Eva com firmeza –, acredite em mim: não está funcionando.

– Ah, sei disso – concordou Carter. – Assim como Kat, você não recua quando se trata daquilo em que acredita.

– Katherine não sabe em *que* acredita.

– Besteira. Kat é a pessoa mais decidida que conheço. Você não lhe dá o crédito que ela merece. Não existe ambiguidade quando se trata daquilo em que ela acredita.

– Linguajar impressionante – ironizou Eva.

– Obrigado. Tive uma boa professora.

Eva se recostou e cruzou as pernas.

– Sim, você teve. E, até onde sei, teve uma educação de ponta, que jogou pela janela sem pestanejar para ficar por aí traficando drogas e roubando carros.

– Não foi exatamente assim – respondeu Carter, tomando um gole de uísque.

– Semântica. A questão é que você esteve mais vezes na prisão do que as pessoas deste país tiram férias, inclusive sua última detenção por posse de cocaína.

Os cantos da boca de Carter se curvaram para baixo, impressionados.

– Você fez sua lição de casa.

– Amo minha filha. É claro que fiz minha lição de casa. – Ela o fitou. – Também sei que você é o acionista majoritário de uma das maiores empresas dos Estados Unidos, que vale milhões, e mesmo assim continua vivendo essa vida criminosa insignificante.

Carter limpou a garganta, nervoso demais para dar esclarecimentos.

– Bom, ao menos Kat não vai passar fome, certo?

– Você está tentando ser engraçado?

Obviamente, não.

Ele contornou a boca do copo com o polegar e fechou os olhos.

– Olha, você entenderia se eu dissesse que minha última vez na prisão, por causa da cocaína, foi minha libra de carne?

Eva franziu a testa.

– O quê?

– Uma libra de carne – repetiu ele, erguendo os olhos para encontrar os dela. – Você sabe o que isso significa?

Perplexa, Eva respondeu:

– Uma dívida que precisa ser paga? – Ela fez uma pausa. – Você traficou cocaína para quitar uma dívida?

– Não – respondeu ele. – Fui pego com cocaína para quitar uma dívida.

Eva esfregou a testa, irritada.

– Estou confusa.

Carter expirou e tocou na borda do maço de cigarros no bolso de sua calça, precisando da nicotina em seu sangue. Ele suspirou e apoiou os cotovelos nos joelhos, detalhando a história de Max e Lizzie, do momento em que Max o tirou do caminho de uma bala até o dia em que Lizzie foi embora.

Eva gesticulou a mão com indiferença.

– E você está me contando isso porque...

Deus, essa era difícil de dobrar.

– Porque às vezes as coisas não são o que parecem ser.

– E às vezes elas são exatamente o que parecem ser. Um ato de estupidez não muda porcaria nenhuma.

– Certamente – concordou Carter. – Sei que sou um idiota; sou o primeiro a admitir.

– Você faz ideia de quanto me preocupo? – perguntou ela. – Faz ideia de quantas horas de sono perdi desde que ela começou a trabalhar naquela... prisão?

– Posso imaginar.

– Não, não pode! – censurou Eva. – Não faz ideia. Ser mãe não é fácil, em especial quando sua filha insiste em tornar tudo ainda mais difícil.

– Kat não começou a trabalhar em Arthur Kill para dificultar a sua vida – retrucou Carter. – Ela começou a trabalhar lá para superar seus medos, para superar o que a apavorava e a mantinha acordada à noite.

– E o que você sabe sobre isso? – questionou Eva.

– O suficiente. – Carter apertou os lábios em uma tentativa de se conter. – Olha, sei sobre o pai dela. Sei o que aconteceu. Ela dar aulas para criminosos...

– Animais.

– ... é sua libra de carne.

– Para com quem?

– O pai dela.

A expressão de Eva se suavizou e ela baixou a voz.

– Como assim?

– Na noite em que ele faleceu, ela lhe prometeu que faria algo para recompensar. Prometeu que se tornaria professora e ajudaria as pessoas, do jeito que ele fez como político. – Carter deu uma olhada para a porta por onde sua Pêssegos tinha passado. – Ela só queria cumprir a promessa. Quitar a dívida.

Eva se recostou na poltrona e ficou olhando pela janela. A neve tinha começado a cair novamente.

– Eu não sabia disso.

– Como eu falei – murmurou Carter –, as coisas nem sempre são o que parecem. – Ele respirou fundo. – Eu amo a sua filha, senhora. Estou fazendo isso porque quero fazer tudo da forma certa. Estou fazendo isso porque ela quer ficar comigo e eu quero ficar com ela.

Eva endireitou as costas.

– Vocês mal se conhecem! Acha que porque ela lhe contou alguns segredos, você a conhece?

– Eu a conheço melhor do que você pensa.

– Ah, por favor! Você a conhece a quê, quatro, cinco meses?

Um instante se passou.

– Que tal dezesseis anos?

Os olhos de Eva brilharam, severos, mas confusos.

Carter a fitou de volta, esperando que a ficha caísse.

Sim, era pedir muito, mas, puxa, o que ele tinha a perder? Ele não queria que seu papel como salvador de Kat fosse um fator decisivo para que Eva o aceitasse ao lado de sua filha. Mas a maldita mulher o tinha levado àquele ponto com sua incapacidade de vê-lo sem uma lista de contravenções e delitos colada na testa.

Deus, ele tinha até contado que tinha sido preso no lugar de Max. Ele não teria mencionado aquilo se não estivesse se sentindo encurralado, sem saída. Desesperado para que Eva enxergasse além de seus erros, ele não tinha mais nada para pôr na mesa.

– Como é que você a conhece há dezesseis anos? – perguntou Eva lentamente. – É impossível. De jeito nenhum.

Apesar das palavras de convicção, os olhos dela diziam a Carter que as peças estavam se encaixando. A teimosia de Eva era a única coisa que a impedia de ver o que estava bem à sua frente.

– Nos conhecemos... no Bronx – disse Carter em voz baixa. – Ela tinha 9 anos. Eu tinha 11.

O horror se espalhou pelo rosto de Eva, mas mudou rapidamente para emoções que eram tão indiscerníveis quanto fugazes. Ela estava em guerra consigo mesma agora, lutando contra o que acreditava – ele era um criminoso bruto e perigoso – e a verdade – ele tinha salvado a vida de sua filha.

– Os noticiários – gaguejou Eva. – Saiu em todos os noticiários. *Todo mundo* sabe que eles

estavam lá aquela noite. *Todo mundo* sabe o que aconteceu.

Carter prosseguiu, ignorando a acusação de que ele era um mentiroso.

– Ouvi um grito.

Eva fechou os olhos.

– Eu estava do outro lado da rua e vi tudo: os caras com os tacos, Kat, seu marido. Deus, aconteceu tão rápido. Ele... Seu marido estava no chão. Eles bateram nele com o taco, o chutaram. Ele tentou revidar, mas havia muitos deles para um homem só.

Eva emitiu um ruído estrangulado e colocou a mão na boca.

– Kat estava no chão a meio metro dali – continuou Carter, perdido nas lembranças. – Um daqueles desgraçados tinha batido nela.

– Pare.

– Ela estava usando um vestido azul. Estava sujo da calçada, rasgado na manga. Seu marido gritou para ela correr. Ele implorou diversas vezes, mas ela não ouvia. E eu sabia que se aqueles filhos da puta a pegassem, eles a matariam.

Eva finalmente ergueu os olhos para ele, lágrimas escorrendo por seu rosto.

Carter colocou a mão no estômago.

– Alguma coisa aqui dentro, bem no fundo, me disse para ajudá-la. Eu não podia deixar que eles a machucassem. Aquilo era errado.

– Você... Você... – soluçou Eva, incapaz de formular uma frase completa.

– Eu corri até ela – disse Carter. – Agarrei seu braço e a tirei de lá. Mas tive que arrastá-la a maior parte do caminho; ela era pequena, mas lutou, sabe? Ela era forte.

Eva enrolou os braços no próprio corpo, ouvindo-o descrever como tinha retirado Kat do chão frio e molhado.

– Houve um tiro e ela gritou, e tudo o que eu pude fazer foi abraçá-la e garantir que ela não voltasse correndo para lá. Concluí que estava fazendo o que o velho dela queria. Estava fazendo algo bom. – Ele passou as mãos pelo cabelo. – Salvar a vida de Kat foi a única coisa boa que fiz na minha vida inteira.

Então, eles ficaram olhando um para o outro por alguns instantes, e ele torceu para que finalmente se entendessem. Haviam encontrado seu denominador comum. Ambos viviam pelo mesmo motivo e, com essa percepção, ele sentiu mais facilidade em respirar.

– Para onde você a levou? – perguntou Eva.

– Para a porta de um edifício a algumas quadras dali. Quando ela parou de lutar comigo, chorou até pegar no sono.

– Aí você a deixou?

– Não – respondeu ele. – Eu a abracei. Fiz carinho em seu cabelo, conversei com ela até que a ajuda chegou.

– Mas... você sumiu.

Carter deu um sorriso torto.

– Eu já era conhecido da polícia por causa das merdas que eu e Max tínhamos feito e eu sabia que, se eles me pegassem, eu teria que dar explicações. Então...

– Você fugiu.

– É.

– Aonde você foi?

– Voltei para a casa do meu amigo. Max me acalmou, me ajudou com o choque do que tinha acontecido.

Eva desviou os olhos para a porta.

– Ela sabe?

– É claro. Tive que contar a ela.

– Como ela reagiu?

Carter sorriu.

– Do jeito dela. Mas estou aqui, certo?

– Sim, está.

Carter expirou e passou a mão cansada pelo rosto.

– Olha. Sei que nunca seremos melhores amigos. Sei que nunca vai me ver como bom o bastante para sua filha, porque eu mesmo sei disso. E não contei isso a você para ganhar uns pontos. Contei porque queria que você entendesse que eu jamais a machucaria. Ela é tudo para mim. Quero dar a ela tudo o que ela quiser ou de que precisar. E quero que você e Kat voltem a ser como eram antes de eu me envolver. Odeio ter causado isso.

O rosto de Eva se iluminou com esperança pela mesma coisa.

– Não foi só você. Todos nós temos certa culpa.

– Preciso que saiba que não estou aqui para mais nada a não ser amar e cuidar da sua filha.

Um sorriso tímido brincou nos lábios de Eva.

– Sabe – falou ela sabiamente –, você parece o pai de Kat quando fala desse jeito. Ele teve que convencer meu pai de que era bom o suficiente para mim.

– E convenceu?

– Acho que sim.

– Eu convenci você?

Eva se levantou e atravessou a sala até a janela. O silêncio e a expectativa fizeram o coração de Carter acelerar.

– Minha filha sofre do mal de ser parecida demais comigo – começou ela. – Tem razão quanto a isso; e consigo ver quanto ela ama você. – As bochechas dela ficaram rosadas de vergonha. – Eu não queria enxergar, mas é claro como água. Mesmo assim, tendo dito isso, não posso ignorar o fato de que Kat está se arriscando muito ao ficar ao seu lado.

Carter abriu a boca para protestar, mas Eva ergueu a mão, fazendo-o engolir as palavras.

– Preciso que *você* saiba que Kat é a coisa mais importante da minha vida. Sempre foi. Se alguma coisa acontecesse com ela, não sei como eu sobreviveria.

Ele sabia exatamente o que ela queria dizer. Se Kat deixasse de existir, ele também deixaria.

– Mas você a salvou, certo?

Carter engoliu em seco.

– Sim, senhora.

– Você a salvou quando o pai dela não podia. E, se você não estivesse lá, então eu teria perdido os dois.

– É.

– Então, em que pé isso nos deixa?

Carter deu de ombros.

– Não sei. Mas é um começo, não é?

A expressão de Eva não dizia nada.

Carter deu uma olhada na direção da porta mais uma vez e começou a se levantar. Ele enfiou as mãos nos bolsos e apontou com a cabeça na direção de Kat.

– Eu... Eu vou ver se ela está bem.

Eva não respondeu, mas manteve os olhos nele enquanto ele atravessava a sala.

– Wes.

Carter parou e cerrou os olhos por um breve instante; então se virou para ela, uma pedra em seu estômago e um deserto em sua garganta.

– Sim?

– Obrigada – sussurrou ela. – Do fundo do meu coração, obrigada, Wes, por ter salvado a vida de Katherine.

33

Assim que Wes deixou a sala de estar, Eva perdeu-se em pensamentos, olhando pela janela da frente da casa de sua mãe, observando a neve cair, fresca, limpa e linda.

Ficou lembrando do rosto do homem que tinha sido tudo para ela. Ela amava Harrison de todo o coração, com exceção daquele pedaço que sempre pertenceria a Daniel Lane.

Eva secou as lágrimas e deu uma olhada por cima do ombro quando ouviu o som distante de risadas e uma porta sendo fechada. Precisava dar o braço a torcer em relação a Wes. Ele se mantivera firme, sem pestanejar. Expusera suas ideias de forma articulada – fora alguns palavrões –, demonstrando amor incondicional e lealdade a Katherine. Eva não estava mentindo quando disse a Wes que não queria ver amor entre eles. Era o que mais a assustava.

Sua filha estava totalmente apaixonada por Wes Carter. Era um amor que muitos nunca chegariam a encontrar na vida, um amor que ninguém jamais poderia extinguir. Era grande, poderoso, do tipo que consumia tudo. Eva podia vê-lo nos olhos de Kat quando ela olhava para ele, assim como quando ela olhava para Eva ao defendê-lo. Era o mesmo olhar que Eva lançara inúmeras vezes ao pai logo que apresentou Danny à família.

Só o que Eva queria era que Katherine fosse amada de um jeito apaixonado, de tirar o fôlego. Queria que a filha fosse consumida pelo amor, sem medo de se sentir fragilizada por ele ou preenchida por sua força. Queria que Kat fosse às nuvens e desse cambalhotas e se perdesse em um homem que a amasse tanto quanto ela o amava. Queria tudo aquilo para Katherine, e Katherine o tinha. Mas Wesley Carter não poderia ser mais diferente do homem que Eva tinha imaginado.

Depois de ouvir a confissão dele, a ansiedade de Eva com relação ao relacionamento tinha diminuído de maneira considerável. O homem tinha salvado seu bebê, pelo amor de Deus. Quando tinha apenas 11 anos. Ela era grata a ele além do que as palavras podiam expressar, mas a mamãe ursa dentro de Eva se recusou a recuar.

Ela entrou na cozinha e encontrou sua mãe e seu parceiro sentados à mesa. Duas garrafas de vinho estavam abertas, bem como uma garrafa de Jameson. A expressão de sua mãe agora era mais amena.

– Ei – disse Eva baixinho. – Cadê...?

– Ela está lá fora com o Wes enquanto ele fuma um cigarro mais do que merecido e toma alguma coisa. – A mãe de Eva suspirou. – Venha. Sente-se.

Eva se aproximou de Harrison com o estômago pesado. Era amor. Era culpa. Era vergonha. Era lamento. Ela se sentou devagar e ficou olhando para o perfil dele. A barba escura por fazer marcava

seu maxilar e os olhos castanho-escuros estavam perturbados enquanto fitavam o copo de uísque em suas mãos. Eles tinham tanto que dizer um ao outro, mas Katherine era sua prioridade. Ela precisava consertar as coisas. Eva deu uma olhada hesitante para a porta dos fundos.

– Diga a ela como você se sente – disse Harrison, os olhos ainda fixos na mesa.

– Não sei como – confessou ela.

– Sabe, sim.

– Estamos tão distanciadas.

– Vocês vão se aproximar de novo. Seja honesta. – Ele tirou o casaco de moletom e o entregou a ela. – Está frio lá fora.

Eva pegou o moletom com um sorriso de gratidão.

– Sinto muito, Harrison. E eu amo você. Muito.

– Eu sei – respondeu ele, olhando para ela pela primeira vez.

Ela se aproximou e deu um beijo carinhoso no canto da boca do marido. Ele se virou na direção do beijo com um suspiro.

– Vá – pediu ele com delicadeza.

As unhas de Reggie sapatearam com alegria no chão enquanto ele seguia Eva até a porta. Ela colocou o moletom de Harrison – adorando o cheiro e a maneira como ele engolia seu corpo pequeno – e abriu a porta devagar. Seus olhos logo encontraram dois corpos aconchegados, sentados no degrau da varanda.

Wes estava com o braço em torno de sua filha, enquanto seus lábios murmuravam palavras suaves, inaudíveis ao ouvido dela. O ar tinha cheiro de fumaça e de frio. A porta fez um ruído, fazendo Wes se virar.

Eva abaixou a cabeça em aceitação antes de Carter repetir o gesto. Katherine olhou por cima do ombro, sua expressão indecifrável.

Wes deu um beijo no rosto de Katherine e sorriu.

– Vou dar um momento a vocês duas – disse ele antes de se levantar e passar por Eva, seguindo em direção à porta.

– Obrigada, Wes – agradeceu a mãe de Kat.

A porta se fechou atrás dele e Eva engoliu em seco antes de dar um passo hesitante para se aproximar da filha.

– Posso me sentar?

– Se você quiser.

Reunindo toda a sua coragem, Eva sentou-se ao lado de Katherine. Por alguns minutos, as duas mulheres ficaram em silêncio. Como ela poderia verbalizar o amor que tinha pela filha? Nenhuma mãe jamais conseguiria. Era enorme, imensurável e impossível de rotular.

– Katherine – começou Eva em voz baixa, morrendo de medo de dizer a coisa errada. – Fico feliz por vocês dois estarem aqui.

Katherine permaneceu em silêncio. Eva não conseguia ver a expressão no perfil da filha, a não ser um leve tremor de seu lábio. Danny fazia a mesma coisa quando ficava nervoso. Pensar que ela levava a própria filha a se sentir daquele jeito partia seu coração.

– Queria me desculpar com você. – Ela ofegou e fechou os olhos. – Eu amo muito você, querida, e quero que as coisas voltem a ser como antes entre nós. Odeio brigar com você.

– As coisas nunca mais serão como eram, mãe. Muita coisa aconteceu.

Eva lutou contra o nó que sentia no fundo da garganta.

– Eu... Entendo se você não quiser tentar.

Olhos verdes fumegantes encontraram os dela.

– Não é que eu não queira tentar, mãe. É que me dói o fato de você não suportar ficar no mesmo recinto que o homem que amo. Carter e eu somos um "pacote" agora. Se você não consegue lidar com isso, então não há esperança de as coisas entre nós um dia voltarem a ser como antes.

Eva fechou as mãos, unindo-as, querendo que suas apreensões e sua falta de confiança descessem para o estômago.

– Eu entendo.

– Não – retrucou Katherine. – Não entende. – Ela cerrou os olhos e respirou fundo. – Só porque ele contou a você sobre ter me salvado não significa que você entenda o que Carter e eu somos um para o outro.

– Então me explique – pediu Eva.

Ela queria entender. Precisava.

Katherine respondeu sem hesitação.

– Eu o amo mais do que poderia explicar. – A voz dela nunca oscilou em seu fervor. – Ele me entende, me mantém segura e me ama também.

– Sei que ama.

Um amor daqueles era inegável.

– Ele é honesto, sensível e um dos homens mais corajosos que já conheci. E quero ficar com ele pelo resto da vida.

Embora o coração de Eva quase tenha saltado do peito, as palavras de Katherine não a surpreendiam. É claro que ela queria ficar com ele para sempre. Ele era sua outra metade, assim como Danny tinha sido a de Eva. Como podia negar à filha a única coisa que desejara para ela desde o dia em que ela nascera?

– Como isso faz você se sentir, mãe? Como se sente ao pensar que um dia o homem que está lá dentro, que você trata com tanto ódio, vai ser meu marido, o pai dos seus netos?

Eva enfiou as mãos debaixo dos braços e ficou olhando para os jardins, imaginando seus netos correndo em torno das árvores e das flores. Ela viu Katherine em um vestido branco simples, com flores silvestres no cabelo, andando com Harrison por um caminho de magnólias brancas na direção de Wes, que sem dúvida estaria devastadoramente bonito de terno preto e camisa branca desabotoada no pescoço.

Parecia tão simples, tão natural. E, naquele momento, Eva sabia que era inevitável.

– Apavorada.

A confissão escapou de seus lábios em um sussurro.

– Por quê? – quis saber Katherine. – Por que o pensamento de me ver feliz a assusta tanto assim?

Eva fitou sua filha linda, forte e determinada.

– Me assusta porque você não é mais a minha menininha.

Ela se aproximou de Katherine e tirou seu cabelo do ombro, de modo que ele se espalhou maravilhosamente por suas costas.

– Eu tomei algumas decisões muito ruins na minha vida, sobretudo quando tive que lidar com suas escolhas na carreira e na sua vida amorosa; e por isso lamento de verdade. Mas, por favor, acredite que, quando tiver seus filhos, vai entender tudo com clareza. Eu iria até o inferno e lutaria com o próprio satanás se qualquer pessoa ameaçasse machucar você. Uma mãe protege os filhos não importam as consequências, tenham eles 5 ou 25 anos. – Ela segurou o rosto de Katherine entre as mãos. – Depois que seu pai morreu, a consciência de que você era minha única conexão com ele me deixava apavorada. Eu queria mantê-la ainda mais protegida, longe de tudo e de todos que pudessem tirá-la de mim.

Os olhos dela se encheram de lágrimas quando Katherine acomodou o rosto em sua mão.

– Não é uma desculpa pelo meu comportamento. Eu nunca quis machucá-la nem reprimi-la. Você é tão mais forte que eu, e não lhe dou crédito suficiente por isso. Me desculpe. Sei que vai levar tempo até que confie em mim de novo. Só espero que consiga. É difícil me desapegar por uma série de razões, mas quero que você esteja em segurança e feliz, Katherine. Isso é tudo o que seu pai e eu sempre quisemos.

– Eu sei, mãe – disse ela. – E estou. Estou feliz com Carter.

Eva beijou com suavidade a testa da filha.

– Sim, querida. Eu sei.

Deixando toda a sua esperança nas mãos de Katherine, Eva se levantou.

– Vou mandar Carter aqui para fora de novo para você não ficar sozinha.

– Mãe?

Ela se virou lentamente, a mão na porta.

– Sim, meu amor?

– Me desculpe... E eu também te amo.

34

Duas semanas depois, Austin Ford foi convocado aos escritórios da WCS.

A diretoria queria trocar uma ideia.

Depois da visita de Ben Thomas, ele havia passado dias e noites fazendo contato com cada um dos filhos da puta que possuíam dívidas gigantescas com ele. Mas parecia que nada poderia livrá-lo do fosso cavernoso que Carter e seu advogado tinham arranjado para ele.

Austin se aproximou da sala de reuniões de cabeça erguida, ignorando o olhar desconfiado de Helen, sua secretária, quando parou na mesa dela.

– A diretoria deve chegar às...

– Eles já estão lá dentro – disse ela, evitando os olhos dele.

Austin arqueou uma sobrancelha.

– Estão?

– Sim, senhor.

Bem, aquilo era... esquisito.

Ele respirou fundo, empurrou a pesada porta de mogno e logo desejou não tê-lo feito.

Eu. Estou. Fodido.

Ele ficou olhando incrédulo para seu primo, de pé junto à ponta da mesa da diretoria, usando um terno de alfaiataria Dior de quatro mil dólares. De costas eretas e sorrindo como se soubesse o segredo da vida, ele parecia infinitamente diferente daquele ex-presidiário sujismundo que Austin tinha visto poucos meses antes. Austin sentiu vontade de apagar aquele sorriso torto do rosto dele com um gancho rápido de direita.

– Bom dia. – Carter apontou para a cadeira vazia à sua esquerda. – Gostaria de se sentar?

– Prefiro ficar de pé – respondeu Austin, dando uma olhada para as quinze pessoas em torno da mesa, inclusive Adam. – Acolhedor pra caralho aqui dentro. – Austin abaixou a cabeça em uma tentativa de acalmar os nervos. – Acho que é isso que eles querem dizer quando usam a expressão "aquisição hostil".

– Talvez – replicou Carter. – Mas isso não é hostil, nem uma aquisição; estou apenas reivindicando o que já era meu. Os membros da diretoria concordaram, por unanimidade, que os contratos assinados por nossos avós mostram que sou o CEO legítimo e sócio majoritário da WCS Communications.

– Concordaram, é? – grunhiu Austin.

– Sim, concordaram – respondeu Adam. Ele se levantou e deu um passo na direção de Austin. – E

eles o teriam feito bem antes, se você não tivesse escondido deles. Precisamos que você assine a cedência dos seus direitos. Já assinei a minha. Legalmente, precisamos fazer isso na frente da diretoria.

Austin estreitou os olhos para Adam. Onde estava a porra da lealdade?

– Eu sei – sibilou ele entre os dentes.

– Não se preocupe – interrompeu Carter. – Eu me certifiquei de que vocês ainda tenham ações. E o pagamento que receberão por elas é mais do que suficiente para manter vocês e suas famílias em uma boa situação por duas vidas inteiras.

– Não se trata de dinheiro.

– Exatamente – censurou Carter. A voz dele se tornou um sussurro severo. – *Nunca* se tratou de dinheiro, Austin. Tratava-se da porra de um princípio, uma palavra que continua fugindo de você todos os dias.

Austin fitou o primo e o irmão, os dedos gelados da derrota segurando seu peito.

– Onde está o contrato?

– Aqui, Sr. Ford – disse um dos advogados da WCS.

A natureza astuta e sarcástica da situação começou a rodear Austin como uma nuvem tóxica. Passando como uma tempestade por Carter e Adam, ele pegou uma caneta na mesa e assinou seu nome. Todo o seu trabalho duro, todos os seus sonhos, ele abriu mão de tudo com uma assinatura rápida. O gosto do vômito se tornou forte no fundo de sua garganta.

– Há, também, uma ordem de silêncio para você assinar – disse o advogado. – Ela declara que se você macular o nome do Sr. Carter ou o da empresa, todo o acordo será invalidado e você não terá direito a nada. Ações legais também serão rápidas e indiscriminadas.

– Ok, eu entendi – retrucou Austin. Jogando a caneta com força na mesa, ele deu uma olhada para os membros da diretoria. – Boa sorte – zombou ele, apontando para Carter com o polegar. – Vocês vão precisar, com esse palhaço comandando o espetáculo. – Ele se virou para Carter e deu um sorriso de boca fechada. – Muito bem, Carter. Parece que você se deu bem.

Carter balançou a cabeça.

– Não, eu só recebi o que merecia. Assim como você.

– Que seja – censurou Austin, empurrando o primo para fora do caminho.

Ele precisava sair dali, encontrar uma garrafa de Jack Daniel's e uma mulher e se perder nos dois por uma semana.

– Ah – lembrou-se Carter de repente, fazendo Austin parar no meio do caminho. – Kat mandou um "oi".

O som do maxilar de Austin se fechando com raiva ecoou pela sala. Ele quase podia ouvir a porra do sorriso presunçoso de Carter. Com uma fúria contida, atravessou as portas e saiu da WCS pela última vez.

■ ■ ■

– É só chupar!

– Não consigo!

– Claro que consegue! Chupe!

Kat tossiu o macarrão que Carter estava colocando em sua boca e começou a rir. Carter riu junto. O macarrão escorreu pelo rosto dela e caiu em seus seios nus. Rápido como um raio, Carter mergulhou no corpo de Kat e começou a chupar o macarrão. Talvez ele tenha chupado os mamilos dela também, porque comer comida chinesa pelado tinha essas vantagens.

Sua boca aventureira subiu até o queixo de Kat, e depois até os lábios, onde a beijou, cobrindo-a de molho agridoce.

Ela gritou, tentando debilmente empurrá-lo.

– Você é um babaca.

Ela riu.

– Eu sei – admitiu ele, erguendo e abaixando as sobrancelhas.

Ele se recostou nos travesseiros ao lado dela, pegou a caixa de frango xadrez e seus hashi na mesa de cabeceira e voltou a se empanturrar. A moça tinha ajudado a abrir seu apetite na última hora e ele precisava se reabastecer. Kat, ainda nua e com o cheiro do amor que eles tinham feito, mordiscou um camarão ao alho enquanto assistia a algum filme de Natal previsível na TV de tela plana.

Carter deixou que a simplicidade doméstica da situação tomasse conta dele. A tranquilidade do relacionamento dos dois e o silêncio fácil que desfrutavam o envolviam como um casulo. Ele nunca havia se sentido mais confortável, mais feliz ou mais amado em toda a vida. Todos os problemas que tinham vindo e ido pareciam insignificantes e, Deus era testemunha, ele passaria por tudo de novo se isso significasse ficar com ela.

Ele engoliu a comida e lambeu os lábios.

– Então, você vai passar a noite aqui, né?

Em geral ele não perguntava – deixando Kat decidir quando ficaria –, mas, estranhamente, esta noite precisava ouvi-la dizer que não ia embora.

Ele *nunca* queria que ela fosse embora.

O pensamento fez Carter se sentar um pouco mais ereto. Perplexo, sua mente tentou assimilar o que aquilo significava.

Como assim, para sempre?

Tipo... morar junto?

Ele meio que gostava da ideia – bastante. Definitivamente. Ele deu uma olhada para as pernas nuas dela, esticadas em sua cama. Mas era mais que aquilo. Queria que Kat fosse morar com ele porque a amava.

O cérebro de Carter estava a mil. Caramba, eles estavam juntos havia tão pouco tempo. E, mesmo assim, já tinham passado por tanta coisa. Não queria que ela se sentisse pressionada; talvez ela não quisesse morar com ele ainda. Ele era chato com relação à limpeza e era um baita rabugento pela manhã. Não que ela já não soubesse disso...

– ... porque vou encontrar Beth para tomar um café, se estiver tudo bem para você.

Ele piscou lentamente, retornando ao quarto, e viu Kat olhando para ele com certa ansiedade.

– Me desculpe, o quê? – perguntou ele, zonzo.

Kat riu e colocou a mão no rosto dele.

– Você está bem? Onde você estava?

– Em lugar nenhum.

Ele colocou a comida de lado e fechou os punhos sobre o colo.

Kat percebeu e seu rosto ficou sério.

– Quer conversar sobre isso?

Ele *queria* conversar sobre aquilo? Olhou para ela.

– Hum... Eu só estava pensando.

Kat se contorceu ao lado dele. Carter percebeu que, em seu nervosismo, ela havia puxado os lençóis para encobrir sua nudez. Ele apertou o maxilar e, aos poucos, puxou os lençóis de volta para baixo. Ela nunca tinha sido tímida com relação ao próprio corpo. Ele não ia deixar que começasse agora. Carter se inclinou sobre o peito nu de Kat e a beijou carinhosamente entre os seios.

– Não é nada ruim – prometeu ele. E então riu, incerto. – Bem, eu com toda a certeza espero que não seja.

As mãos de Kat seguraram as dele.

– O que quer que seja – disse ela –, você pode me contar.

Ele passou as mãos pelos cabelos. Bom, aquela seria a primeira vez que faria isso.

Após um instante, ele falou:

– Então, eu estava pensando que talvez... sabe, se você quiser. Porque eu quero – enrolou-se ele. – Não espero que se sinta obrigada, mas acho que seria... O que quero dizer é que estava pensando se você...

O celular de Carter vibrou na mesa de cabeceira e ele soltou um palavrão. Max. Merda.

– Aguente um pouco – enraiveceu-se ele antes de atender. – E aí, cara?

– Carter, preciso de um favor.

Os olhos de Carter se voltaram para Kat.

– Estou um pouco ocupado agora, cara. Dá para esperar?

– Não, não dá – censurou Max. – Puta merda, cara, você não pode me dar um bolo por causa da sua mulher de novo!

As antenas de Carter se ativaram. Algo não cheirava bem.

– O que foi? O que está acontecendo?

– Explico quando você chegar aqui – respondeu Max. – Preciso de você na oficina em vinte minutos, tá?

Carter massageou a testa. Aquilo não era bom.

– Claro – concordou. E desligou o telefone.

Ele se levantou para pegar a cueca e a calça jeans no chão.

A boca de Kat se apertou em uma linha bem fina.

– Você vai sair?

– Vou. – Ele começou a apertar o cinto. – Mas não devo demorar. Max precisa de mim para

alguma coisa.

A apreensão passou pelo rosto de Kat.

– Alguma coisa – repetiu ela baixinho. – Alguma coisa... ilegal?

– Não – respondeu ele, indo até ela. – Já volto.

Ela envolveu o pulso dele com a mão.

– Por favor... Ele não... O que vocês... Quer saber? Não importa. – Kat tentou sorrir. – Mas tome cuidado, tá?

Desde que Carter admitira que tinha cumprido pena em Arthur Kill no lugar do melhor amigo, comentando ainda que o vício de Max só piorava, Kat sempre ficava ansiosa quando o nome dele era mencionado ou quando ele ligava. Carter sabia que ela temia que Max o colocasse de volta na prisão. E, para falar a verdade, ele tinha a mesma preocupação.

De vez em quando Kat sugeria, de forma sutil, que Carter trabalhasse em outra oficina mecânica ou que parasse de trabalhar de vez, já que seu nome tinha voltado para valer para a lista de acionistas da WCS, e assim ele ficaria longe de qualquer ameaça à sua condicional. No começo, a preocupação dela o irritava e provocava várias discussões acaloradas. Agora? Ele a entendia. Ela morria de medo de perdê-lo, assim como ele também temia perdê-la. Ela o amava e queria protegê-lo, mantê-lo a salvo.

Carter colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

– Eu jamais colocaria o que nós temos em risco, gata. – Ele a beijou. – Mando uma mensagem quando chegar lá, tá?

Beijou-a de novo, sua boca se demorando na dela.

– Está bem.

▪ ▪ ▪

Carter estacionou Kala perto da porta da oficina, mandou uma mensagem para Kat e então acendeu um cigarro. Ele deu uma olhada em volta instintivamente, procurando qualquer pessoa que parecesse suspeita. Assim que teve certeza de que não havia ninguém por perto, desapareceu oficina adentro.

A cada passo, suas mãos ficavam mais suadas e sua consciência gritava mais alto. *Péssima ideia*, dizia ela. É. Não brinca.

Ele encontrou Max em seu escritório, todo desgrenhado e com cara de quem não tinha dormido. Estava com as roupas amarrotadas e a barba por fazer, e seus olhos escuros tinham olheiras profundas. Ele também estava fumando. O cigarro pendia de seus lábios enquanto ele separava uma fileira de cocaína na mesa com um cartão de crédito que com certeza estava estourado. Desanimado, Carter enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta enquanto Max cheirava a fileira com uma nota de vinte enrolada. Ele se recostou, tossiu e esfregou as narinas antes de se levantar e fechar o punho para que Carter o cumprimentasse, batendo nele com o seu.

– Obrigado por ter vindo, cara – disse ele quando seus dedos finalmente se tocaram. – Fiquei pensando se podia afastar você da meteção com a sua preciosa professora.

A mesma merda, de novo.

– Já disse antes – advertiu Carter severamente. – Não estamos "metendo".

Max deu uma risada sarcástica.

– Ah, sim. Vocês se *amam*. Essa merda parece fazer parte da sua vida agora.

Carter ignorou a provocação e o amargor de suas palavras.

– Que diabos estou fazendo aqui?

– Recebi uma dica de um cara que conheço – explicou Max. – Os filhos da puta que me atacaram na boate: eles vão fazer um esquema hoje à noite.

Carter ergueu os ombros.

– E daí?

Os olhos de Max brilharam com fúria.

– Aquele esquema devia ter vindo para *mim*. Trinta mil em dinheiro. Aquela merda quitaria minhas dívidas. Liguei para o Paul; ele vai nos encontrar lá.

– Lá, onde?

– No lugar do esquema. – A expressão de Max se tornou maliciosa. – Vamos mostrar a eles para não foder comigo.

O sangue de Carter gelou.

– E como é que "nós" vamos fazer isso?

Max deu um sorriso arrepiante.

– Não vou ser jogado para escanteio. Eu costumava comandar essa porra. Quero ou ganhar uma parte dos esquemas deles ou eles precisam aprender um pouco de respeito.

Carter ficou branco.

– O que você está pensando? Porra, Max. É a ideia mais idiota que já ouvi. E se eles disserem "não" para a sua proposta, hein? O que você vai fazer? *Forçá-los?*

Max bufou.

– Não venha com essa porra de virtuosismo para cima de mim, Carter. Mal estou conseguindo manter a oficina aberta. Devo demais! Não posso fazer mais nada, cara.

– Já falei para você – respondeu Carter, exasperado. – Me deixe ajudar. Eu dou o dinheiro que precisa.

Max balançou a cabeça

– Não.

– Tem que haver um jeito melhor que esse – suplicou Carter. – De quem foi essa dica? Como sabe que esse cara não vai dedurar a gente? Podemos aparecer no ponto de encontro e dar de cara com quinze filhos da puta com sede de sangue. Veja o que aconteceu na última vez em que você fodeu com esses cuzões.

– O cara é legal. Não vai caguetar – acalmou-o Max. – Está tudo bem. Confie em mim.

Carter abriu a boca para argumentar, mas percebeu que não ia adiantar. A confiança dele no amigo estava totalmente em baixa, e Max era tão teimoso quanto ele. Acrescente a cocaína e o idiota torna-se impossível de ser dissuadido. Não havia razão, não havia coerção. Ele tinha tomado sua decisão e fodam-se as consequências.

O celular de Carter vibrou e ele sabia quem era antes mesmo de olhar para a tela.

Me acorde quando você voltar. Cuide-se. Bjo

Com o medo apertando seu coração, ele colocou o celular de volta no bolso da calça.

– Então, para que estou aqui? – questionou ele em voz baixa.

– Você é a única pessoa em quem confio para cobrir minha retaguarda.

Carter bufou.

– Que sorte a minha. Isso é uma droga, cara. Tem certeza de que não tem outro jeito?

Ignorando a pergunta de Carter, Max deu a volta nele e se aproximou do cofre de parede atrás da fotografia de um Shelby GT.

Depois de abri-lo, Max pegou duas Glocks lá de dentro. Entregou a primeira a Carter.

A hesitação de Carter fez Max enrugar a sobrancelha.

– Estou em condicional – disse Carter lentamente. – Se eu for pego... O que acha que posso fazer com isso, porra?

– Você nem precisa usar esta merda – ralhou Max. – Pegue.

Respirando fundo, Carter pegou a arma, grato por estar usando luvas. Em outros tempos, aquilo teria passado uma sensação boa. Armas sempre fizeram Carter se sentir forte e invencível. Agora, o metal parecia estranho e perigoso em sua mão.

Ele engoliu em seco.

Agora, ele percebia, tinha Kat para ajudá-lo a se sentir forte. Ela o fazia se sentir melhor que qualquer arma, qualquer droga, qualquer bebida, qualquer esquema. Ela lhe dava mais força do que ele pensava ser possível. Ao seu lado, Carter era verdadeiramente invulnerável.

Segurando a Glock na mão e com a imagem de Kat quentinha em sua cama, aguardando que retornasse em segurança, ele de repente entendeu a encruzilhada que tinha à sua frente. Um caminho o levava para casa, para sua Pêssegos, seu tudo. O outro o levava de volta para onde estivera por tantos miseráveis anos. Era um lugar escuro, repleto de lembranças ruins, desesperança e medo. Com Max chapado de cocaína e segurando uma arma na mão, aquele caminho o levava diretamente para Arthur Kill, um regresso à vida de um criminoso que não vale nada, sem perspectivas, sem respeito e sem futuro, todas as promessas quebradas, toda a fé despedaçada.

Não era um lugar para o qual quisesse voltar. Tinha trabalhado duro demais para chegar onde estava agora e não podia desistir de tudo. Ele não podia desistir de sua Pêssegos. Ela era tudo o que importava.

Max largou uma sacola grande e pesada sobre a mesa e começou a tirar todos os tipos de armas de dentro dela.

– Não posso – falou Carter baixinho, fazendo Max erguer a cabeça de supetão, parando de olhar para a faca enorme que segurava.

– Como?

Carter balançou a cabeça e colocou a arma ao lado da sacola.

– Não posso fazer isso.

O rosto de Max ficou desconcertado.

– Do que você está falando?

Carter apontou para a arma.

– Esse não sou mais eu, cara.

Os olhos de Max brilharam, incrédulos.

– Mas que porra! Preciso de você aqui.

– Não precisa, Max – implorou Carter. – Olha, posso dar o dinheiro a você. Não precisa fazer essa merda. Não precisa de armas e de cocaína. Eu disse a você...

– Não sou a porra de um centro de caridade! Não quero seu dinheiro! – berrou Max. – Por que você não entende?

Incrédulo, Carter rangeu os dentes.

– Ok. Por que você não me explica? Vamos colocar tudo para fora.

– Sim. *Vamos* colocar tudo para fora, Carter. – Com ombros tensos, Max deu a volta na mesa. Seus passos eram pesados, raivosos, mas Carter permaneceu firme. – Você acha que porque tem uma mulher que acredita nas merdas que fala para ela sobre ser um bom homem você está acima disso tudo. – Ele gesticulou para o entorno da sala com os braços abertos. – Pois não está. Ainda é o Wesley Carter que sempre foi. Você nunca vai mudar. Não pode.

Apesar de Carter saber que era, em sua maior parte, a cocaína falando, a vontade de dar um soco na boca de seu melhor amigo trovejou dentro dele.

Max deu um sorriso torto com o silêncio de Carter.

– Se considera perfeito demais por causa do porquinho de economias da sua avó. Nem todos temos a porra de um fundo fiduciário como você, Carter. Alguns de nós precisam se virar.

A raiva cortou o peito de Carter.

– É sério; você está falando essa idiotice toda mesmo? Sabe o que aquele dinheiro significa, o que passei por causa dele? Significa porra nenhuma. Sempre foi assim! Meu Deus! Você sabe o que está dizendo, ou a cocaína finalmente matou os seus poucos neurônios?

– Respeito é mais importante que dinheiro, Carter. – Max ergueu a Glock, as pupilas negras e ameaçadoras. – Isto é mais poderoso do que deter 60% de ações. Isto é mais importante do que uma vadia do Upper East Side que chupa o seu pinto...

O indicador de Carter apontou imediatamente para o nariz de Max.

– Não ouse, caralho! – gritou ele. – Não sabe nada sobre ela.

Max desdenhou.

– Você disse que eu podia contar com você. Porra nenhuma!

– Seu filho da puta egoísta – murmurou Carter, balançando a cabeça lentamente. Ele respirou, seu temperamento começando a esquentar. – Já nem sei mais quem você é. – Ele engoliu em seco. – Você se lembra da noite em que salvou minha vida?

– É claro que me lembro. Como poderia não lembrar? Levei um tiro por você.

– Fico feliz que se lembre. – Carter sentiu um aperto no peito. – Porque estamos quites agora, Max. Paguei minha dívida. Cumpri a pena por você. Não lhe devo nada.

– Carter...

– Não – censurou Carter. – Para mim, chega. Tenho tudo o que quero na minha vida.

Ele se virou para ir embora.

Os olhos de Max se arregalaram, incrédulos, parando-o.

– Está indo embora para voltar para quê? Para uma mulher?

– Eu a amo, Max. Você não entende? Ela é tudo para mim. Ela me fez perceber que sou melhor que isso.

– Não acredito! Ela vai largar você, cara – disse ele. – Assim que não quiser mais, vai embora, como todas vão. Elas tiram de você o que querem e depois vão embora sem dizer uma palavra, sem nenhuma consideração, porra! Não consegue ver? Aquela vadia está se rebaixando só por curtição por um tempo, que nem sua mãe fez...

O punho de Carter atingiu com força o rosto de Max. O nariz dele explodiu com um estalo e o fez cambalear para trás, os braços abanando, enquanto Carter permanecia em cima dele, tomado por uma fúria tão grande que mal conseguia respirar.

Encontrando o equilíbrio, com o rosto coberto de sangue, Max agarrou com selvageria a Glock que Carter tinha deixado na mesa e a apontou para a cabeça do amigo. Os olhos dele eram ferozes.

– Vai atirar em mim, Max? – perguntou Carter, fitando-o com um olhar desafiador.

– Encoste em mim de novo e você vai ver – grunhiu Max, engatilhando a arma. – Você me deve uma bala. – Ele cuspiu sangue no chão.

O pesar se contorceu no estômago de Carter. Era trágico que tudo tivesse chegado àquele ponto. Seu melhor amigo estava se perdendo para a droga. Ela o estava deixando louco aos poucos, insano por causa de seu coração partido, mas teimoso demais para pedir ajuda. Eles tinham viajado pela mesma estrada por tantos anos, irmãos de coração, mas agora seguiam em direções completamente diferentes.

Carter começou a se virar na direção da porta do escritório, a sensação da arma carregada empolando sua pele sob a jaqueta de couro.

– Está indo embora? – questionou Max sem entonação alguma. – Assim, simplesmente? Você... não pode. Preciso de você aqui! Carter! CARTER!

Carter esticou o braço para pegar na maçaneta.

– Eu te amo, meu irmão, mas preciso pensar em Kat agora. – Ele meneou a cabeça. – Você é melhor que essa merda. – Abriu a porta. – Quando é que vai perceber isso?

– Carter, eu...

Quando Max ficou em silêncio, Carter se virou. Ficou admirado ao ver uma lágrima escorrer pelo rosto do amigo. A Glock em sua mão tremia.

Ele ofegava.

– Você não pode ir embora. Todo mundo me abandona. Não você. Estou... É... Não. Porra, cara.

O sangue do nariz quebrado de Max pingava em sua camiseta e Carter ficou imediatamente arrependido.

– Preciso de ajuda. Dói.

Eles já tinham brigado antes, mas nunca a ponto de haver sangue derramado.

– Desculpe ter dado um soco em você, mas...

– Não. – Max deu um respiro fundo e trêmulo. – É a porra do meu *coração* que dói. – Ele fechou os olhos. – Estou... Ela não estar aqui me mata.

Carter deu um passo hesitante na direção do homem desmoronando, com medo de dizer qualquer coisa.

– Todos os dias acordo e ela não está lá – continuou Max. – Me sinto como se estivesse morrendo; de novo. – A arma em sua mão caiu no chão. – Meu bebê, meu filho – ele ofegou –, ele teria... quase 2 anos. Se ele estivesse... E ela... E minha mãe se foi, meu pai se foi e você está com a sua garota. E o que eu tenho? – Ele olhou em volta, desamparado. – Tenho ressacas e pesadelos que... me apavoram, e não consigo dormir. A cocaína... me mantém acordado. Me faz esquecer por um tempo; e aí consigo enfim respirar. – Ele agarrou os próprios cabelos e soluçou. – E então me lembro de novo e fico sufocando sem ela. – Ele grunhiu. – Deus, sinto falta dela *pra caralho*.

O peito de Carter se abriu completamente.

– Eu sei.

Ele morreria sem sua Pêssegos. Ela era dona de seu coração. Se o deixasse ou o devolvesse, aquilo com certeza o destruiria.

– Oh, Deus – choramingou Max no próprio braço. – O que foi que aconteceu comigo? Achei que fosse esquecer, mas não consigo. Não consigo me encontrar. Estou perdido... *Olhe* para mim. Faça isso parar, Carter. *Por favor,* faça parar.

Carter se aproximou e o puxou, abraçando-o apertado enquanto Max soluçava em sua jaqueta.

– Não me deixe como ela fez. Me ajude – implorou Max. – Você é tudo o que ainda tenho. Por favor. Pelo amor de Deus, me ajude.

– Vou ajudar – prometeu Carter. – Juro que vou, irmão.

EPÍLOGO

Um ano depois...

Tremendo de frio, Kat fechou a porta da casa de praia com o bumbum e marchou até a cozinha, onde largou duas enormes sacolas de compras no balcão. Ela tirou o gorro e as luvas, abriu o zíper da jaqueta e seguiu até a sala de estar, onde Carter estava encolhido no sofá, vendo TV e mascando, com gosto, um palito de dente.

Kat sorriu, observando-o. Ele tinha parado de fumar em seu aniversário, em março, e até agora, nove meses depois, ainda não havia sucumbido. Estava tão orgulhosa dele.

Percebendo que ela estava ali quando os comerciais começaram, Carter ergueu os olhos e sorriu.

– Oi, linda. Como foi seu dia?

– Longo, mas ótimo – respondeu ela. – Os meninos são muito especiais. Estão começando a me ouvir. Olhe. – Ela ergueu um pequeno chaveiro prateado com o formato de um gato. – Eles me deram isto de Natal.

Ela teve dificuldade para conter a emoção quando sua turma de doze alunos do Instituto de Jovens Infratores do Brooklyn lhe entregou o presente lindamente embrulhado.

– Vou sentir falta deles esta semana.

Carter apoiou o queixo no encosto do sofá, ficando insanamente adorável.

– Você tem a mim.

Kat se aproximou e o beijou.

– Que sorte a minha.

– Beth ligou – sussurrou Carter contra os lábios dela. – Ela queria saber se ainda vamos ao evento beneficente no ano-novo. Eu disse que sim. Tudo bem?

– Claro. Como foi o seu dia? Max ligou?

O rosto de Carter ficou triste.

– Sim, ligou. – Ele suspirou. – Porra, pensar que ele tem que passar o Natal naquele lugar acaba comigo, mas sei que é o melhor para ele.

Menos de doze meses depois da confissão de partir o coração que Max fez a Carter, ele foi internado em uma clínica de reabilitação, concordando, enfim, que precisava de ajuda profissional. Sua batalha individual contra o vício em cocaína tinha sido valente, mas curta. Ele ficou limpo por 73 dias antes de sucumbir ao ver, em uma rua movimentada do Brooklyn, uma mulher que pensou ser Lizzie.

Carter e os meninos da oficina haviam feito de tudo para colocar o amigo no caminho certo, mantendo-o ocupado, mas suas cicatrizes emocionais eram profundas demais. Assim que Max admitiu a derrota, após Carter tê-lo encontrado inconsciente no chão do banheiro de casa, Carter pagou um tratamento na clínica de reabilitação, quitando também as dívidas da oficina geradas em decorrência do vício de Max.

Kat segurou o rosto de Carter enquanto o beijava.

– Seja forte. Ele precisa de você.

Carter expirou.

– Eu sei.

– Ei, adivinhe só! – Kat sorriu. – Parei no mercado no caminho para cá.

Os olhos de Carter brilharam.

– Comprou algo gostoso para mim?

Ela sorriu.

– Biscoito Oreo, leite e doze latas de Coca.

Ele largou a cabeça no sofá e suspirou.

– Céus, eu amo você.

Kat riu e voltou para a cozinha a fim de guardar as compras. A deliciosa sensação de vida doméstica que a envolveu era tanto familiar quanto bem-vinda. Morar com Carter tinha sido complicado no começo, mas quase um ano depois eles tinham enfim alcançado um patamar de conforto que Kat adorava. É claro que a limpeza obsessiva e o TOC dele ainda a deixavam louca, mas com certeza tudo valia a pena.

Eles dividiam o tempo entre a casa da praia e o apartamento em TriBeCa, que usavam basicamente durante a semana e sempre que Carter era requisitado na WCS. A casa da praia, no entanto, sempre seria especial para eles: um refúgio que ambos consideravam precioso.

Assim que terminou de guardar as compras, Kat serviu dois copos grandes de leite e enfiou o pacote de Oreo debaixo do braço. Ela entregou um copo a Carter e se sentou ao seu lado, colocando os biscoitos entre eles. Carter levou dois segundos para rasgar o pacote e começar a devorá-los.

– Olhe só, enquanto você estava no trabalho eu fiquei pensando... – murmurou ele, antes de engolir o recheio do biscoito. – Acho que devemos trocar presentes hoje. Você sabe, para comemorar as suas férias.

Kat olhou para ele desconfiada.

– Mas o Natal é só daqui a quatro dias. Você não consegue esperar?

Tinha pegado Carter, uma meia dúzia de vezes, sacudindo e tocando os pacotes debaixo da árvore que ambos haviam decorado duas semanas antes.

– Além disso, Nana Boo, minha mãe e Harrison estarão aqui. Eu gostaria de ter alguns presentes para abrir com eles.

Carter olhou demoradamente para a linda árvore de Natal.

– Mas...

Kat riu.

– Meu Deus, você parece uma criança.

Ele sorriu, os olhos azuis brilhando.

– Isso quer dizer que podemos?

– Ok. Tudo bem – cedeu Kat. – Mas você só pode abrir um.

– Sim, chefe.

Ele se levantou rápido e correu até os presentes.

■ ■ ■

Carter se ajoelhou ao lado da árvore, fingindo fuçar entre os diversos pacotes debaixo dela. Ele sacudiu, cutucou e remexeu, e, quando se deu por satisfeito, achando que seu show tinha sido suficiente, pegou um pacote pequeno e pediu a Kat que se aproximasse. Quando ela se sentou ao seu lado, parecendo um tanto irritada, ele o entregou a ela.

– Feliz Natal, Pêssegos.

– Feliz Natal.

Ela sorriu, a animação se instalando, e começou a rasgar o papel.

– Oh, Carter – ofegou ela quando viu a miniatura da estátua de Alice no País das Maravilhas, uma réplica exata daquela do Central Park. – É perfeita.

– Mesmo?

– Mesmo – respondeu ela, aproximando-se para beijá-lo.

– Eu queria dar isso a você porque Alice nos viu passar por tanta coisa...

Kat emitiu um ruído de concordância.

– É, acho que viu mesmo.

– E – continuou Carter – pensei que ela deveria estar aqui para isso também.

Kat pareceu confusa.

O coração de Carter quase explodiu por entre as costelas quando ele tirou a mão do bolso e entregou uma caixinha da Tiffany a ela.

Os olhos de Kat se arregalaram e foram ao encontro dos dele.

– Carter, eu...

– Pegue.

Ela pegou e, mais devagar do que Carter podia suportar, ela a abriu e arfou. Uma aliança de platina com um diamante de três quilates brilhava sob as luzes de Natal.

Respirando fundo, Carter pegou sua mão trêmula, deixando que seu polegar contornasse o *C* que ela havia tatuado na parte de dentro do pulso como um presente de aniversário para ele. Era a coisa mais sexy que já tinha visto.

Ele segurou a estátua de Alice.

– Quero que você olhe para isto e se lembre de quão longe nós viemos. Alice estava lá quando tivemos nosso primeiro "não encontro" e eu roubei o melhor beijo da minha vida. Ela estava lá quando dançamos na chuva e cantarolei Otis Redding no seu ouvido. Foi naquele dia que contei a você quem eu era e você me deixou fazer amor com você a noite toda.

Ele largou a estátua.

– Eu estava todo despedaçado quando você me encontrou de novo. Você me reconstruiu e me fez perceber que os erros que cometi não definem quem sou. Acreditou em mim quando ninguém mais acreditava. – Ele deu um beijo na mão de Kat. – Sei que sou um pé no saco. Estou longe de ser perfeito. Nós dois estamos. Seus dotes culinários deixam muito a desejar e você larga sua roupa suja no chão do banheiro todas as manhãs e isso me deixa louco!

Ele riu quando ela o empurrou de brincadeira.

– Mas eu amo morar com você, Kat. Amo acordar com você todos os dias e vê-la sorrir, pegar no sono com você em meus braços, sabendo que nunca me senti mais seguro. Amo nossos dias preguiçosos. Amo rir e brigar com você porque sei que isso significa que vamos poder fazer as pazes. Amo andar na Kala com você. Quero montar uma árvore de Natal com você todo ano pelo resto da minha vida. – A garganta dele ficou áspera e ele apertou as mãos dela. – Amei você todos os dias, desde que tinha 11 anos. Quer casar comigo?

Kat riu em meio às lágrimas.

– Claro que quero casar com você!

Carter riu com ela e a puxou para seus braços, beijando-a intensamente.

Os lábios e o corpo dela se uniram aos dele com total perfeição e beleza, como sempre tinha acontecido. Afastando-se, Carter tirou a aliança da caixa e a colocou no dedo de Kat. Olhando para o anel, Carter soube que ele estava no lugar ao qual sempre pertencera. Olhando para ele, Carter soube que finalmente estava em casa.

Ele segurou o rosto dela e a beijou novamente.

Devia tudo àquela mulher em seus braços. Ele tinha se tornado o homem que queria ser, o homem que gostava de ser, por ela. E à medida que as roupas dos dois iam sendo removidas e a paixão deles começava a arder em chamas, Carter jurou a si mesmo que continuaria a retribuir a ela todos os dias de sua vida.

Era sua obrigação mais profundamente desejada.

Sua dívida preciosa.

Sua amada libra de carne.

AGRADECIMENTOS

Este livro jamais teria existido sem o amor, o apoio e o encorajamento de muitas pessoas.

Em primeiro lugar, obrigada à minha família, em especial à minha mãe, que, apesar de revirar os olhos com as minhas obsessões em constante mutação, se tornou minha incentivadora ao longo de todo esse processo. Do momento em que tudo deu errado e achei que este livro nunca sairia até quando finalmente deu certo e eu estava até o pescoço de edições sem fim, ela sempre esteve lá, me acalmando, me motivando, me assegurando de que eu conseguiria. Você é, e sempre será, minha heroína. Eu te amo.

Sally, Rhian, Babs, Irene, Nicki, Caro, Sash e Lisa, as "Princesas PAW". Quem poderia imaginar? Seu apoio contínuo durante toda esta jornada – desde sua paciência com meus capítulos postados a cada três meses (às vezes, até mais), nossas longas sessões de leitura conjunta pelo Skype, nosso encontro em Manchester para o anúncio de que *Desejo proibido* seria publicado – tem sido inestimável. Vocês são todas mulheres e amigas maravilhosas, e eu sou realmente abençoada por tê-las em minha vida.

Aos meus amigos fantásticos e minha incrível família virtual: Steph, minha rainha dos exercícios físicos; Kim, meu amor eterno; Afiyah, minha gêmea Minion; Lauren, minha querida fã do *Capitão América*; Tara Sue Me, por seus conselhos e seu apoio inestimáveis; J. M. Darhower, por suas palavras inspiradoras; Liv; Laura; Rose – eu poderia continuar sem parar. Tenho uma sorte imensa de poder dizer que há muitos de vocês para mencionar. Seu entusiasmo inigualável tornou os momentos difíceis tão mais suportáveis e os momentos bons tão incrivelmente agradáveis. A todos os leitores, revisores, blogueiros, aos responsáveis pela montagem de fotos e banners, a cada um que votou em cada prêmio de *fandom*, a cada pessoa que abraçou, mandou mensagem, ligou, tuitou – vocês são incríveis e meu amor por vocês é imensurável. Vocês são a razão disso estar acontecendo. Obrigada por aceitarem minhas fixações malucas e por terem tanta confiança nisto e em mim. Obrigada por tolerarem meus conflitos. Sinto-me orgulhosa e privilegiada por conhecer cada um de vocês. Aquele abraço!

À minha linda alma gêmea da Pensilvânia, Rachel. Meu querubim original. Parece que foi ontem que eu estava sentada em frente ao seu computador escrevendo o prólogo de *Desejo proibido*. Quem diria, hein? Percorremos um longo caminho, minha querida, e meu amor por você ainda é tão forte quanto na época em que você me mandou aquela primeira revisão on-line. Seu talento criativo e sua personalidade luminosa são muito preciosos para mim. Você é uma amiga maravilhosa, sua família é fantástica e mal posso esperar para passar mais verões repletos de risadas com todos vocês.

À minha agente *superstar*, Lorella Belli, a pessoa mais empenhada do universo literário! Que jornada tivemos. Você não me deixou desanimar quando as coisas pareciam desoladoras, nem perdeu as esperanças quando eu estava pronta para jogar a toalha. A mais inspiradora de todas as pessoas. Fico impressionada com sua fé e sua força, e sei que sem isso este livro ainda seria apenas um sonho. Muito obrigada por tudo o que fez e continua fazendo por esta obra e por mim. E à minha coagente americana, Louise Fury. Seu amor pelos personagens destas páginas sempre me fará sorrir. Você arrasa. Obrigada por ser a mais incrível e fiel escudeira.

À minha fabulosamente fabulosa editora, Micki Nuding, que me aturou tanto! Você tem a paciência de uma santa. E a toda a equipe da S&S e da Gallery Books: obrigada por apostarem em mim e na minha história e por transformarem meu sonho em realidade.

E, finalmente, a você, por ter chegado ao final destes agradecimentos longos pra caramba. Pegue um Oreo e uma Coca-Cola. Você com certeza merece.

SOBRE A AUTORA



SOPHIE JACKSON é uma professora do noroeste da Inglaterra que adora ler, assistir a filmes e é assumidamente fã de quadrinhos. Ela gosta de praticar exercícios, mas só porque adora comer e beber vinho. *Desejo proibido* é seu primeiro romance – o volume 1 de uma trilogia que já foi vendida para diversos países, entre eles Alemanha, Espanha, Estados Unidos, França, Itália e Turquia.

Para mais informações, visite www.sophiejacksonauthor.com.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA EDITORA ARQUEIRO



O inferno de Gabriel
SYLVAIN REYNARD

A salvação de um homem. O despertar da sexualidade de uma mulher.

Enigmático e sedutor, Gabriel Emerson é um renomado especialista em Dante. Durante o dia assume a fachada de um rigoroso professor universitário, mas à noite se entrega a uma desinibida vida de prazeres sem limites.

O que ninguém sabe é que tanto sua máscara de frieza quanto sua extrema sensualidade na verdade escondem uma alma atormentada pelas feridas do passado. Gabriel se tortura pelos erros que cometeu e acredita que para ele não há mais nenhuma esperança ou chance de se redimir dos pecados.

Julia Mitchell é uma jovem doce e inocente que luta para superar os traumas de uma infância difícil, marcada pela negligência dos pais. Quando vai fazer mestrado na Universidade de Toronto, ela sabe que reencontrará alguém importante – um homem que viu apenas uma vez, mas que nunca conseguiu esquecer.

Assim que põe os olhos em Julia, Gabriel é tomado por uma estranha sensação de familiaridade, embora não saiba dizer por quê. A inexplicável e profunda conexão que existe entre eles deixa o

professor numa situação delicada, que colocará sua carreira em risco e o obrigará a enfrentar os fantasmas dos quais sempre tentou fugir.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*, *Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Prólogo
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outro título da Editora Arqueiro
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro